

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

DJENANE ALVES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS DE IMIGRANTES VENEZUELANOS E SEUS EFEITOS PARA
PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NO CONTEXTO DA GEOPOLÍTICA IMPERAL**

CÁCERES-MT

2023

DJENANE ALVES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS DE IMIGRANTES VENEZUELANOS E SEUS EFEITOS PARA
PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NO CONTEXTO DA GEOPOLÍTICA IMPERIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística, sob a orientação do professora Dra. Bárbara Cristina Gallardo.

CÁCERES-MT

2023

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

SANTOS, Djenane.
S237o Os Discursos de Imigrantes Venezuelanos e Seus Efeitos
para Processos Emancipatórios no Contexto da Geopolítica
Imperial / Djenane Santos - Cáceres, 2023.
256 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) - Curso
de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística,
Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Barbara Cristina Gallardo

Coorientador: Odete Burgeile

1. Processo Migratório Venezuelano. 2. Discurso da
Migração Forçada. 3. Processo Emancipatório. I. Djenane
Santos. II. Os Discursos de Imigrantes Venezuelanos e Seus
Efeitos para Processos Emancipatórios no Contexto da
Geopolítica Imperial: .

CDU 821

DJENANE ALVES DOS SANTOS

**OS DISCURSOS DE IMIGRANTES VENEZUELANOS E SEUS EFEITOS PARA
PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NO CONTEXTO DA GEOPOLÍTICA IMPERIAL**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Bárbara Cristina Gallardo
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Odete Burgeile
Coorientadora – UNIR

Profa. Dra. Ilka Mota de Oliveira
Avaliadora Externa à instituição – UFSCAR

Profa. Dra. Nádia Nelziza Lovera de Florentino
Avaliadora Externa à instituição – UNIR

Profa. Dra. Lucia Maria de Assunção Barbosa
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Elizangela Patrícia Moreira da Costa
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

APROVADA EM: 11/08/2023

Dedico esta tese a todos aqueles “que podemos denominar vagamente como ‘perdedores’ – os pobres, os excluídos sociais, as pessoas sujeitas a relações opressoras” (Fairclough, 2003, p. 185).

AGRADECIMENTOS

A Deus Criador, Redentor e Mantenedor da vida;

À minha Orientadora Dra. Bárbara Cristina Gallardo. Os méritos deste trabalho são também seus, porquanto seu ensino, dedicação, apoio e a sua forma suave de encarar a vida são como um bálsamo em meio a este mundo implacável e transformaram um ideal em realização (Obrigada querida professora Bárbara, você não faz ideia de como sua forma de ser e agir fazem toda a diferença e de como seu exemplo de humanidade faz jus à linha teórica que defende!);

À minha Coorientadora Dra. Odete Burgeile, sempre pronta a ajudar em qualquer situação da vida. Seus conselhos, sua disposição, com certeza, em atos que nem vi e nem soube, sua parceria na jornada da minha vida profissional (Devo muitíssimo a você, minha querida e, não há palavras que possam expressar minha gratidão!);

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT por ser a instituição promotora do Programa de Doutorado em Linguística;

À Universidade Federal de Rondônia e ao Departamento de Línguas Estrangeiras por terem apoiado com a minha liberação e dedicação total às atividades do Doutorado;

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT e aos professores deste programa por compartilharem generosamente o bem mais precioso: o conhecimento;

Ao Programa de Extensão Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia da Universidade Federal de Rondônia por permitir e possibilitar a realização da coleta de dados nos cursos de Português como Língua Adicional;

Às Professoras Dra. Solange Maria de Barros, Dra. Ilka de Oliveira Mota, Dra. Nádia Nelziza Florentino, Dra. Lucia Barbosa, Dra. Elisângela Costa pelas sugestões e contribuições que serviram, não somente para o enriquecimento deste trabalho, mas foram fundamentais para chegar à sua definição;

Aos participantes desta pesquisa, que representam a própria razão de existir, deste trabalho;

Ao meu esposo, parceiro em assumir tudo o mais que eu não pude realizar, durante esse processo; aos meus filhos, por renunciarem à minha presença em tantos momentos especiais na vida deles, durante esse período; aos meus pais, irmãos, irmãs, sogros, cunhados, cunhadas e sobrinhos pelas angústias, preocupações que passaram por minha causa (Minha família amada, obrigada pelo amor e estímulo que me ofereceram!);

Aos meus queridos amigos Dra. Nádia Nelziza de Florentino, Ma. Rosinete Vasconcelos Costa, Dr. Júlio Rocha, Dr. Clarides Henrich de Barba, Dra. Reny

Maldonado, Dra. Renata Ianesko (Vocês mostraram, que além de colegas de trabalho, são verdadeiros amigos. O apoio oferecido foi valioso para o alcance das metas);

Aos meus colegas de doutorado Amauri Moret e Rosiane Ribas. Juntos, não dividimos somente custos de viagens e moradia na cidade de Cáceres-MT, compartilhamos companheirismo, amizade e apoio mútuo;

Aos meus colegas de trabalho por terem apoiado, assumindo meus afazeres no Departamento de Línguas Estrangeiras;

Às amigas especiais Sônia Maria Pereira, Jancineide da Silva e Lene Barros que me acompanharam em outros momentos da vida;

Aos demais colegas de doutorado, aos meus alunos da universidade, aos professores do Programa de Extensão Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia, especialmente, as professoras Carla Pascoal, Beatriz de Souza e Jéssica Ferreira;

Minha sincera gratidão!

OS DISCURSOS DE IMIGRANTES VENEZUELANOS E SEUS EFEITOS PARA PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS NO CONTEXTO DA GEOPOLÍTICA IMPERIAL

RESUMO

Com base na abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), esta pesquisa investiga os discursos resultantes do processo migratório venezuelano, vistos como práticas particulares e inseridos no contexto das crises atuais do capitalismo com sua tendência globalizante e se instaura na linha de pesquisa Estudos de Processos e Práticas Sociais da Linguagem, da área de concentração Estudo de Processos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). No que se refere ao fluxo migratório, localiza-se naquele em contato com a sociedade brasileira, intensificado a partir do ano de 2015 aos dias atuais, ou seja, no contexto que envolve venezuelanos e brasileiros, que protagonizam, na atualidade, o trânsito entre duas nações vizinhas, a Venezuela, como país de origem e, o Brasil, como país de destino. Em termos de perspectiva de estudo, está situada na tradição qualitativa interpretativista. O *corpus* analítico é formado pelos textos resultantes de entrevistas, realizadas com imigrantes venezuelanos no Brasil, que foram gravadas, transcritas e traduzidas para o português. As etapas da análise seguiram o enquadre metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999), o qual está baseado na análise de eventos sociais (texto), práticas sociais (ordens de discurso) e estruturas sociais (linguagem). A base teórica, como preconizada pela ADC, possui abordagem multidisciplinar que alia descrição (dimensão textual), explicação (dimensão social, histórica, geopolítica, político-econômica e antropológica) e interpretação (dimensão da prática discursiva). Partiu-se da percepção de um problema, baseado em relações assimétricas de poder, qual seja, a prática ideológica da inferioridade simbólica do imigrante venezuelano, em território brasileiro. Assim, seguindo as etapas do enquadre, analisou-se, primeiramente, a conjuntura contextual, relacionada aos aspectos sociais, históricos, político-econômicos e geopolíticos, bem como à sociedade abrangente nos níveis macrossocial e global. Logo, as práticas particulares foram analisadas com ênfase para momentos discursivos e observou-se que aquelas que operam, no contexto da migração venezuelana no Brasil, são influenciadas ou constituídas por práticas xenofóbicas nas redes de práticas discursivas. Nesta etapa, verificou-se que o discurso é constituído a partir das práticas sociais e discursivas de reprodução das estruturas de dominação. Em seguida, a análise discursiva foi orientada para a estrutura, com foco na identificação dos discursos e dos recursos utilizados nos textos e sua relação com a prática social. Por meio desta análise, os discursos produzidos pelos imigrantes foram identificados e classificados: o discurso da migração forçada, o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista. Eles expressam a condição do imigrante e da migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições e revelam a Venezuela como um exemplo, do qual visualizam-se os efeitos sórdidos da ação imperialista, cujas estratégias hegemônicas, geram a crise capitalista, produzindo multidões de pessoas rejeitadas, forçadas a migrar, não somente oriundas deste país, mas de todos os lugares do mundo, onde tal estratagem econômica foi praticado. Finalmente, esta pesquisa prevê formas de superar os obstáculos. Com base na teoria da mudança social da ADC, a modificação do quadro social vivido pelos imigrantes venezuelanos perpassa pelo movimento epistemológico, ético, político e pedagógico, construído coletivamente, que pode surgir a partir do exercício crítico do desvelamento dos problemas sociais condicionantes, ou seja, pela tomada de consciência que pode levar à reflexão e à ação.

PALAVRAS-CHAVE: Processo migratório venezuelano; Discurso da migração forçada; Processo emancipatório.

LOS DISCURSOS DE LOS INMIGRANTES VENEZOLANOS Y SUS EFECTOS PARA LOS PROCESOS DE EMANCIPACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA GEOPOLÍTICA IMPERAL

RESUMEN

Fundamentado en el enfoque teórico-metodológico del Análisis Crítico del Discurso (ACD), este trabajo científico investiga los discursos resultantes del proceso migratorio venezolano, vistos como prácticas particulares, inseridas dentro del contexto de las crisis actuales del capitalismo y su tendencia globalizadora y está establecida en la línea de investigación Estudios de Procesos Sociales y Prácticas del Lenguaje, del área de concentración Estudio de Procesos Lingüísticos, del Programa de Postgrado en Lingüística, de la Universidad Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). En cuanto al flujo migratorio, se sitúa en aquel que está en contacto con la sociedad brasileña, intensificado desde el año 2015 hasta la actualidad, es decir, en el contexto que involucra a venezolanos y brasileños, quienes actualmente lideran el tránsito entre dos naciones vecinas, Venezuela, como país de origen y, Brasil, como país de destino. En términos de una perspectiva de estudio, se sitúa en una investigación cualitativa interpretativa. El corpus analítico está formado por los textos resultados de las entrevistas, realizadas con migrantes venezolanos en Brasil, que fueron grabadas, transcritas y traducidas al portugués. Las etapas de análisis siguieron el marco metodológico de Chouliaraki y Fairclough (1999), que se basa en el análisis de eventos sociales (texto), prácticas sociales (órdenes discursivos) y estructuras sociales (lenguaje). La base teórica, tal como se propone en el Análisis Crítico del Discurso ACD, tiene un enfoque multidisciplinario que combina descripción (dimensión textual), explicación (dimensión social, histórica, geopolítica, político-económica y antropológica) e interpretación (dimensión de práctica discursiva). El punto de partida fue la percepción de un problema, basado en relaciones de poder asimétrico, o sea, la práctica ideológica de inferiorización de los inmigrantes venezolanos en territorio brasileño. Siguiendo las etapas del proceso de investigación, se analizó la situación contextual, relacionada a aspectos sociales, históricos, económicos y geopolíticos, así como la sociedad a nivel macrosocial y global. También, fueron analizadas las prácticas particulares con foco en el discurso y se observó que las que actúan, en el contexto de la migración venezolana en Brasil, son influenciadas o constituidas por prácticas xenófobas en las redes de prácticas discursivas. De ese modo, el discurso es constituido a partir de las prácticas sociales y discursivas de reproducción de las estructuras de dominación. El análisis discursivo, fue orientado hacia la estructura, centrándose en identificar los discursos y recursos utilizados en los textos y su relación con la práctica social. A través de este análisis identificamos y clasificamos los discursos producidos por los migrantes. Ellos son: el discurso de la migración forzada, el discurso del oprimido, el discurso de la oposición política y el contra discurso capitalista. Los tales expresan la condición del migrante y la migración venezolana, inseridos al contexto de las crisis globales del sistema capitalista con sus contradicciones y señalan a Venezuela como ejemplo, de donde se visualizan los sórdidos efectos de la acción imperialista, cuyas estrategias hegemónicas genera la crisis capitalista que produce multitudes de rechazados, forzados a migrar, no sólo en este país, sino en todos los lugares del mundo, sometidos al imperialismo y donde se practica esta economía. Finalmente, esta investigación prevé formas de superar los obstáculos, con base en la teoría del cambio social del ACD. Así, el cambio de la situación social que viven los migrantes venezolanos permea el movimiento epistemológico, ético, político y pedagógico, construido colectivamente, que puede surgir del ejercicio crítico de develar los problemas sociales que condicionan al sujeto, es decir, por la conciencia que puede llevar a la reflexión ya la acción.

PALABRAS CLAVE: Proceso migratorio venezolano; Discurso de la migración forzada; Proceso de emancipación.

THE SPEECHES OF VENEZUELAN IMMIGRANTS AND THEIR EFFECTS FOR EMANCIPATION PROCESSES IN THE CONTEXT OF IMPERIAL GEOPOLITICS

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological approach of Critical Discourse Analysis (CDA), this research investigates the discourses resulting from the Venezuelan migratory process, seen as particular practices and inserted in the context of the current crises of capitalism with its globalizing tendency and is established in the research line Studies of Social Processes and Practices of Language, of the concentration area Study of Linguistic Processes, of the Postgraduate Program in Linguistics, of the State University of Mato Grosso (UNEMAT). With regard to the migratory flow, it is located in contact with Brazilian society, intensified from 2015 to the present day, that is, in the context that involves Venezuelans and Brazilians, who are currently involved in the transit between two neighboring nations, Venezuela, as the country of origin and Brazil, as the country of destination. In terms of study perspective, it is situated in the interpretive qualitative tradition. The analytical corpus is made up of texts resulting from interviews carried out with Venezuelan immigrants in Brazil, which were recorded, transcribed and translated into Portuguese. The stages of analysis followed the methodological framework of Chouliaraki and Fairclough (1999), which is based on the analysis of social events (text), social practices (orders of discourse) and social structures (language). The theoretical basis, as recommended in the CDA, has a multidisciplinary approach that combines description (textual dimension), explanation (social, historical, geopolitical, political-economic and anthropological dimensions) and interpretation (discursive practice dimension). The starting point was the perception of a problem, based on asymmetrical power relations, namely, the ideological practice of the symbolic inferiority of Venezuelan immigrants, in Brazilian territory. Thus, following the steps in the framework, the contextual situation was first analyzed, related to social, historical, political-economic and geopolitical aspects, as well as the comprehensive society at the macrosocial and global levels. Therefore, particular practices were analyzed with emphasis on discursive moments, and it was observed that those that operate, in the context of Venezuelan migration in Brazil, are influenced or constituted by xenophobic practices that occur in networks of discursive practices. At this stage, it was verified that the discourse is constituted of social and discursive practices that reproduces structures of domination. Next, the discursive analysis was oriented towards the structure, focusing on identifying the discourses and resources used in texts and their relationship with social practice. Through this analysis, the discourses produced by immigrants were identified and classified as: the discourse of forced migration, the discourse of the oppressed, the discourse of political opposition and the capitalist counter-discourse. They express the condition of Venezuelan immigrants and migration, inserted in the context of the global crises of the capitalist system with its contradictions and reveal Venezuela as an example of the sordid effects of imperialist action, whose hegemonic strategies generate the capitalist crisis, producing multitudes of rejected people, forced to migrate, not only from this country, but from all places in the world, where such economic stratagem is practiced. Finally, this research predicts ways to overcome obstacles. Based on CDA's theory of social change, the modification of the social situation experienced by Venezuelan immigrants permeates the epistemological, ethical, political and pedagogical movement, collectively constructed, which can arise from the critical exercise of unveiling conditioning social problems, or that is, through awareness that can lead to reflection and action.

KEYWORDS: Venezuelan migratory process; Discourse on forced migration; Emancipatory process

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo de análise linguística para a identificação dos discursos

Quadro 2 - Exemplo do resultado da análise linguística para a identificação dos discursos.

Quadro 3 - Exemplo da Análise dos discursos articulados.

Quadro 4 - Exemplo da Análise interdiscursiva.

Quadro 5 - Cronograma das entrevistas.

Quadro 6 - Excerto 1 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, às 14h29min.).

Quadro 7 - Excerto 2 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, às 14h29min.).

Quadro 8 - Excerto 3 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.).

Quadro 9 - Excerto 4 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.).

Quadro 10 - Excerto 5 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.).

Quadro 11 - Excerto 6 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.).

Quadro 12 - Excerto 7 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.).

Quadro 13 - Excerto 8 (Entrevista com o participante San Cristóbal, concedida em 04.06.2021, iniciada às 07h24min.).

Quadro 14 - Excerto 9 (Entrevista com a participante Mérida, concedida em 08.06.2021, iniciada às 06h45min.).

Quadro 15 - Excerto 10 (Entrevista com o participante Caracas, concedida em 28.04.2021, iniciada às 12h02min.).

Quadro 16 - Excerto 11 (Entrevista com a participante La Asunción, concedida em 30.05.2021, iniciada às 13h40min.).

Quadro 17 - Excerto 12 (Entrevista com a participante Barinas, concedida em 04.06.2021, iniciada às 12h38min.).

Quadro 18 - Excerto 13 (Entrevista com o participante Bolívar, concedida em 24.04.2021, iniciada às 14h21min.).

Quadro 19 - Aspectos linguísticos e sua relação com a prática social.

Quadro 20 - O discurso do oprimido.

Quadro 21 - Contradiscurso capitalista.

Quadro 22 - Discurso da oposição política.

Quadro 23 - Discurso da migração forçada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Material produzido pela SECOM-PR

Figura 2 - Alunos recebendo os certificados na cerimônia de entrega

Figura 3 - Migrantes organizadores da Feira e repórter

Figura 4 - Entrevista concedida a um telejornal de Rondônia sobre a feira

Figura 5 - Alunos e docentes participantes da oficina

Figura 6 - Criação da ASSOVENBRA no auditório da OAB

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
----------------------	-----------

INTRODUÇÃO.....	19
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

À GUIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO: A RECONFIGURAÇÃO GEOPOLÍTICA IMPERIAL.....	27
---	-----------

1.1 O sistema parasitário do Imperialismo.....	27
---	-----------

1.2 Intervenções imperialistas na América Latina	30
---	-----------

1.2.1 Venezuela na mira imperialista.....	32
---	----

CAPÍTULOS II

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA	35
--	-----------

2.1 Análise de Discurso Crítica – Mudança, Prática e Discurso	36
--	-----------

2.1.1 Princípios da ADC.....	37
------------------------------	----

2.1.2 Correntes filosóficas	38
-----------------------------------	----

2.1.3 O modelo tridimensional em ADC.....	40
---	----

2.1.3.1 Elementos das práticas sociais: gênero, discurso e estilo	42
---	----

2.1.3.1.1 Significado Acional – gênero (modo de agir).....	46
--	----

2.1.3.1.2 Significado Representacional – discursos (modo de representar)	47
---	----

2.1.3.1.3 Significado Identificacional – estilo (modo de ser)	49
---	----

2.2 Mudança social: prática e discurso	49
---	-----------

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
---	-----------

3.1 Pesquisa Qualitativa	53
---------------------------------------	-----------

3.2 Pesquisa em Análise de Discurso Crítica	55
--	-----------

3.2.1 Enquadre teórico-metodológico de pesquisa em ADC.....	60
---	----

3.3 As análises: da conjuntura, da prática particular e do discurso	65
--	-----------

3.3.1 As categorias linguísticas	68
--	----

3.3.2 Quadros ilustrativos das etapas de análise.....	74
---	----

3.3.3 Os/as participantes da pesquisa	79
---	----

3.3.4 O <i>corpus</i> e os instrumentos para coleta de dados	82
--	----

CAPÍTULO IV

ANÁLISE: DA CONJUNTURA, DA PRÁTICA PARTICULAR E DO DISCURSO	86
4.1 Análise de conjuntura: Contexto sócio-histórico do cenário geopolítico da Venezuela	87
4.1.1 Venezuela: aspectos históricos dos séculos XIX e XX, o papel do petróleo e as migrações internacionais.....	88
4.1.2 A revolução bolivariana, a oscilação do petróleo e as ondas migratórias.	97
4.1.3 A migração venezuelana no Brasil.....	108
4.2 Análise da prática particular: As redes de práticas	117
4.2.1 O fluxo migratório: as práticas sociais e discursivas sobre a migração venezuelana	119
4.2.1.1 O processo de inferioridade simbólica do migrante venezuelano no Brasil como prática ideológica	131
4.3 Análise de discurso dos enunciados dos participantes da pesquisa: Significado representacional	134
4.3.1 Análise linguística: a identificação dos discursos como representação de aspectos da vida social.	136
4.3.1.1 Análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo	172
4.3.1.1.1 Aspectos teóricos dos discursos da migração forçada.....	189
4.3.1.2 Análise interdiscursiva: os discursos e as práticas das quais eles emergem	192
CAPÍTULO V	
POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DAS SITUAÇÕES-LIMITE E CAMINHOS PARA O INÉDITO-VIÁVEL	214
5.1 As situações-limite: práticas ideológicas que sustentam a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano.....	214
5.2 Discurso como lugar de luta e como caminho para o inédito-viável.....	218
5.2.1 Programa de Extensão: Trânsitos, fronteiras, migrações e línguas adicionais na Amazônia.....	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	235
REFERÊNCIAS.....	240
ANEXOS.....	255

PRÓLOGO

Foi no momento do muito pensar a respeito da afinidade com o meu projeto de pesquisa, elaborado para o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística – Doutorado em Linguística da UNEMAT, que ao olhar para trás, vi-me em meu percurso como educadora e pesquisadora. Assim, neste meu exercício de buscar a razão da identificação com o tema proposto, tive de revisitar o passado para encontrar as raízes das minhas motivações.

Revisitei os momentos da minha vida que tinham a ver com o início da minha jornada acadêmica, recordei a ocasião da escolha do curso de graduação, quando no vestibular, fui levada pelo interesse de continuar a aprimorar-me como educadora, pois já era professora de crianças. Estava vindo de uma formação escolar na rede de ensino público e concluindo o magistério e, por esse motivo, pensava ter poucas chances de ser aprovada num processo seletivo que me daria ingresso em uma universidade federal. Decidi concorrer, embora fosse esse o discurso dominante, ressoando em minha mente. Pensei em meu interesse pela linguagem e escolhi o curso de Letras.

Contudo, ao olhar para as opções dos cursos de Letras, a opção Letras/Espanhol foi a que ecoou no inconsciente. Posso dizer isso porque até pouco tempo atrás, não conseguia compreender o motivo real dessa escolha. O momento de encontrar meu nome na lista dos aprovados e classificados foi de indescritível alegria! Não posso esquecer a cena do rosto da minha mãe e das lágrimas que caíam dos seus olhos ao me abraçar por causa dessa conquista! Seria a primeira pessoa da família a transpor tal barreira, dada a nossa condição socioeconômica e às dificuldades de acesso às universidades públicas na década de 90. No primeiro dia de aula como acadêmica da primeira turma de Letras/Espanhol da Universidade Federal de Rondônia, cada colega sabia dizer um motivo por haver escolhido esse curso, mas eu não. Na minha inconsciência, achava que era por querer aprender um idioma. Seria apenas, uma opção a mais de aprendizagem, simples assim.

Assim, empenhei-me em busca da fluência na língua espanhola, por isso viajei para países vizinhos hispano falantes da minha região. Esses acontecimentos impactaram minha vida, no encontro com outras culturas, com outras formas de ver o mundo. Foi então, que compreendi, que para um professor de idioma, havia algo tão ou mais importante que a fluência, a saber, a interculturalidade - essa troca que reconstrói nossa própria identidade social e oportuniza o autorreconhecimento cultural a partir da diferença.

Assim, minha caminhada como pesquisadora despontou com a primeira pesquisa, a monografia intitulada “Atividades comunicativas no ensino de línguas estrangeiras”, realizada

para o bacharelado em Letras, sob a orientação da profa. Dra. Tânia Eduardo Domingos. Já naquela época, no final da década de 90, apoiada dos estudos de Hymes e Halliday, houve o interesse por defender um ensino da língua que levasse em conta a aprendizagem para fins de comunicação e as funções linguísticas para expressar significados, relacionados com o contexto social.

Desse modo, segui minha carreira como professora de língua espanhola do ensino básico na rede privada e, depois na estadual, bem como meus estudos na mesma universidade ao fazer parte da primeira turma de Especialização em Filologia Espanhola. Assim, sob orientação, novamente, da profa. Dra. Tânia Eduardo Domingos, defendi a monografia “*Hacia un modelo lingüístico en la enseñanza del español*”, na qual investiguei e escrevi sobre as variantes linguística do espanhol e a diversidade do idioma, com uma proposta de ensino de valorização dessa diversidade.

Por meio de concurso público, tomei posse como professora na Universidade Federal de Rondônia e, depois de alguns anos, ingressei na primeira turma do Mestrado em Letras dessa universidade, defendendo a dissertação “Linguagem e Essência: as imagens construídas por alunos de espanhol”, sob orientação da profa. Dra. Odete Burgeile, minha atual coorientadora. O interesse nessa pesquisa surgiu a partir da minha própria experiência anterior, na sala de aula de ensino básico, bem como da então experiência como professora de Estágio Supervisionado de Língua Espanhola, quando pude acompanhar os estágios e analisar relatórios de observação de aulas de espanhol.

Percebi que na sala de aula ocorre um encontro inconsciente com o outro/estrangeiro e é nesse encontro com outras vozes, outras culturas, outras maneiras de organizar o pensamento, outro modo de ver o mundo que surgem conflitos.

Considerando isso, investiguei sobre esse tema para tentar entender o imaginário dos alunos de espanhol de duas escolas de Porto Velho-RO e a visão deles a respeito da língua espanhola e do estrangeiro da fronteira do Estado de Rondônia. A partir de seus enunciados, identifiquei as imagens que eles formaram e verifiquei que a aprendizagem de uma língua estrangeira pode ser influenciada pela forma como o aluno vê o outro/estrangeiro, que fala essa língua, uma vez que esse processo pode provocar reações de medo, receio, rejeição ou mesmo aversão pelo outro da língua. As experiências de estranhamento dos estudantes foram vistas como implicações internas que receiam um deslocamento ou distanciamento de si e de sua própria cultura em direção à outra.

Daí em diante, o percurso não poderia ser diferente, o interesse pelos estudos que envolvem a alteridade e as questões sociais, vinculadas ao ensino de línguas continuariam a exercer uma força latente na continuidade do trabalho na docência e na pesquisa.

Entretanto, foi no atual momento da definição da pesquisa, no doutorado, que a visita às raízes me fez voltar um pouco mais atrás e, mais fundo, para entender que minhas motivações não emergiram lá da escolha do curso, que definiu minha carreira e minhas pesquisas, mas eram muito mais profundas, estavam onde sempre estiveram e de onde se originaram, ou seja, dentro de mim, nas culturas impregnadas na minha história e que a compuseram, bem como nos genes híbridos que me formaram.

Percebi que minha própria essência miscigenada, que se nega a não influenciar em minhas escolhas, provem da cultura e dos genes herdados de meu avô materno indígena amazônida (Véi Chico – Francisco Alves Dias, *in memóriam*) e da minha avó materna cearense branca dos olhos claros (vovó Pucina – Maria Alves de Carvalho, *in memóriam*) e do meu avô paterno filho de português (vovô Vicente – Vicente Monteiro dos Santos, *in memóriam*) e da minha avó paterna cabocla (vovó Marcionília – Marcionília Maria da Luz, *in memóriam*), dessa mistura e das experiências com eles, carrego minha cultura híbrida e meus traços que me caracterizam não apenas fisicamente - como uma mulher de pele branca e cabelos escuros que chegam a brilhar de tão negros, como os das índias da Amazônia – mas, principalmente, que definem meu mundo interior.

Sim, é desse contexto que iniciam minhas motivações, minha busca inconsciente pelo híbrido, contudo, elas também foram aguçadas pelo início do percurso, ainda criança, sentada com meus irmãos e primos nas rodas de histórias que o vovô Chico organizava. Ele nos contava de como aos oito anos de idade perdeu a mãe e saiu da aldeia, adotado por turcos e teve uma vida de riqueza na cidade grande, mas deixou tudo para retornar à selva amazônica. Também sobre suas aventuras na Amazônia, de como saía para tocar violino nas noites boêmias das cidades e vilas ribeirinhas. Do mesmo modo, sobre as fantásticas experiências com a Matinta Perera, Mãe D'água e o Boto-homem e a conquista, da mão da minha avó, em casamento.

Pelo lado paterno, também escutei as histórias contadas pelo meu pai sobre meu bisavô português, (Velho Açúcar) - alto, cabeludo, de olhos azuis. De suas aventuras como desbravador das terras do El Dorado, com uma vida de muitas conquistas, dono das terras Dos Periquitos, em nossa cidade de Porto Velho. Bem como sobre seu pioneirismo na produção de cereais, em nossa região e, de como a família perdeu tudo, após a doença do meu avô, que o levou à morte.

Cresci assim, com a inconsciência da hibridez, que me move, que habita em mim e que formou minha essência e influenciou as minhas escolhas. Contudo, cresci também com a consciência da necessidade de lutar, quando desde cedo, experimenta-se a falta de recursos econômicos e sabe-se que isso impõe barreiras ao alcance de metas e ascensão social e, do mesmo modo, compreende-se que nada será conquistado sem resistência aos obstáculos levantados pelo sistema econômico vigente à classe baixa.

Compreendi o que me move a pesquisar e que meu tema de investigação tem a ver com minha essência híbrida e com minha consciência de classe, que buscam a alteridade e corroboram as minhas escolhas na conquista do conhecimento e me motivam a pesquisar, não apenas para descrever realidades, mas, de alguma forma, para contribuir dando voz ao outro, principalmente aos silenciados.

A ideia deste outro que habita em mim, a princípio pode ser agitadora, porque leva qualquer um à possibilidade de ser um outro ou até mesmo de ser esse outro, de ser estrangeiro para si mesmo e, pensar na sua diferença implica na condição de reconhecimento e autorreconhecimento de diferenças. Entretanto, esse exercício leva, inevitavelmente, ao processo não apenas de aceitação do outro, mas de estar em seu lugar e, é por isso que escolhi, sob orientação da Profa. Dra. Bárbara Cristina Gallardo, pesquisar sobre o grupo de imigrantes com maior registro de entrada no Brasil, no atual contexto, os venezuelanos. Decidi ouvir e analisar o que eles têm para falar, com a intenção de que a pesquisa que resulta, a partir deles, seja um instrumento pelo qual seus discursos possam não apenas ser ouvidos, mas sejam compreendidos como denunciadores dos modos de reprodução capitalista e geradores de práticas emancipatórias no atual contexto das implicações geopolíticas do sistema imperialista.

INTRODUÇÃO

A sala de aula tem sido um lugar de processos de ensino e de aprendizagem, mas também pode se configurar como um laboratório, no qual desenvolvem-se estudos e produz-se conhecimentos. Esse espaço foi o berço desta pesquisa, que surgiu a partir da ministração de um curso de português para alunos imigrantes, nas dependências de uma igreja, que estabeleceu parceria com a Universidade Federal de Rondônia. O prédio dessa igreja está localizado em um ponto estratégico da cidade, numa rodovia muito movimentada, entre a rodoviária e o aeroporto da cidade de Porto Velho-RO.

Tal entorno, caracteriza-se pela grande circulação de transeuntes, carros, carretas e por ser um trajeto que comporta comércio, posto de saúde, postos de combustíveis, lanchonetes, restaurantes e hotéis. Entre todas as pessoas que andam, trabalham, fazem caminhada esportiva ou divertem-se nessa localidade, é possível perceber também pessoas em situação de rua, acampadas nos canteiros da avenida, no pátio da rodoviária, deitadas ou ajeitando-se para dormir nas calçadas dos estabelecimentos e do posto de saúde, que fica ao lado da igreja. À primeira conversa com eles, percebe-se que muitos deles não falam português, são hispanofalantes.

Ali, na sala de aula, muitos imigrantes interessados apareciam para aprender português, a maioria, venezuelanos. Pessoas de um outro perfil, comparado aos que acabamos de descrever, porque, de alguma forma, receberam apoio de amigos, de familiares, da igreja ou de instituições de apoio. Muitos deles, participavam das aulas durante a noite e, durante o dia, saíam em busca de emprego ou trabalho. Ao interagir com eles, ouvi sobre suas frustrações de estarem fora de seu país e das condições que eles passaram a assumir ao chegar ao Brasil. Relatos que envolvem casos de preconceito, discriminação, silenciamento social, privações, vulnerabilidade, fome, desnutrição, violência e violação de direitos humanos.

A princípio, os relatos me chocaram e de alguma forma me causaram estranheza e interesse por saber mais e, ao fazê-lo, encontrei, entre artigos, o estudo de Oliveira (2021) na fronteira Brasil-Venezuela, confirmando que essas pessoas chegam em condições de muitas privações e vivenciam situações extremas de fome, sede, desnutrição, insegurança, medo, violência. Dormem nas calçadas e não possuem condições mínimas necessárias de higiene e saúde.

Procurei entender mais e realizei uma busca por notícias ou artigos de mídia, utilizando os termos “xenofobia e venezuelanos”. Na busca da plataforma online, o resultado são muitas

manchetes de notícias ou matérias como estas: “O ‘monstro da xenofobia’ ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil”¹, “Ódio a imigrantes venezuelanos se espalha pela América Latina”², “Xenofobia no Brasil: o que gera essa intolerância?”³. Assim, confirmei os relatos de violência, xenofobia, hostilização, discriminação que esse grupo de migrantes sofre. Para exemplificar, a procuradora-geral Raquel Dodge comunicou denúncias ao Ministério Público sobre violações de direitos humanos contra imigrantes venezuelanos em Roraima. Eram casos de “xenofobia, trabalho escravo, tráfico de pessoas e de impedimento de acesso aos serviços públicos”. Na mesma notícia, há também abertura de investigação para apurar incêndios em casas, onde venezuelanos estavam alojados, de acordo com a denúncia das vítimas e como sugerem as imagens de câmera de segurança (Morais, 2018).

Outro ponto que me chamou a atenção se refere ao desconhecimento sobre os motivos pelos quais essas pessoas deixaram seu país de origem. Esse foi um dos temas que conversamos em sala de aula. Os alunos relataram que, muitas vezes, o pensamento comum dos brasileiros é que esse processo se dá apenas pelo motivo da melhoria do padrão de vida e que os venezuelanos vêm para o Brasil disputar postos de trabalho, trazer ou aumentar a miséria e a criminalidade. Assim, ao ler o artigo “Migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista e necropolíticas de fronteira” de Leite e Castro (2021), entre todas as informações pertinentes desse artigo, pude perceber as palavras dos alunos, ecoando no relato de uma participante da pesquisa das referidas autoras, o qual cito abaixo:

Há muitas coisas que os brasileiros fazem conosco que nós ignoramos. Estamos aqui por necessidade, muitos de nós não vieram para cá de férias, estamos tristes por estarmos aqui. Tínhamos nossa casa, nossa vida, nosso trabalho. E eu tenho escutado na televisão e no rádio pessoas que falam sobre os venezuelanos. Tem um jornalista brasileiro que tem chamado os venezuelanos de vagabundos. Mas tudo que temos visto aqui no acampamento, como uns 97%, pensam em trabalhar, vieram pela loucura que está acontecendo na Venezuela. Eu vejo pessoas aqui saindo 5 da manhã atrás de trabalho, procurando trabalho, assim é com meu esposo, assim é com meus vizinhos. Não é justo o que eles falam dos venezuelanos como se fossemos todos iguais. Há muitos que estão fazendo ou podem ter feito mal, e a esses os brasileiros dedicam 1 hora do programa para falar mal. No entanto, um venezuelano foi atropelado há pouco tempo por um brasileiro, com o seu filho, que quase caiu morto, e somente falaram

¹ MENDONÇA, H. O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil, El País, Êxodo Venezuelano, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3rCWpIS>, acesso em: 22/06/2021.

² Ódio a imigrantes venezuelanos se espalha pela América Latina. 2021, Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/05/4924747-odio-a-imigrantes-venezuelanos-se-espalha-pela-america-latina.html>, acesso em: 22/06/2021.

³ MORAIS, P. Xenofobia no Brasil: o que gera essa intolerância? Politize, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/xenofobia-no-brasil-existe/>. Acessado em: 22.06.2021.

sobre isso alguns segundos. Mas quando o venezuelano faz algum mal a alguém é uma hora dedicado à “fora os venezuelanos!”. Te asseguro que no momento que a Venezuela melhorar, nós vamos embora daqui (Venezuelana, ocupante de Ka Ubanoko em relato de campo *apud* Leite e Castro, 2021, p. 96).

O relato dessa imigrante impressionou-me pelo fato de que além do desconhecimento sobre os reais motivos que fizeram com que os venezuelanos deixassem seu país, existe um embate que se trava no campo discursivo. Discursos que disputam espaços, mas sempre com um resultado assimétrico, ou seja, em desvantagem para os imigrantes.

Outra pesquisa, sobre a identidade nacional dos brasileiros a partir da recepção midiática da interiorização dos imigrantes venezuelanos de Augusto e Morais (2018), revelou que a produção simbólica dos comentários dos internautas brasileiros sobre o processo de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil, a partir de matérias jornalísticas, apresenta conteúdos, em sua maioria, negativos, xenofóbicos, racistas e classistas. Tal trabalho apresenta também outras formas de discriminação nas bases da identidade nacional, como a rejeição e a aversão aos imigrantes venezuelanos na forma de ódio sem sentido velado e menosprezo em construções frasais, supostamente, encorajadas pela sombra virtual. As pesquisadoras acrescentam:

[...] as narrativas textuais assumem um *status* opressor, ou seja, poucas delas chegam a destacar as tensões na vida do imigrante e seu sofrimento social. Há baixa empatia, predomina o olhar contra o indivíduo e não contra a situação de vulnerabilidade e injustiça por ele sofrida (Augusto e Morais, 2018, p. 17).

Dessa maneira, fui levada a pensar que existe um problema de injustiça social, ou seja, de assimetria de poder, no campo discursivo, manifestado nas relações sociais entre imigrantes venezuelanos no Brasil e brasileiros.

Portanto, as ocorrências relatadas reforçam evidências de que nosso país vivencia um processo de inferioridade do imigrante venezuelano. Do mesmo modo, com base em Bourdieu (1992) e, acomodando o conceito de violência simbólica⁴ ao que vive o imigrante, sugiro essa

4 O conceito de violência simbólica é tratado por Bourdieu (1998) como a forma de coação, seja esta econômica, social ou simbólica, apoiada numa imposição reconhecida. Ocorre na criação contínua de crenças, que emergem do processo de socialização, onde o sujeito se submete aos padrões e costumes do discurso. Assim, o discurso dominante é conhecido e assimilado pela sociedade, que legitima esse discurso dominante e o manifesta. A violência simbólica é, pois, a manifestação desse conhecimento, de onde se exerce o poder simbólico. Uma vez que tal prática é manifesta pela assimilação da ideologia dominante, com implicações de relações de poder, esse processo também se configura como ideológico.

problemática como o processo ideológico de inferioridade simbólica do imigrante venezuelano, em território brasileiro⁵.

Desse cenário avesso aos direitos humanos, surgem as principais motivações desta pesquisa e na condição de professora da rede pública de ensino superior, na cidade de Porto Velho-RO e, estudante de um curso público de pós-graduação do estado de Mato Grosso, questionei sobre o que poderia ser feito no sentido de mudanças nesse cenário e quanto ao enfrentamento de práticas xenofóbicas e discriminatórias ao imigrante.

Também refleti sobre a minha responsabilidade como educadora e nas minhas próprias raízes. Pensei que embora não seja uma imigrante, sinto que sou uma intelectual orgânica, em termos e na base conceitual de Gramsci⁶, pois sou proveniente da subalternidade, da classe social que sofre desnivelamento de poder econômico, social e simbólico. Assim, pela consciência que formei no coletivo (raízes culturais, família, professores, orientadores, amigos, colegas, alunos) das minhas vivências e formação, acredito que posso contribuir de forma a atuar historicamente em razão dos interesses da classe da qual me origino, a classe pobre, híbrida, miscigenada. Dessa forma, justamente pela consciência do coletivo, escolhi usar, nesta pesquisa, o pronome na primeira pessoa do plural, a partir do próximo texto. Assim, este uso marca uma simbologia, a de que esta pesquisa é resultado do coletivo - familiares, orientadoras, colegas, amigos, participantes da pesquisa, alunos, as classes que represento e das quais me origino – e, dessas vozes, que habitam em mim.

O estudo

Fairclough (2016) e Van Dijk (2003) postulam que os analistas críticos devem adotar uma posição política nas pesquisas empreendidas, para que eles possam explicitar seus propósitos com objetivos claros de revestimento da prática científica com um projeto de intervenção que irá produzir mudanças favoráveis para aqueles que se encontram em situação de desvantagem social.

⁵ O diálogo teórico sobre a inferioridade simbólica do imigrante venezuelano como prática ideológica é apresentado no item 4.2.1.1.

⁶ Conforme Gramsci (1975), as classes subalternas geram um grupo de intelectuais orgânicos. Orgânicos porque, emersos no seio da própria classe, atuam historicamente em razão dos interesses da classe da qual se originaram (DEL ROYO, 2018, p. 185).

Dessa forma, os princípios da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), confirmam que a neutralidade diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o/a pesquisador/a cúmplice dessas estruturas. Diante disso, adotamos um posicionamento político crítico “como agente na luta pela transformação de práticas sociais de dominação” (Resende; Ramalho, 2019, p. 147).

Esta pesquisa parte de um problema que diz respeito a uma injustiça social observada, isto é, a inferioridade simbólica do imigrante venezuelano e dá abertura aos seguintes questionamentos: Para que esta prática ocorre? Quais são os seus efeitos na sociedade?

A partir dessas questões, buscamos orientação teórica e metodológica que nos ajudasse a compor um projeto de pesquisa, no qual os questionamentos abarcassem aspectos da vida social manifestos na linguagem. Por isso, escolhemos a ADC, considerando que:

[...] a ACD tem, em seu escopo, uma teoria social crítica, interligada a um campo de pesquisa que visa operar mudanças nas relações sociais de poder e dominação, e que, finalmente, precisa basear-se em análises linguísticas – análise de textos orais ou escritos (Barros, 2014, p. 60).

Após a definição teórico-metodológica, nossa visão de pesquisa foi ampliada para questionamentos mais específicos que ajudaram a formular a finalidade desta pesquisa:

Quais são os discursos formados a partir das narrativas dos migrantes venezuelanos e quais operações ideológicas estão subjacentes nesses discursos? Como podemos pensar o potencial desses discursos para a promoção de estratégias de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil?

Portanto, o objetivo desta pesquisa é identificar e analisar os discursos formados nas narrativas de imigrantes venezuelanos e seus efeitos na promoção de estratégias de emancipação, de autoemancipação, de luta por direitos, bem como, na representação positiva do migrante venezuelano no Brasil.

A partir desse objetivo geral, os objetivos específicos que auxiliam no alcance da finalidade principal. São os seguintes:

- Analisar a condição geopolítica da Venezuela e seus aspectos históricos para compreender o contexto no qual se insere a migração venezuelana;
- Analisar as práticas particulares e os modos de vida da população venezuelana em território brasileiro, para compreender como se produzem as redes de práticas sociais e discursivas, relacionadas à migração e quais são as operações ideológicas que estão subjacentes à essas práticas;

- Realizar a análise discursiva dos discursos formados, a partir das narrativas dos migrantes, bem como analisar o modo como são articulados, identificando os mecanismos ideológicos subjacentes a eles;
- Analisar a função particular para o problema da inferiorização simbólica do migrante venezuelano, compreendendo os efeitos dessa prática na sociedade;
- Verificar o potencial dos discursos para a promoção de estratégias de emancipação, de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil, propondo sugestões e possibilidades de mudança.

Esta investigação é apresentada considerando a análise e reflexão dos textos relatados pelos sujeitos participantes, no modo como eles vivenciaram a realidade. Os textos se referem às respostas do questionário de pesquisa, no qual descrevem o motivo de saída do seu país.

Com isso em mente, para compreender o processo discursivo (respostas dos participantes) do processo social (migração), esta questão é vista, neste trabalho, desde as relações externas e internas. O processo social, nas relações externas, envolve questões macrossociais (Barros, 2015) como a globalização excludente e o discurso neoliberalista, que produzem os fluxos migratórios pelo mundo. Nas relações internas, envolve questões do mundo interior ou aspectos mentais do falante.

Dessa maneira, identificamos os discursos articulados e destacamos a maneira como foram articulados, no que se refere ao modo de representação do mundo, com base em Fairclough (2016). Assim, destacamos nos textos os aspectos semióticos para chegar aos significados do discurso como elementos da prática social para a compreensão dos aspectos sociais e discursivos.

Portanto este estudo se torna relevante porque trata de uma investigação do discurso na América Latina, um estudo que compõe Nossa América. De acordo com o pensamento de Bolívar e Kohn (1999), adotado por Vieira e Macedo (2018), pesquisadores da ADC, os estudos do discurso na América Latina estão em seu auge porque trazem aos analistas de discurso o desafio de, em contextos de democracias vulneráveis, explicarem processos de construção de identidades sociais, políticas e culturais em cenários de pobreza, de corrupção, de injustiças e de ausência de políticas de educação,

Outro aspecto relevante deste trabalho, inspira-se na busca por desvelar ordens do discurso, permeadas por ideologias e assimetrias de poder que naturalizam discursos e preconceitos e desencadeiam a hostilidade ao imigrante, bem como procura maneiras de tirar

do silêncio essas pessoas, dando-lhes voz por meio da difusão de conhecimentos referente à realidade vivida por eles. Neste sentido,

Um dos grandes objetivos do analista de discurso crítico é captar a ‘invisibilidade’ das ordens de discurso, ou seja, as coerções acionais, representacionais e identitárias que orientam a prática discursiva como um todo. Tal tarefa requisita que analisemos múltiplos textos e que compreendamos não só a prática social (e os elos relevantes da rede) que estudamos, mas também a estrutura social englobante. Em outros termos, precisamos de uma abordagem multi ou interdisciplinar que alie descrição (dimensão textual), explicação (dimensão social, histórica, política, econômica, antropológica) e interpretação (dimensão da prática discursiva) (Gonçalves-Segundo, 2018, p. 95).

Esses requisitos da ADC nos auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa e no exame das questões subjacentes e suas relações com o conteúdo empírico.

Portanto, a tese deste trabalho apresenta os discursos venezuelanos, quais sejam, o discurso da migração forçada, o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista como reveladores das condições da migração e os qualifica como vozes denunciadoras dos efeitos sórdidos do imperialismo, cujas estratégias hegemônicas geram a crise capitalista, produzindo multidões de pessoas rejeitadas, forçadas a migrar pelo mundo. Esta tese também propõe, com base na teoria da mudança social da ADC, que a partir do exercício crítico do desvelamento dos problemas sociais condicionantes, revelados também pelos discursos, o quadro social vivido pelos imigrantes pode ser modificado ao passar por um movimento epistemológico, ético, político e pedagógico, construído coletivamente, de reflexão e ação.

No que se refere à organização escrita, este trabalho apresenta, no primeiro capítulo, uma contextualização introdutória a fim de situar o leitor em relação ao campo situacional amplo. Iniciamos, discorrendo, brevemente, sobre a forma como se consolidou o sistema parasitário imperialista e como esse sistema intervém na América Latina, demonstrando as forças hegemônicas que se posicionam, em declarado confronto, tendo a Venezuela na mira.

O segundo capítulo apresenta os princípios teóricos da Análise de Discurso Crítica e seus fundamentos filosóficos, bem como o modelo tridimensional de ADC, com seus elementos das práticas sociais, quais sejam, gênero, discurso e estilo e, finaliza, com um diálogo teórico sobre mudança social, prática e discurso.

O terceiro capítulo trata da descrição da natureza da pesquisa e seu percurso metodológico, destacando o aspecto do processo de construção da pesquisa e, apresentando seu modo de realização. Inicia-se com um diálogo sobre as orientações teórico-metodológicas básicas, em seguida apresenta a forma como se constitui a pesquisa em ADC, enquanto teoria

e método de análise. Na sequência, o enquadre metodológico da ADC é apresentado e exemplificado a fim de demonstrar a constituição dos passos da pesquisa e a condução da prática analítica. Em seguida, contextualizamos as três análises com suas categorias, a saber, a análise da conjuntura, a análise da prática particular e a análise de enunciados (linguístico-discursiva). O capítulo finaliza com a apresentação dos/as participantes da pesquisa, da configuração do *corpus* e dos instrumentos para coleta de dados.

O quarto capítulo é a análise em si e está dividido em três partes. A primeira parte está direcionada para a análise da conjuntura, na qual apresentamos a configuração das práticas associadas ao problema e das quais o discurso é parte, mobilizando o contexto da crise venezuelana, relacionado aos aspectos sociais, históricos, geopolíticos e político-econômicos, assim como aos aspectos da sociedade abrangente em nível macrossocial e seus mecanismos de reprodução. A segunda parte, refere-se à análise da prática particular e das relações entre discurso e outros momentos. Centra-se nas práticas problemáticas que são decorrentes de relações sociais e ideológicas, assentadas na ideologia globalizada. A terceira parte é a análise do discurso dos participantes da pesquisa. Seu enfoque está na estrutura para a identificação dos discursos e centra-se nos recursos utilizados nos textos e sua relação com a prática social. À vista disso, a análise apresenta as representações materializadas nos enunciados dos participantes da pesquisa como forma de compreender quais discursos estão inseridos nas redes de práticas sociais, relacionados ao evento social da migração venezuelana e como certos discursos influenciam os mecanismos ideológicos de opressão e desfavorecimento e como outros podem estabelecer relações antagônicas com esses mecanismos.

O quinto capítulo está direcionado para a “função do problema na prática”, apresenta a prática ideológica da inferiorização do imigrante, nos modos como ela promove os processos de naturalização e reprodução das ideologias dominantes, por meio de práticas sociais e discursivas. Na sequência, o capítulo tende a explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados nas “contradições das conjunturas”, estabelecendo diálogo sobre as possibilidades do discurso como lugar de luta e como caminho para o inédito-viável. Por fim, apresenta o Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”, como exemplo de possibilidades concretas.

Nas considerações finais, apresentamos os principais resultados da análise, estabelecendo relação com as perguntas de pesquisa para a constatação dos objetivos alcançados. Os resultados também são mobilizados para gerar reflexão sobre os temas de luta e transformações sociais, apresentando possíveis modos de ultrapassar os obstáculos com vistas à possibilidade de práticas emancipatórias.

CAPÍTULO I

À GUISA DE CONTEXTUALIZAÇÃO: A RECONFIGURAÇÃO GEOPOLÍTICA IMPERIAL

A partir do final do XX, a forma capitalista de produção passou por muitas mudanças expressivas, causadas pelas grandes transformações dos processos sociais, políticos e econômicos, ocorrentes no mundo, tal como foi postulado por Lênin (1977), no início deste mesmo século, quando desenvolveu o conceito de imperialismo. Do mesmo modo como percorrido pelo teórico, o capital entra em sua fase financeirizada e, o neoliberalismo, ideologia desta fase, tem o objetivo de acionar mecanismos para minimizá-la ou camuflá-la, como também aos instrumentos de racionalização da circulação de capitais, quais sejam, os Estados Nacionais, especialmente, os periféricos do capitalismo globalizado (Mezzaroba; Castro, 2003).

As forças hegemônicas do imperialismo provocaram as reconfigurações geopolíticas das nações mundiais, representando o contexto no qual as migrações se intensificam pelo globo. Esse entendimento é muito importante para a visualização contextual do nosso estudo, pois as migrações não podem ser vistas com um foco unilateral na origem do fluxo, mas precisam ser compreendidas na amplitude do movimento da globalização, pois se por um lado esse movimento rege a política econômica mundial também há de ser o responsável das consequências desta mesma política.

Neste capítulo, apresentaremos uma contextualização introdutória a fim de situar a nossa pesquisa. Iniciaremos discorrendo, brevemente, sobre a forma como se consolidou o sistema parasitário imperialista e como esse sistema interveio na América Latina. Finalizaremos, demonstrando as forças hegemônicas que se posicionam em declarado confronto, tendo o país venezuelano, em sua mira.

1.1 O sistema parasitário do Imperialismo

A tendência globalizante do capitalismo já havia sido descrita por Karl Marx e Friedrich Engels (1998) desde as primeiras análises do desenvolvimento desse sistema. Eles já advertiam que a necessidade da burguesia de um mercado, em constante expansão, compelia a

um avanço por todo o globo terrestre, criando vínculos e fixando-se por toda parte em busca da exploração do mercado mundial. Dessa forma, aparece uma generalização do intercâmbio e da dependência entre as nações, anulando a antiga autossuficiência do isolamento local e nacional (Mezzaroba; Castro, 2003).

Em 1916, ocorria a Primeira Guerra Mundial, guerra imperialista que tinha o objetivo de redistribuir o mundo entre as nações europeias, que já haviam alcançado grande poder econômico e militar. Contudo, no ano seguinte, uma revolução na Rússia, mudaria completamente o contexto geopolítico, impondo barreiras para o avanço do imperialismo no mundo e colaborando para o surgimento de uma nova polarização, na qual os Estados Unidos sairiam como líderes do bloco capitalista, dado seu poder bélico atômico e de liderança (Chesnais, 1996).

Em 1927, as contradições do sistema, qualificado por Lênin (1979) de capitalismo parasitário, sustentado na especulação financeira, no mercado de ações e nas riquezas expropriadas das colônias, fariam explodir uma grave crise estrutural. Fato que demonstrou ao mundo os efeitos arrasadores de uma economia baseada na criação de grandes somas de capitais fictícios.

Desse modo, os Estados Unidos sofreram um enorme abalo financeiro, resultando em desemprego, acúmulo de produtos industriais, por falta de mercado, queda dos preços e falências. Contudo, após três anos, a economia estadunidense se recuperou, por meio de um pacote de medidas, como a criação de frentes de emprego e elevação do padrão de vida, patrocinadas pelo estado (Chesnais, 1996).

No entanto, uma nova partilha do mundo eclodiu, por meio da segunda guerra mundial. Como resultado, a Europa saiu arrasada e um novo cenário geopolítico foi formado, com a polarização Estados Unidos e União Soviética, que estabeleceram o Acordo de Ialta. Entre os pontos do acordo estão: a zona soviética poderia desenvolver suas relações comerciais, reduzindo ao mínimo as transações com os países da área de influência norte americana; as duas partes teriam o controle energético sobre suas áreas de influência. Assim, os Estados Unidos legitimaram sua liderança diante de todos os demais países capitalistas ao consolidarem sua posição hegemônica, intimidando aos demais de competir com eles. Com a queda do Regime soviético, a hegemonia política e econômica estadunidense se consolidou. Desta vez, não existia mais um inimigo, um tipo de liderança que fizesse frente ao poder estadunidense e, assim, foi liberada (neoliberalismo) a competição (ainda que desigual) com o mercado americano (Mezzaroba; Castro, 2003).

Essa liderança econômica se fortaleceu ainda mais com a criação do FMI e do Banco Mundial, que possuíam um sistema o qual conferia ao dólar o papel central na economia mundial, junto com o ouro, uma vez que os negócios do mundo iriam ser indexados naquela moeda. Dessa forma, os Estados Unidos passaram a liderar um sistema financeiro e monetário internacional que controlava a criação de crédito e assegurava a subordinação das instituições financeiras e do capital de empréstimo às necessidades do investimento industrial (Chesnais, 1996).

Com o agravamento da dívida federal, a insustentável paridade ouro-dólar, déficit no orçamento americano, agravado pelos altos custos, gerados pela Guerra do Vietnã, o endividamento crescente e as debilidades orçamentárias dos Estados Unidos, levaram o mundo a uma crise estrutural. É nesse contexto que os Estados Unidos adotam uma nova política imperialista, sustentada pelo seu poder bélico, o parasitismo dos setores produtivos dos países periféricos (Mezzaroba; Castro, 2003).

Dessa forma, de acordo com Mezzaroba e Castro (2003), os Estados Unidos, operacionalizam a reversão dos fluxos de capitais de financiamento aos países de Terceiro Mundo, ou seja, transferem grandes somas de mais-valia, expropriadas dos trabalhadores urbanos e rurais destes mesmos países, à elevadas taxas de juros e lhes subordinam a um constante estado de “pagamento da dívida externa” Cria-se, assim, o parasitismo, no qual países endividados, conseqüentemente, implementam políticas de exploração máxima dos seus trabalhadores do setor produtivo, criando grandes somas de capitais a serem transferidas aos países credores.

Nesse contexto, a economia estadunidense surge como superpotência parasitária (sustentada pela expropriação de riquezas dos países periféricos do sistema capitalista), mantendo sua hegemonia, pelo uso da força, diante, inclusive, dos países de capitalismo desenvolvido, tendo como uma das principais diretrizes neoliberais, o fortalecimento do seu próprio aparelho de Estado, com estratégias de militarização crescente, implementação de políticas de desmonte dos Estados-Nação dos países expropriados, para chegar à sua meta de se tornar a única potência reguladora dos interesses do capital no mundo, em outras palavras, o “Estado do Sistema do Capital” (Mészáros, 2003).

Não há interesse na destruição dos Estados, enquanto aparelhos, de acordo com Mezzaroba e Castro (2003), mas de sua total submissão ao mando imperialista, tendo em vista o controle local para a reprodução política e ideológica traçada no global, além disso, a necessidade de alinhamento das forças de contenção das massas de desempregados e famintos. Com a formação e fortalecimento da União Europeia, surge um sistema imperialista paralelo,

que pouco a pouco vai se efetivando como competidor dos Estados Unidos, na empreitada de restabelecimento de um sistema interimperialista parasitário. A ALCA tem sido uma estratégia estadunidense na tentativa de livrar os países americanos da influência do capital europeu (Mezzaroba; Castro, 2003). Lênin (1979, p. 664) já dizia:

Por isso, as alianças interimperialistas ou ultraimperialistas no mundo real capitalista [...] seja qual for a sua forma: uma coligação imperialista contra outras coligações imperialistas, ou uma aliança geral de todas as potências imperialistas, só pode ser inevitavelmente, “tréguas” entre guerras. As alianças pacíficas preparam as guerras e por sua vez surgem das guerras, conciliando-se mutuamente, gerando uma sucessão de formas de luta pacífica e não pacífica sobre uma mesma base de vínculos imperialistas e de relações recíprocas entre a economia e a política mundiais.

Mészáros (2003) explica que seria caso de cínica camuflagem toda conversão que caminhe para um mundo policêntrico, sob princípio de algum tipo de igualdade entre os Estados.

Atualmente, os Estados Unidos continuam ocupando o lugar de destaque na hegemonia mundial, mas a sua economia e sua liderança está em crise crescente. A recente guerra na Ucrânia tem confirmado o desespero em garantir a expansão da zona de influência. Annunziata (2022) comenta que objetivo dos imperialistas ocidentais tem sido o mesmo, expandir seu domínio para o leste, subordinar mais um país e, principalmente, conter os avanços do bloco liderado por China e Rússia. Portanto, a Ucrânia é um exemplo da disputa interimperialista por zonas de influência e pela hegemonia econômica sobre os países.

No que se refere à América Latina, as estratégias imperialistas estão em vinculação direta com a crise hegemônica que os Estados Unidos enfrentam e evidenciam fraturas e dificuldades para manter sua posição predominante (Martín; Álvarez, 2020). No próximo subitem, esse assunto será trazido à reflexão.

1.2 Intervenções imperialistas na América Latina

Nossa América, embora possua séculos de existência como região composta por países que já passaram por processos de independência, caracteriza-se por registrar grande atraso social com Estados Nação que apresentam soberanias limitadas e ajustadas aos desígnios do mercado mundial (Roffinelli, 2020).

Necessariamente é preciso recorrer ao pensamento de Karl Marx (2013), que formulou a crítica radical dos tempos modernos, para compreender as leis objetivas que governam a

reprodução do sistema. Marx (2013) demonstrou que a polarização social, ou seja, a desigualdade, é inerente à lógica da reprodução ampliada do capital, já que a maximização de benefícios deriva da mais-valia extraída dos trabalhadores. Em outras palavras, na medida em que o capital se acumula e expande, tende a reproduzir relações sociais polarizadas. É dessa forma, que a análise marxista nos permite conectar a deterioração agravada das condições de vida das populações trabalhadoras e dos povos latino-americanos com a crise capitalista mundial em curso e a ofensiva imperialista (Roffinelli, 2020).

Desde o início deste século, o capitalismo global atravessa uma crise que não permite um restabelecimento do ciclo expansivo de produção, distribuição, circulação e consumo de bens, serviços e capitais. De acordo com Arrizabalo (2014), trata-se de uma crise crônica porque o capital está enfrentando a impossibilidade de novos períodos de expansão e de alta rentabilidade.

Com a saída da crise de 1970, conforme Arrizabalo (2014), a fração dominante do capital financeiro não conseguiu estabelecer um ciclo de expansão e crescimento similar ao do pós-guerra (1945-1970). Desse modo, as medidas de corte neoliberal, impostas a nível global, para restabelecer a taxa de rentabilidade e aumentar a exploração (taxa de mais-valia), somente alcançaram “um ritmo de acumulação limitada, irregular, instável e cheio de assimetrias” (Arrizabalo, 2014, p. 35, tradução nossa).

As medidas econômicas implementadas, estão assentadas na lógica de valorização do capital imperialista e na articulação e desarticulação dos centros internos de decisão dos países expropriados, como diz Sampaio (2009, p. 13) “A periferia do sistema capitalista se tornou presa de um processo de conversão neocolonial que coloca em questão sua própria sobrevivência como Estado-nação capaz de controlar minimamente as tarefas do capital”.

Desde os inícios do século XIX, os países latino-americanos sofrem o avanço imperialista na região. Roffinelli (2020, p. 37-38) lista tais ações: Em 1848, os Estados Unidos anexou parte do território mexicano; Protagonizou invasões na Nicarágua (1855), Cuba (1898 e 1961), Porto Rico (1898), Panamá (1918 e 1989), Honduras (1924) e Granada (1983); Apoiou e promoveu as ditaduras militares de Trujillo na República Dominicana (1930-1961), de Somoza na Nicarágua (1937-1979) e de Batista em Cuba (1952-1959); Em 1953, patrocinou o golpe de Estado na Guatemala contra o presidente Arbenz, que havia nacionalizado a empresa estadunidense *Union Fruit Company*; Na década de 1970, orquestrou o Plano Cóndor para sustentar as ditaduras do Cone Sul: Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina; Na década de 1980, apoiou militar e economicamente os militares de El Salvador e as forças paramilitares na Nicarágua e esteve implicado nos “acidentes aéreos” dos presidentes do

Equador, Jaime Roldós (1981) e do Panamá, Omar Torrijos (1981); No século XXI, promoveram e apoiaram os processos de desestabilização dos chamados governos progressistas, como na Venezuela (2002, 2017, 2018, 2019, 2020), Bolívia (2008, 2019), Equador (2010) e nos golpes parlamentares em Honduras (2009), no Paraguai (2012) e no Brasil (2016) (Perkins, 2005; Peñalver, 2019; Rosenmann, 2013; Roffinelli, 2020).

A sucessão de invasões, golpes de Estado, ditaduras cívico-militares, assassinatos políticos e instalação de bases militares, na região, tiveram como exclusiva finalidade subjugar as soberanias dos Estados nacionais para apropriação dos recursos naturais e impor programas econômicos, políticas de ajuste e de endividamento em sintonia com os interesses econômicos e geopolíticos do imperialismo estadunidense (Peñalver, 2019).

Roffinelli (2020) destaca que as condições de atraso, soberanias políticas limitadas e o subdesenvolvimento capitalista dependente, dos países latino-americanos, não são produtos de uma evolução interna, muito menos se compreendem de forma isolada, mas precisam ser compreendidos “através de uma visão holística que dê conta da totalidade significativa: o sistema capitalista mundial e sua dominação imperialista” (p. 39, tradução nossa).

Essa compreensão contextual é de suma importância em nosso estudo e nossa intenção ao considerar tais reflexões é nos posicionarmos teórica e politicamente, pois a compreensão da articulação dos problemas econômicos, políticos e sociais da América Latina é apresentada, como necessária para conhecer os bastidores e a realidade da migração venezuelana, além disso, pensarmos e refletirmos sobre processos emancipatórios a partir dessa realidade.

1.2.1 Venezuela na mira imperialista

O movimento mundial e seu contexto atual nos permite perceber que o capitalismo está incubando uma crise de grandes proporções. A humanidade atravessa uma crise civilizatória, na qual a exploração de recursos naturais põe em risco a continuidade da sua própria existência (Dutra, 202), revelando uma desenfreada ambição pelo capital.

As sanções militares, políticas e financeiras que hoje são aplicadas sobre as sociedades latino-americanas, especialmente contra Venezuela e Cuba, exemplificam a região como espaço de construção da dominação estadunidense para ações dessa desenfreada ambição. Na Venezuela, durante os governos de Hugo Chávez, as mudanças foram profundas, no âmbito político, ideológico e na apropriação, uso e distribuição da renda originária do petróleo.

Entretanto, houve persistentes intenções desestabilizadoras, como o golpe de Estado fracassado, em 2002 (Dutra, 2020).

O objetivo principal e imediato dos Estados Unidos é derrubar o governo venezuelano, que representa um país, do qual realizou-se grandes esforços para a fixação de uma mudança social e uma integração regional anti-imperialista e, que por isso, trataram de isolá-lo internacionalmente. Pelo lado venezuelano, travou-se uma persistente campanha informativa de confrontação, diante da agressão externa (Peñalver, 2019).

Dutra (2020) explica que nesse panorama existe uma ofensiva desestabilizadora a partir da Organização dos Estados Americanos (OEA), em nome da “defesa da democracia”, que viola o princípio de autodeterminação dos povos e toma partido pelos interesses da direita, que busca um golpe militar contra a atual administração pública da Venezuela.

Em 2016, por meio de um documento “*Venezuela Freedom-2*” (Operación, 2016) apresenta-se uma agenda pessoal correspondente aos interesses dos Estados Unidos, relacionada aos acordos com representantes militares do império para derrubar o governo Venezuelano, bem como, uma política ostensiva de agressão militar, que inclui a possibilidade de provocar guerra civil ou intervenção armada direta. Em 2018, publicou-se outro documento do Comando Sul (2018), no qual apresentam-se várias ações semelhantes (Dutra, 2020).

Contudo, o processo de sanções contra a Venezuela, começou em 11 de dezembro de 2014, com aprovação no Congresso americano da Lei de defesa dos direitos humanos e da sociedade civil da Venezuela. Após essa data, somam-se mais de 150 medidas coercitivas unilaterais com leis, ordens executivas, regulamentos e diferentes medidas administrativas, que incluem: Declaração de que Venezuela é uma ameaça inusual e extraordinária para a segurança nacional e a política exterior dos Estados Unidos; Sanções e restrições da dívida da companhia de Petróleos de Venezuela (PDVSA), com seis novas medidas que atentam contra a estabilidade financeira ao proibir a reestruturação da dívida e impedir a repatriação dos dividendos de *Citgo Petroleum* à matriz; Bloqueio das transações com qualquer tipo de moeda digital emitida por, para ou em nome do governo da Venezuela, em referência ao “Petro”; Bloqueio geral da dívida, estabelecendo a proibição de negociar a dívida do país no sistema financeiro internacional; Bloqueio e proibição das transações com ouro da Venezuela; Designa a Petróleos da Venezuela e filiais como sujeitos de sanções por parte dos Estados Unidos e abre as portas para a confiscação dos ativos da Venezuela no território estadunidense; Bloqueio dos ativos pertencentes a Venezuela, estabelecendo-se a impossibilidade de transferir, usar em pagamento, exportar, retirar ou negociar de qualquer forma os ativos públicos (Dutra, 2020; Peñalver, 2019).

Além dessas sanções, o governo da Venezuela foi acusado de atuar no narcotráfico. Com este argumento, o governo estadunidense mobilizou uma força naval militar no Caribe, com barcos de combate, aviões e helicópteros para realizar tarefas de vigilância perto da Venezuela (Martín; Álvarez, 2020).

Assim, amparado na retórica da guerra contra as drogas foi ampliada a presença das forças militares dos Estados Unidos no Mar do Caribe e no Pacífico oriental, no marco da denominada operação ampliada antinarcóticos. Além disso, o território colombiano abriga as forças especiais do exército dos Estados Unidos. Esses dispositivos representam uma clara ameaça à estabilidade dos processos da Venezuela, como também a crescente militarização imperial (territorial, marítima, terrestre e do espaço aéreo) que se implantou na região, de maneira particular em 2020 (Martín; Álvarez, 2020).

Portanto, as implacáveis medidas impostas à Venezuela podem ser bem representadas na descrição de Poljak (2020, p. 83), quando as ilustra, alegoricamente, a partir do crime racial cometido contra o afro-americano George Floyd:

Escrevo de Caracas, capital da República Bolivariana da Venezuela, cujo povo resiste heroica e teimosamente o peso colossal do joelho imperialista sobre seu pescoço, ao custo de grandes dores e sofrimentos, sem que o sadismo supremacista tenha conseguido escutar uma petição de clemência, nem mesmo um “*I can't breath!*”, como o que imortalizou o afro-americano George Floyd, pouco antes de morrer asfixiado por um policial branco em Minneapolis (tradução nossa).

A comparação de Poljak (2020), como exemplo de resistência venezuelana à supremacia imperialista, faz alusão ao conceito, posto por Giddens (2009), de agência em ADC, no qual o sujeito quando consciente de sua realidade, adquire a habilidade que lhe confere o poder de transformar a vida, bem como a capacidade de suportar e superar a coerção, mesmo aquela mais extrema, ainda que haja limites ou restrições da ordem física, econômica ou política. O conceito de agência em ADC está embasado na práxis da concepção marxista do processo de conhecimento da atividade teórico-prática do ser humano, tal conceito será trazido à reflexão neste trabalho e está imbuído de grande importância para a compreensão dos processos emancipatórios.

Não há dúvidas de um confronto político e ideológico, ocorrendo em Nossa América. Trata-se de uma luta intensa pela recomposição geopolítica e hegemônica dos Estados Unidos, na qual, Venezuela sente o peso das sanções e ameaças que atentam contra a vida de milhares de pessoas e desencadeia um fluxo migratório de impactos irreversíveis para a população. Venezuela está na mira imperialista, contudo, continua resistindo bravamente.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A Análise de Discurso Crítica (ADC) consiste em uma abordagem teórico-metodológica que estuda a linguagem nas sociedades contemporâneas. Tem como maior expoente, o teórico Norman Fairclough⁷, o qual desenvolveu a Teoria Social do Discurso como uma abordagem da ADC e baseia-se na percepção da linguagem como parte irredutível da vida social, dialeticamente vinculada a outros elementos sociais (Resende; Ramalho, 2019).

Fairclough (2003) focaliza a linguagem como “discurso” e, ao usar o termo discurso, propõe considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual. Isso implica em ser o discurso, de acordo com Fairclough (2016), um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros.

Nesse sentido, esta pesquisa considera a linguagem como fenômeno social, concordando com Rajagopalan (2004, p. 35) quando diz “Nunca é tarde demais para começar a fazer um exame de consciência e perguntar a nós mesmos se, por atos ou omissão, não desviamos da responsabilidade de ver a linguagem como um fenômeno social, com todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorre”. O autor chama a atenção para que os linguistas, pesquisadores dos fenômenos linguísticos, não percam de vista que a linguagem, socialmente localizada, traz implicações políticas e ideológicas que não podem ser ignoradas.

De acordo com o mesmo autor, o linguista vai recuperando seu papel de cientista social, com um importante serviço que pode prestar à comunidade e, assim, poder contribuir para melhorar as condições de vida dos setores menos privilegiados da sociedade.

Com isso, também consideramos a abordagem da ADC da linguagem como espaço de luta hegemônica, cujo princípio é desenvolvido nos trabalhos de Foucault (2003) e Fairclough

⁷ Norman Fairclough, um dos fundadores da ADC, é professor emérito de linguística da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, sua pesquisa ressalta o lugar da linguagem como parte integrante de processos de mudança social. Sua abordagem inclui atenção ao papel da linguagem nas lutas sociais, nas transformações das relações de poder e nas tensões que caracterizam os processos de produção e de interpretação textuais sempre em uma relação dialética: a linguagem atuando na mudança social e as mudanças sociais atuando na linguagem. Em recentes trabalhos, Fairclough analisa o novo capitalismo, a globalização, a economia do conhecimento e o neoliberalismo pelo viés do discurso como elemento-chave de transformações sociais maiores (Vieira; Macedo, 2018, P. 51).

(2016), “uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes [...]” (Resende; Ramalho, 2019, p. 18).

Sendo assim, neste capítulo, apresentaremos os princípios teóricos da Análise de Discurso Crítica e seus fundamentos filosóficos, bem como o modelo tridimensional de ADC, com seus elementos das práticas sociais, quais sejam, gênero, discurso e estilo e finalizaremos a seção com um diálogo teórico sobre mudança social, prática e discurso. Tais pressupostos teóricos, são imprescindíveis para esta pesquisa, pois constituem a base para investigar a linguagem em interconexão com fenômenos sociais da contemporaneidade, com implicações políticas e ideológicas de desnivelamento de poder.

2.1 Análise de Discurso Crítica – Mudança, Prática e Discurso

Em termos históricos, os tempos modernos trouxeram uma crescente preocupação pelos estudos sociais. Na década de 1980, Fairclough (1985) publicou um artigo no qual utiliza o termo Análise de Discurso Crítica. Contudo, apenas no início da década de 1990, a ADC se consolidou como uma rede internacional de estudos, numa reunião de linguistas, ocorrida num simpósio realizado em janeiro de 1991, em Amsterdam, que durou dois dias. Entre os linguistas estiveram presentes Norman Fairclough, Teun Van Dijk, Gunther Kress, Ruth Wodak, Theo Van Leeuwen, que discutiram sobre aspectos linguístico-discursivos que auxiliam no desvelamento de importantes elementos da vida social, bem como sobre teorias e metodologias em análise de discurso, tendo em vista um programa estruturador das abordagens teóricas apresentadas (Wodak, 2005; Melo, 2018).

A compreensão de que a linguagem constitui a vida social é o contexto no qual a ADC propõe uma abordagem teórica, social e textualmente orientada. No âmbito teórico, a ADC desenvolveu a Teoria Social do Discurso com uma abordagem transdisciplinar que consiste num aparato teórico-metodológico, gerado a partir de diferentes visões investigativas, numa perspectiva de interesse particular (Lira; Alves, 2018).

Nessa abordagem social, Fairclough (2003) focaliza o discurso, considerado o uso da linguagem como prática social. No sentido amplo, é elemento de produção de significado no processo social, sendo a linguagem parte irredutível da vida social. Assim, o termo discurso opera em uma perspectiva de linguagem em ação, como um elemento da vida social que se

articula a outros elementos, logo, a abordagem social do discurso irá transcender a análise textual, incluindo outros aspectos da vida social, ou seja, ampliando para a análise do processo social, por meio da análise textual.

Embora a ADC, refira-se a um grupo de pesquisadores, que lideram abordagens com pressupostos específicos, ela possui princípios, teoria, bases filosóficas e programa de estudos que unificam o campo de estudos em ADC, vejamos resumidamente esses pressupostos basilares, nos próximos subitens.

2.1.1 Princípios da ADC

Melo (2018), com base em Van Dijk (2003) e Resende (2012), expõe os seguintes princípios da ADC:

i) **Ímpeto crítico**, considerando que as estruturas hegemônicas e seus discursos estabilizam as convenções sociais e as transformam em algo naturalizado, do qual as práticas ideológicas são concebidas como inquestionáveis, o enfoque implica em mostrar conexões e causas ocultas em textos que constroem e desconstroem práticas dominantes de poder. Os/As analistas pretendem, diante da realidade que investigam, desenvolver uma atividade crítica e, na medida em que as estruturas atuam na sociedade em detrimento de grupos em desvantagens, buscam produzir mudanças nas práticas discursivas como também nas práticas e nas estruturas sociopolíticas, possibilitando mais consciência das influências da linguagem, bem como da estrutura social.

ii) **Explicitude político-ideológica** que percebe a ciência como um conjunto de práticas, ligado a elementos extra científicos, como a posição ideológica do cientista e o efeito social de sua investigação. Fairclough (2016) e Van Dijk (2003) postulam que os analistas devem adotar veementemente uma posição política, nas pesquisas empreendidas, para que eles possam explicitar seus propósitos com objetivos claros de revestimento da prática científica com um projeto de intervenção que irá produzir mudanças favoráveis para aqueles que se encontram em situação de desvantagem social. Dessa forma, os analistas críticos, assumem que a neutralidade diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o/a pesquisador/a cúmplice dessas estruturas. Portanto, a ADC refuta o mito da isenção científica, desse modo, não nega, mas explicitamente define e defende seu próprio posicionamento político.

iii) **Transdisciplinaridade** mantém a ADC numa relação dialógica com outras teorias e métodos sociais. A ADC engaja-se com eles não somente de modo interdisciplinar, mas transdisciplinar e entende que tais coengajamentos, em determinados aspectos do processo social, suscitam avanços teóricos e metodológicos.

iv) **Aplicabilidade.** A pesquisa deve estar à disposição de diferentes campos, revestindo-se de uma perspectiva aplicada não somente sobre os sujeitos, mas para e com os sujeitos, por meio da qual eles possam ter a capacidade de agir criativamente, operando suas próprias conexões em meio às diferentes práticas sociais e às ideologias a que são expostos. Deve também promover resultados concretos de mudança social, atuando como práticas para atender a questões iminentes e propulsoras de transformações no modo de as pessoas olharem e agirem.

v) **Acessibilidade.** Van Dijk (2003) expressa que a adoção do estilo hermético precisa ser incompatível com os objetivos da pesquisa crítica, considerando que se os sujeitos, aos quais interessa tal tipo de pesquisa, não conseguem entendê-la, não poderão aprender com ela. Assim, qualquer trabalho realizado precisa ser ensinável, claro e acessível na socialização das análises e dos resultados.

vi) **Empoderamento social.** A ADC funciona como uma ferramenta de empoderamento social, pois prevê que a pesquisa esteja politicamente envolvida com uma exigência emancipatória, aumentando a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de algumas pessoas sobre outras, entendendo a tomada de consciência como um primeiro passo para a emancipação de indivíduos. Assim, ela busca ter um efeito na prática e nas relações sociais, para alcançar formas de empoderamento na direção da justiça social.

2.1.2 Correntes filosóficas

As correntes filosóficas da ADC, são sinteticamente reunidas por Barros (2018), as quais resumimos a seguir:

i) **O Marxismo Ocidental e a Escola de Frankfurt** estão associados.

A Escola de Frankfurt consiste em grupo de filósofos e cientistas sociais que usavam os estudos da dialética marxista de Hegel como método para entender o capitalismo, a industrialização, o terrorismo etc. Eles procuravam entender de modo crítico os

fenômenos estruturais da sociedade. O termo crítica advém da tentativa de superação dos limites do positivismo, do materialismo e do determinismo. O principal aspecto da teoria crítica diz respeito a desenvolver uma teoria emancipatória, com base na crítica à dominação. Para isso, inspiram-se em Marx para desenvolver conceitos de teoria crítica e de crítica à ideologia. Outra característica é a autorreflexão dos conceitos de história, de tomada de consciência de classe, de arte, cultura, literatura, como instrumentos fundamentais para pensar as transformações da sociedade industrializada.

ii) **Bakhtin e a filosofia da linguagem** influenciaram o pensamento de Fairclough pelo fato de Bakhtin ser o pioneiro na explanação filosófica de linguagem e ideologia. Também pela visão polifônica da linguagem, na qual a cadeia dialógica representa várias vozes que interagem. Assim, a intertextualidade e a interdiscursividade são categorias importantes para a ADC, que encontra base nos estudos bakhtinianos, para os quais os textos respondem a textos anteriores, bem como antecipam textos posteriores.

iii) **Foucault e as contribuições ao discurso** é um trabalho de suma relevância para a teoria social do discurso em ADC em relação aos temas discurso e poder e o funcionamento do discurso na mudança social, revelando que o discurso constrói a sociedade, por constituir os objetos de conhecimento, os sujeitos e as estruturas. Outro conceito é o poder exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas. O poder não se concentra na violência ou na repressão, mas na produção de saber e realidade. Contudo, Fairclough refuta duas questões advindas dos estudos de Foucault, uma se refere a que o sujeito é manipulado de tal maneira pelo poder que se vê impedido de contestar as práticas sociais opressivas, estabelecendo relações de subordinação e a outra é que o teórico não se preocupou com a análise empírica de textos, negligenciando a análise discursiva e linguística. Dessa forma, Fairclough se apoia em Gramsci para explicar o conceito de hegemonia como equilíbrio instável, com poderes de cunho ideológico conflitantes. Assim, as práticas sociais são contraditórias, estando em constante transformação, onde o poder de determinada classe social, em convergência com outras forças da sociedade, é atingido temporariamente na luta hegemônica.

iv) **ADC e o Realismo Crítico.** A consonância está em considerar o mundo social como um sistema aberto, em constante transformação. A ADC se baseia na ontologia social realista que entende que eventos sociais concretos e

estruturas sociais são parte da realidade social. Estruturas sociais são entidades potenciais, como a econômica, a escola, a língua etc. Elas definem um conjunto de possibilidades para a realização de eventos. Nelas existem várias redes de relações sociais, que ocorrem por meio de eventos sociais no cotidiano. Os eventos sociais são moldados pela rede de práticas sociais. Essa relação é mediada pelas práticas sociais, isto é, entre a estrutura social e os eventos sociais, existem as práticas sociais. Assim, conforme Fairclough (2016) o discurso é entendido como prática social, uma forma de ação no mundo. Outra contribuição do realismo crítico é a crítica explanatória, que corrobora que as pesquisas devem incidir sobre problemas práticos da vida social, construídas com base nas descobertas dos problemas sociais, oriundos das práticas sociais e, a partir delas, buscar soluções para a superação. A crítica explanatória também sustenta que os objetos das ciências sociais, devem abranger crenças, incluindo juízo de valor e ação.

v) **A base linguística** provém da linguística crítica, por meio de um grupo de linguistas, na Grã-Bretanha que combinou teorias e métodos da análise textual e da linguística sistêmico-funcional com teorias sobre ideologia. Essas reflexões teóricas contribuíram para a criação da ADC. A análise linguística em ADC permite interpretar os significados presentes no texto. Assim, Fairclough se concentra na relação entre os níveis textual e social. Ela se diferencia da teoria proposta por Pêcheux por este conferir mais ênfase ao papel ideológico dos textos, com pouca atenção à luta e à transformação nas relações de poder instituídas por organizações dominantes, ou seja, não há preocupação com mudanças sociais. A ênfase na análise interdiscursiva de textos se torna uma tentativa de suprir o espaço entre texto e contexto, ou seja, entre linguagem e contexto social, numa relação dialética. A linguística sistêmico-funcional, pode contribuir para desenvolver esse tipo de análise.

2.1.3 O modelo tridimensional em ADC

O diálogo progressivo entre a Linguística e a Ciência Social Crítica culminou no movimento da centralidade do discurso para a percepção deste como um momento de práticas sociais (Resende; Ramalho, 2019). Para Chouliaraki e Fairclough (1999), as práticas são constituídas na vida social em vários domínios como o econômico, o político, o cultural e na vida cotidiana. Assim, a teoria social do discurso deve ter o objetivo de refletir sobre a mudança

social contemporânea, bem como sobre mudanças sociais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas fortemente consolidadas (Resende; Ramalho, 2019).

O preceito epistemológico de Bhaskar (1989) é adotado pela teoria social do discurso, que entende a realidade como estratificada. Sendo assim, a atividade científica deve estar comprometida em revelar esses níveis mais profundos que operam no mundo, suas entidades, estruturas e mecanismos. Assim, “[...] a ADC considera a organização da vida social em torno de práticas, ações habituais da sociedade institucionalizada, traduzidas em ações materiais, em modos habituais de ação historicamente situados.” (Resende; Ramalho, 2019, p. 35).

No que se refere ao caráter emancipatório, Van Dijk (2003) explica que era necessário dar-se conta de que a Linguística e a Análise de Discurso são parte das ciências sociais e precisam legitimar sua posição na sociedade e este fato está relacionado ao papel que deve desempenhar a disciplina na desarticulação de relações de dominação.

Magalhães (2005, p. 3) confirma sobre a ADC “[...] desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea”. Portanto, destacamos que a ACD como proposta de análise da prática discursiva, do texto e da prática social pode contribuir à crítica de problemas sociais e, deste modo, satisfatoriamente, ao presente estudo, objetivando a adoção de uma conduta crítica para elucidação de problemas de ordem social.

Dessa forma, a ADC define-se como uma disciplina crítica voltada ao estudo de problemas sociais e está situada na Ciência Social Crítica e na pesquisa crítica sobre mudança social na sociedade contemporânea (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Magalhães; Martins; Resende, 2017). Um dos focos da Teoria Social do Discurso é a variabilidade, mudança e luta social travada no discurso.

Fairclough (2001) traz a proposta da concepção tridimensional do discurso, composta por extensões de análises que compreende: texto, prática discursiva e prática social. Esses três pilares formam o processo discursivo, que por meio deles se reproduz.

Essa concepção tridimensional, formulada por Fairclough (2001), deve recorrer a três tradições de investigação teórica, a saber: A tradição de análise textual e linguística, que surgiu no campo da Linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social e a tradição interpretativista ou microssociológica, que leva em conta o modo das pessoas de produzirem ativamente e entenderem a realidade social ao partilharem o senso comum (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

Em ADC o texto, primeiro pilar, é entendido como “todos aqueles produzidos nas mais diversas situações sociais, formais ou informais, tanto os escritos como os falados ou visuais.

São eles tanto produtos de um processo quanto um processo em si”, uma vez que ele surge em uma “dinâmica própria de um evento complexo que se relaciona ao tempo, à estrutura social e à ideologia.” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 42-43). O exame de textos mostra aspectos gramaticais – vocabulário, construções sintáticas, coesão, coerência – e discursivos – argumentação, retórica, modalidade, negação etc. – que serão marcas para a compreensão e interpretação de textos e de sua vinculação a uma determinada formação discursiva. Os textos podem constituir um *corpus* (conjunto de textos, selecionados, segundo critérios definidos de acordo à opção de recorte da pesquisa), cujos textos são submetidos à análise, buscando extrair regularidades discursivas. O segundo pilar são as práticas discursivas, das quais surgem os textos, elas serão interpretadas segundo aspectos institucionalizados na sociedade. As instituições sociais recorrem às práticas discursivas para manterem-se e reproduzirem-se (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

O terceiro pilar, isto é, a prática social, de acordo com Fairclough (2016) corresponde a uma articulação de tipos diferentes de elementos sociais. No próximo subitem desenvolveremos este assunto.

2.1.3.1 Elementos das práticas sociais: gênero, discurso e estilo

Como já foi dito, Fairclough (2016, p. 94) considera o discurso como “o uso de linguagem como forma de prática social”, uma proposição que traz algumas implicações.

De acordo com o teórico (Fairclough, 2016, p. 94-95), primeiro, o discurso é visto como um modo de ação em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, como também uma forma de representação. Seguidamente, implica uma relação dialética do discurso com a estrutura social. Outra implicação é que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo. Ou seja:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95)

Desta forma, para Fairclough (2016), o discurso constitui, cria, significa e constrói dimensões, convenções, relações, instituições e identidades sociais e o mundo, entretanto, ele

também é moldado e restringido pela estrutura social. Assim, Fairclough (2016) considera que para entender o uso da linguagem como prática social significa compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, constituído socialmente como também constitutivo de identidades sociais.

A dialética entre discurso e sociedade consiste na noção de que “o discurso é concebido como uma prática social que constitui e, ao mesmo tempo, é constituído pelas estruturas sociais” (Fairclough; Wodak, 1997 *apud* Gallardo, 2013, p. 50). “Isso implica que ele é uma forma de ação social, através do qual as pessoas podem agir no mundo e sobre outras, além de ser o mediador das práticas e da estrutura social onde ele é criado” (Gallardo, 2013, p. 50).

Neste sentido, o movimento discurso/práticas sociais é central, uma vez que envolve uma abertura teórico-metodológica que antecipa o enfoque das conjunturas como parte do trabalho analítico e incita o interesse na análise de práticas problemáticas decorrentes de relações exploratórias e consolida o papel do(a) linguista crítico(a) como agente na luta pela transformação de práticas sociais de dominação (Resende; Ramalho, 2019).

Michel Foucault (1995) considera o discurso como os diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social. Fairclough (2016) destaca a importância da contribuição deste estudo para a Análise de Discurso e comenta que se trata de uma grande contribuição para o descentramento do sujeito social nas recentes teorias sociais, “[...] para a visão do sujeito constituído, reproduzido e transformado na prática social e por meio dela, e para a visão de sujeito fragmentado” (Fairclough, 2016, p. 72).

Assim, para Fairclough (2016, p. 22) “Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem; diferentes discursos constituem entidades-chave e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso”.

Harvey (1992) vem criar o conceito de práticas sociais de seus estudos do materialismo histórico-geográfico. Para ele, o discurso é um momento de práticas sociais dentre outros, como as relações sociais, poder, práticas materiais, valores, crenças, instituições. O discurso internaliza os demais momentos, sem ser redutível a nenhum deles. Com isso, de acordo com Resende e Ramalho (2019), a ADC adota o conceito harveyano de “práticas”. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) dizem o seguinte, sobre práticas “são maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agirem juntas no mundo”.

Em outras palavras, Chouliaraki e Fairclough (1999), com base em Harvey (1992), propõem que o discurso seja considerado como um dos momentos da prática social ao lado das:

i) relações sociais – pensadas em termos verticais, abarca o acesso a recursos, ou seja, assimetrias de poder e horizontais, que envolve grau de familiaridade, solidariedade e intimidade entre atores sociais; ii) atividades materiais – conjunto de ações não semióticas, produzido durante as práticas; iii) crenças, valores e desejos dos atores sociais - apontam para a consideração da dimensão cognitiva (Gonçalves-Segundo, 2018).

Em ADC, as estruturas sociais são entidades potenciais, como a econômica, a escola, a língua etc. Por meio delas, define-se um conjunto de possibilidades para a realização de eventos, que possibilitam várias redes de relações sociais, as quais moldam os eventos. Essa relação é mediada pelas práticas sociais, isto é, entre a estrutura social e os eventos sociais, existem as práticas sociais (Barros, 2018). Dito de outro modo, conforme Fairclough (2003) e Gonçalves-Segundo (2018), entre o micro (texto e evento social) e o macro (língua e estrutura social) está o nível das práticas sociais, que, no plano discursivo, corresponde às ordens do discurso, responsáveis pela organização social e pelo controle da variação linguística.

De acordo com Gonçalves-Segundo (2018), as práticas são formadas por padrões de recursos multimodais (linguísticos e não linguísticos), expectativas socio semióticas que guiam as escolhas e as combinações em termos de identidade, de ações e de representações. Isto é, “as ordens do discurso são formadas por modos sociossemióticos de agir (gêneros), de representar (discursos) e de ser (estilos)” (Gonçalves-Segundo, 2018, p. 93).

Dessa forma, Barros (2015, p. 69, destaque da autora) explicita que o ponto fundamental “é entender ‘práticas sociais’ como uma articulação entre o *discurso* e outros elementos da vida social que estão intimamente ligados. Relações sociais, por exemplo, são parcialmente discursivas por natureza. Ou seja, o discurso é parcialmente constituído de relações sociais.”

Assim, o discurso se apresenta em três momentos de prática social: gêneros, discursos e estilos, que são compreendidos como modos distintos de agir e interagir discursivamente e formam *as ordens do discurso*, como um sistema, um potencial semiótico que limita o poder gerativo da linguagem (Barros, 2015, destaque da autora).

O momento de análise, portanto, será compreender como o discurso opera nas ordens de discurso, ou seja, nas práticas sociais em forma de gêneros, discursos e estilos.

Sobre a análise linguística, é importante destacar que Fairclough (2003), baseado no funcionalismo de Halliday (1994), ou seja, a Linguística Sistêmico-funcional (LSF) e nas três principais maneiras pelas quais o discurso figura em práticas sociais, defende que os estudos funcionalistas têm subsídios de análise que procuram “compreender, por meio de descrições e

análises, o funcionamento da linguagem usada nos textos com que se deparam (Fuzer; Cabral, 2014, p. 13)”.

Desse modo, o estudo das categorias funcionais “facilitam a compreensão do mundo que se revela pela linguagem” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 13), visto que vinculam os usos da língua ao contexto social e considera que “a língua é variável, um potencial de significados à disposição dos falantes, que dela fazem uso, para estabelecer relações, representar o mundo e, com isso, satisfazer determinadas necessidades em contextos sociais específicos” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 13).

De acordo com Resende e Ramalho (2019), o funcionalismo se baseia em uma teoria da linguagem que se coaduna com a ADC, porque aborda a linguagem como um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, além disso, tem o objetivo de estabelecer princípios gerais relacionados ao uso da linguagem, investigar a interface entre as funções e o sistema interno das línguas e demonstrar a relação entre as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico.

Halliday (1991) registra três macro funções que atuam simultaneamente em texto: função ideacional, função interpessoal e função textual. Entretanto, apesar de Fairclough (2003), basear-se no funcionalismo de Halliday, de acordo com Resende e Ramalho (2019), ele recontextualiza a LSF, alterando alguns pontos da teoria em seus modelos de análise de discurso.

Dessa forma a ADC, no bojo da análise do novo capitalismo, se ocupa prioritariamente dos processos de mudanças, socialmente materializados nas relações entre os gêneros discursivos (elementos semióticos da atividade material-ação), os discursos (elementos semióticos das representações que circulam nas práticas) e os estilos (manifestações semióticas dos indivíduos relacionadas às identidades) (Bessa; Sato, 2018, p. 128).

Assim, Fairclough (2003) propõe uma articulação entre as macrofunções de Halliday e os conceitos de *gênero*, *discurso* e *estilo*, sugerindo, no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: *o significado acional*, ligado a gênero; *o significado representacional*, ligado a discurso e *o significado identificacional*, ligado a estilo.

A ampliação, proposta por Fairclough (2003), do diálogo teórico entre LSF e ACD, enfatiza que

[...] os três significados do discurso atuam simultaneamente em todos e qualquer enunciado. O discurso se apresenta como parte das práticas sociais, na relação entre eventos e textos, nos modos de agir (significado acional), nos modos de representar (representacional) e nos modos de ser (identificacional) (*apud* Barros, 2015, p. 72).

Resende e Ramalho (2019) expõem a correlação dos significados faircloughianos, esclarecendo que há uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discurso, identificação e estilos como modos de agir, representar e identificar, sendo a análise discursiva um nível intermediário entre o texto e seu contexto social (eventos, práticas e estruturas), devendo ocorrer de forma simultânea à análise de como os três tipos de significados (acional - gêneros, representacional – discurso e identificacional – estilo) são utilizados e articulados no texto (Resende; Ramalho, 2019).

Resende e Ramalho (2019) nos trazem a concepção de linguagem como um momento de práticas sociais, interconectado a outros momentos dessas práticas, de forma dialética. As autoras explicam que tal concepção dispõe um lugar especial para as ordens de discurso (gêneros, discursos e estilos), assim “Gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas – por isso a operacionalização desses conceitos mantém o cerne do pensamento de Halliday” (Resende; Ramalho, 2019, p. 61). O significado acional enfatiza o texto como modo de interação em eventos sociais, o significado representacional destaca a representação de aspectos do mundo: físico, mental e social em textos e o significado identificacional focaliza a construção e a negociação de identidades no discurso (Resende; Ramalho, 2019).

No que se refere à análise linguístico-discursiva, apresentada no capítulo 4, desta tese, o trabalho analítico abrangeu apenas o significado representacional, nos textos coletados, uma vez que o objeto desta pesquisa compreende os discursos nos relatos venezuelanos.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é atingido satisfatoriamente com a análise apenas do significado representacional, pois nos interessa investigar os discursos a partir das práticas situadas na migração e seus efeitos na promoção de estratégias de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil.

Nos próximos subitens apresentaremos cada um dos significados, atendo-nos a algumas categorias analíticas deles, sem, contudo, nos determos na descrição dos modos de como proceder as análises, por motivo de delimitação.

2.1.3.1.1 Significado Acional – gênero (modos de agir)

O significado acional do discurso, conforme Fairclough (2003), é localizado no texto como forma de (inter)agir nos eventos sociais. Assim, cada prática social produz e utiliza

gêneros discursivos, que articulam estilos e discursos, num determinado contexto sócio-histórico e cultural.

Esse significado pode ser analisado em texto, em relação à articulação genérica. Resende e Ramalho (2019) explicam que quando se analisa um texto em termos de gênero, o objetivo consiste em examinar como ele está figurado na interação social e como contribui para ela em eventos sociais, sendo que a variação nas propriedades de gêneros pode ocorrer de atuação em escala local – associados a redes de práticas sociais relativamente limitadas; ou pode ocorrer na atuação em escala global.

Resende e Ramalho (2019), ainda esclarecem que os gêneros também podem variar em termos de grau de estabilização (padrões composicionais mais rigorosos) e homogeneização (padrões mais flexíveis), podendo também variar em níveis de abstração, numa distinção feita por Fairclough (2003) entre pré-gêneros e gêneros situados. Assim, as autoras descrevem que os *pré-gêneros* consistem em categorias abstratas que transcendem redes de práticas sociais e participam na composição de gêneros situados, que são formados por categorias concretas, utilizadas para definir gêneros e possuem um tipo de linguagem usado na performance de uma prática particular, podendo alçar diversos pré-gêneros. Um exemplo dessa articulação, de acordo com Resende e Ramalho (2019) seria uma reportagem que pode gerar pré-gêneros como a narrativa, argumentação e descrição.

Outra categoria linguística para analisar o significado acional em texto é a intertextualidade, com base em Bakhtin, para que a dialogicidade da linguagem se manifesta em textos. Todo texto articula diversas vozes. De modo que um texto responde a outro e antecipam respostas em uma cadeia dialógica, da mesma forma o discurso é polifônico, pois é dialógico. Nessa articulação dialógica, profícua para exame, outros elementos podem ser captados na análise da intertextualidade como a citação (discurso direto), a paráfrase (discurso indireto), as vozes e a pressuposição (Fairclough, 2003; Resende; Ramalho, 2019; Barros, 2015).

2.1.3.1.2 Significado Representacional – discursos (modos de representar)

Acionar o significado representacional significa evidenciar o “uso da língua como representação, estando relacionada com o mundo externo – eventos, ações, estados, etc. – bem como o mundo interno, incluindo crenças, representações, sentimentos, etc” (Barros, 2015, p. 75).

O Significado Representacional de acordo com Fairclough (2003) *apud* Resende; Ramalho (2019): [...] está relacionado ao discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem de suas posições no mundo e das relações que estabelecem com outras pessoas”. Enfim, são aspectos do mundo físico – objetos e relações e aspectos do mundo mental – pensamento, sentimentos, crenças, sensações (Fairclough, 2003).

Resende e Ramalho (2019) também esclarecem que os discursos podem variar e estabilidade e escala. Em contextos sócio-históricos definidos, podem apresentar alto grau de compartilhamento e repetição e gerar muitas representações. Na escala de atuação, conforme as autoras, um discurso pode variar de representações locais a representações globais, capazes de colonizar diversas práticas na vida social. Elas citam o exemplo do discurso neoliberal, que apresenta um alto grau de compartilhamento e atua em escala global.

Os diferentes discursos ocorrentes em um texto estabelecem relações entre si, isso porque eles se relacionam a diferentes posições de pessoas no mundo e a diferentes formas de relações entre elas, ficando evidente ou não, as disputas por poder, dominação, competição, cooperação, desejo de mudança, que são recursos discursivos socialmente diferenciados e se manifestam em textos (Bessa; Sato, 2018). Assim, qualquer texto, de acordo com Bessa e Sato (2018), é constituído de diferentes discursos, sendo que até aqueles que parecem apresentar somente um discurso, guardam relação implícita com um outro e emergem das relações de práticas sociais e coexistem em relações complementarias ou antagônicas. A essa articulação de discursos em texto, denomina-se interdiscursividade (Bessa; Sato, 2018).

Fairclough (2003) sugere que a identificação de um discurso requer a consideração: do grau de repetição de um discurso, da correlação com determinado grupo de pessoas, da relativa estabilidade do discurso ao longo do tempo e da análise do contexto para chegar a uma conclusão.

Sobre isso, Resende e Ramalho (2019) explicam que a identificação de um discurso em um texto cumpre duas etapas: a identificação de que partes do mundo são representadas (os temas centrais) e a representação da perspectiva particular pela qual são representadas. Essa perspectiva particular de representação de aspectos do mundo pode ser especificada por meio de traços linguísticos.

Neste trabalho, alguns traços linguísticos foram identificados como relevantes para acessar o significado representacional e são representados pelas seguintes categorias de análise: interdiscursividade, atores sociais e sistema de transitividade (processos materiais, mentais,

comportamentais, verbais e relacionais). Tais categorias linguísticas serviram para acionar os aspectos do mundo físico e mental dos sujeitos e serão apresentadas no subitem 3.3.1, o qual apresenta as categorias linguísticas da análise dos enunciados.

2.1.3.1.3 Significado Identificacional – estilo (modos de ser)

O significado identificacional relaciona-se ao conceito de estilo, que segundo Fairclough (2003) compõem aspectos discursivos de identidades, isto é, envolve efeitos constitutivos que correspondem à identificação de atores sociais. O autor, sugere que essa identificação inclui o aspecto dialético, no qual os discursos constituem identidades como a identificação pressupõe a representação.

Uma maneira de analisar o significado identificacional em textos é acionar os conceitos de identidade e diferença dos estudos culturais (Silva, 2011; Hall, 2009) e o embate discursivo entre identidades em luta hegemônica entre fixação/estabilização e subversão/desestabilização (Resende; Ramalho, 2019).

Entre as categorias relacionadas ao significado identificacional, presentes em textos, estão a avaliação, a modalidade e a metáfora. Embora nossa pesquisa não tenha contemplado a análise do significado identificacional, acionamos as categorias de avaliação e modalidade nos textos, a fim de identificar e analisar os aspectos do mundo interior do sujeito, tendo em vista serem substanciais para a identificação dos discursos articulados pelos sujeitos e pela prática profícua de considerar a interrelação entre os significados.

Sobre isso, Resende e Ramalho (2019, p. 85) explicam: “[...]o processo de identificação, sempre é afetado pelo processo de relação social, o que implica que escolhas de modalidade são significativas não só na identificação, mas também na ação e na representação, em um exemplo claro da dialética entre os três aspectos do significado”. Desse modo, a análise das modalidades e das avaliações nos enunciados são substanciais para esta pesquisa, tanto para processos de identificação como para os de representação, no sentido de caracterizar os aspectos mentais dos sujeitos.

2.2 Mudança social: prática e discurso

Mudança social implica prática social e, conforme Magalhães, Martins e Resende (2017), falar de prática social é trazer o contexto social e suas implicações à discussão. Os autores explicam que o contexto tem a ver com os participantes e suas posições sociais, a instituição com seus mecanismos de controle e de reprodução, o momento histórico com suas dinâmicas, assim como a relação com a sociedade abrangente e os mecanismos de reprodução.

Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 134-135), também deixam claro que o desenvolvimento das práticas sociais se relaciona com questões de poder e ideologia, da seguinte forma:

1. O poder é um aspecto presente na sociedade que é limitado conforme alguns aspectos: no âmbito pessoal é dosado pela amizade, afeto e a solidariedade; no plano macro é limitado pelos mecanismos democráticos, os quais servem de freio aos excessos e abusos do poder. Contudo, o poder hierarquiza grupos e instituições, cargos e funções e gerencia a distribuição desproporcional de bens materiais, bens simbólicos e a administração da justiça. A luta pelo poder pode levar à instauração de guerra, a vários tipos de opressão e ao genocídio.

2. A luta pelo poder – acesso, usufruto e controle – é um aspecto constante no desenvolvimento histórico das sociedades, em diversas instâncias e em diferentes âmbitos da sociedade.

3. Na luta pelo poder – para mantê-lo ou para conquistá-lo, a ideologia desempenha papel principal, pois ela embasa as ideias, mobiliza os sentidos, as representações de mundo e as perspectivas de interpretação da realidade social. Considerada sentido a serviço do poder, ela pode servir aos interesses de quem pretende manter o poder e reproduzir seus mecanismos ou de quem pretende alcançá-lo ou redistribuí-lo.

Para efeito dialógico, indagamos como o discurso estaria implicado na questão de mudança social. Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 140) contestam que a linguagem opera nas práticas sociais e explicam que as práticas são atravessadas pela linguagem e por meio dela e podem ser reproduzidas e transformadas. “O processo discursivo sendo vinculado a questões de poder e ideologia está sujeito, portanto, às lutas em torno da fixação de sentidos”.

No que diz respeito à visão de sujeito como agente social, dentro da perspectiva da ADC, Resende e Ramalho (2019) argumentam que a ideologia muitas vezes é internalizada e naturalizada pelas pessoas, causando autoconstruções reflexivas, cada vez mais influenciadas por informações circundantes, para sustentar relações de dominação. No entanto, a busca pela

autoidentidade, que deve ser criada e sustentada nas atividades reflexivas do indivíduo, também pode sinalizar possibilidade de mudança social.

Sobre isso, Fairclough (2016) comenta que os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, corroboram a manutenção ou transformação de estruturas sociais e que no evento discursivo, normas são modificadas, questionadas ou confirmadas em ações transformadoras ou reprodutivas. O mesmo autor explica que agentes sociais são socialmente constrangidos, contudo, suas ações não são completamente determinadas, esses agentes também têm seus próprios ‘poderes causais’, que não são redutíveis aos poderes causais de estruturas e práticas sociais.

Isso significa que, embora haja constrangimentos sociais definidos pelos poderes causais de estruturas e práticas sociais, os agentes sociais são dotados de relativa liberdade para estabelecer relações inovadoras na (inter)ação, exercendo sua criatividade e modificando práticas estabelecidas. Desse modo, a importância do discurso na vida social transita entre a regulação e a transformação (Resende; Ramalho, 2019, p 46).

Essa visão de agente social é igualmente central em nosso estudo, pois acreditamos que realidades sociais como o domínio exercido pelo poder de um grupo, sobre os demais, podem ser desarticuladas e essa possibilidade está relacionada à agência humana.

Portanto, a agência é uma habilidade conferida ao indivíduo de poder transformar a vida, a capacidade de suportar e superar a coerção, ainda que extrema, ou que haja limites ou restrições. Por meio dela, o indivíduo sente que detém o conhecimento e a capacidade de ação e, a partir dessa consciência, busca aprender a intervir e modificar o fluxo social, observando, avaliando e modificando constantemente a si mesmo (Batista Jr; Sato; Melo, 2018).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999) a ação representa um artifício potencial para a superação de relações assimétricas, desde que esse elemento ativo seja subsidiado por uma flexibilidade crítica, que de acordo com Batista Jr., Sato e Melo (2018), consiste na capacidade de mudança a partir da incorporação de novos valores e conhecimentos pelos indivíduos, que passam a agir em consonância com uma nova identidade.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ADC tem em seu cerne a relação dialética entre discurso e sociedade e, se organiza em torno dessa relação, porque seu interesse está em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, de poder e de controle, presentes no discurso, englobando um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social, bem como envolvendo teoria e método para mapeamento de conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade (Vieira; Macedo, 2018).

Fundamentada nessa concepção, a ADC tornou-se um dos mais importantes meios para investigar a linguagem em uso, cuja função nas interações sociais é privilegiada para além da forma. A relação entre linguagem e sociedade é revelada, assim, por meio da ADC, que possibilita teorias de funcionamento da linguagem para análise de texto, pois descreve e mostra como o discurso é moldado pelas relações de poder nos processos ideológicos das práticas discursivas (Vieira; Macedo, 2018).

Segundo Fairclough (2016), a ADC embasa pesquisas aplicáveis e politicamente envolvidas em um ideário emancipatório. Para isso, articula-se com uma firme sustentação de bases filosóficas, como o marxismo ocidental, a filosofia da linguagem de Bakhtin, o conceito de discurso de Michel Foucault, entre outras. É por isso que este trabalho busca utilizar-se deste aparato crítico-discursivo na tentativa de “produzir e apresentar conhecimento crítico que capacite seres humanos a emanciparem-se de formas de dominação mediante a autorreflexão” (Wodak; Meyer, 2009, p.7).

Posto isso, neste capítulo, apresentaremos a natureza da pesquisa e seu percurso metodológico. Para esse intento, criamos seções específicas para que, cada uma, destaque um aspecto do processo de construção desta pesquisa, apresentando seu modo de realização.

Para isso, iniciaremos com a caracterização do tipo de pesquisa, procurando estabelecer diálogo com as orientações teórico-metodológicas da ADC, depois discorreremos sobre como se constitui a pesquisa em ADC como teoria e método de análise. O enquadre metodológico será apresentado e exemplificado em seguida, pois constitui os passos da pesquisa e a condução da prática analítica. Na sequência, contextualizaremos as três análises com suas categorias, a saber, a análise da conjuntura, a análise da prática particular e a análise de enunciados (linguístico-discursiva). Para finalizar o capítulo, apresentaremos os participantes da pesquisa, a configuração do *corpus* e os instrumentos para coleta de dados.

Importa apontar que o recorte histórico desta pesquisa se situa na intensificação do fluxo migratório venezuelano que se instaurou a partir de 2015 até os dias atuais, contudo realizaremos uma contextualização histórica mais ampla na análise da conjuntura, devido aos objetivos da pesquisa e às orientações metodológicas.

O recorte histórico contextual para a análise da prática particular se refere ao período político, que vai desde o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff até o governo de Jair Bolsonaro e finaliza-se, com o primeiro semestre do governo do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A exceção deste último semestre (que é influenciado pelo crescimento do movimento ultraconservador e, ainda, vive as consequências de políticas de extrema-direita), houve um período marcado por grandes rupturas histórico-sociais devido ao crescimento de movimentos conservadores como também pelo alinhamento aos interesses imperialistas, que se destacaram por meio de discursos combativos aos direitos das minorias e de grupos em desvantagens.

3.1 Pesquisas Qualitativas

A abordagem qualitativa se assenta sobre orientações ontológicas, epistemológicas e metodológicas que são relevantes para a pesquisa que se volta para as questões sociais. Por isso, nesta seção, trataremos de dialogar sobre essas orientações, visando situar nossa pesquisa nessa perspectiva metodológica.

Para Denzin e Lincoln (2006), o mundo é visto pelo pesquisador como um conjunto de ideias e esquemas (ontologia), além disso, com uma gama de questões (epistemologia), que são examinadas de modos específicos (metodologia). Nessa esteira, para Mason (2002), toda definição de um projeto de pesquisa precisa envolver primeiramente, a percepção acerca da realidade social, isto é, a ontologia, pois são essas percepções ontológicas que geram as determinações nos aspectos epistemológicos e metodológicos. O autor destaca a relevância da pesquisa qualitativa que é envolver o pesquisador em coisas que importam do modo como importam. Isso tem a ver com a compreensão da realidade e com os conceitos de mundo.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006, p.17),

[...] é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários

naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Além desses aspectos, a pesquisa qualitativa considera que a realidade é subjetiva, múltipla e diferente para cada pessoa, que há interação com o objeto e o sujeito para construir significados. A visão de mundo do pesquisador acaba fazendo parte desse processo (Barros, 2015).

Barros (2015) acrescenta que cada projeto de pesquisa é importante para influenciar, melhorar ou revolucionar nossos conceitos a respeito da realidade e o que supomos sobre a realidade, do que existe e da essência das coisas. Tudo isso compõe a ordem ontológica. Do mesmo modo, aquilo que supomos a respeito da natureza do conhecimento, isto é, o modo como adquirimos conhecimento e como podemos conhecer a realidade são questões epistemológicas.

Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 30-31), baseados em Schwandt (2006), explicam os três estilos epistemológicos para a pesquisa qualitativa, a saber: a hermenêutica filosófica, que defende a ideia de que a compreensão é uma condição do ser humano, em lugar de ser controlada por regras. Defende também que não há como fugir de prejulgamentos para chegar a uma compreensão clara; o construcionismo social, para o qual os seres humanos não podem encontrar ou descobrir conhecimento tanto quanto seja construído ou elaborado; e o interpretativismo, cujo ponto principal é o significados das ações sociais, sendo a ação social significativa, quando apresenta um conteúdo intencional ou quando há a compreensão que seu significado é pertencente a um sistema.

Nesses termos, a ADC “situa-se na tradição qualitativa interpretativista, em virtude do foco na análise detalhada de textos e discursos [...] trata-se de um método que conjuga o estudo textual-discursivo à crítica social.” (Magalhães, Martins e Resende, 2017, p. 33). Nessa base conceitual, os autores também explicam que

[...] um dos aspectos centrais da teoria do funcionamento social da linguagem em ADC, então, é a abordagem da relação entre linguagem e sociedade, definida como uma relação interna de mão dupla. A natureza interna dessa relação significa que textos são resultantes da estruturação social da linguagem, mas são também potencialmente transformadores dessa estruturação, do mesmo modo como os eventos sociais são resultado e substrato das estruturas sociais (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 33).

No que se refere à crítica social, deve haver menos preocupação com a objetividade, quando nos posicionamos como cientistas e, mais em oferecer a nossos leitores alguma experiência poderosa, que resulte em uma preocupação com o outro, assim, a crítica social deve buscar a reconciliação com as nossas subjetividades críticas (Lincoln; Denzin, 2006).

Com relação a isso, Denzin e Lincoln (2006, p. 17) escrevem que é necessário “relacionar a pesquisa qualitativa às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre”. De tal maneira, essa perspectiva de estudo investigativa é de suma importância para atingir as metas desta pesquisa que visa desvelar estratégias ideológicas de dominação e contribuir para a promoção de práticas de emancipação de grupos em desvantagens, como é o caso dos migrantes venezuelanos no Brasil.

Flick (2004) defende que o trabalho com textos tem sido a base da pesquisa qualitativa e que a análise deve partir de textos e dados empíricos para se chegar a uma dada interpretação e esta, por sua vez, é tomada como elemento estruturante da análise qualitativa.

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), a compreensão e a explanação formam as duas partes do complexo processo da interpretação. Os autores destacam que, embora o texto possua um limite para o que pode significar, ele pode ser compreendido de várias formas, pois a instância da semiose não determina, exclusivamente, um significado.

A explanação nas pesquisas em ADC implica na investigação relacionada a problemas práticos da vida social, tendo em vista uma crítica explanatória, com base na descoberta de problemas sociais, que emergem das práticas sociais e que, a partir delas, busca formas para sua superação (Barros, 2018).

Sobre o lugar do texto na pesquisa em ciências sociais, Martins (2018, p. 163) nos esclarece que:

O objeto de estudo nas ciências sociais é a vida textualmente mediada: as diversas práticas implicam textos. Por sua vez, as práticas são formadas de produção da vida social localizadas em uma rede de relações com outras práticas. Tais relações determinam sua constituição e apresentam-se dotadas de um caráter reflexivo.

Logo, a pesquisa qualitativa que lida com a investigação a partir de textos está em estreita ligação com seu objeto de estudo, ou seja, com a vida social textualmente orientada, nas ciências sociais. Assim, este trabalho será feito a partir da pesquisa da vida social textualmente mediada, localizada em uma rede de relações com outras práticas.

A escolha desse formato de pesquisa com caráter qualitativo, também, nos oferece um aparato teórico-prático que nos ajudará a atingir um dos objetivos desta pesquisa que é contribuir com os estudos sobre as questões contemporâneas, os processos de emancipação e os processos de consciência ética.

3.2 Pesquisas em Análise de Discurso Crítica

Moita Lopes (1998) considera que uma das questões mais cruciais da pesquisa contemporânea é considerar a necessidade de ir além da tradição e apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Ele explica que para tal são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que agem no contexto de aplicação. O referido autor pergunta ainda: “Como as novas descrições para o sujeito social em sua heterogeneidade podem ser construídas por teorias que auxiliem a problematizar as imbricações de poder, diferença e desigualdade?” (Moita Lopes, 2006, p. 25).

No tocante a esse pensamento, Kumaravadivelu (2006) discorre sobre a necessidade de pesquisas que conduzam para um ideário pós-moderno, as quais possam desconstruir posições hegemônicas e contra-hegemônicas, trazendo à tona a ideologia, o poder, o gênero, a classe e a raça, enfim, tratando a linguagem como discurso.

Rajagopalan (2006) também concorda com esse pensamento no sentido da necessidade de construir conhecimentos mais responsivos à vida social em tempos pós-coloniais, considerando as condições reais de uso da linguagem e realçando a vertente política da pesquisa de modo a tornar possível ir ao lugar onde as pessoas vivem em busca da construção de teorias locais.

Norman Fairclough (2016), igualmente, contribui com a base teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica, desenvolvida também por ele, que se baseia na percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais (Fairclough, 2016). Com base em Fairclough (1989, 2016[2001], 2003), a ADC se situa na Ciência Social crítica⁸ e na pesquisa crítica sobre a mudança social⁹. É definida como: “uma disciplina crítica voltada ao estudo de problemas sociais” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 21) e “uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas” (Resende; Ramalho, 2019, p.7).

⁸Melo (2018, p. 24) esclarece sobre o movimento que influenciou as Ciências Sociais: “A Escola de Frankfurt corresponde ao agrupamento dos trabalhos que alguns intelectuais alemães de orientação marxistas (Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, entre outros) desenvolveram no início do século XX. A Escola de Frankfurt sistematizou as primeiras teorias críticas sobre a sociedade de consumo e produziu pesquisas sobre como a lógica capitalista interfere no desenvolvimento humano. Essa tradição de estudos legou diferentes correntes teóricas das ciências humanas (Zuin; Pucci, Ramos-de-Oliveira; Guaresschi, 2005; Vandenbergue, 2010).”

⁹ De acordo com Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 52), trata-se de uma mudança abrangente que implica a transformação da realidade provocada pela intervenção dos diversos aspectos presentes numa determinada conjuntura.

Barros (2018) explica as bases filosóficas da ADC que impulsionaram os estudos críticos de Fairclough (1989 2016[2001], 2003). Segundo a autora, o marxismo ocidental é a pedra fundamental para a compreensão da abordagem da ADC, assim como a filosofia da linguagem de Bakhtin (2003 [1979]), que traz a fundamentação do dialogismo¹⁰, cujos ensaios englobam o domínio das ciências humanas e a vertente filosófica do pensamento de Michel Foucault (2003[1971]), que incorporou à ADC o conceito de discurso, influenciando o pensamento de Fairclough. Ainda, segundo a autora, a abordagem da ADC combina teoria e métodos da análise textual e da linguística sistêmico-funcional de Halliday (1994) e está em consonância com o realismo crítico de Bhaskar (1998, 2002) e de Barros (2015), que consideram o mundo social como um sistema aberto, em constante transformação.

Esses aspectos estão em consonância com o entendimento da linguagem como um “fenômeno social, com todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorre.” (Rajagopalan, 2004, p.35). Sobre a linguagem, Fairclough (2016) a compreende como parte integrante de processos de mudança social. Sua abordagem confere atenção ao papel da linguagem nas lutas sociais, nas transformações de relações de poder e nas tensões que caracterizam o processo de produção e interpretação textuais em uma relação dialética: a linguagem atuando na mudança social e as mudanças sociais atuando na linguagem (Vieira; Macedo, 2018).

Essa visão dialética que concebe a relação entre linguagem e mudança social, também, sustenta a visão de sujeito para a ADC. Fairclough (2016, p. 73) explica que a posição sobre o discurso e a subjetividade “é dialética, que considera os sujeitos sociais moldados pelas práticas discursivas¹¹, mas também capazes de remodelar e reestruturar essas práticas”.

10 Conforme Barros (2018, p. 40), Bakhtin influenciou o pensamento faircloughiano por ele ser o primeiro a ter uma visão filosófica de linguagem e ideologia, A linguagem é polifônica e remete a uma cadeia dialógica, na qual várias vozes interagem. Barros (2018) adota as palavras de Bakhtin (2003, p. 290) quando diz: “o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento do ouvinte”. Segundo a autora, o posicionamento bakhtiniano é de que textos respondem a textos anteriores, bem como antecipam textos posteriores, fundamentando as categorias intertextualidade e interdisciplinaridade e contribui para os estudos de Foucault (2003) sobre a concepção de linguagem e poder.

11 “Prática discursiva foi um conceito utilizado por Foucault (1995) como sendo um conjunto de regras sociais e históricas que regulam a atividade enunciativa. Fairclough (2001) apropria-se do conceito, percebendo-o como os processos de produção, distribuição e consumo dos textos. As condições e os recursos são decorrentes das estruturas e das convenções sociais, dos modos compartilhados pelos sujeitos sociais” (Sato; Batista Jr., 2018, p. 187). Conforme Fairclough(2001), a prática discursiva contribui não somente para reproduzir a sociedade, em suas identidades, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença, como também, possibilita a sua transformação. As práticas discursivas/semióticas encaixam-se em práticas sociais, constituindo-se em um dos seus momentos (Gonçalves-Segundo, 2018).

Em relação às mudanças sociais, a finalidade é compreender as relações dialéticas entre as semioses¹² e outros elementos da vida social, com o objetivo de estabelecer, reproduzir e realizar mudanças nas relações desiguais de poder. Esse processo de transformação social é dialético e pressupõe conexão entre elementos semióticos e outros elementos da vida social. Também é discursivamente orientado, pois as mudanças ocorrem primeiramente nos discursos, por meio da recontextualização discursiva (Fairclough, 2016).

Assim, “é importante destacar que a teoria social do discurso analisa a vida social em perspectivas discursivas a partir de uma base comprometida com um conjunto de valores que prezam a igualdade social, a justiça social e a democracia” (Lira; Alves, 2018, p. 113).

Por essa razão, essa teoria se torna imprescindível para fundamentar esta pesquisa, uma vez que tratamos de descrever e refletir sobre processos de mudanças sociais sob circunstâncias de assimetrias de poder e injustiças sociais.

A ADC também consiste no “conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social¹³” (Vieira; Macedo, 2018, p. 49). Essa descrição aponta para duas bases constitutivas da ADC que precisamos abordar: a transdisciplinaridade e a linguagem como prática social.

No que se refere à transdisciplinaridade, a ADC, desde a sua origem, apresenta essas características devido ao caráter crítico, à visão dialética e à concepção de discurso de sua base, cuja formação advém de outras disciplinas como a linguística crítica, as teorias neomarxistas, os estudos da Escola de Frankfurt e os estudos da linguística sistêmico-funcional. Portanto, as análises nesse campo necessitam de uma aproximação entre as teorias e os conceitos das demais áreas do conhecimento das Ciências Sociais. É sabido que a ADC, nas últimas décadas, associou-se a diferentes disciplinas como sociologia, filosofia, história, literatura, antropologia, estudos culturais, psicologia, linguística, educação, semiótica, pragmática, comunicação (Vieira; Macedo, 2018).

¹² A semiose são os significados coletivamente atribuídos às representações de grupos ou a conceitos como as imagens, a linguagem corporal e a própria língua, isto é, o estudo do discurso pode ser explorado em diferentes configurações (Fairclough, 2016).

¹³ O processo social é concebido na interação mútua em três momentos: estruturas sociais, práticas e eventos. As estruturas sociais são entidades mais amplas ou abstratas; as práticas sociais são as entidades organizacionais que fazem mediação entre estruturas sociais e eventos. As línguas como estruturas sociais constituem possibilidades, selecionadas por uma rede de práticas sociais no aspecto linguístico ou ordem de discurso e se concretizam em textos. Assim, as práticas sociais articulam o discurso como linguagem, juntamente com outros elementos não discursivos (Gonçalves-Segundo, 2018).

Tais disciplinas, que auxiliam o trabalho analítico da ADC, configuram o desenvolvimento de uma heterogeneidade de abordagens interdisciplinares que articulam os aportes teóricos e metodológico de diferentes disciplinas, especialmente de abordagens das ciências sociais (Resende; Ramalho, 2019).

Sobre a linguagem como prática social, Fairclough (2016, p. 94) considera “o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual”, desta maneira, explica o autor, que o discurso é entendido como prática social e como modo de ação no mundo, como também um “modo de representação”. Barros (2015) ressalta que, quando nos posicionamos discursivamente por meio de textos¹⁴, apresentamos representações acerca do mundo material, social e mental, como também sentimentos, emoções e identidade. Essas representações, explica a autora, são sempre partes das “práticas sociais”.

O conceito de “práticas sociais” também é, assertivamente, explicado por Barros (2015, p. 68) da seguinte maneira:

O conceito de “práticas sociais” foi concebido com base no materialismo histórico-geográfico de Harvey (1996), pois, conforme esse autor, *o discurso é apenas um elemento das práticas sociais entre outros, como interações, relações sociais, pessoas com suas crenças, atitudes e identidades – e o mundo material*. Nesse sentido, as “práticas sociais” são articulações de diferentes elementos sociais, associadas com alguma área da vida social, a exemplo da prática social de sala de aula, de reuniões políticas, de associações de bairros, etc.

Quanto ao aspecto analítico¹⁵ e ao papel da semiose nos processos de mudanças da contemporaneidade, a ADC considera:

[...] a análise das relações dialéticas entre as semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as

¹⁴Para Fairclough (2016), texto é considerado como uma dimensão do discurso: o ‘produto’ escrito ou falado do processo de produção textual. De acordo com Vieira e Macedo (2018), o texto é a unidade mínima de análise em ADC. São os textos, em seus diferentes gêneros, que possibilitam as interações e as relações sociais, com suas crenças, seus valores, seus contextos, suas ideologias. Assim, existe uma relação estreita entre texto e sociedade, de forma que inclusão do contexto social na análise de textos é fundamental para descrever, explicar, revelar e interpretar os diferentes discursos nas práticas sociais. Os autores ressaltam que texto é interação, representação de mundo e identificação de si mesmo.

¹⁵ O aspecto analítico da ADC é explicado por Bessa e Sato (2018, p. 126) deste modo: “A proposta de Fairclough é realizar uma análise consistente em termos de sustentação argumentativa, com evidências em análise de práticas, e construir um novo sentido para as ideologias naturalizadas, dessa forma, desvelando manifestações de poder. A demonstração desses traços acontece por meio da constatação de aspectos semióticos e dialéticos nas diferentes formas de existir da ideologia, situando-as em uma estrutura de poder. Esse movimento passaria da análise de textos à análise de estruturas e de suas manifestações, ou seja, à explanação (explicação das funções do discurso nas produções/reproduções do poder)”.

mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro na rede de práticas (Fairclough, 2012, p. 309).

Nessa direção, Magalhães, Martins e Resende (2017) esclarecem sobre o aspecto analítico da ADC, o contexto em que ela se insere e a proposta de teoria e método para o estudo do discurso na contemporaneidade:

[...] dedica-se à análise de textos, eventos e práticas sociais no contexto sócio-histórico, principalmente no âmbito das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso. Ela oferece uma contribuição significativa da Linguística para debater questões da vida social contemporânea [...] (Magalhães, 2003 *apud* Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 27).

Desse modo, esta pesquisa aplica esses conceitos, em sua base teórica e analítica e transita de modo interdisciplinar pelos estudos linguísticos, históricos, sociológicos e geopolíticos, a fim de realizar estudos críticos da linguagem como prática social em contexto específico da contemporaneidade, por exemplo, o processo de migração.

Portanto, a ADC “[...] mapeia as relações entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade porque concebe a linguagem como prática social e o contexto como elemento crucial” (Vieira; Macedo, 2018, p. 65).

Pelo exposto, podemos dizer que a ADC se ajusta aos propósitos desta pesquisa, cuja proposta busca incidir sobre problemas práticos da vida social contemporânea, qual seja aqueles relacionados aos fluxos migratórios venezuelanos e ao migrante, como grupo em situação de vulnerabilidade.

Assim sendo, esta pesquisa está direcionada para as questões sociais de grupos oprimidos, pois se relaciona com a realidade atual do mundo globalizado e pós-moderno, busca compreender e analisar as condições sociais em que as questões discursivas acontecem, bem como visa propor posicionamentos por parte dos sujeitos que atuam no processo educativo. Portanto, nosso dispositivo teórico, metodológico e analítico se situa e se baseia no arcabouço da Análise de Discurso Crítica (ADC).

3.2.1 Enquadre teórico-metodológico de pesquisa em ACD

A proposta de Fairclough para a Teoria Social do Discurso e como inovação para a análise de discurso é o foco nas mudanças discursiva e social e trabalha com um modelo que

considera três dimensões possíveis de serem analisadas: a prática social, o texto (descritos como uma dimensão do evento discursivo) e a prática discursiva que media as duas primeiras dimensões e focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto e processos sociais (Resende; Ramalho, 2019). A dimensão de análise textual é indicada como “descrição”, e as dimensões de análise de prática discursiva e de prática social, “interpretação” (Lira; Alves, 2018, p. 106).

Os princípios basilares que orientam essa metodologia são a orientação para a possibilidade de mudança social que encontra apoio na epistemologia do Realismo Crítico de Bhaskar (1989); o conceito de dualidade da estrutura de Giddens (1989); a prática social (inspirado na filosofia marxista da práxis); a internalização de Harvey (1996); a articulação de Laclau e Mouffe (2004) e a hegemonia de Gramsci (1995) (Resende; Ramalho, 2019). Dessa forma, Fairclough (2016) procura combinar relevância social e especificidade textual ao fazer análise de discurso e explicar a mudança.

Esse modelo tridimensional de Análise de Discurso corresponde às dimensões do discurso e a enquadra na análise de práticas sociais concebidas em sua articulação. Ademais, constitui a base para o enquadre teórico-metodológico de pesquisa em ACD e, recentemente, tem norteado as etapas dessas pesquisas.

Chouliaraki e Fairclough (1999) e Resende e Ramalho (2019, p. 35-37) apresentam esse enquadre teórico-metodológico na forma de diversas orientações a serem seguidas, objetivando o estudo de um problema social em curso na sociedade contemporânea. De acordo com Resende e Ramalho (2019, p. 36-37), o “objetivo é refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social”. É composto por cinco estágios: 1. percepção de um problema; 2. identificação dos obstáculos para a superação do problema; 3. função do problema na prática; 4. possíveis maneiras de superar os obstáculos; 5. reflexão sobre a análise.

Em relação a esses cinco estágios, faremos sua apresentação, uma vez que eles conduziram esta pesquisa, relacionando-os às ações realizadas por nós, a fim de exemplificar o processo investigativo desta tese.

De acordo com o enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999), toda pesquisa em ACD deve iniciar pela **percepção de um problema** (grifo nosso), baseado em relações assimétricas de poder e na distribuição assimétrica de recursos materiais e simbólicos em práticas sociais, na naturalização de discursos particulares como sendo universais.

Nesta pesquisa, partimos da percepção de um processo em curso, que nos causou inquietações, neste caso, a inferiorização do migrante venezuelano em território brasileiro, manifestada em forma de experiências de hostilização, xenofobia e discriminação, relatadas por alunos venezuelanos do curso de português para imigrantes, conforme descrevemos na introdução deste trabalho. Partimos desse problema, que, inicialmente, foi formulado como hipótese levantada a partir dos relatos.

Com a realização da pesquisa e com o aprofundamento teórico, chegamos à definição deste problema como uma prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano no Brasil. Essa problemática foi definida a partir de fontes que embasaram a análise da prática particular, que diz respeito às descrições de diferentes elementos da vida do imigrante, com foco nas práticas discursivas e sociais, bem como se apoia nas teorias de Paulo Freire (1987), de Bourdieu (1992) e nos estudos de Germano (2013) e de Costa, Santos e Vale (2020). O problema foi levantado na introdução deste trabalho, discutido e aprofundado na análise da prática particular na seção 4.2.1.

Em relação ao problema desta investigação, apresentamos, a seguir, os caminhos que trilhamos para abordar nosso objeto de pesquisa.

Inicialmente, após a percepção do problema, fizemos o segundo estágio, denominado de **identificação dos obstáculos para a superação do problema**. No tocante à nossa pesquisa, trata-se da identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado (a prática ideológica de inferiorização simbólica do migrante venezuelano em território brasileiro) e são considerados obstáculos para a mudança social. (Nessa etapa realizamos três tipos de análises que foram desenvolvidas juntas e são apresentadas no capítulo 4 desta tese: a) análise da conjuntura; b) análise da prática particular e c) análise do discurso. Para mostrar sua pertinência nesta pesquisa, apresentamos, de forma resumida, como essas análises foram mobilizadas:

a) Análise da conjuntura corresponde à primeira análise do estudo, na qual apresentamos a configuração das práticas sociais associadas ao problema e das quais o discurso é parte. Para isso, o contexto no qual ocorre a crise venezuelana é mobilizado, relacionado aos aspectos históricos, geopolíticos, político-econômicos e sociais, bem como à sociedade abrangente em nível macrossocial, inter-relacionado às intervenções globais que se articulam e interferem no país de forma a manter a estrutura de dominação para fins hegemônicos e de manutenção dos mecanismos de reprodução. Alguns dos motivos pelos quais o problema se sustenta tem a ver com estes aspectos ocorridos na história e na configuração geopolítica.

Assim, tal contexto constitui o panorama do qual os discursos emergem, sob as operações das estruturas de dominação. Esta parte se delinea na seção 4.1.

b) Análise da prática particular¹⁶ está direcionada para os momentos da prática com foco no discurso e para as relações entre o discurso e os outros momentos. Neste trabalho, o objetivo desta etapa é a análise com foco nas práticas particulares da migração venezuelana. Assim, partimos de uma visão mais ampliada, realizada na análise da conjuntura, que localiza, historicamente, o evento migração, para chegar às práticas específicas, nas quais a prática discursiva tem sua ocorrência. O foco, portanto, são as práticas problemáticas que são decorrentes de relações sociais e ideológicas, assentadas na ideologia globalizada do sistema capitalista o qual influencia as práticas sociais e discursivas locais e proporciona relações assimétricas de disputas pelo poder. Fica evidente, nessa articulação, a estreita relação entre discursos, práticas e outros elementos sociais que são priorizados na análise e compreendidos em uma relação que envolve articulação e internalização. Assim, na posterior realização de análise de amostras discursivas, historicamente situadas, é interessante perceber a internalização de outros momentos da prática, como a interiorização de relações sociais e ideologias no discurso. Esta parte da análise é descrita na seção do item 4.2.

c) Análise do discurso está orientada para a estrutura (relação da instância discursiva analisada com ordens de discurso e sua recorrência a gêneros, a vozes e a discursos de ordens de discursos articulados) e para a interação (análise linguística de recursos utilizados no texto e sua relação com a prática social). Assim, ela corresponde à terceira análise com ênfase no discurso dos participantes da pesquisa. O enfoque da análise que compreende a seção 4.3 está na estrutura, com foco na identificação dos discursos e, na interação, centra-se nos recursos utilizados nos textos e sua relação com a prática social. À vista disso, analisamos as representações materializadas nos enunciados dos participantes da pesquisa como forma de compreender quais discursos estão inseridos nas redes de práticas sociais, relacionados ao evento social da migração venezuelana e como certos discursos influenciam os mecanismos ideológicos de opressão e desfavorecimento e como outros podem estabelecer relações antagônicas com esses mecanismos. A análise de textos e de suas marcas linguísticas mostrou marcas de outros elementos para a compreensão da prática social. Por essa razão, a análise

¹⁶ Conforme Gonçalves-Segundo (2018, p. 84), as práticas são formas de produção de vida social, o que implica que elas são inerentes aos campos econômico, social, político ou cultural. Além disso, cada uma delas encontra-se articulada a uma rede de outras práticas. Assim, “o termo *práticas* pode – e deve – englobar tanto as ações sociais instanciadas em coordenadas espaço temporais localizadas, quanto sua relativa permanência e padronização resultante da reprodução dessas ações.”

linguística foi utilizada por nós para evidenciar esses aspectos, considerando que os elementos linguísticos que compõem os textos dos participantes trazem marcas de outros elementos relacionados à estrutura, à conjuntura, à política, aos discursos, aos atores, às crenças, aos significados e às ações da migração venezuelana.

Nesse processo analítico, mobilizamos o terceiro estágio da **função do problema na prática** com o objetivo de verificar se há uma função particular para o aspecto problemático do discurso, ou seja, para além da descrição dos conflitos de poder em que a instância discursiva se envolve, é avaliada sua função nas práticas discursiva e social. Esta etapa se desenvolve no capítulo 5 deste trabalho, na seção 5.1, onde a função particular para o problema, que levantamos no início desta tese (o da inferiorização simbólica do migrante venezuelano pelos brasileiros e, que evidenciamos no decorrer desta pesquisa) confirma a presença da promoção de processos de naturalização e reprodução das ideologias dominantes, por meio de práticas sociais e discursivas, as quais causam prejuízos e opressão ao grupo de imigrantes.

O quarto estágio diz respeito aos possíveis **modos de ultrapassar os obstáculos** e objetiva explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, por meio das contradições das conjunturas. Nessa etapa, discutimos sobre as possibilidades do discurso como lugar de luta e como caminho para o inédito-viável, postulado por Paulo Freire (1987), como possibilidades de superação da condição de inferioridade simbólica e submissão do migrante ao sistema vigente. Em continuidade, na seção 5.2.1, apresentamos o Programa de Extensão Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia, do Departamento de Línguas Estrangeiras, da Universidade Federal de Rondônia, como exemplo de possibilidades concretas, pois esse Programa pode contribuir com o processo de mudança, por meio de articulações educativas e políticas.

O último estágio - **reflexão sobre a análise** - visa à pesquisa crítica reflexiva. Essa etapa considera que toda crítica deve ser reflexiva. Dessa forma, a crítica realizada na pesquisa é questionada quanto a sua eficácia e quanto a sua contribuição para aprofundamentos teórico-metodológicos de trabalhos acadêmicos e de processos de mudança social, principalmente, relacionados à contribuição para o processo de emancipação de migrantes venezuelanos no Brasil. Por essa razão, falamos sobre as análises realizadas neste trabalho, as limitações da pesquisa e suas possíveis contribuições para futuros estudos sobre a migração venezuelana. Essa reflexão é realizada nas considerações finais.

É importante esclarecer que aplicação dos passos deste enquadre, nesta pesquisa, são expostos ao longo do trabalho desde a sua introdução até as considerações finais.

3.3 As análises: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso

O conjunto analítico deste trabalho se divide em três partes, que trazem à discussão o contexto histórico-social com suas implicações nas práticas sociais, as quais têm relação com os momentos de prática, com os interesses ideológicos dominantes, em contínua mobilização e com o discurso como forma de representação.

A análise da conjuntura foi a primeira a ser realizada, pois é fundamental contextualizar o objeto, no caso desta pesquisa, os discursos dos migrantes venezuelanos. Chouliaraki e Fairclough (1999) explicam que esse momento da pesquisa é de suma importância para a análise dos eventos individuais que permeiam a conjuntura do objeto analisado, bem como da sequência de eventos conjunturalmente relacionados à sustentação e a transformação da prática. Considerando isso, realizamos esta pesquisa em fontes bibliográficas de caráter crítico a fim obter dados históricos e críticos. Esses dados nos ajudaram a compreender os processos migratórios na Venezuela pelo entendimento dos aspectos sócio-históricos e geopolíticos do país, vinculados à questão econômica da extração do petróleo e atrelados aos conflitos de interesses entre o projeto liberal e neoliberal e às demandas populares.

Embora nosso recorte histórico específico contemple a atualidade, realizamos a contextualização histórica a partir da independência da Venezuela, tencionando compreender os processos históricos que, com o passar do tempo resultaram na crise migratória atual. Por isso, apresentamos a forma como se configurou a estrutura socioeconômica e política da Venezuela, após à independência do domínio espanhol, passando pela consolidação do Estado-nação, após a concretização do pacote neoliberal, no início da última década do século XX. Também foi analisado o papel do petróleo nas questões socioeconômicas e das migrações internacionais que fizeram parte da composição histórica da nação nos períodos de incentivo econômico.

Analizamos ainda, a configuração da revolução bolivariana no final do século XX e início do século XXI até os dias atuais, fazendo correlação dos fatos históricos e geopolíticos com a ação hegemônica estadunidense para a desarticulação da revolução bolivariana. Além disso, consideramos as consequências da oscilação do preço do petróleo nas questões socioeconômicas do país, as ondas migratórias que emergem das crises atuais do capitalismo, a configuração da migração nos aspectos geográficos, demográficos, regulatórios, sem,

contudo, aprofundar-nos nesses pontos, pois nosso foco consiste nos aspectos sócios discursivos da migração. Desse modo, realizamos um percurso sócio-histórico da migração venezuelana no Brasil, iniciando pela intensificação do fluxo venezuelano em 2015 até aos dias atuais. Por isso, os aspectos sócios históricos são vistos à luz de relações antagônicas de poder, que emergem das implicações geopolíticas de disputas hegemônicas que afetam a vida dos migrantes.

A análise da prática particular se deteve na análise com foco nas práticas particulares da migração venezuelana. Para isso, posicionamo-nos no recorte histórico que corresponde ao fluxo referente à atual diáspora venezuelana, na fase que abarca o período de 2015 até hoje, denominada e caracterizada por Paez e Penalver (2017) de “migração do desespero”. O foco se deu nas práticas específicas, nas quais a prática discursiva sobre a migração venezuelana tem sua ocorrência e se referem às práticas problemáticas que são decorrentes de relações sociais e ideológicas, assentadas na ideologia globalizada do sistema capitalista que influencia as práticas sociais e discursivas e proporciona relações assimétricas de disputas pelo poder.

Os momentos de uma prática particular e suas articulações, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21 *apud* Resende; Ramalho 2019, p. 38) dizem respeito aos diferentes elementos da vida, ou seja, aos tipos particulares de atividade, ligados de modos particulares “a condições materiais, temporais e espaciais específicas; pessoas particulares com experiências, conhecimentos e disposições particulares em relações sociais particulares; fontes semióticas particulares e maneiras de uso da linguagem particulares”. Assim, “numa prática específica os diversos elementos da vida são trazidos juntos e são chamados ‘momentos da prática’”, onde cada momento internaliza os outros sem ser redutível a eles.

A análise da prática particular finaliza com o estabelecimento da base teórica para a definição do problema de pesquisa deste trabalho, ou seja, a prática ideológica da inferiorização simbólica do migrante venezuelano. Este problema é enquadrado como um momento, entre outros, que formam a rede de práticas¹⁷ sobre a migração venezuelana no Brasil.

A análise linguístico-discursiva dos enunciados mostra marcas de outros elementos para a compreensão da prática social da qual faz parte (Fairclough, 2016). Por essa razão, a análise linguística evidencia os aspectos ideológicos e relações de poder, considerando que os elementos linguísticos que compõem os textos trazem marcas de outros elementos relacionados

¹⁷ “Práticas são articuladas para construir redes das quais se tornam momentos [...] as práticas compreendidas em redes são determinadas umas pelas outras e cada uma pode articular outras, gerando diversos efeitos sociais. As redes são sustentadas por relações sociais de poder, estando as articulações entre práticas ligadas a lutas hegemônicas” (Resende; Ramalho, 2019, p. 42-43).

à estrutura, à conjuntura, à política, aos discursos, aos atores, às crenças, aos significados e às ações da migração venezuelana.

Desse modo, a análise foi o momento de captar os recursos linguísticos e semióticos utilizados no texto a fim de compreender seus usos e suas relações com a prática social. Para Fairclough (2016), a análise discursiva tem o objetivo de verificar os diferentes discursos que articulam aspectos semióticos das práticas sociais presentes nas interações.

A análise evidenciou as práticas sociais que permeiam o contexto vivido pelos sujeitos venezuelanos, das quais foram identificados os discursos articulados e o modo como foram articulados, no que se refere ao modo de representação do mundo, com base em Fairclough (2016). Para essa finalidade, escolhemos analisar o significado representacional dos textos, que destaca a representação de aspectos do mundo – físico mental e social – em textos. Logo, esse procedimento se centrou na compreensão da materialidade linguística apenas desse significado do discurso.

A análise linguístico-discursiva foi realizada em três momentos, a saber: a *Análise linguística para a identificação dos discursos*, *análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo* e *análise interdiscursiva*.

O primeiro momento – análise *linguística para a identificação dos discursos* centrou-se na compreensão da materialidade linguística do significado representacional do discurso, definida no enquadre metodológico como a etapa de interpretação linguística. Nosso objetivo foi analisar o texto para compreendermos as práticas sociais que permeiam o contexto vivido pelos sujeitos venezuelanos. O segundo momento tratou-se da *análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo*, cujo foco foi nos discursos identificados e relacionados à realidade social local ou macrossocial, situados a determinadas práticas sociais, que apontaram para a realidade social global, em seguimento, os discursos foram situados em sua base conceitual, a fim de dar-lhes sustentação teórica. O terceiro momento compreendeu a *análise interdiscursiva*, que apontou para a estrutura social englobante. Neste estágio da análise, a migração venezuelana foi discutida sob uma base teórica, que se expandiu para um tratamento multidisciplinar, ancorado, principalmente, nos estudos geopolíticos, históricos, sociais e culturais, a fim de cumprir “um diálogo entre a interpretação dos textos do *corpus* e a conjuntura social em que se dá o fenômeno estudado.” (Martins, 2018, p. 171), desvelando formas de estratégias ideológicas da reprodução hegemônica imperialista.

Sobre as categorias linguísticas utilizadas na análise, o significado representacional do discurso foi acionado por meio da representação de atores sociais (Van Leeuwen, 1997), da

interdiscursividade (Fairclough, 2016) e do sistema de transitividade (Halliday, 1985, 1994; Halliday; Mathiessen, 2004), que foi utilizado para a identificação dos temas centrais, mundo interno e externo do sujeito. Além dessas categorias, utilizamos também as categorias avaliação e modalidade para efeito de caracterização da estrutura interna/individual do sujeito. Todas essas categorias linguísticas, utilizadas nesta pesquisa, são descritas na próxima seção.

3.3.1 As categorias linguísticas

Conforme vimos, o objetivo desta pesquisa é investigar os discursos de imigrantes venezuelanos, articulados nas redes de práticas, que compõem a migração venezuelana em território brasileiro. No estudo do objeto – os discursos articulados, delimitamos que esses discursos seriam analisados como modo de representação de aspectos do mundo, conforme a metodologia de análise do significado representacional, proposto por Fairclough, cuja função é enfatizar a representação de aspectos do mundo em textos. Para nós, é a que mais se ajusta ao nosso objetivo.

O significado representacional, segundo Fairclough (2016), relaciona-se com o conceito de discurso como modo de representação de mundo. Isto é, “diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo” (Resende; Ramalho, 2019, p. 70). Do mesmo modo, conforme as mesmas autoras, diferentes discursos podem representar um mesmo aspecto do mundo (a globalização, por exemplo, pode ser representada sob diversos pontos de vista e por meio de diversos discursos). Logo, essa articulação de discursos é chamada em ADC de interdiscursividade.

No procedimento de análise, o ponto central se deu em investigar a interdiscursividade nos textos, com a finalidade de identificar os discursos e seus modos de articulação. Para isso, as demais categorias de análise, abaixo relacionadas, a partir da interdiscursividade, foram acionadas para chegar a este ponto central.

Interdiscursividade

Os diferentes discursos, conforme Resende e Ramalho (2019), podem estabelecer entre as pessoas relações de variados tipos. De acordo com as pesquisadoras, parte do recurso utilizado por atores sociais, para se relacionarem, são os discursos, que podem atuar em cooperação, competição, dominação, entre outros modos, articulando-se de várias maneiras. No

caso de competição entre discursos, ocorre uma relação antagônica entre eles. Nesse caso, a articulação serve para negar um discurso em nome da afirmação do outro. Bessa e Sato (2018) explicam que as disputas de poder, dominação, competição, cooperação, desejo de mudança são recursos discursivos socialmente diferenciados.

Os discursos também apresentam variação em estabilidade e escala. Em variação, alguns discursos são articulados em contextos sócio-históricos bem definidos, são compartilhados ou repetidos em alto grau, outros apresentam escala de atuação variante em representações localizadas a representações globais, podendo colonizar diversas práticas da vida social, em diversas partes do mundo, como o exemplo do discurso neoliberal (Resende; Ramalho, 2019).

Portanto, de acordo com Resende e Ramalho (2019), articular diferentes discursos, em relações dialógicas harmônicas ou polêmicas e identificar a heterogeneidade de um texto em termos de articulação de diferentes discursos, caracteriza o conceito interdiscursividade. Ela se relaciona à identificação dos discursos articulados e do modo como são articulados.

A identificação e a análise dos discursos em texto, segundo Fairclough (2003, 2016) requerem a visão de discurso como representação/construção de aspectos da vida social, como também levam em conta o grau de repetição de determinado discurso, seu grau de estabilidade e sua correlação com determinados grupos de pessoas, sendo necessário atentar ao contexto para chegar a uma conclusão. Algumas categorias linguísticas colaboram para a identificação de um discurso e neste sentido a partir das especificações de Barros (2015) e Resende e Ramalho (2019), escolhemos algumas delas para realizar a análise da interdiscursividade em nossa pesquisa, a saber: sistema de transitividade (Halliday, 1994), representação de atores sociais (Van Leeuwen, 1997), temas centrais, aspectos do mundo físico e interior do sujeito (acionados por meio do sistema de transitividade de Halliday). Além dessas categorias, utilizamos, ainda, a avaliação e a modalidade, a fim de analisar os aspectos do mundo interior do sujeito, que produz o discurso. Essas categorias são descritas na sequência:

Atores Sociais

Fairclough (2016) sugere a representação de atores sociais com base em Van Leeuwen (1997), que apresenta um estudo e faz uma descrição sócio semântica dos modos como eles podem ser representados. Conforme esse autor, nas orações, os atores sociais são participantes, mas nem todos os participantes são atores sociais.

Sobre o processo analítico e a relevância da categoria de atores sociais, Bessa e Sato (2018, p. 149) explicam que

a representação de atores sociais é relevante para o processo analítico por permitir identificar papéis, perceber em quais enquadres os(as) participantes estão posicionados nos textos; quais estão presentes e quais deveriam estar; discutir os possíveis efeitos das formas de representação, inclusive as que incluem atores nos textos e as que, de maneira explícita ou sub-reptícia, os “excluem”.

Assim, as formas de representação dos atores sociais produzem efeitos reveladores no processo analítico e ajudam a identificar posicionamentos e papéis. Van Leeuwen (1997) explica que o modo como eles são representados podem indicar marcas ideológicas e podem ter sua agência enfatizada ou ofuscada em representações ou, ainda, ser representados por suas atividades ou podem ser referidos de modos que presumem julgamentos acerca do que são ou do que fazem (Resende; Ramalho, 2019).

Sistema de transitividade

Na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, de acordo com Fuzer e Cabral (2014), a transitividade corresponde a um sistema que ocorre em toda a oração, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias, que são categorias semânticas que explicam, de modo mais geral, como fenômenos de nossa experiência do mundo são construídos na estrutura linguística. Assim,

Processos representam eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social. Como os processos são realizados tipicamente por verbos, a ideia de mudança perpassa a noção de processo – o falante ou escritor escolhe marcar a ideia de mudança ou não (Fuzer; Cabral, 2014, p.41).

Podemos dizer, então, que os seres humanos representam suas experiências no mundo por meio de processos verbais e escolhem os elementos linguísticos para isso. No tocante a esses processos, Halliday (1994) aponta que as orações comportam três elementos: processos, participantes e circunstâncias, um conjunto chamado por ele de “sistema de transitividade”. Neste sistema, cada proposição oracional consiste em três elementos: 1. Processos (verbos); 2. Participantes (grupos nominais); 3. Circunstâncias (referentes ao processo). Segundo o referido autor, há seis tipos de processos nas orações:

a) Processos materiais: representação da experiência externa (ações e eventos), mundo externo-físico. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 46), “as orações em que se desdobram processos materiais são definidas como orações de ‘fazer e acontecer’, porque estabelecem uma quantidade de mudança ao fluxo de eventos.” Halliday e Matthiessen (2004, p.203) explicam que tal mudança é provocada por algum investimento de energia feito por um participante inerente ao processo, chamados *ator*. Que é o participante provocador do desenrolar do processo, através do tempo, conduzindo a um resultado diferente da fase inicial do desenrolar do processo, no qual. Um dos participantes (não necessariamente humano) tem alguma de suas características mudada ou criada. O participante afetado é denominado de *meta*. As orações podem ser transitivas (quando envolvem dois participantes) e intransitivas (quando envolvem apenas um participante) e podem ainda se classificar em dois subtipos: criativas (o participante é trazido à existência o desenvolvimento do processo, ou seja, passa a existir no mundo) e transformativas (o resultado é a mudança de algum aspecto de um participante já existente).

b) Processos mentais: representação da experiência interna mundo interior sentimentos, crenças. As orações mentais, com base na GSF (Fuzer; Cabral, 2014), são processos que se referem à experiência do mundo da consciência. Podem indicar afeição, cognição, percepção, desejo. Elas mudam a percepção que se tem da realidade, servindo para construir o fluxo de consciência do falante.

Halliday e Matthiessen (2004) classificam as orações mentais em quatro tipos: perceptivas, são as que constroem percepções dos fenômenos do mundo através dos cinco sentidos; cognitivas não remetem propriamente aos cinco sentidos, mas trazem o que é pensado à consciência da pessoa; emotivas ou afetivas expressam grau de sentimentos ou afeição; desiderativas exprimem desejo, vontade, interesse em algo.

Os processos mentais, relacionados ao significado representacional do discurso, denotam o mundo interior e as crenças do falante em relação ao mundo exterior. Os processos mentais não indicam mudança na realidade, mas mudança da percepção que se tem da realidade (Fuzer; Cabral, 2014).

c) Processos relacionais: representação das relações – identificação e caracterização. Sobre essas orações, Fuzer e Cabral (2014) explicam que os processos relacionais estabelecem uma relação entre duas entidades diferentes, construindo uma oração relacional, por isso essa oração terá sempre dois participantes inerentes e são usadas, geralmente, para

representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. Ajudam na criação e descrição de personagens e cenários em textos narrativos; contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos.

Com base em Halliday e Matthiessen (2004) são classificadas em três tipos, a saber intensivas, possessivas e circunstanciais. Elas podem apresentar-se em dois modos: atributivas e identificativas. As atributivas têm potencial para construir as relações abstratas de membros de uma classe, ou seja, atribuem a uma entidade características comuns aos membros dessa classe. Na identificativa, um dos participantes tem uma identidade determinada. Esse tipo de oração serve para identificar a identidade única de um ser.

- d) Processos comportamentais: manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano. Processos de comportamento tipicamente humano de consciência, representado como forma de comportamento. Halliday e Matthiessen (2004, p. 248) definem os processos comportamentais como “processos de comportamento (tipicamente humano) fisiológico e psicológico.” De acordo com a GSF, o *comportante* é o participante típico do processo comportamental e se trata de um ser consciente. Pode, também, haver o *comportamento*, que se assemelha à natureza do *escopo-processo* das orações materiais. Processos existenciais: manifestação da existência de um participante – o estar no mundo. Halliday e Matthiessen (2004) classificam as orações existenciais como aquelas que representam algo que existe ou acontece. O verbo típico desta oração é “haver” em sentido de existir. A oração existencial não apresenta sujeito. O participante típico é o *existente*, que pode representar uma pessoa, um objeto, uma instituição, uma abstração, bem como uma ação ou evento.
- e) Processos verbais: a representação de dizeres – atividades linguísticas dos participantes. As orações verbais têm como núcleo os processos do dizer, conforme Fuzer e Cabral (2014), também contribuem para vários tipos de discurso, pela característica de fala. Ajudam na criação do texto narrativo para tornar possível a existência de passagens dialógicas; nos textos jornalísticos, atribuem informações a fontes exteriores e, nos trabalhos acadêmicos, citam e relatam o ponto de vista e argumentos expressos por outros pesquisadores. Os participantes das orações verbais são: *dizente*, *verbiagem*, *receptor* e *alvo*.

Avaliação

Para Fairclough (2016), afirmações avaliativas são afirmações acerca do que se considera desejável ou indesejável, relevante ou irrelevante. Estão sujeitas a uma escala de intensidade que variam de baixa a alta.

A avaliação diz respeito a apreciações-avaliações do falante-ouvinte sobre aspectos da realidade, o que é bom ou ruim, sendo realizadas por processos relacionais atributivos. (Barros, 2015, p. 85). A teoria do Sistema de Avaliatividade foi proposta por Martin e White (2005) e é composta de três sistemas: atitude, gradação e engajamento.

O sistema de atitude traduz a opinião ou avaliação do falante sobre determinado evento ou descrição de algum fato, diz respeito aos sentimentos e possui três subsistemas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto expressa as emoções do falante: tristeza, irritação, ansiedade, interesse ou chateação. O julgamento se refere às avaliações feitas com base nas condutas morais de comportamento. Já a apreciação se refere às qualidades das coisas que são avaliadas. É utilizada para revelar uma avaliação sobre coisas que não são conscientes. O sistema de gradação é um fenômeno gradativo, cujos sentimentos são ampliados, ajustando o grau da avaliação. O sistema de engajamento diz respeito às atitudes e ao papel da voz autoral sobre as opiniões no discurso, ou seja, como a voz do enunciador se posiciona aos enunciados oriundos de outros.

Modalidade

Modalidade é a categoria que representa

o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedade envolvidas no que se diz”. Uma proposição pode se tornar discutível por ter sido apresentada como provável ou improvável desejável ou indesejável – em outras palavras, sua relevância especificada em termos modais (Halliday, 2004, p. 75).

Para esse autor, a polaridade é um traço semântico essencial, pois na escolha entre o positivo e o negativo, como na oposição *é* e *não é*, que representam a polaridade, existe a modalidade que consiste nas possibilidades intermediárias entre sim e não, ou seja, os tipos de indeterminação situados entre os polos.

Fairclough (2016) defende uma modalidade que inclui os polos, nesse caso, esse autor sugere uma *modalidade categórica*. Além disso, ele indica que a modalidade pode ser vista como uma questão de quanto as pessoas se comprometem, quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas.

As afirmações e as perguntas dizem respeito à troca de conhecimento, nesse caso, a modalidade é *epistêmica*, pois se refere ao comprometimento com a verdade. As demandas e ofertas se referem à troca de atividade, isto é, a modalidade é *deôntica* e tem a ver com o comprometimento com a obrigatoriedade-necessidade.

Existe ainda outra distinção apontada por Fairclough, no que se refere ao aspecto modal: a *modalidade objetiva*, quando a base subjetiva do julgamento está implícita, pois o falante projeta seu ponto de vista como universal ou age como veículo para o ponto de vista de outro indivíduo ou de um grupo e a *modalidade subjetiva*, quando a base subjetiva do julgamento é explicitada como afinidade expressa do próprio falante. Em trocas de conhecimento, a modalidade é epistêmica.

Fairclough (2016) desvenda a modalidade como um aspecto que pode ser visto como a questão de quanto às pessoas se comprometem quando fazem afirmações, perguntas (referem-se à troca de conhecimento), demandas ou ofertas (referem-se à troca de atividade).

Terminadas as definições das categorias linguísticas, apresentamos os quadros, na sequência, que exemplificam a forma como ocorreram as etapas de análises.

3.3.1 Quadros ilustrativo das etapas de análise

Antes de exibirmos os quadros, esclarecemos que eles são apresentados com finalidade representativa e não correspondem à totalidade da análise, havendo a necessidade da leitura do trabalho completo para ser compreendida. A análise discursiva dividiu-se em três etapas: 1) Análise linguística para a identificação dos discursos como representação de aspectos da vida social; 2) Análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo; 3) Análise interdiscursiva: os discursos e as práticas sociais das quais eles emergem. Essas etapas são mostradas a seguir:

1ª etapa: Análise linguística para a identificação dos discursos como representação de aspectos da vida social

Quadro 1 Exemplo de análise linguística para a identificação dos discursos

Análise linguística para a identificação dos discursos
Estratégia de análise: Neste momento da análise, as categorias analíticas do significado representacional são apresentadas inter-relacionadas e são mobilizadas quando integram os enunciados dos participantes. Para cumprir a etapa de identificação de um discurso, demonstramos os efeitos das formas de representação e o modo particular

de representação de aspectos do mundo (Resende; Ramalho, 2019). Na sequência, realiza-se a identificação de qual parte do mundo é representada pelos sujeitos por meio dos temas centrais enunciados por eles. Esses temas foram captados nos contextos da estrutura interna do sujeito ou mundo interno/mental e nível macrosocial ou mundo externo/físico, com a intenção de encontrar aspectos ideológicos para a sua compreensão.

Pergunta 13 da entrevista concedida em 04 de junho de 2021:

Conte-nos, por que você saiu da Venezuela?

Resposta do Participante:

Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e eu disse: necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação. Por isso sai (San Cristóbal).

Análise linguística

Cheguei a um limite na minha vida	que fiquei tão magro	que pensei que estava doente	e eu	disse:	necessito saber se estou doente de verdade	ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação.	Por isso, sai.
			Dizente	Processo verbal	Citação	Citação	
Processos comportamentais		Processo mental	Processo verbal				Processo material
Avaliação de atitude e apreciação							

Análise linguístico-discursiva

San Cristóbal utiliza diferentes processos que expressam juízo de valor sobre os aspectos da realidade. Os verbos *cheguei* (processo comportamental), *fiquei* (processo comportamental), *pensei* (processo mental), *disse* (processo verbal) expressam uma cadeia de mudanças no fluxo de eventos que demonstram como o mundo exterior e o mundo interior do sujeito estão afetados, caminhando para um posicionamento avaliativo.

Conforme a Gramática Sistemática Funcional, os processos representam experiências, atividades humanas realizadas no mundo. Portanto, há, nesses processos, aspectos do mundo social, físico e mental do falante.

A ação foi causada, primeiramente, por um fator externo, involuntário, não explícito em sua fala, que trouxe uma consequência percebida por San Cristóbal – *Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro*. Trata-se da opinião do falante sobre um determinado evento, ou seja, sua avaliação é realizada ao descrever fatos. San Cristóbal utiliza, nessa oração, um recurso metafórico – *limite na minha vida* – para explicar sua vida. Assim, ele a compara a um percurso com demarcações de polos ou extremidades.

Os recursos linguísticos utilizados como a comparação e o uso do advérbio de intensidade demonstram a profundidade dos sentimentos desse sujeito diante de mudanças que chegam a afetar sua saúde física e mental. O sujeito avalia a sua condição diante do evento da perda de peso e explica que chegou a um extremo – *que fiquei tão magro*. Ficar tão magro equivale a ficar sem alimento. Nessa polarização, o participante não está dizendo que está passando fome, mas, presumidamente ou implicitamente, sim.

Resende e Ramalho (2019) comentam que a construção de significado depende não só do que está explícito em um texto, mas também do que está implícito. Sobre isso, Fairclough (2016) afirma que os significados implícitos ou tácitos sustentam relações de poder. Assim, uma vez que a fome assola o país, por causas que vão além da crise de abastecimento de alimentos, o sujeito chega a um ponto extremo que o afeta em seu estado físico, além disso, atinge seu estado mental, revelando um discurso de sofrimento opressivo. Para San Cristóbal, essa magreza se refere ao polo extremo e o leva, na sequência, a um processo mental – *que pensei que estava doente*. Os processos mentais traduzem o mundo da consciência do experienciador (participante do processo mental) e seus sentimentos de preocupação com sua vida.

No processo verbal – *e eu disse*, o dizente (participante do processo verbal) dialoga com sua própria consciência nas falas – *necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação*.

Fuzer e Cabral (2014, p. 72) explicam que um dos objetivos dos processos verbais é de tornar possível a existência de passagem dialógica. Além dessas características, é importante destacar, aqui, a representação do discurso direto, que consiste também em uma oração relatada. Com base em Bakhtin (2002), há uma ambivalência de voz, pois a forma linguística utilizada a torna com dupla voz, ainda que, neste caso, trate-se da mesma pessoa. Possivelmente, o efeito desse tipo de discurso seja a intencionalidade do sujeito de se ouvir para compreender um pouco mais do extremo vivido por ele, objetivando uma validação para a tomada de decisão, uma vez que renunciar às expectativas e sonhos de construção de vida, no próprio país, pode ser algo difícil de aceitar.

A tomada de decisão – *Por isso sai* (oração de processo material) – produz o fazer acontecer, conforme a GSF, que estabelece uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. As marcas textuais de avaliação, a utilização de recurso metafórico, da passagem dialógica e do discurso direto, que culminam na decisão de sair, apontam para um sujeito que sofre mudanças drásticas e extremas. Seu mundo interior está afetado, sua estrutura mental se

mostra confusa diante de situações de falta de alimento e esfacelamento de direitos básicos como alimentação, dignidade e respeito. Temos, assim, uma estrutura individual marcada por situações de fome, mudanças drásticas, pressão e opressão. A realidade o impele a sair. Por essa razão, **o discurso do oprimido** é revelado e, ao mesmo tempo, **o discurso da migração forçada**.

Em relação ao significado representacional, as marcas textuais pelas quais o sujeito representa a sua experiência apontam para mudanças no mundo físico que extrapolam os limites naturais, chegando ao ponto de atingirem o corpo, modificando-o. Aqui é possível destacar marcas ideológicas quanto ao papel deste ator social passivo, ou seja, aquele que sofre ações provenientes da realidade social, política e econômica, na qual se insere o sujeito.

Essas marcas nos apontam para uma cruel realidade. Por se tratar de uma situação intencionalmente ocasionada, revela como a restrição alimentar, que ameaça a própria condição de existência, impulsiona a fuga da Venezuela e se torna instrumento de um poder capaz de causar alteração no corpo e valer-se das pessoas, mesmo que as conduzindo ao aniquilamento, a fim de assegurar a defesa incondicional de seu domínio (FOUCAULT, 2008). Em virtude disso, temos a fome como um efeito e uma estratégia de uma política exterior da crise.

Discursos identificados:

Discurso do oprimido e discurso da migração forçada.

O resultado da primeira etapa da análise é ilustrado no Quadro 2

Quadro 2 - Exemplo do resultado da análise linguística para a identificação dos discursos

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA SOCIAL							
Recursos utilizados nos textos							
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS TEXTO				PRÁTICA SOCIAL CONTEXTO			
p a r t i c i p a n t e	Excerto	Categorias linguísticas			Temas centrais		Identificação do discurso
		Ator social	Sistema de transitividade Aspectos do mundo		Macrossociais Nível local Situação social na origem do fluxo (território da Venezuela). Crise política na Venezuela	Globais Nível internacional. Consequências da geopolítica global no século XXI.	
Estrutura externa Físico/ Exterior	Estrutura interna Mental/ Interior						
S a n C r i s t ó b a l	<i>8 Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e eu disse: necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação. Por isso sai.</i>	Ator social representado por passivação, que sofre ações provenientes da realidade social, política e econômica, na qual se insere o sujeito.	Mudanças no mundo físico que extrapolam os limites naturais, chegando ao ponto de atingirem o corpo, modificando-o.	Mundo interior afetado pela ameaça da própria condição de existência. Estrutura mental confusa diante de situações de falta de alimento e ausência de direitos básicos como alimentação,	Restrição alimentar que ameaça a própria condição de existência e que impulsiona a fuga da Venezuela.	A fome como um efeito e estratégia da política exterior da crise.	Discurso do oprimido e da migração forçada.

				dignidade e respeito.			
--	--	--	--	-----------------------	--	--	--

2ª etapa: Análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo

Quadro 3 - Exemplo da Análise dos discursos articulados

Análise dos discursos articulados			
Estratégia de análise: analisar cada discurso identificado na análise linguística para perceber a formação ideológica, que sustenta as posições de poder, caracterizando-o e conduzindo-o ao interior de práticas sociais das quais eles emergem, a fim de realizar uma discussão da prática social mais ampla, onde, finalmente, iremos considerar as estratégias do neoliberalismo e da globalização com seus discursos, visando a identificar como os mecanismos de opressão local são impulsionados pelos mecanismos de opressão global, buscando “identificar o problema, analisar práticas situadas e localizá-las em um nível global” (Bessa; Sato, 2018, p. 127).			
Discurso do oprimido			
Contexto global: Reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais como consequências das disputas geopolíticas internacionais por espaços de exploração de recursos.			
Recorrência	Marcas textuais	Estrutura interna/ mundo interior	Nível macrossocial/ mundo exterior
Excerto 2			
<i>2 Eu acho que isso estava me afetando psicologicamente, eu pensava qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui, já não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes, porque não havia situação para isso.</i>	- Ator social representado por passivação. Estruturas textuais: - ...afetando psicologicamente... - ...qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui... - ...já não podia... - ...não havia situação para isso.	Ansiedade, preocupações e crenças acerca do futuro. Apego a um passado difícil de renunciar. Medo e desamparo.	Descenso econômico-social; Vulnerabilidade social.
Análise			
<p>O sujeito do nosso estudo, que produz o discurso do oprimido, é aquele que, no plano da estrutura interna do sujeito, sofre com a fome como efeito e estratégia da política exterior da crise; sofre com a delinquência e insegurança, como resultado de assimetrias de poder e como fatores que reportam o perigo de perder a vida; é oprimido pela recessão econômica, pelos impactos da hiperinflação, pelo desabastecimento de produtos de primeira necessidade. Portanto, essa condição revela a dura realidade de que o capital se sobrepõe ao sujeito, indicando um contexto de opressão que remete ao contexto global, no qual a instabilidade política, econômica e social representa um reflexo das interligações político-econômicas internacionais. Assim, no contexto global, de acordo com Silva e Baeninger (2021), a opressão como resultado das circunstâncias locais ocorrem no contexto das reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais como consequências das disputas geopolíticas internacionais por espaços de exploração de recursos.</p> <p>Com base na premissa de que os discursos estão relacionados a diferentes posições de pessoas no mundo e a diferentes relações entre pessoas (Fairclough, 2016; Resende; Ramalho, 2019; Barros, 2015; Bessa; Sato, 2018), o discurso do oprimido é produzido por sujeitos heterogêneos envolvidos em diferentes especificidades históricas, políticas, econômicas e sociais. O oprimido fala e produz um discurso. Seu discurso é produzido dentro da esfera da estrutura de dominação, a que está preso e descreve as mazelas sociais às quais está submetido. No entanto, também as denuncia, quando sua voz se torna audível, nos raros e oportunos espaços de visibilidade, como no caso desta pesquisa, dada sua condição opressiva de silenciado.</p>			

3ª etapa: Análise interdiscursiva: os discursos e as práticas sociais das quais eles emergem.

Quadro 4 Exemplo da Análise interdiscursiva

<u>Análise interdiscursiva</u>
<p>Estratégia de análise: A análise interdiscursiva é articulada à luz do contexto social global e globalizante do qual os discursos emergem, buscando colocar em evidência as disjunções e as assimetrias de poder que fazem parte desse contexto. Fairclough (2001, 2003) estabelece que ela deve ser tratada à luz da combinação de diferentes discursos, considerando a complexidade das sociedades atuais e a multiplicidade de discursos que se diferenciam, se mesclam, modificando-se ou propiciando a criação de novos discursos. Desse modo, os quatro discursos identificados nos enunciados dos participantes, a saber: o discurso da migração forçada, o discurso do oprimido, o contradiscurso capitalista e o discurso da oposição política, interligados, complementam-se e mesclam-se e são agrupados de forma mais explícita a fim de estabelecer reflexões sobre essas interligações em seus aspectos sociais, relacionando-os com o discurso da globalização que estabelece oposição com eles, localizando-os no contexto social abrangente que está regido por articulações de poder (hegemonias) e operações ideológicas.</p>
<u>Análise</u>
<p>O confronto ideológico é travado no campo discursivo, os discursos apontados existem nas relações das práticas sociais situadas no tempo e no espaço, ou seja, integram o quadro social que os sustenta. No que se refere ao embate discursivo, temos as seguintes relações interdiscursivas:</p> <p>O discurso do globalismo constitui a globalização que, por sua vez, o constrói. Milton Santos (2001) explica que a globalização se assenta sobre um sistema ideológico com um discurso único de justificação das ações hegemônicas, operacionalizado pelo do império das fabulações e percepções fragmentadas. Apoiando-se nesse pensamento, o discurso globalizante possui a mesma base ideológica, em outras palavras, esse discurso procura defender e mascarar as ações imperialistas e justificar o sistema neoliberal por meio de argumentos pérfidos que leva a uma percepção turva da realidade.</p> <p>Santos (2001) explica que as bases materiais e históricas dessa mitificação estão na realidade da técnica atual, na qual poderíamos incluir a tecnologia. Segundo o autor, a técnica se apresenta ao homem comum como um mistério e uma banalidade, que é mais aceita do que compreendida. Tudo parece depender dela e se apresenta como uma necessidade universal, dotada de uma força quase divina, alicerçada nas suas relações com a ciência. Por considerá-la indiscutível, os homens acabam se rendendo, sem buscar entender a técnica, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério.</p> <p>A união do sistema empresarial com os sistemas técnicos com seu imaginário para produzir a atual globalização aponta-nos para formas de relações econômicas implacáveis. É uma forma de totalitarismo muito forte e insidiosa, porque se baseia em noções que parecem centrais à própria ideia de democracia – liberdade de opinião, de imprensa, tolerância – utilizada exatamente para suprimir a possibilidade de conhecimento do que é o mundo (SANTOS, 2001).</p> <p>A esse discurso contrapõe-se o discurso da migração forçada em todas as suas nuances, ou seja, na forma dos demais discursos dos migrantes, porque expressa a migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições para a demonstração ao mundo do que de fato produz tal projeto e o que resulta deste sistema para os periféricos. Revela, também, tanto no contexto restrito como no mais amplo, o processo de exclusão e de fluxos pelo mundo como parte dos efeitos colaterais de um mercado financeiro que existe em função do acúmulo de capitais e que produz um processo de contínua eliminação e despejo para a reprodução de sua hegemonia.</p> <p>O discurso do globalismo oculta o processo neoliberal e o discurso do oprimido o revela e, dessa forma, estabelece relação de oposição. Para Fairclough (2006), a construção discursiva da globalização favorece a ocultação do processo neoliberal, baseado na formação de mercados globais, que interligam e disseminam as visões particulares de um grupo sobre outros, disfarçado de uma democracia ocidental, com base em estratégias comerciais de oferta e procura. Assim, a proposta neoliberal defende uma suposta liberdade, a livre iniciativa e livre concorrência com a diminuição do papel do Estado. Na base dessa liberdade capitalista, Santos (2001) fala de uma competitividade como um dos baluartes do capitalismo que comanda formas de inação e gera individualismos na vida econômica, na ordem política, na ordem do território, na ordem social e individual, que acabam por constituir o outro como coisa, o abandono da noção e do fato da solidariedade e daí sobrevêm todas as novas formas perversas de sociabilidade.</p> <p>Outro elemento da liberdade mercadológica, segundo Santos (2001), é o consumo produtor de narcisismos. Por meio dos seus estímulos estéticos, morais e sociais, alcança e envolve a todos. Assim, “consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão de mundo” (SANTOS, 2001, p. 49). O autor comenta ainda que esse sistema mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si, como se voltássemos a ser animais de selva, pois a noção de moralidade pública é reduzida, ou seja, seu valor não tem significado. Nesse mesmo pensamento, Bauman (2005) descreve a produção da subclasse, que emerge desse contexto. Para ele, são pessoas que tiveram</p>

o seu “*bios*” (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a “*zoe*” (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas). Além disso, outras categorias que encontram o mesmo destino, diz o teórico, são os refugiados, os desterritorializados, num mundo de soberania territorialmente assentada.

A ideologia da livre concorrência neoliberalista envolve o mercado global. Neste sistema, segundo Santos (2001), a política é feita no mercado, cujo atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas, pois no mundo da competitividade, conforme essa visão ideológica, ou se é cada vez mais individualista, ou se desaparece, mas se o Estado não pode ser solidário e a empresa não pode ser altruísta, a sociedade como um todo não tem quem a valha. Logo, decreta-se a morte da “política”, em outras palavras, o Estado mínimo. Desse modo, o **discurso do oprimido** se opõe ao discurso do globalismo, que procura disfarçar ou transvestir a proposta neoliberal como algo necessário ao desenvolvimento econômico das sociedades. No discurso do oprimido, não há disfarce, não há dissimulação, a vida sofrida é a própria demonstração das contradições e farsa desta proposta. O oprimido traduz à sociedade as consequências desse nefasto projeto neoliberal e expõe as mazelas do sistema capitalista e as ações imperialistas que geram, intencionalmente, a pobreza, a violência social e violência estrutural e expõe a sociedade à barbárie desmedida.

Resultados: a análise interdiscursiva demonstrou que há um problema social a ser combatido, o desconhecimento das práticas sociais nas quais a migração venezuelana está inserida e, igualmente, há uma prática discursiva a ser confrontada e rearticulada, a manipulação ideológica dominante que se manifesta por meio do discurso globalizante elitista que provoca a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano. Tal discurso é produzido no interior de uma ordem de discurso que compreende o contexto, a força, quase irresistível e farsante, da globalização. A esta prática discursiva contrapõe-se o discurso da migração forçada em todas as suas nuances, ou seja, o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista, porque expressam a condição do migrante e da migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições. O discurso da migração forçada revela a Venezuela como um exemplo, de onde se extraem e visualizam-se os efeitos sórdidos da ação imperialista, que age na constante intenção de sustentar a sua hegemonia. Logo, os discursos produzidos pelo migrante venezuelano manifestam as condições de produção dos fluxos migratórios pelo mundo, desvelam a opressão desenfreada, produzida para fins específicos e surgem de uma crise fundamental da (re)produção capitalista e das suas múltiplas expressões.

Na próxima seção, apresentamos os participantes da pesquisa.

3.3.2 Os participantes da pesquisa

Um dos principais objetivos das ciências críticas é lançar luz sobre a reflexividade dos sujeitos, principalmente, os que se encontram em desvantagem social, para que eles compreendam o que está encoberto e possam ser munidos de ferramentas perceptivas para se tornarem conscientes das coerções ocultas, que muitas vezes sofrem, assim, eles poderão tornar-se livres das opressões e alcançarão um lugar determinante (Melo, 2018).

Em virtude disso, podemos considerar, conforme Beltrão (2019, p. 110) que:

em trabalhos em ACD, os sujeitos da pesquisa não são meros informantes ou objetos do estudo, mas sujeitos sociais (agentes, participantes) valorizados/as e respeitados/as. Deste modo, eles/as devem ser encorajados/as a falar de si mesmos e ter suas considerações pessoais valorizadas. Ademais, os/as participantes devem ser tratados/as como colaboradores/as na construção do conhecimento.

Como destacado anteriormente, os participantes da pesquisa são sujeitos sociais, inseridos em práticas discursivas e sociais. Em consonância com Beltrão (2019), defendemos que eles precisam ser encorajados a falar de si mesmos para além de uma pesquisa, pois são considerados sujeitos potencialmente aptos para integrar frentes de mudança das estruturas sociais em que atuam. Desse modo, são considerados colaboradores/as na construção do conhecimento, porquanto como detentores/as de saberes que pertencem somente a eles, tiveram a disposição de compartilhá-los nesta pesquisa.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 12), o/a pesquisador/a deve engajar-se “procurando captar, no seu contato direto com a situação estudada, a ‘perspectiva dos participantes’, ou seja, o significado que os pesquisados atribuem ao fenômeno investigado”. Por sabermos disso, elegemos como participantes da pesquisa os imigrantes venezuelanos, que eram alunos do curso de português como língua adicional do Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migração e Línguas Adicionais na Amazônia” da Universidade Federal de Rondônia¹⁸.

O contato com imigrantes venezuelanos se deu por meio da nossa participação nas aulas dos cursos de português realizados entre 2019 e 2021. A princípio, as aulas ocorriam de forma presencial e esse tipo de contato facilitava o diálogo com os alunos e, ao ouvi-los, fomos despertados para questionamentos que deram origem a esta pesquisa. Após o primeiro trimestre de 2020, a necessidade de quarentena, devido à pandemia da Covid-19, alterou o formato das aulas, que passaram a ser ofertadas à distância.

Essa realidade causou mudanças em nosso projeto de pesquisa e alteração na forma de coletar os dados. Por isso, readaptamos o projeto, bem como o roteiro da entrevista e utilizamos o recurso *Google Met* para gravar o encontro com os entrevistados, evitando, assim, o contato físico e, seguindo as normas de prevenção e propagação da Covid-19. Apesar desse formato, nossa prévia participação nas aulas, bem como nossa familiaridade com os participantes, foram fatos que colaboraram para uma melhor interação nas entrevistas, que semelhantes a conversas, favoreceram a exposição mais livre deles para falarem sobre suas vidas. Contudo, antes da realização das chamadas na plataforma, houve o contato prévio com cada participante para a

¹⁸ O Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migração e Línguas Adicionais na Amazônia” é um programa institucional do Departamento de Línguas Estrangeiras e do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais (GELLSO), da Fundação Universidade Federal de Rondônia e que pretende beneficiar a comunidade externa através de cursos de línguas, de proficiência em línguas, de oficinas, de ações culturais, de auxílio na elaboração de currículos, de serviços de tradução e outras ações que visem à integração sociocultural, econômica e educacional dos alunos. Promove ações que propiciam o desenvolvimento da compreensão leitora, produção escrita, produção oral, compreensão auditiva e tradução no que se refere às línguas adicionais, especialmente espanhol, inglês, francês, italiano e português para imigrantes.

leitura, o conhecimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, por meio do qual o participante tomou conhecimento das principais informações sobre a pesquisa. O período de realização das entrevistas ocorreu entre os meses de abril e julho de 2021.

A quantidade de participantes foi de dez alunos, escolhidos conforme sua disposição para participar da pesquisa. Das dez entrevistas resultantes, foram selecionadas nove, pois uma foi descartada pela má qualidade de som da gravação. Dentre as nove, para efeito de análise, sete entrevistas compuseram o *corpus* analítico, por apresentarem respostas claras ao objetivo da pergunta de número 13 do roteiro.

O grupo dos 7 participantes apresenta faixa etária que varia de 27 a 48 anos, sendo que 6, dos 7, possuem grau de escolaridade de nível superior e um de nível médio. Três estavam trabalhando e quatro estavam desempregados. Sobre o tempo em que estão morando no Brasil, no momento da coleta de dados, ficamos sabendo que há uma variação no tempo de residência para 6 participantes, cujo período varia entre 8 meses e 3 anos e 3 meses e, somente, um vive no país há cinco anos.

Nesta tese, os participantes são identificados com nomes fictícios, a fim de preservá-los os nomes, ao mesmo tempo, como forma de valorizar sua identidade venezuelana, no decorrer da análise, eles foram referenciados com nomes de cidades venezuelanas. Na sequência, apresentamos os sete participantes desta pesquisa.

Valência é graduada como técnica em sistema de transporte ferroviário e possui treze anos de experiência laboral no *Instituto de Ferrocarril* no Estado Miranda em Santa Teresa del Tuy, na Venezuela. Relata que já sofreu discriminação no Brasil, quando prestou serviço de limpeza. Segundo a participante, ela recebeu um comunicado afirmando que trabalharia mais horas e receberia menos por ser estrangeira.

San Cristóbal é graduado como engenheiro eletrônico e trabalhava como professor de física e matemática para o ensino fundamental, médio e tecnológico e como paramédico na Venezuela. Quando chegou ao Brasil, trabalhou informalmente com vendas de alimentos na rua. Atualmente, está trabalhando com carteira assinada como auxiliar administrativo no centro de distribuição de uma empresa. Relatou que já sofreu discriminação por causa de sua nacionalidade e no trabalho, frequentemente, percebe que há disputa, por parte dos colegas, pelo fato de ser venezuelano.

Caracas foi guarda nacional na Venezuela. No momento está desempregado, muitas vezes, teve que trabalhar informalmente ou prestar diversos tipos de serviços temporários na construção civil e na limpeza de estabelecimentos no Brasil. Contou que, frequentemente, sofre discriminação por sua condição de imigrante.

Mérida é graduada como turismóloga, trabalhou na Venezuela como analista de seguro. Trabalhou no Brasil como operadora de caixa em um supermercado. Disse que já sofreu discriminação por sua nacionalidade

La Asunción é graduada em contabilidade e trabalhou na Venezuela como contadora pública. Atualmente, está trabalhando no Brasil como operadora de produção, em uma empresa e relatou episódios de discriminação, principalmente na fronteira.

Barinas é médica cirurgiã. No momento está desempregada. Chegou ao Brasil por meio do transporte aéreo. Contou que, até o momento, não sofreu discriminação por sua condição de migrante.

Bolívar é graduado em segurança do trabalho, é tecnólogo com grau de escolaridade superior, trabalhava como supervisor na Empresa Estatal Petroleira PDVSA, na Venezuela. No Brasil, está trabalhando em uma empresa na área de acabamento. Relatou muitos episódios de discriminação por sua nacionalidade.

Na próxima seção, discorreremos sobre o *corpus* e os instrumentos usados para a coleta de dados.

3.3.4 O *corpus* e os instrumentos para coleta de dados

Fairclough (2016) afirma que a perspectiva do pesquisador e dos pesquisados é importante na seleção de dados, na construção de um *corpus* de amostras de discurso, pois a natureza dos dados requeridos variará de acordo com o projeto e as questões de pesquisa. Pode-se tomar decisão sobre o conteúdo e a estrutura do conjunto de dados à luz de informações adequadas sobre a prática discursiva. Trata-se de saber o que é útil e como chegar lá, mas também de ter um modelo mental da ordem do discurso, ou domínio do que se está pesquisando e os processos de mudança que estão em andamento, como algo preliminar para decidir onde coletar amostras. O teórico também menciona que ao se trabalhar sobre o esse conjunto de dados e amostras é natural a alteração do mapa preliminar.

À vista disso, desde a construção do nosso projeto de pesquisa até a definição dele, seguimos passos semelhantes. Ao definirmos as nossas questões de pesquisa, conjecturamos como nosso *corpus* poderia ser constituído. Assim, ao buscarmos saber mais a respeito das práticas discursivas que permeiam a migração venezuelana, formamos um modelo mental sobre

quais aspectos da ordem discursiva seriam contemplados, a fim de responder às nossas questões.

A princípio, tínhamos a intenção de pesquisar os aspectos discursivos e identitários nas narrativas dos imigrantes, bem como observar e gravar aulas, como fonte para a coleta de dados, além das entrevistas. Contudo, devido à limitação ocasionada pela pandemia da Covid-19, além disso, uma necessária delimitação no campo epistemológico da pesquisa, subtraímos a intencionalidade analítica pelos aspectos identitários. Com base na primeira proposta, elaboramos o questionário, semiestruturado, com 30 perguntas, para fins de roteiro da entrevista, que consistia em saber a opinião do participante sobre a vida na Venezuela, o percurso até chegar ao Brasil, a vida no Brasil e a aprendizagem da língua portuguesa.

A fase seguinte foi captar todos os documentos necessários à aprovação ética do projeto de pesquisa pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) e pela CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). Após aprovação do projeto de pesquisa, iniciamos a coleta de dados, por meio da realização da primeira entrevista em 24 de abril de 2021. Dessa forma, o período de coletas de dados foi de abril a julho de 2021. Como se vê no Quadro 5:

Quadro 5 Cronograma das entrevistas

Cronograma das entrevistas			
Participante	Data	Horário de início	Duração da gravação
Bolívar	24.04.2021	14h21min	00:54:13
Maracaibo	25.04.2021	15h04min	00:40:24
Caracas	28.04.2021	12h02min	00:35:09
San Fernando	02.05.2021	12h31min	00:56:53
La Asunción	30.05.2021	13h40min	00:26:01
San Cristóbal	04.06.2021	07h24min	01:15:00
San Carlos	04.06.2021	10h09min	00:41:59
Barinas	04.06.2021	12h38min	00:48:33
Mérida	08.06.2021	06h45min	00:44:35
Valencia	04.07.2021	14h29min	00:56:36

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao considerar que o que diz Fairclough (2016) sobre a alteração do mapa preliminar, devido aos rumos que o trabalho do *corpus* poderia levar, percebemos, ao longo da investigação e análise das amostras, que haveria a necessidade de reformulação das questões de pesquisa. Assim, ao trabalharmos os dados, vimos e decidimos que as respostas à pergunta número 13 seriam suficientes para atender à proposta reformulada desta pesquisa.

Conforme dissemos anteriormente, devido ao período de pandemia da Covid-19, no qual nos encontrávamos na ocasião em que a coleta de dados precisava ser realizada, utilizamos o recurso da plataforma do *Google Meet* para efetuar e gravar as entrevistas, evitando, assim, o contato físico e seguindo as normas de prevenção e propagação do vírus.

A entrevista teve um caráter mais livre e exploratório e isso foi possível devido à maneira como realizamos as perguntas, levando o participante a responder na forma de conversa para que ele pudesse contar as suas experiências de vida de um modo mais espontâneo. Desse modo, as respostas ao questionário tiveram a característica de narrativas. Sobre as narrativas, Barros (2015, p. 105) esclarece: “entendo que as narrativas são descrições de eventos ocorridos em algum momento histórico. Nelas são apreendidos os significados das ações dos participantes, suas crenças, valores e experiências vividas e como elas se desenvolvem”. A autora explica que ao falarmos sobre nós mesmos, referimo-nos à nossa identidade, aos nossos sentimentos e às nossas emoções.

A pergunta selecionada foi a de número treze (ver anexos): “Conte-nos, por que você saiu da Venezuela?” e tinha por objetivo saber os motivos pelos quais os migrantes venezuelanos deixaram seu país. Essa pergunta, de forma indireta, nos possibilitou captar os significados discursivos e as marcas ideológicas sobre o tema proposto.

O passo seguinte para a constituição do *corpus* foi a transcrição das gravações. Ao mesmo tempo em que íamos traduzindo as falas¹⁹ ao português, procurávamos manter o sentido original. Fairclough (2016) esclarece que a transcrição é um processo difícil e consome muito tempo e que a escolha dos aspectos capturados sempre será uma questão de julgamento que deve considerar a natureza do projeto e as questões de pesquisa. Considerando esses fatores, as respostas às entrevistas gravadas, depois de transcritas e traduzidas, compuseram o conjunto de textos para análise desta tese. Esses procedimentos foram realizados tendo em vista os seguintes questionamentos:

¹⁹ A tradução do espanhol das entrevistas para o português é de minha autoria. Apenas um aluno concedeu entrevista em português, a maioria dos alunos optou pela entrevista em espanhol, porque, segundo eles, teriam melhor desenvoltura para narrar suas experiências de vida. Essa ocorrência, que nos chama a atenção por vestígios de resistência e marcas identitárias que contém, também se torna um ponto profícuo para posteriores análises e pode ser considerado um micro aspecto da prática discursiva, pois, de acordo com Fairclough (2016, p. 181), os “micro aspectos” associados à prática discursiva podem estar ligados à função interpessoal da linguagem, que podem ser divididas em dois componentes, os quais o autor chama de funções relacional e de identidade (em outro trabalho, Fairclough reduz essas funções ao Significado Identificacional), que estão ligadas “às formas como as relações sociais são exercidas e as identidades sociais são manifestadas no discurso, mas também, naturalmente, a como as relações sociais e as identidades são construídas (**reproduzidas, contestadas e reestruturadas**) no discurso” (destaque nosso).

- Quais discursos, inseridos na rede de práticas sociais, que compõem a migração venezuelana, estão presentes nas narrativas do imigrante no Brasil e quais operações ideológicas estão subjacentes nestes discursos?

- Como podemos pensar o potencial do discurso para a promoção de estratégias de emancipação e autoemancipação, de empoderamento, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil?

Baseadas nessas questões o objetivo desta pesquisa é analisar os discursos formados nas narrativas de imigrantes venezuelanos e potencial na promoção de estratégias de emancipação, de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil.

Nessa direção, vale a pena frisar o papel da ADC nesta investigação: “a ADC almeja investigar, criticamente, como assimetrias são expressas, sinalizadas, constituídas, legitimadas, naturalizadas e mantidas, por algum tempo, pelo discurso” (Vieira; Macedo, 2018, p. 49).

Portanto, esse é o conjunto de procedimentos e noções que sustentam a nossa pesquisa.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE: DA CONJUNTURA, DA PRÁTICA PARTICULAR E DO DISCURSO

As análises que apresentaremos neste capítulo formam o segundo passo do enquadre da ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999), cuja proposta compreende, conforme Resende e Ramalho (2019, p. 36) “a identificação de *obstáculos para que o problema seja superado*, ou seja, identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado²⁰”. Essas análises foram divididas em três partes, a saber: análise da conjuntura, análise da prática particular e análise do discurso.

Embora tenhamos feito essa divisão, é preciso dizer que elas atuam juntas e, no processo analítico, elas nos ajudarão a identificar os elementos da prática social que constituem as barreiras para a mudança estrutural.

As análises também trazem à discussão o contexto social com suas implicações nas práticas sociais, as quais têm relação com o processo histórico, com os momentos de prática, com os interesses ideológicos dominantes em contínua mobilização e com o discurso como forma de representação.

O problema percebido e levantado na proposta de pesquisa se trata da inferiorização do migrante venezuelano em território brasileiro. Nossa hipótese é que a desinformação e a manipulação ideológica dominante a respeito da realidade que compõem a migração venezuelana produzem esse tipo de representação. Dessa forma, este capítulo analisará essa problemática que é decorrente das relações assimétricas de poder.

A primeira parte do estudo está direcionada para a análise da conjuntura, correspondente à seção 4.1. Nessa análise, apresentamos a configuração das práticas associadas ao problema e das quais o discurso é parte. Por essa razão, o contexto no qual ocorre a crise venezuelana é mobilizado, relacionado aos aspectos históricos, geopolíticos e suas dinâmicas, bem como à sociedade abrangente em nível macrossocial e seus mecanismos de reprodução.

A segunda parte, referente à seção 4.2, trata-se da análise para situações que envolvem a prática particular e as relações entre o discurso e outros momentos. Essa seção se centrará nas

20 Conforme será visto na Análise da prática particular (4.2.1), especificamente no subitem 4.2.1.1, o problema de pesquisa do qual partimos para realizar o aprofundamento teórico é a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano no Brasil. Essa problemática foi levantada a partir da experiência em sala de aula com alunos imigrantes venezuelanos e da análise da prática particular, que corresponde aos diferentes elementos da vida do migrante em foco nas práticas discursivas, bem como foi embasada na teoria de Paulo Freire (1987), de Bourdieu (1992) e nos estudos de Germano (2013) e de Costa, Santos e Vale (2020).

práticas problemáticas que são decorrentes de relações sociais e ideológicas assentadas na ideologia globalizada, a qual influencia as práticas e os discursos e produz relações assimétricas de disputas pelo poder.

A terceira parte, que compreende a seção 4.3, é a análise do discurso dos participantes da pesquisa. O enfoque da análise está na estrutura, com foco na identificação dos discursos e, na interação, centra-se nos recursos utilizados nos textos e sua relação com a prática social. À vista disso, analisaremos as representações materializadas nos enunciados dos participantes da pesquisa como forma de compreender quais discursos estão inseridos nas redes de práticas sociais, relacionados ao evento social da migração venezuelana e como certos discursos influenciam os mecanismos ideológicos de opressão e desfavorecimento e como outros podem estabelecer relações antagônicas com esses mecanismos.

4.1 Análise de conjuntura: Contexto sócio-histórico do cenário geopolítico da Venezuela

A análise da conjuntura corresponde à primeira análise da segunda parte do enquadre de ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999). Essa primeira análise, dentre três, investiga “a configuração das práticas sociais das quais os discursos associados à migração venezuelana é parte” e identifica elementos que constituem obstáculo para a mudança estrutural (Resende; Ramalho, 2019). Para isso, teceremos reflexões sobre o contexto sócio-histórico e geopolítico do qual os discursos emergem e sobre as operações das estruturas de dominação.

Barros (2015) explica que o mundo constitui realidades que vão afetar e limitar a construção discursiva do social e, que, portanto, é possível, textualmente, representar o mundo social em modos particulares, contudo essa representação irá depender dos fatores contextuais.

Desse modo, para analisar práticas sociais, é necessário refletir sobre o contexto sócio-histórico, do qual elas emergem para compreender por quais articulações elas passam e de que forma elas se sustentam ou se modificam, pois o discurso encontra-se inserido em uma prática social que, em maior ou menor grau, estrutura os nossos dizeres e as nossas ações (Gonçalves-Segundo, 2018).

Ao considerar esses pressupostos, nesta investigação, durante a análise da conjuntura, consideraremos a configuração das práticas sociais emergentes do contexto sócio-histórico e geopolítico da migração venezuelana. Para nós, algumas dessas práticas representam os obstáculos que impedem que a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano seja superada.

4.1.1 Venezuela: aspectos históricos dos séculos XIX e XX, o papel do petróleo e as migrações internacionais

A compreensão dos processos migratórios na Venezuela passa pelo entendimento dos aspectos sócio-históricos e geopolíticos do país que estão fortemente vinculados à questão econômica da extração do petróleo, atrelada aos conflitos de interesses entre o projeto liberal e neoliberal e as demandas populares. Desse modo, nesta seção, discorreremos, brevemente, sobre a forma como se configurou a estrutura socioeconômica e política da Venezuela, depois da independência do domínio espanhol no século XIX. Além disso, dialogaremos sobre a consolidação do Estado-nação como também da consolidação do pacote neoliberal, no início da última década do século XX. Também, demonstraremos o papel do petróleo nas questões socioeconômicas no decorrer dos períodos elencados, além de apresentar as migrações internacionais que fizeram parte da composição histórica da nação nos períodos de incentivo econômico.

Iniciaremos a análise, abordando a invasão napoleônica da península ibérica na primeira década do século XIX, onde foram criadas as condições favoráveis para que alguns processos de emancipação, que vinham sendo iniciados no colonizado território do continente americano pela monarquia espanhola, pudessem concretizar a independência.

Conforme Brito²¹ (1967) e Fernández²² (2019), essa ruptura com a dominação colonial que foi impulsionada pela classe social constituída pelos brancos crioulos, que faziam uso da escravidão como modo de produção, abriu caminho para um período histórico de conflitos bélicos que se estendeu por 14 anos.

As lutas pela independência foram projetadas e consolidadas pela liderança política e militar de Simón Bolívar, nomeado libertador em 1813, cujo pensamento e ação constituem marcas fundadoras da identidade venezuelana e referência de grande valor para vários países da América Latina (Fernández, 2019).

Depois das lutas de independência e após a integração dos países na Grã- Colômbia, que foi desfeita em 1830, sob o comando de José António Paez, o país esteve, durante uma década, sob influência de um único partido político oligárquico e centralizador, comandado

21 Federico Brito Figueroa, docente, escritor, cátedra de História Insurgente, historiador, geógrafo, etnólogo e antropólogo marxista venezuelano.

22 Adrián Padilla Fernández, docente-pesquisador do Centro de Experimentação Permanente (CEPAP) da Universidade Nacional Experimental Simón Rodríguez (UNESR, Venezuela), comunicador social e jornalista.

pelos caudilhos. Contudo, em 24 de agosto de 1840, surgiu o Partido Liberal de Venezuela, fundado por Ant3nio Leocadio Guzm3n, defensor da bandeira federalista e libert3ria e contra o Partido Conservador Venezuelano. Esse partido era a favor dos interesses olig3rquicos e, em raz3o das disputas cada vez mais acirradas entre os partidos, o pa3s viveu uma guerra federal em 1859, que durou cinco anos e levou o destacado Ant3nio Guzm3n Blanco, filho de Ant3nio Leocadio Guzm3n, ao posto de presidente dos Estados Unidos da Venezuela, por3m seu governo, embora defendesse um liberalismo, n3o passava de uma autocracia de domina3o de classes poderosas, centralizada em um 3nico homem (Brito, 1967; Aguirre, 2020).

Fern3ndez (2019) comenta que, no 3mbito social, havia um paradoxo de que esses processos de emancipa3o inspirados na Revolu3o Francesa, na ruptura com o Estado teocr3tico e com o absolutismo mon3rquico, na caminhada ao Estado moderno proposto pelo liberalismo burgu3s fossem impulsionados e dirigidos pela classe social dos senhores da terra e escravistas. Por outro lado, o mesmo autor explica que houve grandes tens3es sociais por for3a das lutas da popula3o escravizada contra as classes de propriet3rios, da popula3o rural, em condi3es de servid3o, contra os senhores da terra, da popula3o negra contra os brancos, todas constitutivas da ordem colonial, na qual algumas se mantiveram e outras sofreram muta3es significativas.

A ruptura com o regime colonial se deu com a necessidade do livre com3rcio exigido pela classe dos senhores da terra e negado pelo poder metropolitano. Uma vez que se alcan3ou a independ3ncia, as portas se abriram para o mercado internacional, para escoar a produ3o agropecu3ria. Esse processo se realizou com a intermedia3o de uma burguesia mercantil. Nessas din3micas de comercializa3o, essa classe social alcan3ou uma significativa acumula3o financeira que lhe consolidou como setor dominante da economia (Fern3ndez, 2019; Brito, 1967).

A partir de 1840, houve uma decad3ncia da agricultura de planta3es de base escravista, devido ao fechamento do mercado exterior dos produtos agropecu3rios venezuelanos e porque muitos senhores da terra n3o tiveram condi3es de pagar as d3vidas contra3das com a burguesia mercantil dos centros urbanos (Brito, 1967).

Iniciaram-se, assim, as caracter3sticas de uma hegemonia burguesa com poder baseado nas transa3es financeiras. Tal burguesia configurou uma classe social, que distante da maneira estrutural da atividade produtiva prim3ria, foi propensa a constituir uma cultura da renda como fonte principal de gera3o de riquezas. Assim, o s3culo XIX venezuelano transcorre num contexto de grande instabilidade pol3tica, econ3mica e social, que se expressa na quantidade de

confrontos armados e revoluções, sendo as de maior impacto, a Guerra da Independência (1810-1824) e a Guerra Federal (1859-1863) (Fernández, 2019).

Com base nas análises iniciais, podemos dizer que a estrutura socioeconômica e política da Venezuela, depois da independência do domínio espanhol, no século XIX, se pauta em uma identidade nacional que é construída a partir de constantes lutas de grupos sociais que procuram consolidar-se na liderança do país por interesses hegemônicos e econômicos para consolidar-se no poder. A população, neste caso, é a que sofre os impactos dos conflitos sociais.

No início do século XX, no ano de 1908, sob golpe de Estado, o general Juan Vicente Gómez presidiu o país com um programa chamado de “reabilitação nacional”, que consistia na reorganização das finanças, no reconhecimento das dívidas com as empresas estrangeiras, na eliminação das revoluções regionais, com a prisão dos seus dirigentes revolucionários e na instauração de uma base autoritária que trouxe uma atmosfera de estabilidade política e econômica, que caracterizou seu governo durante vinte e sete anos (Fernández, 2019). Não houve repercussão em relação ao golpe de Estado, pois, até então, esse fato havia se tornado comum nas sucessões dos governos anteriores. Isso também ocorreu no regime autoritário de cada sucessão presidencial, marcada por perseguições, martírios, torturas e atrocidades.

Santos²³ (2020) explica que o petróleo foi descoberto no ano de 1917 e se tornou o principal produto de exportação no ano de 1926, fazendo da Venezuela um país predominantemente petrolífero, o que resultou na dependência econômica atrelada ao valor do petróleo. Assim, o país abandonou sua atividade agroexportadora e se tornou um importador de alimentos, causando uma migração urbana de grande escala.

Nessa configuração histórica, Aguirre²⁴ (2020) comenta que há três pontos importantes para destacar que ajuda a compreender a estrutura política que se estabeleceu na Venezuela. O primeiro ponto é a centralização do Estado. O segundo está relacionado ao surgimento de grupos políticos e sociais, pois, durante seus 27 anos de gestão, o país se tornou terreno fértil para o aparecimento desses grupos. E, por último, o estabelecimento da Venezuela como Petro-Estado tornou-se ora a salvação, ora a maldição do país.

²³ Fábio Luís Barbosa dos Santos, docente do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, escritor e pesquisador colaborador do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - USP.

²⁴ Deninson Alessandro Fernandes Aguirre, docente, diretor de Pesquisa e Projeto no Centro de Pesquisa Internacional (CPINTER), editor Adjunto da Revista FENERI, e Coordenador Geral de Comunicação no Centro de Investigación de Asuntos Estratégicos Globales (CEINASEG).

O século XX se tornou para a Venezuela o século do petróleo, caracterizado como um período de grande desenvolvimento tecnológico industrial, gerando grande atividade econômica em torno da exploração petrolífera, a qual adquire grande importância geopolítica, dada a instauração da grande guerra europeia. O petróleo, então, se tornou o material estratégico para acionar o transporte de guerra. Nesse período, o país abriu as portas para as empresas estrangeiras britânicas e estadunidenses, convertendo-se em fonte de ganhos para esses países (Fernández, 2019).

Observamos que a presença de empresas estrangeiras extratoras de petróleo, a centralização da renda nacional baseada no comércio do petróleo e o êxodo da zona rural para a zona urbana, o qual culminou com a extinção do mercado exterior dos produtos agropecuários venezuelanos, promoveram profundas modificações no mercado interno. Por exemplo, o monopólio estadunidense controlou a vida econômica dos venezuelanos. Assim, esses fatos nos ajudam a compreender o contexto atual do país.

Segundo Maringoni²⁵ (2008) e Fernández (2019), no contexto de consolidação do Estado-nação, que compreende o século XIX e parte do século XX, é possível visualizar dois projetos de sociedade, um com características conservadoras e o outro com traços de um governo liberal. Os sucessivos governos liberais fortaleceram, em âmbito jurídico, a modernização da sociedade ao estabelecer a educação pública, o casamento civil e o caráter laico do Estado.

Havia uma crescente influência comunista desenvolvendo-se nos países latino-americanos, a qual surgia como reação às políticas repressoras. Na Venezuela, essas manifestações eram combatidas pelos governos ditatoriais, que recebiam o forte apoio das empresas petrolíferas em troca de facilidades para a exploração do petróleo no território venezuelano (Santos, 2020).

Não obstante, nesse período, aconteceram alguns ensaios democráticos promovidos por Medina Angarita e Gallegos. Foram fundadas organizações políticas que tiveram projeção histórica na segunda metade do século e foram criados sindicatos emblemáticos como o de professores e o de trabalhadores petrolíferos, os quais se tornaram referências fundamentais das lutas sociais (Fernández, 2019). Medina concedeu retorno aos exilados, legalizou os partidos políticos, realizou a reforma agrária, conferiu liberdade de imprensa, consentiu a abertura de

²⁵ Gilberto Maringoni, doutor em História Social pela FFLCH-USP, escritor, jornalista, cartunista e docente de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, atuou também como docente na Faculdade Cásper Líbero e na Universidade Federal de São Paulo.

sindicatos e reestabeleceu relações econômicas com a União Soviética. Outro ponto que merece destaque foi “a reforma da Constituição de 5 de maio de 1945 que extinguiu o artigo ‘anticomunista’, e deu direito de votos às mulheres. [...] a exclusão do dito artigo daria liberdades para este partido poder atuar no cenário político” (Aguirre, 2020, p. 47).

Em 1947, promulgou-se uma nova Constituição e realizaram-se as primeiras eleições democráticas, quando todos, sem distinção de sexo, acima de 18 anos, poderiam votar. Gallegos foi eleito presidente, seguindo a nova Constituição de 1947. Porém, após 9 meses, seu governo caiu através de mais um golpe de Estado, que ocorreu no dia 24 de novembro de 1948 e foi liderado por seus próprios apoiadores. Salientamos que o poder era cobiçado por um líder militar. De 1948 a 1951, o país foi governado por uma junta responsável pelo golpe e que se organizou para realizar as eleições. Em 1952, realizaram-se as eleições, mas a junta decidiu não reconhecer o resultado, e o militar Marcos Pérez Jiménez assumiu o poder (Maringoni, 2008).

Notamos que os governos de viés democrático foram interrompidos por golpes de Estado, com apoio dos Estados Unidos. Observamos, assim, os projetos direitistas, apelando aos golpes de Estado como estratégia de reversão das ações da esquerda e severa repressão por parte do governo contra qualquer dissidência.

Em 1957, os partidos dominantes já vinham articulando um projeto que promovesse o apoio dos partidos pela “democracia”, o que resultou no Pacto de Nova York. Mais tarde, em 1958, esse projeto é denominado de *Pacto de Punto Fijo*, após um encontro realizado na cidade de Punto Fijo, no estado de Falcón (Maringoni, 2008).

De acordo com Santos (2020, p. 37) o *Pacto de Puto Fijo* implicou fundamentalmente na divisão do Estado em duas partes: *Acción Democrática* e *Comité de Organización Política Electoral Independiente*, ou seja, os dois partidos passaram a se alternar no poder executivo. Além disso, também, objetivava integrar as forças armadas aos privilégios petroleiros, controlar os sindicatos, reprimir os dissidentes, sobretudo, os comunistas. Suas premissas envolviam a reprodução do negócio petroleiro. No plano geopolítico, a consequência foi o alinhamento do país com os Estados Unidos.

Em 1958, aconteceu a queda do governo ditatorial de Marcos Pérez Jiménez pela confluência de alguns fatores: esgotamento do regime negador de direitos, pressão política dos sindicatos e partidos da esquerda, influência dos Estados Unidos, interessados numa mudança que não afetasse seus investimentos econômicos (Fernández, 2019).

Sobre o presidente Pérez Jiménez, Alexander²⁶ (1965) diz o seguinte:

[...] uma tragédia para a nação e o povo. Não só presidiu Jiménez a um dos governos mais tirânicos que a América Latina conheceu nesta geração, como sua administração desperdiçou [temerariamente] a maior renda que a Venezuela tinha até então recebido ou viria então a receber em futuro previsível (Alexander, 1965, p. 45).

Depois de várias tentativas de insurreições dos militares, a Venezuela, na eleição de 1961, deu rumo à democracia. Contudo, o governo de ação democrática de Romulo Betancourt (1959-1964) definiu-se como uma democracia autoritária, pois suspendeu as garantias constitucionais, ilegalizou os partidos de esquerda, exerceu repressão às lutas sociais, fez tortura, houve o desaparecimento de pessoas por razões políticas, o que desencadeou uma luta armada reativa pelos partidos de esquerda que se mantiveram até 1969 (Fernández, 2019).

Havia uma motivação para a reação da esquerda contra a política de repressão pois “por conta do triunfo de Fidel cresce o interesse na América Latina e se traçam interesses estratégicos” (Leonov, 1999, p. 50). Na Venezuela, essa situação levou o governo a buscar um alinhamento com os Estados Unidos.

Betancourt (1961) promulgou a nova Constituição, pelo cenário proporcionado pelo *Pacto de Punto Fijo*. Em 1964, terminou seu mandato. De acordo com Maringoni, “[...] a Venezuela desempenhou um papel relevante: a criação da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP)” (2008, p. 63). Criou, também, uma Estatal petrolífera para a comercialização e exploração do petróleo.

Podemos observar, na linha histórica, que havia um discurso democrático por parte dos atores políticos usados como álibi para chegar à presidência, contudo, alcançando este posto, usavam o autoritarismo e a força para obterem o controle da nação e perpetuarem o poder. Este era um cenário recorrente, que perdurou no poder executivo ao longo da história, ou seja, havia a promessa de uma democracia que nunca chegava.

O presidente Rafael Caldera do partido social-cristão continuou com as práticas de uma democracia autoritária. Em seu governo, destacou-se a ocupação militar do *campus* da Universidade Central da Venezuela (1970) e a intervenção política e administrativa dessa instituição. Também foram reprimidos os camponeses, os trabalhadores, a população de bairros

²⁶ Robert Jackson Alexander (26 de novembro de 1918 - 27 de abril de 2010) foi ativista político, escritor americano, docente na *Rutgers University*, escreveu sobre política latino-americana, movimentos sindicais e pesquisas sobre movimentos radicais dissidentes.

ou qualquer expressão de luta social, e o setor estudantil sentiu o peso da repressão com a morte de dezenas de estudantes (Fernández, 2019).

Em 1973, foi o ano do aumento do preço do petróleo que superou a marca de trezentos por cento, o que possibilitou um crescimento econômico da Venezuela. Porém, a partir de 1974, no governo de Carlos Andrés Pérez, o país começou a vislumbrar um futuro que viria marcar a sua história (Maringoni, 2008).

Contudo, durante os governos *puntofijistas*, o país estreitou os laços com os Estados Unidos e essa ascensão tornou-se ilusória, devido ao modelo rentista baseado no preço do petróleo e devido à onda de corrupção, que marcou o final desse governo.

Esse período coincidiu com o primeiro mandato presidencial do Carlos Andrés Pérez (1974-1979), lembrado pela população como ‘os bons tempos’. Houve um redimensionamento do papel do Estado, que expande seu papel de agente produtivo e permite que o país aumente sua presença política no cenário internacional, pela participação decidida no movimento dos países não alinhados e no chamado terceiro-mundismo (Maringoni, 2008, p. 65-66).

O governo seguinte de Luis Herrera Campins (1979-1984) foi eleito devido a uma campanha de denúncias sobre a corrupção no final do governo de Pérez, cuja economia estava em situação crítica. O quadro econômico se agravou com o incremento da dívida externa, a desvalorização monetária, a inflação, o que levou o país a ter um aumento dos conflitos sociais, e o governo, para conter, respondeu com repressão. Esse episódio ficou registrado na história do país como o “*Masacre de Cantaura*”. Nesse quadro de decomposição social e política, Carlos Andrés Pérez chegou ao poder novamente, sendo eleito para seu segundo mandato, pois, no imaginário coletivo, seu governo estava vinculado à bonança do passado (Fernández, 2019).

É sabido que o governo estadunidense, há muito tempo, tem interesse pela fonte natural de petróleo que a Venezuela detém, devido à localização estratégica muito mais próxima aos Estados Unidos do que, por exemplo, a grande reserva do Irã. Essa interferência estadunidense na política interna da Venezuela²⁷ aconteceu no início e durante todo o século XX (Maringoni, 2008).

Amenta (2010) explica que, apesar da grande produção e riqueza advinda da extração do petróleo, a população não tinha nenhum direito real e tinha que buscar ajuda para sobreviver,

²⁷ É importante destacar que o projeto neoliberal já vinha tomando forma desde a metade da década de 1970 e foi convalidado pelos regimes constitucionais que sucederam às tiranias do Cone Sul. Sua prioridade na região foi desterrar a influência alcançada pela esquerda e o nacionalismo radical do calor da revolução cubana (Katz, 2014).

sem incomodar as “pessoas importantes”. Havia um analfabetismo generalizado, as escolas públicas se encontravam sem qualidade, com prédios em ruínas, em contraste com as escolas privadas decentes para os mais ricos, alto índice de mortalidade infantil, expectativa de vida abaixo dos 60 anos, aposentadorias irrisórias e nenhum plano de seguridade social (cf. Amenta, 2010).

Por causa da relação com os Estados Unidos, a economia ficou restrita à produção do petróleo, aumentando cada vez mais a importação de produtos básicos, logo cresceu, também, a dependência dos Estados Unidos, o que evidenciava uma vantagem unilateral, guiada por uma política de alianças, a qual prezava pela manutenção de privilégios da classe política, na qual a população ficava cada vez mais à margem (Amenta, 2010).

Ao tom da corrente neoliberal, Carlos Andrés Pérez inicia seu segundo governo com o anúncio de um pacote de medidas que consistia no aumento dos preços dos serviços básicos como transporte, combustível, alimentos da cesta básica em troca do empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI), incluindo ajustes fiscais, privatização de empresas estatais, enxugamento da máquina administrativa. Uma vez que havia um déficit fiscal, as taxas de impostos impediam a economia interna e estimulavam a fuga de divisas, enquanto a dívida externa, já negociada, era quase impossível de pagar. Tudo isso resultou na explosão de um dos surtos sociais mais importante, ocorrido na América Latina, durante o século XX, que ficou conhecido como *El Caracazo* (Fernández, 2019; Katz²⁸, 2014).

O *Caracazo* ocorreu em 27 de fevereiro de 1989 e consistiu na manifestação popular decorrente do pacote de medidas neoliberais propostas pelo governo. Foi considerada como a rebelião mais violenta contra a agenda neoliberal na América Latina no final do XX (Santos, 2020). Houve saques massivos a todo tipo de estabelecimento comercial, as tropas das forças armadas foram enviadas para realizar uma gigantesca operação repressiva jamais vista, armas de guerra castigaram, de maneira desproporcional, o povo reacionário, o governo suspendeu as garantias constitucionais e impôs o toque de queda até o dia 5 de março. Oficialmente, anunciaram trezentas mortes, entretanto os organismos de defesa dos direitos humanos denunciaram que a quantidade seria de três mil mortos e inúmeros desaparecidos (Fernández, 2019; Katz, 2014).

A repressão militar, no início, foi indiscriminada, mas logo se tornou seletiva e direcionada aos dirigentes dos movimentos sociais e grupos da esquerda que foram

28 Claudio Katz é argentino e professor da Universidade de Buenos Aires, economista e doutor em Geografia. Dirige projeto da UBA, é pesquisador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e membro do Instituto de Pesquisas Econômicas.

responsabilizados pela ação coletiva dos setores populares, sendo muitos submetidos a torturas. Em relação ao plano neoliberal, concretizaram-se privatizações de importantes empresas públicas como a telefônica CANTV e a linha aérea VIASA (Fernández, 2019).

Vemos, assim, que a condição neocolonial da Venezuela é a de um país que está na área de influência dos Estados Unidos, figura hegemônica que procura extrair, por meio do estabelecimento de estratégias políticas, de exploração e de persuasão ardilosa, as riquezas naturais pertencentes à nação venezuelana.

Portanto, a cultura política que se consolidou no país, a partir da segunda metade do século XX, foi baseada nos ideais neoliberalistas que buscavam de forma repressiva aniquilar as manifestações populares de natureza opositora que, muitas vezes, despontaram, no decorrer dos fatos históricos (Fernández, 2019; Katz, 2014).

No que se refere às migrações, neste período, houve um longo processo de recepção de migrantes, em decorrência da formação de uma política migratória, focada para receber pessoas, após o desmantelamento da Grã-Colômbia, mas também impulsionada pelas oportunidades de emprego e riqueza devido à exploração da grande reserva de petróleo (Silva, 2017). A economia baseada na extração e exportação do petróleo incide nas dinâmicas migratórias do país tanto para a imigração como para a emigração.

Ramírez *et al* (2019) destacam três ondas imigratórias principais em relação à história da Venezuela. A primeira no século XX quando depois do descobrimento do primeiro poço de petróleo, o país foi receptor de trabalhadores qualificados provenientes dos Estados Unidos, vinculados às transnacionais como Shell, Exxon Mobil, Chevron e Texaco. A segunda onda ocorreu depois da II Guerra Mundial, quando o governo ditatorial lançou o Plano de Modernização e Progresso da Venezuela e logo começou a construir grandes obras de infraestrutura. Nessa época, chegaram os migrantes da pós-guerra, sobretudo, italianos, espanhóis e portugueses, como mão de obra qualificada para dirigir e trabalhar nas grandes obras públicas. Permitiu-se, então, não só a chegada, mas também a naturalização dos europeus de 1948 a 1961. A terceira onda migratória é caracterizada pela bonança petroleira, conhecida como *la Venezuela saudita*. Coincidiu com o conflito interno colombiano e com as ditaduras do Cone Sul, as quais trouxeram imigrantes da Colômbia, da Argentina, Uruguai e Chile.

Freitez²⁹ (2011) destaca dois períodos de atração de imigrantes, um de longa duração entre 1830 até 1963, que focava mais em uma migração de povoamento, e o segundo entre 1963

29 Anitza Freitez, Doutora em Demografia, Diretora do Instituto de *Investigaciones Económicas y Sociales* da Universidade Católica Andrés Bello (IIES-UCAB).

e 1992, com migrações motivadas por questões econômicas, políticas, laborais, vinculadas ao contexto da economia do petróleo.

Silva³⁰ (2017) comenta que, durante esses dois grandes períodos de atração, diversas nacionalidades se estabeleceram na Venezuela, como pessoas provenientes da América do Sul e do Caribe, com destaque para os colombianos, que estavam nos intensos conflitos que os afetaram durante boa parte do século XX, assim como havia uma forte presença de argentinos. Ainda, não somente americanos, mas também europeus provenientes da Espanha e Portugal que, durante o século XX, passaram por duas ditaduras que transformaram ambas as localidades em origem de muitos movimentos migratórios, devido ao atraso democrático e econômico, fixaram residência no referido país. Italianos oriundos da região sul da península, localidade marcada por um menor grau de desenvolvimento econômico, estabeleceram-se, também, na Venezuela.

Conforme Silva (2017), a partir dos anos de 1980 e, principalmente durante os anos de 1990, essa situação começou a mudar, por causa da crise econômica e social que marcou a Venezuela, o que contribuiu para desencadear o processo de retorno dos estrangeiros que migraram para a Venezuela para seus países de origem. Por essa razão, a capacidade de atração do país se alterou, diminuindo os fluxos relacionados aos seguimentos do petróleo e de matriz urbana, mantendo, apenas, os movimentos gerados nas fronteiras secas, como os movimentos relativos à extração do ouro, permanecendo a dinâmica de travessia.

4.1.2 A revolução bolivariana, a oscilação do petróleo e as ondas migratórias

Nesta seção, descreveremos, brevemente, a configuração da revolução bolivariana no final do século XX e início do século XXI até os dias atuais, fazendo correlação dos fatos históricos e geopolíticos com a ação hegemônica estadunidense para a desarticulação da revolução bolivariana, bem como apresentaremos as consequências da oscilação do preço do petróleo nas questões socioeconômicas do país e as ondas imigratórias que emergem das crises atuais do capitalismo. Ainda, veremos como a noção de crise migratória venezuelana vincula-se aos interesses internacionais.

30 Professor na Universidade Federal de Roraima (UFRR) do curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF). Membro da diretoria da ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com ênfase em Relações Internacionais. Mestre em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Advogado graduado pela Faculdade de Direito de Sorocaba (FADI); Bacharel e Licenciado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Foca suas pesquisas em temas relacionados às migrações internacionais, ao refúgio e às fronteiras, com especial interesse em políticas migratórias.

É pertinente ressaltar, no que se refere a esta análise, serem válidas as críticas ao governo bolivariano, nos períodos dos governos de Chávez e Maduro. Consideramos também, conforme Bello³¹ (2019), que existe intensa crítica ao governo de Maduro, inclusive, por parte de chavistas na Venezuela, evidenciando as opiniões polarizadas e ramificadas em relação às decisões políticas no país. No entanto, não se pode negar o avanço do programa de sociedade idealizado pelo governo bolivariano, bem como a coragem e a luta para estabelecer oposição ao imperialismo.

Na esteira dos conflitos que marcaram o ano de 1989, quando a população saiu às ruas para protestar contra o pacote econômico exigido pelo FMI, o país vivia uma forte repressão e sentia os impactos que já vinham se arrastando no contexto da política neoliberal que levou o país a um colapso. Assim, de acordo com Fernández (2019), no dia 4 de fevereiro de 1992, ocorreu uma rebelião militar, com a intenção de dar freio ao caos ao qual as classes dominantes haviam levado o país. Os envolvidos, membros do exército, se identificaram como o Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR – 200), grupo político clandestino fundado no interior das forças armadas em 1983, sob o pensamento de Simón Bolívar, Simón Rodrigues e Ezequiel Zamora. Eles protagonizaram uma tentativa de golpe, que não se concretizou. Uma vez frustrada a tentativa, renderam-se, e o Tenente Coronel Hugo Rafael Chávez Frías, em uma transmissão de televisão, assumiu a responsabilidade do ato e pediu para seus companheiros desistirem da ação, naquele momento (Fernández, 2019).

Os setores populares se identificaram com aquela ação, da mesma forma, os intelectuais, jornalistas e até políticos tradicionais. Em 1993, Pérez foi afastado do governo, acusado de corrupção. Tornou-se o único presidente na história do país a ser destituído por uma ação judicial. Com isso, chegava ao fim o *puntofijismo* (Fernández, 2019; Katz, 2014), um tratado que perpetuava no poder os representantes da classe dominante para apropriação das decisões e privilégios associados à renda do petróleo, ao controle dos sindicatos locais e em consonância aos interesses dos Estados Unidos.

Assim, Rafael Caldera conseguiu a vitória eleitoral com a promessa de resolver a crise econômica e de conceder anistia aos militares presos, entre eles, Hugo Chávez. Caldera lidou com sérios desajustes sociais e uma severa crise bancária que atingiu um grave desequilíbrio na

³¹ Enzo Bello é professor da Faculdade de Direito da UFF, coordenador no Estado do Rio de Janeiro da Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano, associado e membro-fundador do ILAEDPD (Instituto Latino-Americano de Estudos sobre Direito, Política e Democracia), associado à IPSA (International Political Science Association) e à LSA (Law and Society Association), membro do GT Pensamento Jurídico Crítico da CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais). Doutor em Direito pela UERJ. Mestre em Ciências Jurídicas pela PUC-Rio. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRJ.

economia venezuelana, num cenário em que o preço do petróleo chegava no mínimo histórico. Desde a saída da prisão, Chávez percorreu o país e entrou em contato com a população mais necessitada, com organizações populares, com grupos de esquerda, atendeu a convites internacionais e lançou sua candidatura. Em 1998, obteve a vitória em 6 de dezembro, com 56% dos votos (Villa, 2005; Fernández, 2019; Santos, 2020).

Em 1999, Chávez se tornou presidente e, no mesmo dia da posse, assinou um decreto para a realização de um *referendum* consultivo para a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte. Essa Assembleia elaborou e submeteu à aprovação da população um novo marco jurídico, uma nova Constituição para uma amplificação do conceito de democracia e definiu o Estado venezuelano como multiétnico e pluricultural, reconhecendo os povos indígenas originários, as populações afro-venezuelanas e destacando a força cultural da mistura e do sincretismo como marcas de resistência à dominação colonial e neocolonial (Fernández, 2019; Katz, 2014).

A nova Constituição de 1999 inaugurou a República Bolivariana da Venezuela, referente ao nome e aos ideais de Simón Bolívar, como uma figura que remete à independência do país. Dessa forma, Chávez procurou reestruturar o país de acordo com a memória coletiva e identitária venezuelana (Silva, 2017).

A nova Constituição renovou todos os poderes e deu poder público ao organismo eleitoral (CNE), assim, por meio dela, Chávez criou o poder moral com a instituição da Defensoria do Povo, criou a Assembleia Nacional, estabeleceu seis anos para o período presidencial e incorporou o *Referendum* Revocatório aplicável a todos os cargos de eleição popular, incluindo, o de presidente ou presidenta da república (Fernández, 2019).

Outras reformas político-institucionais foram a instauração da possibilidade do executivo legislar por decreto em temas e tempo definido por parlamentares, a implementação de novas leis, a saber: Leis Habilitantes, Leis Orgânicas, Lei da Pesca, Lei da Terra e Lei do Desenvolvimento Agrário e dos Hidrocarbonetos. Essas leis limitaram a apropriação privada, incitaram a reapropriação pelo Estado da renda petrolífera e influenciaram os interesses econômicos das tradicionais famílias da oligarquia venezuelana que, por mais de cem anos, consolidaram suas riquezas com a prática do latifúndio, o que fez eclodir as contradições entre os grupos de poder (cúpulas dos partidos tradicionais, organizações de empresários, cúpula da igreja católica, conglomerados midiáticos) e o governo (Fernández, 2019; Villa, 2005; Araujo, 2015). Assim, iniciou-se um movimento acirrado de oposição ao chavismo.

A partir dos meios de comunicação, desenvolveram-se campanhas sistemáticas contra as ações do governo com um agressivo discurso anticomunista. A resposta do governo foi a voz

do próprio presidente Chávez por meio do programa semanal de rádio e televisão “Alô Presidente”. Essas tensões culminaram em um golpe de Estado. Chávez se entregou e foi preso e colocaram no seu lugar Pedro Carmona, presidente da organização de empresários. Em 48 horas, a ação foi revertida pela mobilização popular e pela participação dos militares que se pronunciaram pelo respeito ao marco constitucional. Ao final deste mesmo ano, aconteceram greves do setor petrolífero, que derrubaram o PIB do país em 17%, produzindo *déficit* no caixa público e altos índices de desemprego. Contudo, com o apoio popular e militar, para nacionalizar o petróleo, o governo demitiu e substituiu 17 mil dos 42 mil funcionários dessa indústria. A oposição continuou a pressão e levou à ativação o *Referendum* Convocatório contra o presidente. Depois de uma intensa campanha, os venezuelanos optaram pelo “não” e Chávez obteve uma destacada vitória (Fernández, 2019; Santos, 2020).

No âmbito internacional, foram estabelecidas alianças econômicas, comerciais e políticas de caráter estratégico com China e Rússia. Reativou-se e impulsionou-se a OPEP (Organização de Países Exportadores de Petróleo) como passo fundamental para fortalecer o mercado petrolífero e elevar os preços, no contexto conhecido como *boom* das *commodities*, o que refletiu no aumento da renda que permitiu ao governo bolivariano modificar o quadro de desigualdade social venezuelano. Entre 1998 e 2012, diminuíram-se a pobreza, a pobreza extrema, a concentração de renda e impulsionaram-se importantes programas sociais direcionados para a educação, saúde, alimentação, moradia, entre outros. Ao mesmo tempo, no âmbito latino-americano, fortaleceram-se processos de integração na região da América Latina e Caribe, com a criação da ALBA (Aliança Bolivariana para os povos da Nossa América), projeto de colaboração e complementação política, social e econômica entre países da região, promovido, inicialmente, por Cuba e Venezuela, como contrapartida da ALCA, impulsionada pelos Estados Unidos; do UNASUR (União de Nações sul-americanas - Tratado constitutivo de UNASUR, integrado originalmente pelos 12 Estados independentes da América do Sul); da CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos); e do PETROCARIBE (Acordo de cooperação energética que se materializou no Primeiro Encontro Energético de chefes de Estado e de Governos do Caribe, realizado na cidade de Puerto La Cruz na Venezuela). Esses processos mudaram o cenário geopolítico da América Latina, onde a liderança de Chávez é referência significativa (Santos, 2020; Paiva, 2017; Katz, 2014; Fernández, 2019; Silva, 2017; Borón, 2020).

Santos³² (2020) comenta que, embora a presença de Chávez, em um primeiro momento, tenha se sustentado na base de uma terceira via como um capitalismo “mais humano”, depois dos ataques sofridos e sua trajetória, defendeu a implementação do que ele mesmo chamou de socialismo do século XXI. No ano de 2004, o presidente Chávez se declarou anti-imperialista e, em 2005, afirmou o caráter socialista da Revolução Bolivariana, apresentada como uma alternativa civilizatória diante do decadente modelo do Capital (Fernández, 2019; Borón, 2020).

Dessa maneira, toda a mudança e reordenamentos sócio-políticos provocaram uma reação de confrontação por parte dos políticos conservadores com suas alianças internacionais e por parte do governo estadunidense, porque afetou diretamente a sua hegemonia. Sob essa orientação, a posição imperialista tem sido de confrontação permanente à Revolução Bolivariana ao ponto de Barack Obama decretar que Venezuela representaria uma ameaça inusual e extraordinária para a segurança desse país nortenho (Katz, 2014; Fernández, 2019; Borón, 2020).

Em março de 2013, depois de 5 meses de ter alcançado uma contundente vitória eleitoral, para um quarto mandato presidencial, faleceu o presidente Hugo Chávez. Otilio Borón³³ (2020), embasado em Sangronis Godoy (2017), comenta que sua morte foi provocada por um câncer de laboratório pré-fabricado³⁴. Sobre Chávez, Otilio Borón (2020, p. 711) diz o seguinte:

Chávez ratificou que é um dos poucos estadistas com quem a região conta. Um homem apaixonado pela leitura, de uma enorme capacidade para ler todo tipo de livros e informes, de uma enorme capacidade para analisar a conjuntura pela qual atravessa a região, focalizando a análise nos aspectos bem específicos para o contexto regional e histórico mais amplo que os ilumina e no qual adquirem seu verdadeiro significado. Escutando-o se entende muito bem a razão pela qual o imperialismo norte-americano se empenhou em convertê-lo em uma figura monstruosa, satânica. Este grande comunicador é um perigo por sua provada capacidade para despertar consciências e

³² Fabio Luis Barbosa dos Santos é professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (Prolam-USP). Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado no centro Genre, Travail, Mobilités, Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris (GTM-CRESPPA).

³³ Atilio Alberto Borón, Doutor em Ciência Política pela Universidade de Harvard é sociólogo, politólogo, catedrático e escritor argentino. Professor consultor e pesquisador da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires.

³⁴Borón (2020, p. 713) explica que o médico especialista em oncologia molecular, Carlos Cardona, pesquisou, durante 16 anos, o câncer em universidades prestigiosas como Cambridge e Birmingham, na Inglaterra ou no Centro de Pesquisa do Câncer Fred Hutchinson de Seattle, nos Estados Unidos e confirmou, em uma entrevista concedida ao jornal ABC de Madrid em 15 de março de 2013, a possibilidade de um assassinato, no caso de Chávez, inoculando células cancerígenas, citado em Serrano (2013).

mobilizar povos inteiros. Se requer, portanto, utilizar todo o arsenal do império para tratar de neutralizá-lo.

Após a morte de Chávez, na eleição realizada em 2013, Nicolás Maduro foi eleito para um mandato de seis anos. A partir desse momento, os partidos de direita se articularam e reuniram os partidos tradicionais e os das novas agrupações da direita para liderarem uma série de manifestações violentas, sendo as principais as que ocorreram em 2013, antes mesmo dos resultados favoráveis à candidatura bolivariana. Em fevereiro e março de 2014, aconteceu outra manifestação, com confrontações entre militantes da oposição e militantes bolivarianos, com saldo de feridos e falecidos. Novos episódios violentos se apresentaram nos anos de 2015, 2016 e 2017, sendo este último de maior impacto, devido ao uso de armas de fogo e explosivos e aos focos de violência por 100 dias, na cidade de Caracas e em outros estados (Katz, 2014; Fernández, 2019; Borón, 2020).

No âmbito político, intensificou-se o conflito dos poderes, a oposição conseguiu obter a maioria do parlamento, cujo principal objetivo era destituir o presidente do cargo, com várias ações frustradas. Nas eleições de 2018, Nicolás Maduro foi reeleito com mais de 60% dos votos, e o setor da oposição não reconheceu a legalidade das eleições e, em 23 de janeiro de 2019, o deputado Juan Guaidó (presidente da Assembleia Nacional) se autoproclamou como presidente interino ante a suposta ausência de um presidente legítimo. Essa estratégia foi imediatamente apoiada pelo governo dos Estados Unidos, o que levou outros governos europeus e latino-americanos a apoiar também (Katz, 2014; Fernández 2019).

Dessa forma, sucessivamente desde a posse de Chávez, as sanções e ações impostas à Venezuela pelo imperialismo se intensificaram, impossibilitando, a qualquer custo, que essa nação viesse a se reerguer. Entendemos que as potências capitalistas e seus aliados aproveitaram-se do momento de fragilidade do bolivarianismo, especificamente, na transição de governo, gerada pela morte de Chávez, para exercer pressão em vários âmbitos: político, econômico e social. Essa fragilidade tendeu a crescer devido à baixa dos preços do petróleo, numa economia dependente da venda desse produto. Com isso, empreenderam-se tentativas de golpes e pressões internas e externas, tendo como alvo a geração de uma instabilidade intencionalmente provocada. Para detalhar este quadro, Bello (2019, p. 5) menciona:

apesar de as oscilações econômicas serem uma questão recorrente na história do país, desde 2014, foi intensificada na Venezuela a chamada “guerra econômica”, caracterizada, entre outros motivos: pela queda do preço do petróleo no mercado internacional, pela alta da inflação e por cortes feitos pelas grandes empresas no abastecimento de insumos não fornecidos pelo Estado, como alimentos e medicamentos. Cerca de metade desses insumos básicos consumidos no país é de

produtos importados; logo, a suspensão do seu ingresso ou a redução da sua oferta por sabotagens no abastecimento afeta de forma imediata e grave a situação de milhões de pessoas. Diante desse cenário, o governo Maduro reagiu decretando “estado de emergência”, em fevereiro de 2016, o que lhe atribuiu poderes especiais, porém não conseguiu reagir dando cabo de alguns problemas, inclusive de ordem humanitária, como a emigração, principalmente para países vizinhos, como o Brasil (Bello, 2019, p. 5).

Zero (2017) também menciona que essas sanções representaram uma verdadeira guerra econômica, na qual os instrumentos são: i) o desabastecimento programado de bens essenciais; ii) a inflação induzida; iii) o boicote a bens de primeira necessidade; iiiii) o embargo comercial disfarçado; iv) o bloqueio financeiro internacional.

Nesse sentido, o corte de importações abalou profundamente o consumo, generalizou-se a falta de alimentos, de insumos hospitalares e de remédios, faltaram, também, insumos para a produção de bens de primeira necessidade, os salários foram reduzidos e a hiperinflação chegou a cifras inimagináveis. Somou-se a isso a confiscação dos recursos venezuelanos por parte dos bancos europeus e a apropriação de empresas petroleiras venezuelanas que funcionavam nos Estados Unidos (Fernández, 2019).

Com isso, podemos perceber que as consequências de um posicionamento contra hegemônico dos governos bolivarianos foi o que revelou a face camuflada do imperialismo que age energeticamente, apelando aos mais variados recursos com fins de manutenção de sua hegemonia, que inclui sabotagem, sanções, coordenação diplomática, manipulação midiática internacional, entre outros. Entendemos que foi essa realidade que causou inúmeros constrangimentos para a economia venezuelana. A defesa de um monopólio estatal dos hidrocarbonetos foi tomada como ofensa gravíssima, de acordo com Vasconcelos e Santos (2021).

Em 2020, a situação se agravou por causa da pandemia mundial do Coronavírus, o país que já vinha enfrentando sérios problemas de abastecimento de alimentos e medicamentos, enfrentou mais esse impasse que agravou a situação econômica no país. Nesse contexto, o Irã, que também sofreu sanções dos Estados Unidos, foi um país que prestou apoio à Venezuela, enviando cinco navios petroleiros para o abastecimento de combustível, uma vez que faltou o produto no país e colaborou também com o envio de remédios (Lopes, 2021; Venezuela, 2020). Por outro lado, o governo da Inglaterra intencionou entregar para Guaidó 31 toneladas de ouro pertencentes à Venezuela, sugerindo o uso do recurso para conter as consequências da COVID-19 (Pichel, 2020). Entretanto, a justiça britânica anulou a decisão no mesmo ano (Miguel, 2020; Lopes, 2021). Isso nos leva a pensar que atitude do governo da Inglaterra é típica estratégia imperialista, pois desconsidera a soberania de uma nação e se imbuí de um

poder capaz de decidir sobre o destino de valores que não lhe pertencem. Ao mesmo tempo executa o embargo, que impede o acesso aos valores para fins de reerguimento do país.

Ainda em 2020, um grupo de mercenários, supostamente, da Colômbia seguiam ordens de dois combatentes dos Estados Unidos, que foram detidos. Alegaram terem sido contratados por Juan Guaidó, o que não passou de uma tentativa frustrada de ataque marítimo (Tavares, 2020; Lopes, 2021). Em dezembro do mesmo ano por ocasião das eleições parlamentares, 27 partidos assinaram um documento denunciando boicote e fraude às eleições (Venezuela, 2020). Maduro, então, convidou a ONU e a União Europeia para acompanharem as eleições e, em virtude disso, Henrique Capriles deixou a estratégia do boicote e decidiu participar das eleições (Singer, 2020). O resultado foi a eleição de aliados do governo, como maioria (CNE, 2020).

No final de 2021, a situação crítica do país começou a mudar. Em dezembro de 2021, a ONU reconheceu o governo do presidente Nicolás Maduro como representante legítimo da Venezuela, dos 193 países, apenas 16 se opuseram. O país passou a exigir respeito à soberania nacional e à autodeterminação dos povos e apontou os Estados Unidos de promover planos de desestabilização no país e dar sustentação ao ilegítimo “governo provisório” de Guaidó (ONU, 2021). Samuel Moncada, embaixador da Venezuela na ONU, comemorou a decisão ao dizer:

A Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou hoje [segunda-feira, 6] o reconhecimento das credenciais do governo do presidente Nicolás Maduro como legítimo representante da República Bolivariana da Venezuela. Uma vitória do povo soberano contra as agressões coloniais dos Estados Unidos (ONU, 2021).

No primeiro semestre de 2022, a Comissão Econômica, para a América Latina e Caribe, previu uma melhora no crescimento econômico no país que poderia chegar a ser o melhor desempenho da América do Sul, de acordo com Castro e Luján (2022). O diretor da Divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL, Daniel Tiltman, explicou que se a recuperação econômica iniciada em 2021 continuasse e se concretizasse o declínio econômico que se perdurou por 8 anos, chegaria ao seu final.

Em agosto de 2022, três anos após a ruptura das relações bilaterais, Colômbia e Venezuela reestabeleceram as relações entre os dois países (Jorge, 2022). Voltando um pouco nos acontecimentos do contexto entre Venezuela e Colômbia, sob a influência imperialista, de acordo com Nieto³⁵ (2020), Colômbia, que, em todos os seus governos, mostrou alinhamento aos interesses dos Estados Unidos, foi considerada a mais fiel aliada dos Estados Unidos na

³⁵ Jaime Zuluaga Nieto, docente e pesquisador da Universidade Externado de Colômbia, Professor Emérito da Universidade Nacional da Colômbia, integrante do grupo de trabalho CLACSO Estudos sobre os Estados Unidos.

região³⁶ e, inclusive, abriu seu território para o estabelecimento e fortalecimento das bases militares estadunidenses, com o pretexto da luta contra o narcoterrorismo, mas que, na verdade, representava a escalada intervencionista estadunidense na América Latina e Caribe, segundo Nieto (2020). Em relação à Venezuela, o autor, explica que esse país seria um dos objetivos dessa base militar estadunidense, uma vez que a Venezuela deveria ser combatida por causa de seu regime ditatorial, violador de direitos humanos e gerador de uma grave crise humanitária. Os Estados Unidos chegaram ao extremo de oferecer uma recompensa de 15 milhões de dólares para quem capturasse Maduro (Nieto, 2020).

A cientista política e analista internacional, doutora em ciência política Ana Maria Prestes Rabelo, refutou o argumento de que as bases estadunidenses instaladas na Colômbia teriam o único objetivo de combaterem o narcotráfico (Colômbia, 2022). Ela explica que com este argumento, houve uma expansão da presença militar na América do Sul:

Os EUA possuem cerca de sete bases militares na Colômbia, uma rede imensa de radares que captam sinais de toda a região (fronteiras com Venezuela, Equador, Panamá), um sistema de vigilância impressionante, pelotões especializados [...]. E ainda assim o narcotráfico segue forte na Colômbia. Essa conta não fecha (Colômbia, 2022).

Assim, considerando esses pontos das relações entre Colômbia e Estados Unidos, em agosto de 2022, pela primeira vez na história, o povo colombiano elegeu um presidente da esquerda Gustavo Petro e o restabelecimento das relações com Venezuela aconteceu há poucas semanas da posse. Na posse, Petro pediu que a espada de Simón Bolívar fosse exibida durante o evento, entre os convidados, o Brasil esteve representado pela ex-presidenta Dilma Rousseff. O restabelecimento representou, para o governo venezuelano, um fortalecimento, por meio da economia bilateral e o tirou de um isolamento político (Jorge, 2022).

No final de 2022, apesar das centenas de sanções e de previsões negativas por parte da oposição, Venezuela fechou o ano como um dos países com maior crescimento econômico da América Latina e, de acordo com o relatório da CEPAL, este cenário acompanhará o país até o ano de 2023 (Especialista, 2022). Apesar do crescimento econômico, a situação do país ainda é crítica, pois os embargos e sanções continuam em vigor.

36 Nieto (2020) explica que esse reconhecimento não é gratuito, como revelam as relações entre os dois países. Desde o começo do século XX, depois da traumática separação do Panamá, apoiada pelos Estados Unidos, as classes dirigentes estiveram alinhadas, de tal maneira com esse país, que isso foi demonstrado na Guerra Fria, na guerra contra a Coreia do Norte, contra a Revolução Cubana e no rompimento das relações com Cuba e promoveram juntos a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), em janeiro de 1962.

Em 2023, as perspectivas para fortalecimento da cooperação entre os países da região tomam rumos positivos com a posse de Lula em janeiro. Em 29 de maio, o presidente Lula recebeu o presidente Nicolás Maduro no Brasil, em um encontro emblemático, que marcou a retomada das relações diplomáticas entre os dois países e sinalizou, também, a retomada do diálogo entre os presidentes da América do Sul, no Encontro dos presidentes do continente sul-americano, que aconteceu no dia 30 de maio. Esses eventos, principalmente, por causa da influência do governo brasileiro, colaboraram para a volta da Venezuela ao cenário geopolítico, para a saída do isolamento imposto pelo governo estadunidense, para a retomada da parceria energética entre Brasil e Venezuela, para a reativação da agenda de cooperação sul-americana em áreas-chaves (Encontro, 2023).

Após essa breve descrição dos aspectos sócio-históricos, em relação à geopolítica venezuelana, retornamos aos fatos históricos do final do século XX para relacioná-los às migrações. A Venezuela, que era um país de imigração, na era Chávez, começou a se tornar um país de emigração. A primeira crise de Chávez foi a greve de petroleiros em 2002, e eles foram os primeiros a deixar o país. Sem o capital estrangeiro e sem o conhecimento nacional, a indústria de petróleo sucumbiu. Assim, a partir de 2014, o ciclo de escassez se tornou estrutural, expulsando, dessa forma, uma parte da população venezuelana, assim, o fluxo migratório se estende a todos os segmentos da população (Vasconcelos; Santos, 2021).

Leite e Castro (2021) explicam que o quadro que se apresentou na Venezuela culminou com a generalização das migrações e a fuga como opção de sobrevivência única, também, revela uma perspectiva que explica a crise, colocando em questão a extrema dependência do petróleo e o dinamismo quase nulo do setor privado não petrolífero.

Sobre a noção de crise, Vasconcelos e Santos (2021) esclarecem que a associação da crise com a migração, muitas vezes, é operacionalizada e mediada por diferentes interesses e pontos de vista. De um lado, há o humanitarismo que se apropria da noção de crise para justificar, no cenário internacional, a atuação e a captação de recursos, visando à ajuda humanitária. De outro lado, a cooperação internacional visa a construir, por meio da ajuda humanitária, alianças que ampliem a possibilidade de ingerência na Venezuela. Assim, existe uma “política da crise” que atua sobre a “crise política”. Os autores ressaltam que Nicolás Maduro não é o responsável solitário pela “crise”, mas a dependência econômica de um recurso natural muito cobiçado colocou o território venezuelano, há décadas, no mapa das disputas geopolíticas internacionais. Além disso, a opção por um caminho independente encontrou limites na necessidade de manter relações comerciais com compradores de petróleo e vendedores de comida, que pressionam restringindo compras e vendas. O elo mais fraco dessa

cadeia, ressaltam os autores, são as pessoas expostas ao desabastecimento de alimentos, que se tornam migrantes.

O fluxo migratório venezuelano com destino a diversos países, principalmente latino-americanos, é a mobilidade humana mais expressiva das Américas na contemporaneidade, de acordo com Silva e Baeninger (2021). Segundo a Plataforma de *Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela* (R4V, 2023)³⁷, até maio de 2023, cerca de 7,32 milhões de venezuelanos e venezuelanas eram refugiados e/ou migrantes no mundo e cerca de 6,14 milhões, na América-Latina e Caribe, sendo 2,48 milhões na Colômbia, 1,52 milhões no Peru, 502,2 mil no Equador, 444,4 mil no Chile, 449,7 mil no Brasil.

No século XXI, a situação das migrações na Venezuela se modifica drasticamente, Paez e Penalver (2017) identificam três ondas migratórias: A primeira é chamada de “procurando novas oportunidades” e corresponde ao período de 2000 a 2012. É composta por famílias ou cidadãos de renda média, com alto nível educacional e profissionais instruídos, entre eles, estão os altos funcionários das petroleiras. Optaram por se mudar para os Estados Unidos ou para a Europa. A segunda onda compreende os anos de 2013 e 2014, denominada de “crescente desesperança”, relacionada a desequilíbrios mais intensos na economia e à tensão política. Trata-se de um grupo de imigrantes menos homogêneo em termos de classe e educação e, embora muitos tenham partido para os Estados Unidos e a Europa, números cada vez maiores, foram para os países vizinhos. A terceira onda corresponde à atual diáspora venezuelana (2015 até hoje), denominada pelos autores de “migração do desespero”, ela é consequência da profunda crise socioeconômica, na qual o país está imerso. Expandiu-se para todos os grupos sociais, independente da renda, nível educacional ou profissão e caracteriza-se por dinâmicas mistas. Esses grupos incluem povos indígenas, LGBTQIA+, homens, mulheres, pessoas vulneráveis como idosos, enfermos, crianças e adolescentes desacompanhados.

Silva (2017) destaca que esse fluxo migratório que iniciou em 2015 possui um fator de expulsão muito expressivo que envolve situação de debilidade econômica, social e de segurança, dessa forma, configura-se por ser um movimento forçado por questão de sobrevivência.

Conforme Ribeiro (2015), as migrações forçadas são situações que impelem o indivíduo ao deslocamento e, segundo a Organização Internacional de Migração (OMI),

³⁷ Disponível em: <https://www.r4v.info/es/document/r4v-america-latina-y-el-caribe-refugiados-y-migrantes-venezolanos-en-la-region-may-2023> Acesso em 12 de junho de 2023.

migração forçada descreve movimentos de pessoas que são impelidas ou obrigadas, mediante ameaça ou por desastres ou causas naturais, a migrarem.

Vemos que a definição da OIM é uma descrição insuficiente para abarcar a situação de migração no caso venezuelano, pois, conforme vimos, o fator que impele o sujeito venezuelano a migrar se refere à situação de sobrevivência devido às ameaças econômica, social e de segurança.

Silva (2017) explica que os migrantes venezuelanos chegaram em Roraima, visivelmente, debilitados em termos físicos e que o movimento deles é causado pela fome proveniente do desabastecimento e do processo inflacionário.

Em termos de fatores de causas, pensar a “crise migratória” como sendo provocada pelo regime político do país é muito simplista, os fluxos migratórios pelo mundo, além do caso o venezuelano, são consequências de uma busca hegemônica por mais espaços de exploração e por decisões geopolíticas globais.

Considerando as reflexões feitas até aqui, percebemos que há uma realidade, além dos limites territoriais, que sustenta o discurso da crise, e a estratégia de criação de ingerência na Venezuela, relacionada ao processo de mundialização e financeirização da economia, é a realidade do contexto complexo das crises atuais do capitalismo, do qual as migrações venezuelanas emergem.

4.1.3 A migração venezuelana no Brasil

As migrações e as fronteiras atravessam os limites dos aspectos geográficos, históricos e políticos, elas envolvem relações, valores, realidades, necessidades e revelam as injustiças sociais e as relações assimétricas de poder na sociedade.

Considerando isso, esta seção apresentará a configuração da migração com dados geográficos, demográficos, regulatórios, sem, contudo, aprofundar-se nesses aspectos, pois nosso foco consistirá no âmbito social da migração. Por isso, apresentaremos, também, um percurso sócio-histórico da migração venezuelana no Brasil, que prioriza a fase de intensificação do fluxo venezuelano, ou seja, na terceira onda, denominada por Paez e Penalver (2017) de “migração do desespero”, que começou em 2015 e se estendeu até aos dias atuais. Dessa forma, os aspectos sócio-históricos serão vistos à luz de relações antagônicas de poder, que emergem das implicações geopolíticas de disputas hegemônicas que afetam a vida dos migrantes.

Historicamente, a presença de venezuelanos nunca teve números expressivos na região brasileira, pois a divisa com o Brasil fica ao sul da Venezuela, em uma região de baixa densidade demográfica tanto no lado brasileiro como no lado venezuelano. Do lado venezuelano, a região é marcada pela presença de extensas áreas de reservas naturais e indígenas. No Brasil, a realidade também é semelhante, pois Roraima é a região com menor população absoluta do país. Assim, o fluxo migratório venezuelano, iniciado em 2015, se torna bastante significativo em termos numéricos, pois alterou a realidade histórica da baixa representatividade. A entrada de venezuelanos no território brasileiro foi de 88.524 pessoas em 2012 para 168.929 em 2016. Boa parte desse movimento aconteceu na fronteira seca entre os dois países entre as cidades de Pacaraima e Santa Helena de Uairén (Silva, 2017).

Conforme Silva e Baeninger (2021), a fronteira entre Venezuela e Brasil possui 2.199 km de extensão, a maior parte em áreas de floresta ou de reservas e quase nenhuma estrutura de contato entre os dois países, além disso, os dois países são signatários de um tratado de não edificação na área que perpassa toda a linha divisória até 30 metros para o interior de cada país. O panorama de ausência de interação social da população dos dois países é quebrado na região das cidades de Santa Helena de Uairén – Venezuela, localizada na região conhecida como La Gran Sabana e Pacaraima – Brasil, localizado dentro das reservas indígenas Raposa Serra do Sol e São Marcos, incluindo, também, a Vila Surumu e trinta e cinco comunidades indígenas, destacando-se as etnias Wapixana, Macuxi e Taurepang.

Santa Helena de Uairén e Pacaraima são ligadas por uma rodovia que se torna o principal corredor de circulação de pessoas entre os países. Em termos históricos, Pacaraima foi dependente de Santa Helena, cidade com mais ofertas de bens e serviços, além disso, o movimento migratório característico, geralmente, foi o da ida de brasileiros para a Venezuela, muitos motivados pela possibilidade de melhoria de vida, a maioria deles, inserida no subsetor econômico de prestação de serviço, de taxi, de gastronomia e de serviço de beleza (Silva, 2017; Silva; Baeninger, 2021; Cruz, 2014).

No que se refere aos dados quantitativos mais recentes sobre da migração venezuelana no Brasil³⁸, para o ano de 2023, conforme visto, aproximadamente existem cerca de 449,7 mil migrantes e refugiados residindo no país, dos quais cerca de 53.307 como refugiados, 70.145 solicitantes de refúgio, 384.418 com visto de residência.

³⁸ Disponível em: <https://www.r4v.info/es/document/r4v-america-latina-y-el-caribe-refugiados-y-migrantes-venezolanos-en-la-region-may-2023> Acesso em 12 de junho de 2023.

Dentre as opções para o enquadramento jurídico mais adequado, havia as opções de migração voluntária e refúgio, entretanto Leite e Castro (2021) argumentam que, para o atendimento das especificidades dos imigrantes, as distinções entre migração e refúgio são borradas ou tênues, pois determinados grupos, a depender do enquadramento, acessarão, ainda que de modo precário, ao mundo dos direitos, enquanto outros serão relegados a uma situação de vulnerabilidade. Além disso, as autoras argumentam que as ações jurídicas em torno da mobilidade estão pautadas pelos valores liberais que se desvelam como uma ideologia de exclusão, pois as dicotomias (voluntários *versus* forçado, ou mesmo, migração *versus* refúgio) servem para qualificar quais grupos e quais pessoas podem adentrar o território e sob que circunstâncias, num processo distribuído, desigualmente, segundo o corte racista e patriarcal que modula a socialização capitalista.

As autoras argumentam ainda que os deslocamentos contemporâneos – tanto os ditos voluntários quanto os involuntários – surgem de um ponto comum, a crise fundamental da reprodução social capitalista e suas múltiplas expressões, que são as responsáveis por produzir permanentemente massas de seres humanos considerados supérfluos que se veem impelidos a migrar.

Ainda no que se relaciona aos mecanismos de regularização, Silva e Baeninger (2021) argumentam que há dificuldades para novos ingressos de pessoas nos países de destino na definição da imigração como temporária, como a autorização de residência no Brasil, motivo pelo qual não seria necessário assegurar direitos de forma plena a esses grupos, uma vez que seriam opções menos protetivas. Essa forma de recepção é provisória, o que pode acarretar um fator de irregularidade, posteriormente, ou na exclusão dessas pessoas das ações públicas. Os autores destacam que essa visão de temporalidade dessa mobilidade também é reforçada pela ação de organizações internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA), que tem agido como se a mudança de governo ou regime político na Venezuela fosse suficiente para o retorno em massa dos imigrantes para seu país.

No que se refere aos aspectos de controle da operação militar e a forma como os imigrantes são tratados pelas instituições e pela sociedade. Leite e Castro (2021) demonstram que os modos de vida da população venezuelana em território brasileiro são de submissão a condições de sobrevivência, mesmo quando camufladas por uma retórica de “acolhimento”, pois a vulnerabilidade e a precariedade nas quais se encontram e se lhes apresentam, os torna alvo de uma necropolítica de fronteira que inclui moradia em espaços de confinamento, que representa a produção de uma condição mínima de vida, trabalhos ilícitos, exposição a trabalhos de

exploração, exposição à xenofobia institucional e, por parte da população, violência, processos de despejo e desocupações das ocupações espontâneas, entre outros.

Além disso, há que se observar que a opção brasileira de controle e cuidado, segundo Silva e Baeninger (2021), está vinculada ao aspecto securitário da Operação Militar Acolhida. O controle consiste em estabelecer a migração interna dessa imigração. Segundo os autores, trata-se da ação como parte da atenção aos interesses dos financiadores, uma vez que esses financiadores aplicam recursos para o controle da migração para que esta não alcance os seus países e, assim, o movimento migratório fique limitado aos países da América do Sul “numa dinâmica na qual não é permitido ultrapassar a característica Sul-Sul dessas mobilidades, cujas instituições são sempre ‘premiadas’ pelas boas práticas realizadas no Sul-tampão³⁹” (Silva; Baeninger, 2021, p. 130).

A gestão do fluxo migratório no Brasil é de responsabilidade do Estado, o governo Michel Temer (2016-2018) abarcou o período no qual as entradas de migrantes venezuelanos no país se intensificaram. Esse presidente assumiu o cargo após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e adotou uma política de alinhamento aos interesses dos Estados Unidos. A Venezuela se posicionou contra o *impeachment*, considerando-o golpe de Estado. Assim, em 2016, com o apoio do Brasil, a Venezuela saiu do Mercosul. Devido à intensificação do fluxo da migração venezuelana, em dezembro de 2016, houve a tentativa de deportar, em massa, 450 pessoas, que estavam em situação irregular no país, dentre as quais indígenas, mulheres e crianças, que se encontravam alojadas nas dependências da Polícia Federal, em Roraima. Esse fato não se concretizou, porque a Defensoria Pública da União, com base na Constituição Federal, impetrou *habeas corpus* contra a tentativa (Lopes, 2021; Brasil, 2016).

Michel Temer sancionou a Lei nº 13.445/2017, que foi resultado de planejamento das gestões anteriores, contudo foi sancionada com vetos que lhe deu um viés securitário. Até então, havia perdurado o chamado Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980).

Lopes (2021) comenta que os vetos tiveram o objetivo de cercear as especificidades que ampliavam os direitos dos migrantes em território brasileiro, entre eles, foi vetado o artigo que dispunha sobre a amplitude do conceito de migrante, que o definia como pessoa que se

³⁹ Sul-tampão é um termo utilizado por Agier (2006) para classificar países periféricos ou do Sul- Global, que são estrategicamente financiados por países do Norte-Global, pela via do humanitarismo. Os países tampões servem para confinamento dos “indesejáveis” para isolar e filtrar os estrangeiros, impedindo que estes cheguem aos países do Norte-Global.

desloca de país ou região geográfica a outro, que incluiria o imigrante, o emigrante, o residente fronteiriço e o apátrida.

Também o artigo que previa novas possibilidades sobre o visto temporário. Dois artigos, que dispunham sobre a extensão da concessão de visto ou autorização de residência para a reunião familiar e outras hipóteses de parentesco e a admissão no país de criança ou adolescente acompanhado de responsável, desde que com a intenção de pedido de residência, foram vetados. Ainda, vetou o artigo que dispunha sobre os grupos de vulnerabilidade, incluindo os solicitantes de refúgio, os requerentes de visto humanitário, as vítimas de tráfico de pessoas, as vítimas de trabalho escravo, os menores desacompanhados e os migrantes em cumprimento de pena ou que respondem criminalmente em liberdade (Lopes, 2021).

Também foram vetados dispositivos que prediziam a possibilidade de povos indígenas e populações tradicionais circularem em terras tradicionalmente ocupadas, como um direito originário. Vetou-se o artigo que garantia o acesso de imigrantes aos serviços públicos de saúde e assistência social (Lopes, 2021).

Nesse governo foi estabelecida a Força Logística Humanitária ou Operação Acolhida (OPA) como iniciativa do Brasil ante os fluxos migratórios e elo na escalada da militarização nacional como forma de gestão da crise (Leite; Castro, 2021).

Em 2017, as migrações venezuelanas se tornaram pauta pública, após discussões entre as instituições, a academia e a sociedade civil sobre qual tipo de regularização seria adequada e efetiva para tal deslocamento. Nesse mesmo ano, estabeleceu-se a Resolução Normativa 126/2017 pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) tendo o objetivo de ser uma norma emergencial de permissão de residência temporária para aqueles que atravessavam a fronteira terrestre (Leite; Castro, 2021).

Em 2018, ocorreram as eleições presidenciais. Como forte candidato ao governo, numa entrevista concedida ao jornal Estado de São Paulo, Jair Bolsonaro apresentou três prováveis soluções para a questão da imigração venezuelana, como segue:

Primeiro, via parlamento, revogar essa lei de migração aí. Outra, fazer campo de refugiados. Outra: em vez de esperar passar o vexame do Maduro expulsar nossos embaixadores, já era para ter chamado há muito tempo e tomado outras decisões econômicas contra a Venezuela (Bolsonaro, 2018).

Nessa entrevista, Jair Bolsonaro deixa claro seu alinhamento ao governo Trump de segregação, xenofobia e política de controle rígido da migração, subserviência à ideologia

imperialista e apoio ao sistema violento, baseado na desapropriação e exploração do modo de produção capitalista.

Em razão disso, nos anos posteriores, já como presidente, Bolsonaro, que governou o país no período de 2019 a 2022, demonstrou que realmente cumpriria sua agenda anti-imigração, quando suspendeu a participação de médicos cubanos no programa Mais Médicos, argumentando que estaria preocupado com a forma de gestão dos salários desses médicos, o que se tornou contraditório, uma vez que insinuou que os médicos eram agentes cubanos, que estariam no Brasil para espionagem (Bolsonaro, 2018).

Ainda em 2018, o presidente revogou a Lei de Migração, promulgada em 2017, embora mantendo um regulamento com base em um Estado policialesco. Em 2019, o presidente revogou a adesão brasileira ao Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada e Regular, que prevê medidas relacionadas à migração de acordo com os direitos humanos (Gonçalves, 2019). Depois, revogou decretos relacionados às ações migratórias.

Além disso, o Brasil, na figura do presidente, se uniu aos Estados Unidos para denunciarem a Venezuela como uma ditadura. É sabido que a democracia que, conceitualmente, predomina hoje é a liberal, aquela que o povo elege seu representante, contudo, esse é um viés que é utilizado para exercer domínio econômico e cultural sobre outras nações, por meio do álibi do combate ao terrorismo e em prol da democracia e dos direitos humanos. Dessa maneira, várias ações foram executadas pelo imperialismo contra países, objetivando o seu domínio (Lopes, 2021; Mignolo, 2017; Scheidt, 2019).

Ainda relativo às ações do governo Bolsonaro sobre o posicionamento perante o governo venezuelano, durante a pandemia da Covid-19, o chefe do executivo ordenou a saída de diplomatas venezuelanos do país, reconhecendo apenas a representante de Guaidó como embaixadora da Venezuela, entretanto, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu essa ordem. Em 2020, considerou os representantes do governo venezuelano como *persona non grata* (pessoa que não é mais bem-vinda a um Estado) (Lopes, 2021; Rodrigues, 2020).

Essa realidade nos faz compreender, com base no que foi exposto até aqui, que a disseminação do discurso contra o migrante venezuelano e da exposição das suas condições sociais com ênfase na crise e nas adversidades nas quais se encontra é uma estratégia para validar o estratagema que qualquer governo que não se molda aos ditames do neoliberalismo imperialista não funciona e leva a população à miséria e à fome. A nosso ver, trata-se de uma crise estrategicamente agravada pela própria ação hegemônica imperialista.

Pereira e Quintanilha (2021) falam de um desastre humanitário que foi a política migratória do governo Bolsonaro, no decorrer da pandemia. Em 2021, havia um saldo

gigantesco de medidas discriminatórias engendradas pelos meios infralegais que são normativas administrativas que não passam por deliberação do Poder Legislativo e concedem ao Poder Executivo a possibilidade de legislar. Segundo os autores, dificultou-se a garantia de direitos previstos na Lei de Migração e na Lei do Refúgio e nos tratados internacionais e, assim, o governo executou recordes de deportações durante a pandemia com um aumento de 5.700%, em 2020, em relação a 2019. O governo firmou aliança com Trump para retornar, forçosamente, brasileiros indocumentados dos Estados Unidos.

Ainda em 2021, a imprensa anunciou recorde da migração de brasileiros para os Estados Unidos, no governo Bolsonaro, com 56,9 mil brasileiros detidos e definiu o fenômeno como “explosão”. Para reduzir a entrada de brasileiros no país, o governo estadunidense pressionou o México a exigir vistos de passaporte dos brasileiros. A realidade da emigração brasileira, nesse período, foi decorrente de uma economia decadente na origem, onde a inflação foi prevista para 10% e o PIB estagnou no patamar de 12 anos atrás, com a corrosão do poder de compra, aumento do desemprego e empobrecimento da população (Welle, 2021).

Um episódio, denunciado pela imprensa, foi a deportação de migrantes bolivianos, que ocorreu após buscarem por atendimento de saúde nas cidades fronteiriças brasileiras. Outro acontecimento que demonstra o seletivo controle migratório foi em Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, em março de 2021. A Polícia Federal, munida de armamentos pesados e usando capuzes, invadiu um centro de acolhida mantido pela Pastoral dos Migrantes para deportar 55 mulheres e crianças, acolhidas pelo abrigo, sob alegação de entrada irregular no país e de aglomeração (Pereira; Quintanilha, 2021).

Outro fato que ocorreu durante o governo bolsonarista, relacionado à emigração, foi o uso massificante do discurso da extrema direita tanto pelo governo quanto pelos seus seguidores contra a Ciência, que não se limitou ao âmbito discursivo, mas refletiu em práticas de desmonte da Ciência durante todo o governo, ocasionando o que o Observatório do Conhecimento⁴⁰ classificou como “fuga de cérebros”. Segundo o Observatório, esse fato se vincula à falta de estabilidade, e a estimativa é que milhares de pesquisadores tenham deixado o país, pois o número dos que conseguiram vistos para os Estados Unidos aumentou em mais de 1.200% em 2022. Os motivos apontados foram a queda no orçamento da pesquisa durante o governo e o valor das bolsas de pesquisas que não foram reajustados desde 2013 (Governo, 2022).

40 O Observatório do Conhecimento consiste em uma rede formada por Associações e Sindicatos de Docentes de várias universidades dos estados brasileiros e parceiros da área da educação, ciência e pesquisa que se articula em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade e da liberdade acadêmica. Disponível em: <https://observatoriodoconhecimento.org.br/sobre/>

O discurso opositor do governo Bolsonaro e de seus seguidores também teve como alvo mulheres, negros, pobres, povos indígenas, povos tradicionais, comunidade LGBTQIA+ e os direitos humanos. Tal fato não foi diferente, relacionado ao discurso contra os imigrantes venezuelanos, amparado na ideologia da “defesa da democracia” e do medo de “virar uma Venezuela” como subterfúgios que resultam em estigma e segregação do migrante venezuelano, acarretando sofrimento e prejuízos para esse grupo minoritário dentro do Brasil. O efeito pretendido, entre outros, seria angariar votos de uma parcela da população brasileira que se identifica com o senso elitista, constituído no preconceito e no fascismo.

Neste ano de 2023, o quadro político do Brasil mudou, tendo Lula, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), vencido as eleições e retornado à presidência da República e ao seu terceiro mandato.

Como uma das primeiras ações, no dia 5 de janeiro, o governo anunciou o retorno do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular (Quintas, 2023). A retirada do Pacto havia acontecido em janeiro de 2019, no início do governo Bolsonaro, decisão que na época foi amplamente criticada pelas organizações dos Direitos Humanos. Camila Asano, representante de uma dessas organizações (Conectas Direitos Humanos), comenta o retorno da seguinte forma:

O retorno ao Pacto pode ser encarado como mais um ato dos recentes revogaços de políticas anti-direitos do governo Bolsonaro e coloca o Brasil de volta como referência internacional em matéria de migração e refúgio, com voz potente nas discussões sobre o tema nos fóruns internacionais (Brasil, 2023, n. p.).

A Organização Internacional para as Migrações felicitou o governo por causa do retorno ao Pacto e reiterou que esse ato representa uma política acolhedora que irá beneficiar 1,6 milhão de migrantes que vivem no Brasil, bem como as comunidades de acolhida (100 Dias, 2023).

Ainda em janeiro, o governo publicou a Portaria nº 290/2023, que instituiu um Grupo de Trabalho para a criação da Política Nacional de Migração, Refúgio e Apatridia, no qual participaram imigrantes, organizações e sociedade civil para a composição do eixo de Proteção e Promoção dos Direitos Humanos, Combate ao Racismo e Xenofobia. Os trabalhos duraram até março e a previsão é que sejam realizadas audiências e consultas públicas para debater o texto preliminar da Política, cuja criação é cobrada desde 2017 pelas organizações (100 Dias, 2023). O governo também anunciou o lançamento do Programa de Atenção e Aceleração de Políticas de Refúgio para Pessoas Afrodescendentes e do Observatório da Violência Contra Refugiados Moïse Kabagambe (100 Dias, 2023).

Cientistas políticos realizaram a análise dos primeiros 100 dias do governo Lula e, com relação à política externa, a ação do governo é resgatar o multilateralismo e a diplomacia externa brasileira e o seu papel na comunidade internacional para conquistar o espaço perdido entre as economias emergentes, reconstruindo o papel de liderança regional, uma vez que o governo Bolsonaro deixou uma agenda negativa ao optar por uma aliança conservadora com ênfase no relacionamento unilateral com Trump (Cortez, 2023).

Um dos cerne de medidas para reconstrução da diplomacia externa é a política migratória. Entre as ações está a geração de condições para que parte dos brasileiros que estão fora do país voltem, pois nunca havia sido tão intensa a evasão de brasileiros como foi no período entre o *impeachment* da ex-presidenta Dilma e o governo Bolsonaro (Quintas, 2023).

Relativo à imigração humanitária, conforme Quintas (2023), Lula vem mantendo não somente neste, mas, em todos os seus governos, uma postura de acolhimento de refugiados, seja por situações de conflitos, perseguição política ou religiosa e por desastres naturais, como no terremoto do Haiti em 2010. Outro ponto importante nas medidas é o fortalecimento dos laços regionais, os acordos bilaterais e a prioridade na relação com os vizinhos para o fortalecimento de alianças como o Mercosul, a fim de conseguir meios para financiar grandes obras em países latino-americanos. Isso ficou claro na primeira visita internacional que foi na Argentina, onde se propôs a criação de uma moeda comum (Quintas, 2023).

Em junho de 2023, durante a Semana Nacional de Discussões sobre Migração, Refúgio e Apátrida, o governo lançou o Plano de Ação para o Fortalecimento de Proteção de Integração Local da População Haitiana no Brasil e a Carteira Digital do Migrante, que possibilita o acesso a serviços de saúde pública, abertura de conta bancária, atividades de estudo e de trabalho para qualquer migrante (Governo, 2023).

Diante do que foi exposto, é possível dizermos que, nesta mudança de governo, embora se perceba uma melhor paisagem no horizonte do cenário migratório no Brasil, há muito o que fazer para que sejam alcançados padrões básicos de vida digna para os migrantes. Em nível local, o percurso de governabilidade continua em uma linha econômica estabelecida em processo de liberação. Além disso, o legado histórico brasileiro de racismo, preconceito e desigualdade social segue seu percurso implacável que precisa ser combatido.

Desse modo, não se pode perder de vista que o sistema que rege o Brasil e o mundo continua sendo o de mercado neoliberal, dentro do sistema globalizante. Tal máquina possui suas engrenagens, que por mais que se atenuem determinadas ações dela, funcionam para a produção e reprodução capitalistas, no contexto da globalização. Além disso, há de se considerar que o problema dos fluxos migratórios pelo mundo não tem causante local, mas

envolve disputas internacionais pela hegemonia global, as quais produzem as massas migratórias pelo mundo. Portanto, há muito o que se fazer e há muitos motivos para que a luta siga persistindo.

Portanto, considerando as discussões apresentadas nesta seção e nas demais anteriores, vimos que os aspectos históricos e geopolíticos demonstram um agravamento das condições político-econômicas na Venezuela, principalmente a partir do momento que o país assume uma postura contra hegemônica e anti-imperialista, vimos também que esse agravamento recebe influências externas do Norte-global para endossar uma crise local que resulta em um processo de migração. A migração toma proporções gigantesca e produz impactos nos países recebedores como no caso do Brasil que se mobiliza para criar políticas de controle desse processo. A gestão da migração no Brasil, passou a ser articulada a depender dos interesses das estruturas de dominação. No próximo item, dialogaremos sobre esses aspectos.

4.2 Análise da prática particular: As redes de práticas

A análise da prática particular corresponde à continuação da segunda parte do enquadre de ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999). A proposta desta análise, presente na seção 4.2.1, é identificar os obstáculos para que o problema seja superado. Para esse intento, na análise da prática particular, focalizamos os momentos da prática e as relações entre discurso e outros momentos.

Desse modo, o objetivo desta seção será a análise com foco nas práticas particulares da migração venezuelana. Assim, partimos de uma visão mais ampliada, na análise da conjuntura (seção anterior), que localizou historicamente o evento migração, para chegar nas práticas específicas, nas quais a prática discursiva sobre a migração venezuelana tem sua ocorrência.

Nosso foco, portanto, será nas práticas problemáticas que são decorrentes de relações sociais e ideológicas assentadas na ideologia globalizada do sistema capitalista que influencia as práticas sociais e discursivas e proporciona relações assimétricas de disputas pelo poder.

No que diz respeito aos momentos de uma prática particular e suas articulações, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21 *apud* Resende; Ramalho, 2019, p. 38) dizem:

Uma prática particular traz consigo diferentes elementos da vida - tipos particulares de atividade, ligadas de maneiras particulares a condições materiais, temporais e espaciais específicas; pessoas particulares com experiências, conhecimentos e

disposições particulares em relações sociais particulares; fontes semióticas particulares e maneiras de uso da linguagem particulares; e assim por diante. Uma vez que esses diversos elementos da vida são trazidos juntos em uma prática específica, nós podemos chamá-los “momentos da prática” e ver cada momento como “internalizando” os outros sem ser redutível a eles.

Os autores destacam as práticas e os momentos que são relevantes para o estudo dos discursos e que se inserem ou se (re)produzem no processo discursivo, do mesmo modo, devem ser ponderados tanto quanto os próprios discursos. Nessa perspectiva, Resende e Ramalho (2019) fazem esta afirmação em relação a esse assunto:

O discurso é visto como um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise, pois o discurso é tanto um elemento de prática social que constitui outros elementos sociais como também é influenciado por eles, em uma relação dialética de articulação e internalização (Resende; Ramalho, 2019, p. 38-39).

As autoras deixam claro a estreita relação entre discursos, práticas e outros elementos sociais que devem ser priorizados na análise e compreendidos em uma relação que envolve articulação e internalização. Assim, na realização de análise de amostras discursivas historicamente situadas, é interessante perceber a internalização de outros momentos da prática, como a interiorização de relações sociais e ideologias no discurso.

Portanto, considerando os pontos levantados, sobre a relação dialética entre os momentos de práticas e discursos, realizaremos um diálogo sobre as práticas particulares que compõem o evento da migração venezuelana no Brasil, das quais os discursos produzidos e veiculados emergem. Para tanto, posicionamo-nos no recorte histórico que corresponde ao fluxo referente a atual diáspora venezuelana, na fase que abarca o período de 2015 até hoje, denominada e caracterizada por Paez e Penalver (2017) de “migração do desespero”. Como vimos, tal fluxo se movimenta como consequência de uma crise socioeconômica aguda. Os sujeitos que fazem parte desse fluxo e que escolhem o Brasil como país de destino, em sua maioria, fazem o percurso terrestre da fronteira Venezuela/Brasil entre os municípios Santa Helena de Uairén - VE e Pacaraima – BR, por ser mais viável (Vasconcelos; Santos, 2021).

Para finalizar esta seção sobre a análise das práticas particulares (item 4.2.1) e, a fim de estabelecer sustentação teórica para a definição do problema de pesquisa deste trabalho, apresentamos, no subitem 4.2.1.1, as práticas opressivas como modo de produção da prática ideológica da inferiorização simbólica do migrante venezuelano, enquadrando este problema como um momento entre outros de que formam as redes de práticas sobre a migração venezuelana no Brasil.

4.2.1 O fluxo migratório: as práticas sociais e discursivas sobre a migração venezuelana

Uma prática particular envolve configurações de diferentes elementos da vida social chamados de momentos de prática (Resende; Ramalho, 2019). Como vimos, nosso foco nesta seção é analisar a prática particular com ênfase nos momentos da prática e, nas práticas discursivas, para as relações entre discurso e outros momentos.

Assim, o destaque que damos são os momentos do processo migratório venezuelano, vistos como práticas particulares, das quais emergem práticas discursivas particulares, inseridas no contexto de crises atuais do capitalismo globalizante.

No que se refere ao fluxo, localizamo-nos naquele em contato com a sociedade brasileira, ou seja, o contexto que envolve venezuelanos e brasileiros, que protagonizam, na atualidade, o trânsito entre duas nações vizinhas a Venezuela, como país de origem e o Brasil, como país de destino.

Como o foco da discussão se centra para a prática particular, interligada às relações sociais entre brasileiros e venezuelanos, consideramos, conforme Gonçalves-Segundo (2018), que as práticas são formas de produção de vida social, o que implica que elas são inerentes aos campos econômico, social, político ou cultural. Além disso, cada uma delas, encontra-se articulada a uma rede de outras práticas. Segundo o mesmo autor (2018, p. 84, destaque do autor), “o termo *práticas* pode – e deve – englobar tanto as ações sociais instanciadas em coordenadas espaço temporais localizadas, quanto sua relativa permanência e padronização resultante da reprodução dessas ações. Portanto, dialogamos sobre esses pontos relativos aos aspectos simbólicos e discursivos que envolvem a migração.

Augusto e Moraes (2018) explicam que a chegada dos migrantes venezuelanos em território brasileiro demonstrou o caráter meramente reativo da sociedade local, além disso, os poderes públicos apresentaram morosidade para lidar com a situação, ocasionando a condição de rua ou ocupação de locais desativados para muitos destes migrantes.

Como vimos, as ações de ordenamento de fronteira, abrigamento e interiorização estiveram a cargo, principalmente do exército brasileiro junto à Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Em março de 2018, a Operação Acolhida, coordenada pelo exército brasileiro, foi criada pelo governo para estes fins, havendo ainda ações de apoio aos migrantes movidas por voluntários, membros da sociedade civil, entidades religiosas e organismos internacionais.

Silva e Baeninger (2021) explicam que a opção militarizada que caracteriza a resposta brasileira está baseada no princípio apontado por Agier (2006, p. 198) no “controle e nos cuidados: o princípio do *care, cure and control*”, que consiste em estabelecer a migração interna dessa imigração após o ingresso dos migrantes em território brasileiro. Os autores explicam que os financiadores desta operação são países hegemônicos que querem impedir a chegada dessas pessoas aos seus países e, dessa maneira, o Brasil passou a ser um dos países que servem para isolar e filtrar os estrangeiros. Outro determinante, segundo os autores, é que a maioria dos migrantes estão em situação de vulnerabilidade desde a origem e não são conferidas oportunidades de saírem desta condição no destino, devido às ações que não têm foco nas possibilidades de inserção dessa população.

Nesse viés, Leite e Castro (2021) discutem sobre a ação militar na fronteira Venezuela-Brasil e a gestão das migrações pelo exército brasileiro como uma forma complementar da militarização das missões reguladoras internacionais, principalmente sob controle das Nações Unidas.

Com relação a essas ações de intervenção de países hegemônicos na gestão do fluxo migratório venezuelano no Brasil, como articulação de poder, percebemos a correlação aos conceitos de Gonçalves-Segundo (2018), quando ressalta que a articulação entre práticas está diretamente associada à dinâmica de poder para estabelecer permanências que consistem em resultados do jogo de poder ideologicamente legitimadas em uma rede de práticas.

Leite e Castro (2021, p. 95-96) utilizam o conceito de “necropolítica de fronteira” para explicar que o direito do imigrante mediado pelo poder militar, somado às condições de sobrevida e exclusão que se apresentam em território brasileiro correspondem ao conceito postulado por Mbembe (2018, p. 10-11) sobre as formas de soberania na qual impera um projeto de “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”.

Dessa forma, as autoras consideraram a Operação Acolhida como a necropolítica da fronteira por ser afirmação de um controle, cuja forma de manifestação representa uma territorialização do espaço e dos corpos, com fragmentações baseadas numa relação entre classes, gênero e raça, num movimento que produz continuamente hierarquias e novas fronteiras, com o uso da violência e da exceção. No que se refere aos processos de práticas, nós consideraremos as ações aqui descritas, como uma prática particular no campo político-institucional e ideológico que envolve o contexto da migração.

Em pesquisa de campo, realizada em Roraima, Leite e Castro (2021, p. 95) se depararam com modos de regulação em funcionamento, por parte institucional, que tinham por base a multiplicação de situações intoleráveis e absurdas:

A arquitetura dos abrigos e sua produção de uma condição mínima de vida, a falta de autonomia dos/as migrantes, a xenofobia e o racismo, as pequenas violências cotidianas que quase passam despercebidas, os processos de despejo e desocupações das ocupações espontâneas em plena pandemia.

Esses campos de “acolhimento” de migrantes encontram relação com o que diz Mbembe (2018, p. 5) para quem tais instituições podem “exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder.”

Outra prática particular em relação aos campos político e social diz respeito à xenofobia institucional na fronteira. Leite e Castro (2021, p. 96) citam as ações de tentativas de fechamento de fronteiras e exemplifica uma dessas ações orquestrada pela governadora Sueli Campos em agosto de 2018 e o discurso anti-imigração como proposta de campanha adotada pelo deputado federal Nicoletti (PSL), candidato à prefeitura de Boa Vista em 2020.

As autoras comentam que a disseminação dessa narrativa causou reflexos na população roraimense, fato que foi verificado na pesquisa de campo, na qual era comum escutar os brasileiros reclamando do descontrole dos fluxos migratórios e responsabilizando os imigrantes pelos problemas sociais que envolvem a saúde, o emprego e a segurança. Assim, “a expressão máxima dessa dimensão xenofóbica são os ataques e linchamentos a imigrantes, que já chegaram a impactar o ritmo de entrada de pessoas no Brasil” (Leite; Castro, 2021, p. 96).

Essas ocorrências nos revelam as práticas em relação à dimensão social, mas, além disso, observamos a prática discursiva como um momento da prática social ao lado de outros momentos. Desse modo, o discurso tanto é constituído pelas práticas quanto constitui as práticas sociais, confirmando o que dizem Resende e Ramalho (2019, p. 38-39): “[...] o discurso é tanto um elemento da prática social que constitui outros elementos sociais como também é influenciado por eles, em uma relação dialética de *articulação* e *internalização*” (grifo das autoras).

Com base nisso, as práticas discursivas xenofóbicas contra imigrantes venezuelanos passam a ser constituídas, (re)produzidas, disseminadas, veiculadas e consumidas, considerando as campanhas políticas em comícios, mídia, reforçando sua reprodução no cotidiano da população, resultando em naturalização dessas práticas e constituição de uma ordem de discurso.

Nessa direção, Gonçalves-Segundo (2018) explica que as ideologias colaboram para a hegemonia, para a dominação relativamente duradoura, mas instável, pois está sujeita ao conflito entre diferentes agências, práticas e discursos, como também está baseada no consenso de um grupo sobre outro, parcialmente, garantido pelo processo de naturalização das práticas.

Tais conceitos podem ser verificados em outras manifestações de práticas sociais influenciadas por práticas discursivas xenofóbicas, tal como na pesquisa de Leite e Castro (2021), onde os discursos e as práticas estão relacionados à necropolítica de fronteira, como a violência cotidiana enfrentada por mulheres imigrantes, tal qual o assédio, o tráfico de mulheres venezuelanas na fronteira, a vulnerabilidade social que as impelem à prostituição, com casos até de escravidão sexual.

Os modos de vida da população venezuelana em território brasileiro são de submissão a condições de sobrevivência, considerando a necessidade de reproduzir sua existência de alguma maneira, por isso aceitam formas de trabalho que os expõem a condições de exploração, sejam homens ou mulheres, como as ocupações perigosas e ilegais, qual seja o garimpo ilegal, o crime organizado, o trabalho no campo (Leite; Castro, 2021).

A autoras relatam que, quando os migrantes não estão reclusos nos espaços de confinamento, ou empenhados em trabalhos ilícitos, restam para eles poucas opções como os trabalhos que os submetem à exploração pela má remuneração como carpintaria, capinador, recolher ferro e outros materiais pela cidade, tarefas domésticas, cozinha, costura, manualidades, todos esses trabalhos insuficientes para o sustento de uma família.

Bauman (2005, p. 46) discorre a respeito da nova montagem sobre o palco global de processos praticados pelos países capitalistas que produzem os desterritorializados, num mundo de soberania territorialmente assentada, ao mesmo tempo que pertencem ao grupo de “subclasse”, acima de todas as privações, tem sido negado a eles o direito à presença física dentro de um território, exceto em “não lugares” especialmente planejados, a fim de distingui-los dos espaços em que os outros, “normais”, vivem e se movimentam.

Desse modo, podemos considerar a todos esses lugares que “restam” para os imigrantes de “não lugares” planejados para que a linha divisória que os distingue dos “normais” esteja bem demarcada.

Os migrantes também buscam estratégias de sobrevivência fora dos acampamentos institucionais, nas ocupações de espaços e prédios abandonados. Tendo em vista a evacuação desses espaços, a Operação Acolhida executou ordens de despejo de prédios ocupados pelos imigrantes, mesmo ante a mobilização de lideranças da sociedade civil (Leite; Castro, 2021).

Um problema, apontado por Pereira e Quintanilha (2021), se refere à interiorização realizada pela operação acolhida, que coleciona casos de intermediação de trabalhadores para vagas de serviços precários e até denúncias de trabalho análogo à escravidão, naturalizando uma tendência de associação entre migração e trabalho escravo. Os autores relatam que, em 2020, uma migrante venezuelana foi libertada dessa condição, após ter sido interiorizada pela ação de apoio do empresário Wizard que foi responsável, em 2018 e 2019, pela interiorização de 25% dos migrantes auxiliados pela Operação Acolhida. Em maio de 2021, em outra intermediação da Operação Acolhida, a Ambev e Heineken foram denunciadas por uso de mão de obra escrava no Estado de São Paulo na Sider, onde 22 venezuelanos e um haitiano foram resgatados após morarem por meses na boleia dos caminhões, sem acesso à água potável.

Do mesmo modo acontece com os frigoríficos, como a Seara, no Mato Grosso do Sul, que absorvem grande número de migrantes venezuelanos interiorizados, para assumirem trabalhos precarizados. Frequentemente, tais empresas da agroindústria estão implicadas em denúncias de trabalho escravo (Pereira; Quintanilha, 2021).

Sobre as práticas de militarização na fronteira Góis e Silva (2021, p. 12) comentam:

A militarização da fronteira e da gestão das migrações é, neste como em outros casos, uma continuidade da militarização das missões de paz internacionais que vêm ocorrendo sob a égide das Nações Unidas ou de organizações congêneres de nível regional. No caso concreto de Roraima, a escolha do exército para coordenar este processo altera a própria realidade da gestão das migrações que passa de desafio estadual ou federal para um acontecimento internacional.

Podemos dizer, então, que o poder militar atua como soberano, age em seu território de soberania, detém o poder e é capaz de “exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder” (Mbembe, 2018, p. 5) e os imigrantes, assim, são destituídos de seus direitos e tratados como corpos que podem ser dominados e destinados a exploração de recursos, não cabendo a eles o mesmo reconhecimento em termos de humanidade (Mbembe, 2018).

Portanto, é preciso visualizar as migrações venezuelanas dentro de um contexto de crises globais, ou seja, no contexto da globalização, tal como Bauman (2005, p. 46-47) postula em sua proposição teórica, quando menciona que a expansão do Ocidente em escala global foi lenta, porém implacável, pois nessa globalização da produção de lixo humano, as chamadas “pessoas rejeitadas”, por serem consideradas como desnecessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico, são avaliadas como incompatíveis ou de acomodação impossível na economia capitalista.

Considerando a condição de países periféricos – Venezuela e Brasil – que se encontram dentro perímetro dos efeitos das crises globais, as práticas que ocorrem nesse contexto são influenciadas pela ideologia capitalista/imperialista globalizante, de igual modo, os discursos refletem essa mesma ideologia.

Assim, no que se refere ao aspecto discursivo, não há dúvida que o contexto no qual todas essas práticas acontecem, também estão vinculadas às práticas discursivas. Sobre isso, Barros (2015, p.69) esclarece:

O ponto fundamental, aqui, é entender ‘práticas sociais’ como uma articulação entre o discurso e outros elementos da vida social que estão intimamente interligados. Relações sociais, por exemplo, são parcialmente discursivas por natureza, ou seja, o discurso é parcialmente constituído de relações sociais.

Do mesmo modo, embora o panorama no qual se instaura a migração apresente práticas sociais assimétricas, as experiências que envolvem a migração são interculturais pelo contato estabelecido e pelas práticas de hibridismos, que resultam em produção e circulação de discursos e sentidos, ainda que estabeleçam relações antagônicas. Logo, importa compreender como os discursos são manifestados em textos (orais, escritos ou simbólicos) que são produzidos, distribuídos e consumidos na prática social, relacionada às interações sociais entre brasileiros e venezuelanos.

Um caminho para esta compreensão se relaciona ao que vimos até aqui, nos discursos político-institucionais que influenciam práticas violentas, xenofóbicas e de exclusão dos imigrantes ao submetê-los a diversas situações de vulnerabilidade social e delimitá-los, institucionalmente, aos espaços de exploração e confinamento.

Somada a este quadro, uma outra prática particular e discursiva é posta em ação nesse contexto, a manifestação de prática discursiva midiática. Um exemplo disso se verifica na pesquisa de Augusto e Moraes (2018, p. 7), na qual as autoras buscam “refletir sobre a produção simbólica dos comentários dos internautas brasileiros sobre o processo de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil, a partir das matérias jornalísticas selecionadas para este fim”.

Antes de apresentar uma parte da pesquisa das autoras citadas, convém esclarecer que não se trata ainda de análise do *corpus* desta tese, uma vez que a apresentação da análise do dados se dará na próxima seção. Nossa intenção, ao apresentar amostras do trabalho de Augusto e Moraes (2018), é exemplificar como o aspecto discursivo está implicado nas várias formas de práticas sociais e como ele se dissemina por meio do processo que envolve produção,

distribuição e consumo de textos. Além disso, intencionamos demonstrar por meio das propriedades textuais as assimetrias de poder, constituídas discursivamente que fomentam as práticas sociais, como formas de reprodução da ideologia dominante.

Os textos selecionados para tal pesquisa se referem aos comentários de internautas às três primeiras matérias⁴¹ jornalísticas a respeito do início da interiorização de migrantes da Venezuela no Brasil, publicadas no site de notícias G1/RR, da empresa Globo. Augusto e Morais (2018, p. 9-12) selecionaram 56 comentários, agrupados em seis temáticas, que foram elencadas, seguindo o critério de produção de sentidos, das quais utilizaremos três, para efeito de exemplificação neste trabalho. Para cada grupo, foram selecionados, para exemplificar, três comentários, um de cada matéria.

Iniciamos a discussão pelo descritor: i) “**Farinha pouca, meu pirão primeiro**”:

- E os brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza, abandonados nas ruas das cidades sem tratamento digno, não farão nada por eles?! Hipócritas!! (matéria 1).
- Tenho pena desta gente, mas antes de tudo “Brazil first”! (matéria 2)
- A discussão humanitária vai longe, mas o ponto é que estamos em um país que os brasileiros morrem em filas de hospitais, não tem emprego e moradia, e estamos resolvendo primeiro o problema de um outros país? (matéria 3) (Portal G1RR, 2018 apud Augusto; Morais, 2018, p. 9).

O provérbio popular, que intitula esta unidade de significação, faz alusão à natureza egoísta do ser humano. Conforme as pesquisadoras, os comentários demonstram a forma de perceber o ingresso dos imigrantes como uma ameaça, em que se deve resguardar o pouco que o brasileiro dispõe. Tais construções narrativas analisadas apresentam um tom intolerante e vê no imigrante algo a afetar os padrões de convívio e a aumentar as dificuldades locais (Augusto; Morais, 2018).

Em relação ao descritor ii) **Rótulos ideológicos**, há estas afirmações:

⁴¹ Matéria 1: Mais de 100 venezuelanos são enviados para São Paulo em avião da FAB Url: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/mais-de-100-venezuelanos-sao-enviados-de-roraima-para-sao-paulo-em-aviao-da-fab.ghtml> Data: 05 de abril de 2018. Total de comentários: 568.

Matéria 2: Venezuelanos em RR se preparam para serem transferidos a SP e AM: “Ansiosos para recomeçar” Url: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/venezuelanos-em-rr-se-preparam-para-serem-transferidos-a-sp-e-am-ansiosos-para-recomecar.ghtml> Data: 03 de maio de 2018. Total de comentários: 54.

Matéria 3: Voo da FAB leva mais de 200 venezuelanos de Roraima para o Amazonas e São Paulo Url: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/voo-da-fab-leva-mais-de-200-venezuelanos-de-roraima-para-o-amazonas-e-sao-paulo.ghtml> Data: 04 de maio de 2018. Total de comentários: 89.

- Sairia mais barato dar um bolsa família pra cada e mandar de volta pra Venezuela pra lutarem contra os comunistas...aqui vão engrossar as fileiras dos desocupados esquerdistas!!! (Matéria 1)
- Lembrem-se que os partidos de esquerda apoiam incondicionalmente esse governo genocida. (Matéria 2)
- Venezuela em frangalhos e os comunistas brasileiros defendendo o Maduro, chega a ser revoltante (Matéria 3) (Portal G1RR, 2018 *apud* Augusto; Morais, 2018, p. 9).

Os comentários desse grupo demonstram uma leitura do fluxo migratório pela visão polarizada da política partidária, com críticas ao que chamam de comunismo, os valores são acionados para denominar e atribuir relações entre a esquerda brasileira e o governo de Nicolás Maduro, inferindo aos “esquerdistas” as qualidades depreciativas de desocupados, o que demonstra uma rejeição não apenas aos imigrantes, mas também a uma camada da população brasileira (Augusto; Morais, 2018).

No tocante ao descritor iii) **Xenofobia**, apresentam-se estas declarações:

- O que é que vamos fazer com essa “bst”???? ... Empresário brasileiro que der emprego a essa “bst” é um traidor!!! FORAAAAAAA!!!! Esse l.i.x.o vai acabar nas favelas e gerar mais “di menores” para empestar nossas ruas!!! Uma palhaçada!!! ... FORAAAAAAA!!! (Matéria 1)
- Mais biótipo inferior vindo para o Brasil. Lamentável... (Matéria 2)
- CASTRAÇÃO JA AJUDA, PORQUE ESSE POVO SÓ PENSA EM PROLIFERAÇÃO! (Matéria 3) (Portal G1RR, 2018 *apud* AUGUSTO e MORAIS, 2018, p. 9).

A rejeição e a aversão ao imigrante são demonstradas sem subterfúgios, sem sentido velado, sem preocupação com a polidez no grupo Xenofobia. Trata-se de um explícito menosprezo ao Outro, em expressões que podem ter sido encorajadas pelo anonimato virtual. O traço comum dos comentários se estrutura no sentido de repugnância e ódio ao imigrante venezuelano. Um ódio que assume também a característica racista. Todos esses traços compõem a unidade de significação denominada Xenofobia. Como exemplo, a força intolerante e violenta assumida no comentário da matéria 1, em que a expressão “FORAAAAAAA!!!!” pode ser interpretada como grito, codificados nas letras em caixa alta que indica emoção extremada e abrupta (Augusto; Morais, 2018).

Ressaltamos que o estudo de Augusto e Morais (2018), a partir de matérias jornalísticas, conforme as próprias pesquisadoras, revela que a produção simbólica dos comentários dos internautas brasileiros sobre o processo de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil, apresenta conteúdos, em sua maioria, negativos, xenofóbicos, racistas e classistas.

Após a visualização de um panorama de articulação de práticas particulares das quais emergem as práticas discursivas é possível perceber as relações assimétricas de poder que envolvem o contexto intercultural de práticas sociais entre brasileiros e venezuelanos.

No que se refere às práticas, vemos que as condições de integração de imigrantes, confirmam a proposta de Leite e Castro (2021, p. 99) de uma necropolítica de fronteira, na qual há uma articulação de práticas sociais e discursivas que limitam o imigrante às condições de sobrevivência, de um processo de inferiorização do migrante, onde “a condição de supérfluo se aprofunda e a forma de inclusão na sociedade brasileira só pode ser feita pelo meio da exclusão”. Nessa mesma esteira, Bauman (2005) afirma que os desterritorializados são sentenciados a modos de acomodação impossível nos “não-lugares” especialmente planejados. Tal contexto produz um processo cíclico de “inclusão excludora” e “exclusão inclusiva”, conforme Kurz (2016).

Outro episódio que confirma esse contexto de práticas xenofóbicas, envolvendo práticas discursivas que resulta em processo de inferiorização do migrante, ocorreu em 2022, no último ano do governo bolsonarista de extrema direita. O então presidente e candidato à reeleição Bolsonaro, em clima de campanha, deu uma entrevista, em 14 de outubro de 2022, na qual relatou um episódio que deixou o país estarelecido, o caso das meninas venezuelanas de São Sebastião, no Distrito Federal. Tratou-se, conforme Bolsonaro, de um “encontro” dele com meninas de 14 e 15 anos, quando foi à casa delas, após ter “pintado um clima”. Afirmou que as meninas participavam de um projeto social e pintavam-se e arrumavam-se para “ganhar a vida”. Em outro vídeo, Bolsonaro relatou o mesmo episódio, afirmando que as meninas eram prostitutas (Branco-Pereira, 2022, n. p., destaque nosso).

Branco-Pereira (2022, n. p.) explica que a situação relatada foi distorcida para cumprir os propósitos da semiótica bolsonarista. E, para finalizar a sua narrativa, Bolsonaro declarou “Você quer que a sua família um dia saia do Brasil e vá para outro país para fugir de um regime autoritário?”, esta armação proto-pedófila do chefe de estado se tornou um emblema da instrumentalização ideológica que Bolsonaro intenciona fazer da questão migratória. Branco-Pereira (2022), em seu artigo, desvela no discurso bolsonarista sua intenção fascista:

Assim, o caso das meninas venezuelanas de São Sebastião, Distrito Federal, é emblemático por diversos motivos. Primeiro, é preciso entender que Bolsonaro realiza a visita na intenção de instrumentalizá-las enquanto exemplo dos efeitos do totalitarismo – que, em sua semântica fascista, é sempre de esquerda – e do que *não* ser. Se em 2020 esse discurso cabia no contexto de sua guerra aos governadores, hoje ele cai como uma luva na disputa eleitoral, e sua atrofia moral é rapidamente substituída pela cobrança de posicionamento de Lula sobre o regime de Maduro enquanto pauta do dia. Em segundo lugar, a associação entre meninas e

mulheres migrantes, majoritariamente não brancas, vindas de países governados pela esquerda, e a criminalidade e a degenerescência moral aciona todas as categorias de vinculação entre pautas populares, movimentos sociais, partidos e movimentos de esquerda e a criminalidade, como vimos acima. É bom lembrar que, na descrição bolsonarista, as meninas venezuelanas em situação de prostituição não são vítimas a serem protegidas, mas exemplos do que não se quer ser, ou do que se quer eliminar (Branco-Pereira, 2022, n. p., destaque do autor).

Em resposta, à atitude do presidente, 15 organizações e movimentos feministas da Venezuela manifestaram repúdio às declarações e condenaram as falas que foram classificadas, pelas organizações, como caluniosas, criminosas e repugnantes. O documento emitido constou que tais eventos representavam grave violação dos direitos humanos de meninas e mulheres migrantes da Venezuela, pois violaram sua dignidade ao promover deliberadamente a xenofobia, a aporofobia, o racismo e a violência sexista. O movimento também condenou as sanções impostas pelo governo estadunidense, responsabilizando-os pelos altos fluxos provenientes da Venezuela aos países da região, afirmando que o bloqueio e a guerra econômica constituem uma forma de violência contra as mulheres (Estanislau, 2022).

Branco Pereira (2022) esclarece que o discurso eleitoral que instrumentaliza a migração é articulado a partir do próprio comando da Operação Acolhida, utilizando a estrutura das Forças Armadas. Essa propaganda ideológica conta com a subserviência conivente das agências internacionais ligadas ao sistema ONU, o autor conclui:

As motivações de Bolsonaro e das Forças Armadas não são humanitárias ou democráticas, tampouco ele é aliado da causa migratória ou daqueles e daquelas perseguidas por regimes de exceção, como inocentemente creem alguns. Não se pode perder de vista seu único horizonte: a consolidação de um regime abertamente autoritário, violento e fascista. (Branco-Pereira, 2022, n. p.).

O autor se refere ao uso da estrutura das Forças Armadas para propagandear a campanha de Bolsonaro, exemplificando com um material produzido pela Secretaria de Comunicação Social que usou o *slogan* “O socialismo segrega, o Brasil acolhe”, como se vê na imagem abaixo:

Figura 1: Material produzido pela SECOM-PR



Fonte: BRANCO-PEREIRA, 2022.

Esse processo, em parte, é coordenado pela ação militar por meio da Operação Acolhida, financiada mediante interesses dos países capitalistas ocidentais, cujos objetivos hegemônicos resultam em efeitos como a produção de “pessoas rejeitadas”, “lixo humano” despejados em todos os lugares nos quais essa economia foi praticada (Bauman, 2005, p. 47). Contudo, a fim de neutralizar o potencial explosivo de acumulação de “lixo humano”, patrocinam ações para a “remoção do lixo” efetivamente global, na forma do imperialismo político e militar, no princípio da “mão que fere, a outra que socorre” o cuidado para fins de controle (Agier, 2006, destaque nosso).

No que se refere às práticas discursivas, consideramos, com base em Fairclough (2016), o discurso como forma de prática social e como modo de ação, uma forma de agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros que implica uma relação dialética entre discurso e estrutura social, o discurso é moldado e restringido pelas relações sociais, por um lado e, socialmente constitutivo por outro. Isto significa que as práticas, as interações, as relações e eventos sociais descritos aqui foram constituídos pelos discursos como também tais práticas, interações, relações e eventos moldaram os discursos.

Considerando essas premissas, observamos na articulação de práticas e discursos que há um processo discursivo de produção, distribuição e consumo de textos orais e midiáticos que promovem a disseminação de discursos contra o imigrante venezuelano, que se manifesta nas redes de práticas sociais e discursivas. Esse discurso difundido pelas redes de práticas (instituições, atores institucionais, mídia, estabelecimentos, população) e, reproduzido em redes de relações sociais, moldam o pensamento das pessoas de modo a estabelecer um consenso e, assim, passam a ver o imigrante como uma pessoa inferior, formando um processo de inferiorização do migrante em território brasileiro. Tal consenso leva à naturalização dessa prática ideológica, em relação a isso, Gonçalves-Segundo (2018, p. 86-87) expressa:

O termo naturalização aplica-se ao fato de determinado grupo social considerar os elementos de uma prática dada como corretos, verdadeiros, bons, legítimos e/ou suficientes, sem questionar se são, de fato, necessários ou mesmo desejáveis, condenando alternativas de ação, identificação e representação. Essa fabricação de consensos (Gramsci, 1995; Melo, 2012) é um dos modos de garantir que os grupos instalados no poder consigam manter seus privilégios por estabilizarem – ainda que local, temporária e instavelmente – elementos da prática que sustentam as desigualdades que são de seu interesse.

Em relação aos aspectos discursivos, como premissa da ADC, o discurso pode construir relações conflituosas, de um grupo sobre outro (manifestação de violência, de xenofobia, práticas limitadoras e hostilização contra os imigrantes), quanto para a construção de sistemas e crenças (visão estigmatizada do venezuelano, relação implícita com outros discursos como o discurso de ódio, o discurso anti-imigração).

Sabemos que as expressões de práticas discursivas xenofóbicas contra imigrantes venezuelanos encontram sustentação em um discurso mais abrangente, o discurso globalizante do sistema capitalista/imperialista, que por meio de sua ideologia, desvia o alvo dos verdadeiros agentes provocadores dos movimentos migratórios pelo mundo com suas mazelas consequentes.

Nesse sentido, Fairclough (2006) demonstra como a globalização se caracteriza e se movimenta. Segundo ele, é um processo em escala global de formação de mercados internacionais, que possui agentes detentores do poder econômico e financeiro. Contudo a mídia e os meios de comunicação tratam esse processo como um fenômeno sem agentes. O que provoca a impossibilidade de identificação dos atores, devido à falta de percepção das polaridades agente-alvo das ações, por parte da população, que, conseqüentemente, atribuirá o poder a um “sistema” abstrato.

Fairclough (2006) apresenta outro aspecto da globalização, isto é, as estratégias de mudança no consumo, a produção, a circulação e a apropriação de recursos por parte dos países, das agências e das corporações internacionais.

Segundo o mesmo autor, o discurso da globalização seria aquele que constitui, sustenta e propaga a globalização, por meio de narrativas e estratégias retóricas que produzem uma ideologia da globalização. Outro aspecto desse discurso, de acordo com Fairclough (2006), é a ocultação do processo neoliberal que forma os mercados globais e sob uma máscara de democracia ocidental, com base em estratégias comerciais de oferta e procura, interliga e dissemina as visões particulares de um grupo sobre os outros.

Outra característica do discurso globalizante, segundo o teórico, é a representação dos países e Estados como insuficientes, desprovidos e incapazes de resolver o problema do crescimento da pobreza, a não ser por estratégias ineficazes de inclusão social. A legitimação de políticas não populares de redução de direitos da população, assentada na propagação de um discurso fatalista de justificação da primazia da economia sobre o indivíduo, configura outro aspecto do discurso globalizante (Fairclough, 2006).

Ao considerar as estratégias das práticas globalizantes, observamos que elas operam por meio da persuasão e dão solidez às práticas particulares que compõem o evento da migração

venezuelana no Brasil. Neste sentido, Santos (2001) explica que elas influenciam o caráter das pessoas ao gerar a competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, os totalitarismos, a violência estrutural, a perversidade sistêmica e a tirania do dinheiro e da informação. Para o pesquisador, “dentro desse quadro, as pessoas sentem-se desamparadas [...] há um verdadeiro retrocesso quanto a noção de bem público e de solidariedade” (Santos, 2001, p. 38).

Portanto, as práticas particulares que operam no contexto da imigração venezuelana no Brasil, comentadas nesta seção, são constituídas por práticas xenofóbicas, opressivas e discriminatórias contra o imigrante venezuelano, que se manifestam nas redes de práticas e é constituído a partir das práticas sociais e discursivas da globalização, mantendo, assim, uma relação dialética. Sobre a abordagem das práticas compreendidas em redes, Resende e Ramalham (2019) explicam que ela é importante em ADC, porque as práticas são determinadas umas pelas outras, gerando vários efeitos sociais, sustentadas por relações sociais de poder, estando as articulações entre práticas ligadas a lutas hegemônicas.

Uma outra prática particular que é gerada como efeito dessa rede de práticas é a inferioridade simbólica do migrante venezuelano em território brasileiro, essa prática é considerada ideológica pelo fato de ser tanto resultante quanto um modo de reprodução de práticas opressivas. Veremos mais detalhadamente este assunto no próximo subitem.

4.2.1.1 O processo de inferioridade simbólica do migrante venezuelano no Brasil como prática ideológica

Após a apresentação da análise das práticas particulares, que delineiam um quadro de estigmatização, hostilização e opressão do migrante, intencionamos dialogar sobre as práticas opressivas como modo de produção da prática ideológica da inferiorização simbólica do migrante venezuelano. Para isso, apoiamos-nos em Paulo Freire (1987), Bourdieu (1998), Germano (2013) e Costa, Santos e Vale (2020) para acomodar o conceito de inferioridade simbólica aos processos de opressão e violência, aos quais os migrantes são submetidos, como vistos na análise de práticas sociais, na seção anterior.

Sendo assim, para acomodarmos as considerações de Freire (1987), sobre Pedagogia do oprimido e, de Bourdieu, sobre a violência simbólica, ao nosso estudo, caracterizamos o migrante venezuelano como aquele que sofre processos de opressão, como pessoas que se encontram impedidas de se realizarem ou de concretizarem sua vocação de “ser mais” e, na

condição coletiva, como uma nação oprimida, que sofre violência simbólica por parte do sistema político econômico de dominação.

O conceito de violência simbólica é tratado por Bourdieu (1998) como a forma de coação, seja esta econômica, social ou simbólica, apoiada numa imposição reconhecida. Ocorre na criação contínua de crenças, que emergem do processo de socialização, onde o sujeito se submete aos padrões e costumes do discurso. Assim, o discurso dominante é conhecido e assimilado pela sociedade, que legitima esse discurso dominante e o manifesta. A violência simbólica é, pois, a manifestação desse conhecimento, de onde se exerce o poder simbólico.

No que se refere ao exercício do poder, na análise da conjuntura e da prática particular, direcionadas para o contexto da migração venezuelana, ficou evidente a instauração de relações de desigualdade em território brasileiro, onde a partilha de poder é assimétrica e injusta para os imigrantes e onde não há possibilidade de escolha a não ser a sujeição às condições de sobrevivência. Essa articulação de poder posiciona o sujeito venezuelano à submissão. Há, também, a apropriação do campo discursivo pelos brasileiros, no contexto da sociedade brasileira, sem que seja dada a oportunidade de participação e diálogo por parte dos imigrantes. Nesse sentido, há um silenciamento dos imigrantes, para além da dificuldade de domínio do idioma.

Dessa maneira, os oprimidos, historicamente, experimentaram um processo de construção simbólica da inferioridade (Germano, 2013), validada pela construção histórico-econômica da superioridade. A ideia, por exemplo, é de que o migrante está em condições econômicas inferiores e por isso o brasileiro é superior, dado o lugar que ocupa, o de estar em seu próprio país e em melhores condições econômicas.

Costa, Santos e Vale (2020) também se baseiam na concepção freiriana do oprimido para descrever quem são os oprimidos na atualidade, o fazem da seguinte forma:

A partir da heterogeneidade dos oprimidos, são diversas as formas de opressão. Entre tantas, citamos os processos de inferioridade simbólica, a partir de um padrão social estabelecido numa sociedade desigual e hierárquica; o preconceito étnico-racial, ou uma relação vertical no trabalho, na educação, nos espaços de vivência da sociabilidade, ou construção de submissão frente a situações autoritárias de dominação (Costa; Santos; Vale, 2020, p. 5).

Conforme essa descrição e, com base na análise das práticas particulares, na seção anterior, entendemos que o sujeito venezuelano, na condição de migrante, sofre desde sua entrada pela fronteira norte do país⁴² e se sujeita a esses processos, elencados pelas autoras.

⁴² Consideramos o sujeito venezuelano passa à condição de migrante a partir da sua entrada no Brasil. Contudo, temos o posicionamento de que o sujeito migrante vem sofrendo com as péssimas condições de vida, decorrentes

Portanto, analisamos que eles são submetidos a um complexo processo de **inferioridade**, pelo seu impedimento de “ser mais” (Freire, 1987), do tipo **simbólica** (Bourdieu, 1998) pelo fato de se tratar de uma imposição reconhecida, na base de crenças, pela assimilação do discurso dominante que manipula por diversos meios (midiáticos, institucionais, reguladores, estruturais, entre outros) e “[...] através de mil formas. Das mais duras à mais sutis. Das mais repressivas às mais adocicadas como o paternalismo”, ocasionando uma condenação a “ser menos” por estarem presas a processos de dominação (Freire, 1987, p. 135) (destaque nosso).

Além disso, consideramos a prática da inferioridade simbólica do migrante venezuelano como uma **prática ideológica**, baseando-nos em Fairclough (2016, p. 98), pois, segundo o teórico, “ideologia são significados gerados em relação de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder.”, considerando que essas relações de práticas particulares e sociais, das quais emergem as práticas discursivas, relacionadas ao migrante ocorrem num contexto de relações de poder (destaque nosso). Citamos mais uma vez o caso das meninas venezuelanas, no qual o candidato à reeleição, Bolsonaro, as inferioriza com fins ideológicos. Do mesmo modo, no âmbito global, o país é inferiorizado pela mídia imperialista, também com fins ideológicos. Nos dois casos, a intensão é gerar práticas ideológicas de reprodução do pensamento dominante de que o socialismo não serve como modelo de sociedade.

Assim, a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano, tanto influencia práticas discursivas, relacionadas à xenofobia, à discriminação, ao discurso dominante, quanto é produzida e reproduzida por elas, estabelecendo uma relação dialética, pois, também conforme Fairclough (2016, p. 91), “Os processos constitutivos do discurso devem ser vistos, portanto, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-construída”, além disso, “o discurso possui efeito construtivo e contribui para construção de sistemas de conhecimento e crenças” (Fairclough, 2016, p.95).

Por fim, durante a realização desta investigação, os imigrantes, participantes desta pesquisa, expressaram os motivos pelos quais atravessaram a fronteira para fixarem-se fora de seu país. Dessa forma, por meio de suas narrativas e de suas experiências, ficaram evidenciadas as práticas que envolvem o contexto de sua migração e, assim, por meio de análise, chegamos a identificar os discursos dos migrantes que desvelam situações de injustiça e de forças

de restrições político-econômicas impostas à Venezuela, pelos poderes hegemônicos globais, desde a origem do fluxo.

hegemônicas, no contexto da migração venezuelana. Na próxima seção, essa questão será analisada.

4.3 Análise de discurso dos enunciados dos/das participantes da pesquisa: Significado representacional

A análise apresentada nesta seção, é a terceira, das três análises que atuam juntas na identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado. Isso significa que é a terceira parte da segunda etapa do enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999). Temos frisado que o problema levantado é prática ideológica da inferiorização do migrante venezuelano em território brasileiro.

Nesta parte, a análise discursiva crítica é orientada para a interação, isto é, análise linguística de recursos utilizados nos textos e sua relação com a prática social (seções 4.3.1 e 4.3.1.1) e para a estrutura, ou seja, a relação da instância discursiva analisada e sua recorrência a discursos de ordens de discursos articuladas (seções 4.3.1.1.1 e 4.3.1.1.2).

Os recursos linguísticos e semióticos utilizados no texto permitem que compreendamos seus usos e suas relações com a prática social. Fairclough (2016), em seu construto teórico, preconiza a indissociabilidade entre linguagem e sociedade. Para ele, a análise discursiva tem o objetivo de verificar os diferentes discursos que articulam aspectos semióticos das práticas sociais presentes nas interações. Ressaltamos que, nesta pesquisa, o conceito de discurso é entendido como forma de representação e de ação (Fairclough, 2016).

Desse modo, entendemos que a análise de textos e de suas marcas linguísticas nos mostrará marcas de outros elementos para a compreensão da prática social da qual faz parte (Fairclough, 2016). Por essa razão, a análise linguística foi utilizada por nós para evidenciar esses aspectos, considerando que os elementos linguísticos que compõem os textos dos participantes trazem marcas de outros elementos relacionados à estrutura, à conjuntura, à política, aos discursos, aos atores, às crenças, aos significados e às ações da migração venezuelana. Assim, consideramos também o discurso como uma dimensão da globalização que não deve ser negligenciada (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

Outro ponto de partida é considerarmos, apoiadas em Magalhães, Martins e Resende (2017), que as práticas sociais se realizam de modo mais intenso e recorrente por meio da linguagem e, ao fazer uso dela, recorre-se aos seus usos múltiplos em toda a sua complexidade,

a saber, a produção e a intervenção recorrente dos textos; a tensão entre o dito, o não dito e os implícitos; a linguagem não verbal e o silêncio, que também comunicam. Essa configuração dos usos da linguagem aplica-se tanto às práticas formais, como às múltiplas ações institucionalizadas, quanto às práticas informais, vinculadas à vida cotidiana.

Neste sentido, como forma de compreender quais discursos estão inseridos nas redes de práticas sociais, relacionados ao evento social da migração venezuelana e como esses discursos influenciam os mecanismos ideológicos de opressão e desfavorecimento, nesta seção, analisaremos as representações materializadas nos enunciados dos participantes da pesquisa.

A análise, no primeiro momento, ou seja, na seção 4.3.1, se centrará na compreensão da materialidade linguística do significado representacional do discurso (Fairclough, 2016), definida no enquadre metodológico como a etapa de interpretação linguística. Nosso objetivo é analisar o texto para compreendermos as práticas sociais que permeiam o contexto vivido pelos sujeitos venezuelanos⁴³.

Ao me posicionar discursivamente por meio de textos (orais ou escritos), apresento minhas representações acerca do mundo material, social e mental; expresso meus sentimentos, emoções e identidades. Essas representações são sempre parte das práticas sociais (Barros, 2015, p. 68).

Desse modo, no decorrer desta seção e das demais seções deste capítulo, identificaremos os discursos articulados e focalizaremos a maneira como foram articulados, no que se refere ao modo de representação do mundo, com base em Fairclough (2016). Para tanto, destacaremos, nos textos, os aspectos semióticos que nos conduziram até ao significado representacional do discurso como elementos da prática social.

O significado representacional do discurso será acionado por meio análise das seguintes categorias linguísticas: representação de atores sociais (Van Leeuwen, 1997) e sistema de transitividade (Halliday, 1985, 1994; Halliday; Mathiessen, 2004). O sistema de

⁴³ A compreensão das práticas sociais atravessa o entendimento do contexto social vivido pelos sujeitos da pesquisa, os/as venezuelanos (as). Os textos como parte da vida social podem ser considerados com base no “sistema laminado” (Brskar; DanemarkA, 2006) proposto por Barros (2015, p. 96 – 98) quais sejam as escalas: Global, relacionada com tradições e civilizações inteiras em nível planetário ou cosmológico, preocupado com o planeta em seu todo; Macrossocial, orientada para a compreensão do funcionamento de sociedades inteiras ou de suas regiões; Microssocial, refere-se aos papéis funcionais, as relações sociais entre os indivíduos; Individual, relacionada com estruturas fisiológicas, biológicas e psicológicas, com seus aspectos do consciente e inconsciente; Subindividual, refere-se ao consciente e inconsciente, incluindo emoções, valores, sentimentos e identidade. Portanto, para a compreensão dos textos, inseridos no contexto vivido pelos sujeitos desta pesquisa, utilizaremos as escalas global, macrossocial e individual.

transitividade assinalará, por meio dos processos, os aspectos do mundo físico e mental do falante. Marcaremos, ainda, as categorias avaliação e modalidade, somente para efeito de caracterização da estrutura interna/individual do sujeito.

Em síntese, as seções deste capítulo estão organizadas desta forma: na próxima seção 4.3.1, nosso foco é a análise linguística dos enunciados, de modo que as categorias analíticas dos significados representacional e as categorias modalidade e avaliação são apresentadas inter-relacionadas. Essa análise permitirá a identificação dos discursos.

Na seção 4.3.1.1, o foco da análise é centrado nos discursos identificados e relacionados à realidade social local ou macrosocial. Os discursos, situados a determinadas práticas sociais, apontarão para a realidade social global. Na seção 4.3.1.1.1, trataremos dos discursos em sua base conceitual, a fim de dar-lhes sustentação teórica.

A seção 4.3.1.2, que compreende a análise interdiscursiva, será a última deste capítulo. Nela, a análise interdiscursiva caminhará para a estrutura social englobante. Neste estágio da análise, a migração venezuelana será discutida sob uma base teórica, que se expandirá para um tratamento multidisciplinar, ancorado, principalmente, nos estudos geopolíticos, históricos, sociais e culturais, a fim de cumprirmos “um diálogo entre a interpretação dos textos do *corpus* e a conjuntura social em que se dá o fenômeno estudado” (Martins, 2018, p. 171).

4.3.1 Análise linguística: a identificação dos discursos como representação de aspectos da vida social

Nesta seção, mostraremos quais discursos permeiam o evento social da migração venezuelana, no que se refere ao modo de representação do mundo e ao modo como os discursos revelam assimetrias de poder. Também apresentaremos os mecanismos ideológicos vinculados a esses discursos, para relacioná-los à prática social. Isso será evidenciado por meio da análise linguística dos recursos utilizados no texto. No final desta seção, apresentaremos o Quadro 14, que esquematiza e ilustra a análise linguística e sua relação com a prática social.

A análise dos enunciados foi organizada em quadros, a fim de facilitar a compreensão do condicionamento e emprego dos elementos textuais. Como já dissemos, neste momento da análise, as categorias analíticas do significado representacional são apresentadas inter-relacionadas e são mobilizadas quando integram os enunciados dos participantes.

Antes de apresentarmos a análise, é importante destacarmos que, para cumprir a etapa de identificação de um discurso, foi preciso demonstrar os efeitos das formas de representação

e o modo particular de representação de aspectos do mundo (Resende; Ramalho, 2019). Assim, ancoradas nesses pressupostos, fizemos a identificação de qual parte do mundo era representada pelos sujeitos de nossa pesquisa por meio dos temas centrais enunciados por eles.

Esses temas foram captados nos contextos da estrutura interna do sujeito ou mundo interno/mental e nível macrossocial ou mundo externo/físico, com a intenção de encontrar aspectos ideológicos para sua compreensão. Ademais, esses temas apontarão para o contexto global, que será visto na análise da conjuntura, somente, nas seções 4.3.1.1 e 4.3.1.2, cuja análise resultará em uma discussão mais pontual da realidade social ampla, relacionada aos discursos.

A análise dos enunciados foi feita a partir das respostas dos participantes da pesquisa para a seguinte pergunta: Por qual motivo você emigrou de seu país?

Feita a apresentação dos procedimentos analíticos e da organização da seção, iniciamos a análise pelos enunciados da participante Valência, porque pudemos observar um grande número de informações, que nos ajudaram a compreender sua visão de mundo para a situação vivenciada por ela. Por considerarmos sua resposta relevante para o estudo, dividimos sua narrativa em sete excertos para deixar a análise mais clara. Os demais enunciados de outros participantes serão apresentados na sequência.

No Quadro 6, apresentamos o primeiro enunciado da participante Valência.

Quadro 6 - Excertos 1 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, às 14h29min.)

Embora meu esposo e eu tivéssemos emprego, estabilidade dentro do que cabe	a situação econômica do país	foi acabando	com tudo isso.
Circunstância de concessão	Ator social	Processo material	Meta

Embora meu esposo e eu tivéssemos emprego, estabilidade dentro do que cabe, a situação econômica do país foi acabando com tudo isso (Valência).

Para iniciar sua resposta, Valência utiliza o recurso da contextualização de sua situação no país, remetendo-se ao passado, por meio de uma circunstância de concessão – *embora meu esposo e eu tivéssemos emprego, estabilidade dentro do que cabe*. Segundo Fuzer e Cabral (2014), as circunstâncias adicionam significados à oração pela descrição do contexto. Assim, a referida descrição aciona o significado representacional do mundo exterior, ou seja, os aspectos

do mundo externo, os eventos e as práticas sociais dessa participante. Em um passado não tão distante, junto com seu esposo, dispunham de estabilidade, possuíam condições econômicas para viver no país, porém um evento social interveio nesse estado.

Essa mudança no fluxo de eventos é iniciada por meio do efeito de contingência da circunstância de concessão que restringe essa situação, por meio do processo material que vem em seguida – *a situação econômica do país foi acabando com tudo isso*. Esse processo envolve dois participantes (ator [o que provoca o desenrolar do processo] e meta [participante afetado]) e é do tipo transformativo. Segundo Fuzer e Cabral (2014), o resultado é a mudança de algum aspecto do participante meta, que foi transformado, tendo como resultado a alteração de algum aspecto do mundo material. A meta – *tudo isso* – substitui a estabilidade referida na oração circunstancial concessiva, o que nos indica um evento completa e drasticamente modificado.

As marcas textuais apontam para um ator social representado por impersonalização, pois, na percepção desta participante, não se refere diretamente a um agente humano responsável pelo resultado do processo – *a situação econômica do país*. O ator impersonalizado é representado pela referência a um processo – *situação econômica do país*. Este ator social corresponde ao ponto áureo na resposta à pergunta, pois indica o agente central da mudança e provoca a saída do país.

O processo material – *foi acabando* – representa a mudança no fluxo do evento. O uso do gerúndio denota uma ação gradativa, ou seja, o que ocorreu aos sujeitos não foi de forma repentina. No que tange à interdiscursividade – *a situação econômica do país, foi acabando com tudo isso* –, podemos inferir que exista nesse enunciado um contradiscurso capitalista, pois há uma denúncia da instabilidade gerada na dimensão local (território da Venezuela), cuja consequência aponta para um efeito social de descenso econômico. Este ponto nos leva às considerações dos processos sociais mais amplos, pois todo fenômeno econômico local está interligado e influenciado pelas estruturas econômicas globais, no contexto da globalização e do neoliberalismo.

Prosseguindo com sua resposta e intencionando explicar os motivos da sua migração, Valência começa a expor os efeitos do processo material anterior (excerto 1), ou seja, os efeitos das mudanças que iam ocorrendo em seu mundo, conforme dados do Quadro 7.

Quadro 7 - Excertos 2 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, às 14h29min.)

Eu	acho	que isso estava me afetando psicologicamente,	eu	pensava	qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui	não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes	porque não havia situação para isso.
Experenciador Projeção	Oração projetada	Experenciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno projetado	Oração projetada	Circunstância de causa	

Eu acho que isso estava me afetando psicologicamente, eu pensava qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui, já não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes, porque não havia situação para isso (Valência).

Observamos que Valência utiliza e reitera o pronome pessoal na primeira pessoa do singular “eu” no início destes enunciados – *Eu acho que isso estava me afetando psicologicamente, eu pensava qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui*. Essa construção textual indica um ator social passivo, que percebe a sua condição inerte e, assim, sua impossibilidade de agir diante de ações exteriores, que não pode controlar e se auto identifica. Ou seja, a ação do ator (inanimado: situação) faz com que as pessoas sintam sentimentos desagradáveis, projetados tanto neles (processo mental: achar) diretamente como em outras pessoas (pensar nos filhos).

Van Leeuwen (1997) defende que as categorias de atores sociais são representações úteis no desvelamento de ideologias em textos e interações. Assim, Valência, além de descrever seu mundo interior, afetado por ações de ordem exteriores, exterioriza o reconhecimento da própria identidade, afetada e representada por processos mentais cognitivos que detalham seu mundo interior como experienciador (participante humano que sente, pensa, percebe ou deseja). Isto é, ela constrói seu fluxo de consciência – *isso estava me afetando psicologicamente*.

Valência expressa seu mundo interior afetado por sentimentos de ansiedade e crenças acerca do futuro naquele lugar, que evolui, gradativamente, chegando à seguinte preocupação – *qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui* – ao mesmo tempo, demonstra apego a um passado difícil de renunciar – *não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes*, no lugar onde sua identidade e seus valores foram construídos.

Valência segue com menção a eventos sociais constatados na circunstância de causa – *porque não havia situação para isso*. Ela descreve o contexto em que o processo se realiza, ao mesmo tempo, indica um discurso que equivale a não ter possibilidade de permanecer no país.

Observa-se, no enunciado anterior, um implícito em *situação*, uma vez Valência não explica que situação, contudo o contexto nos leva a entender que se trata de situação financeira.

Afirmamos, então, que existe a recorrência do discurso econômico capitalista constituindo o próprio sujeito e sua família, onde “*sem condições financeiras*” significa “*sem possibilidade de viver*”. Novamente, isso revela um contexto em nível local de descenso econômico e social. No que se refere à estrutura interna do sujeito, podemos dizer que há instabilidade econômica, logo um mundo interior instável, nesse contexto.

Essas falas nos remetem à cruel realidade de que o capital se sobrepõe ao sujeito, indicando um discurso de opressão, ou seja, o discurso do oprimido no sistema neoliberal, o qual remete ao contexto global, onde a instabilidade política e econômica, a violência e a insegurança locais são reflexos das interligações político-econômicas internacionais e que afetam sobremaneira, a condição afetiva de seus povos.

No excerto 3 (Quadro 8), Valência continua sua resposta sobre o motivo de sua saída do país. Sua intenção é explicar as circunstâncias que estão relacionadas à sua tomada de decisão, como se quisesse justificar a ação indesejada de deixar o seu país.

Quadro 8 - Excerto 3 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.)

Chegou a um ponto em que	eu	pensei	isso pode acontecer comigo,	pode acontecer comigo,	tenho que procurar uma medida de solução.
Circunstância de modo	Experenciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno, Oração projetada	Fenômeno repetido, Oração projetada	Processo comportamental

Chegou a um ponto em que eu pensei, isso pode acontecer comigo, pode acontecer comigo, tenho que procurar uma medida de solução (Valência).

Observamos que, ao fazer uso de uma circunstância de modo, Valência descreve o contexto em que o processo se realiza – *Chegou a um ponto que*. Esse ponto é uma maneira de retomar e resumir os eventos que foram descritos anteriormente em seu enunciado, como a falta de dinheiro, a insegurança sobre o futuro dos filhos, descritos como uma situação *insustentável*.

Ela segue com a descrição do seu mundo exterior/material. Ao chegar a isso, na qualidade de experienciador (participante humano que sente, pensa, percebe ou deseja), em um processo mental cognitivo, traz à consciência aquilo que é pensado – *isso pode acontecer comigo* –, intensificado e confirmado por meio da repetição – *pode acontecer comigo*. Desse modo, seu mundo interior é descrito por ela, constituído por crenças e sentimentos que revelam a preocupação do que poderá vir a ocorrer.

Além disso, as ameaças sofridas pelo contexto a impulsionam a uma tomada de decisão – *tenho que procurar uma medida de solução*. Esse enunciado pode ser compreendido como um processo comportamental, que denota estado de consciência mental e material, ao mesmo tempo, revela um contexto local de vulnerabilidade e exclusão social. Na análise interdiscursiva, é possível identificar um discurso do sujeito impulsionado a tomar a decisão de sair do país em nome da sobrevivência.

Em – *tenho que procurar uma medida de solução* – também observamos um ator social representado por ativação que, segundo Van Leeuwen (1997), são representados como forças ativas, contudo, essas forças ativas não configuram ação por vontade própria, mas ação por coação. Essa medida de solução se refere a ser obrigado a sair do país com a família para ir em busca de outro lugar para inserir-se ao sistema e, assim, sobreviver, para constituir-se como sujeito provedor. Essa fala representa um discurso de coação para ir em busca de solução, nesse caso, deixar o país. Entendemos, então, que o discurso da migração está constituído pelo modo coercivo. Ao situar esse evento em um contexto global, verificamos que as hegemonias globais produzem movimentos e reconfigurações migratórias como consequências de disputas geopolíticas (Silva; Baeninger, 2021).

No Quadro 9, Valência dá continuidade à sua resposta e muda o pronome pessoal da primeira pessoa do singular para a primeira do plural.

Quadro 9 - Excerto 4 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.)

(Nós)	Tomamos	a decisão de vir	pela situação política do meu país, pela situação econômica
Ator	Processo material	Escopo-processo	Circunstância de causa (razão).

Tomamos a decisão de vir pela situação política do meu país, pela situação econômica.

Em relação ao uso dos pronomes pessoais, Fairclough (1992) explica sobre o uso recorrente da primeira pessoa do plural ou da coletividade (“a gente”, “nós do grupo”, etc.) nos enunciados. Para esse teórico, tal recurso discursivo se denomina personalização sintética, que produz o efeito de uma relação simétrica entre o/a autor/a do texto e as demais pessoas envolvidas na ação. Para Van Leeuwen (1997), essa forma de representação no enunciado

ocorre pelo processo de assimilação, cuja pluralidade indica a inclusão de um grupo de pessoas, ainda que o autor do texto ou da fala seja uma pessoa só.

Assim, o uso do pronome na primeira pessoa do plural, por Valência, denota pertencimento a um grupo. No contexto enunciado por ela, notamos a referência à família, mas pode indicar também pertencimento a um grupo, como o daqueles que tomam a decisão de sair do país.

Sobre o processo material, com base em Halliday (1994), a forma verbal – *tomamos* – exprime a ideia de início do processo humano e completa-se com o escopo-processo – *a decisão de vir* (participante que constrói o próprio processo). Por isso, chegamos à conclusão de que o cerne da ação global se iniciou com o verbo *tomar*. Moura Neves (2000) chama esses verbos, por exemplo, o verbo *tomar*, de “verbo suporte”, pois apresenta significado bastante esvaziado e precisa de seu complemento (objeto direto) para formar um significado global. No caso do excerto 4, processo + objeto *tomamos a decisão* sinalizam, pelo contexto, que esta ação foi impulsionada por processos mentais presentes no discurso de Valência, na condição de experienciadora.

O ator social representado por ativação nesse texto é um sujeito oculto (*nós*). Ele não está explícito na oração, mas pode ser determinado pelo número-pessoa do verbo – *tomamos*. Assim, com base no postulado de Van Leeuwen (1997), as maneiras como os atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades. Entretanto, apesar de ser representado por forças ativas, o ator social foi movido por circunstâncias forçosas, *pela situação política e pela situação econômica*. Trata-se de circunstâncias de causa, ou seja, a saída do país se deve à situação política e econômica. Na análise interdiscursiva, observamos, novamente, o discurso do coagido, que precisa ir em busca de solução, pois o contexto social se apresenta inapropriado para viver.

É relevante registrar que para Valência não há um agente humano responsável pelas ações e sentimentos dessa expulsão *a situação...*, ou seja, são as circunstâncias sociais, as responsáveis. Isto pode remeter à uma consciência que não culpabiliza os agentes locais, ao mesmo tempo em que enfatiza as consequências de ordem sociais.

Relacionando ao significado representacional, há, no texto, aspectos do mundo interior – sentimentos e emoções, inferidos na intenção do ator de deixar o país, onde tinha uma estrutura familiar estabelecida para tentar sair de uma situação insustentável. Valência, desta forma, se sente responsável por sua família, carrega o peso da responsabilidade e, por isso, sofre pressão emocional que a leva a tomar decisões que, de qualquer modo, direcionam toda sua família a um futuro incerto.

Quanto aos aspectos do mundo exterior, as marcas textuais apontam para as circunstâncias de insustentabilidade política e econômica da Venezuela, as quais representam o motivo da ação de migrar. Esse quadro revela um contexto local de vulnerabilidade e exclusão social, como consequências das ações externas, num contexto global.

No Quadro 10, por meio da categoria deôntica, observamos a valoração feita por Valência em relação à migração.

Quadro 10 - Excerto 5 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.)

Lá (nós) recebemos a cada quinze dias	e o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo	e pagar passagem, já não dava,	não era possível morar lá.
Circunstância de lugar, seguida de processo material, seguido de circunstância de extensão/duração.	Modalidade <i>categórica deôntica</i> , não hipotética, subjetiva, que inclui o polo negativo e comprometimento com a necessidade.	Modalidade <i>categórica deôntica</i> , não hipotética, subjetiva, que inclui o polo negativo e comprometimento com a necessidade.	Afirmação que expressa juízo de valor para informar, modalidade <i>categórica</i> , epistêmica, não hipotética.

Lá recebemos a cada quinze dias e o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo e pagar passagem, já não dava, não era possível morar lá.

Analisando os enunciados do Quadro 10, percebemos que Valência segue com as justificativas para a ação de migrar e, para isso, faz uso de recursos linguísticos que evidenciam maior comprometimento com o que se diz. De acordo com Resende e Ramalho (2019, p. 85), as modalidades *categóricas* evidenciam um alto grau de comprometimento do autor com suas proposições. Assim, as afirmações destacadas expressam nítido juízo de valor para informar algo que ocorreu com o próprio falante, comprometendo-se com o fato de uma situação que progride a um ponto insustentável. Esse processo se evidencia nos grupos modais: advérbio de negação + processo dar ou processo ser, que indicam impossibilidade: *não dava[...], já não dava[...], não era possível morar lá.*

Resende e Ramalho (2019, p. 85) explicam a importância do estudo da modalidade entendida como relação entre o autor de um texto e a representação, ou seja, há uma clara relação do sujeito com a representação do mundo físico e do mundo mental, nos quais o falante está inserido.

O uso da modalidade subjetiva, tal como explicitado no Quadro 10, denota que a base subjetiva do julgamento é explicitada como afinidade expressa do próprio falante. Assim,

Valência se compromete com a informação que expressa, isto é, uma situação que a obriga a uma decisão. Ela se compromete também com a necessidade, no uso da modalidade deôntica, quando expressa a impossibilidade de morar no próprio país, onde o salário não é suficiente para custear alimento e transporte, dois elementos básicos da sobrevivência. Desse modo, chegamos a um contexto local de recessão econômica, impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade, bem como restrição da mobilidade urbana.

No que se refere à interdiscursividade, é inferido o discurso do sujeito coagido por circunstâncias desfavoráveis que o impelem a sair do país – o discurso da migração forçada. É possível destacar o discurso do oprimido/subalterno que sofre a opressão de um colapso econômico e social no país.

Sobre o ator social, ele está representado por personalização no enunciado por meio do pronome pessoal (*nós*), oculto no verbo – *recebemos*. De acordo com Barros (2015, p. 82), “estilos podem ser investigados em textos, através dos pronomes ‘eu’ e ‘nós’. Envolvem a ‘individualidade’ e a ‘coletividade’”. No que se refere ao pronome *nós*, é o mais complexo, segundo a autora, pois seu uso marca a inclusividade (falante+destinatário+outros) e exclusividade (falante+outros) e pode revelar solidariedade, rejeição, inclusão e exclusão. Assim, “*nós*” pode equivaler a *povo venezuelano*.

As marcas textuais de modalidade categórica e subjetiva denotam comprometimento com a informação, logo, isso pode indicar que o pronome está em uso individual e, ao mesmo tempo, aponta para uma coletividade – a família e os membros de uma sociedade que vivem a mesma realidade. Contudo, também expressa exclusividade de um grupo, ao qual o leitor não pertence, pois não vivencia o que se passa na Venezuela, não está incluído, o que pode evidenciar a formação de consciência de grupo dentro de uma esfera de sofrimento, responsabilidade e solidariedade coletivas.

Podemos dizer que, no caso de Valência, seu mundo externo é desenhado como um panorama de esfacelamento de direitos básicos e seu mundo interior é marcado por sentimentos de inquietudes da impossibilidade de seguir a vida no próprio país, diante da incapacidade progressiva de sobrevivência em seu próprio espaço construído, outrora estável. Fora do espaço local, as forças circundantes, dessa realidade, reúnem estratégias de dominação.

No excerto 6 (Quadro 11), percebemos que Valência inclui outro tema como um argumento a mais para justificar a migração, a qual está marcada pela instabilidade e insegurança.

Quadro 11 - Excerto 6 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.)

Além disso, a segurança no meu país é um tema bastante complicado,	você não pode, nem sequer, deixar a casa só,	você saia para trabalhar	e voltava com a surpresa	que entraram na tua casa para roubar.
Avaliação de atitude-apreciação.	Modalidade categórica	Oração material e circunstância de finalidade.	Oração material e circunstância de modo.	Explicativa Processo material e circunstância de lugar e finalidade.
As caminhonetes eram sequestradas,	tiravam as roupas das pessoas,	roubavam tudo,	ou seja, era uma situação insustentável.	
Oração relacional identificativa na estrutura passiva.	Processo material, meta e beneficiário.	Processo material e meta.	Avaliação de atitude.	

Além disso, a segurança no meu país é um tema bastante complicado, você não pode nem sequer deixar a casa só, você saia para trabalhar e voltava com a surpresa que entraram na sua casa para roubar. As caminhonetes eram sequestradas, tiravam as roupas das pessoas, roubavam tudo, ou seja, era uma situação insustentável (Valência).

A fala de Valência possui características de texto narrativo com descrição de personagens, em que ela avalia situações e relaciona participantes. Além disso, o cenário descrito está marcado por insegurança e rupturas da ordem social.

No que diz respeito ao ator social, Bessa e Sato (2018, p. 149) advogam que a representação dos atores sociais permite identificar papéis e perceber em quais enquadres os participantes estão posicionados no texto; quais estão presentes e quais deveriam estar; discutir os possíveis efeitos das formas de representação, inclusive, as que incluem atores nos textos e as que, de maneira explícita ou sub-reptícia, os excluem. Fairclough (2016) sugere a representação de atores sociais com base em Van Leeuwen (1997), para quem as maneiras como os atores sociais são representados em textos podem sinalizar marcas ideológicas.

Dessa forma, na fala de Valência, notamos o uso dos pronomes *você*, *sua*. Entendemos que são atores sociais representados por personalização que transformam o interlocutor em sujeito da ação. O interlocutor não viveu as situações narradas pelo locutor, mas ele substituiu o eu (locutor) pelo você (interlocutor), como se o interagente tivesse vivido o fato narrado. Fairclough (2016) explica que, no curso das interações com outras pessoas, esse recurso é uma forma de gerar empatia com o interagente. Ao fazer com que o interagente se posicione no lugar

do ator social, o interagente tende a desenvolver os mesmos sentimentos do falante, podendo resultar em empatia para com o enunciador.

Ao direcionarmos nosso olhar para o enunciado supracitado, observamos que a primeira oração diz respeito a uma avaliação que resume todos os aspectos que serão abordados a partir dela, seguida de gradações narrativas de processos materiais que indicam acontecimentos com suas circunstâncias e termina com outra oração avaliativa que conclui e reafirma o que foi dito na primeira oração.

Assim, a declaração – *a segurança no meu país é um tema bastante complicado* –, além de se tratar de uma avaliação, é um processo relacional⁴⁴, em termos de transitividade. Há duas entidades diferentes (participantes das orações relacionais), estabelecendo uma relação intensiva, pois, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), as orações relacionais intensivas servem para caracterizar uma entidade.

A entidade – *a segurança no meu país* – estabelece uma relação intensiva com a entidade *tema bastante complicado* e a caracteriza. Além disso, é atributiva e constrói relações abstratas de membros de uma classe (Halliday; Matthiessen, 2004). Outro ponto neste enunciado é sobre os efeitos de sentido no uso linguístico do ator social, ou seja, o que o ator social vive, representado pelo pronome possessivo *meu*, acontece com os demais membros da classe a que ele pertence.

Essas marcas e os usos linguísticos apontam para o tema *segurança na Venezuela* como um assunto crítico. Valência está correta, pois existe sofrimento por parte da população como um todo. Este tema merece atenção e precisa ser discutido, uma vez que as causas da insegurança pública extrapolam os limites do próprio país, desestabilizando financeira e emocionalmente grande parte da população.

As demais orações materiais, que vêm em seguida, conforme a Gramática Sistêmico Funcional, indicam uma mudança no curso dos eventos e progressão de acontecimentos com marcas ideológicas de estrato social, onde a sequência, *deixar a casa* (cidadãos venezuelanos, chefes de família), *sair para trabalhar* (trabalhador, provedor da família), *voltar com a surpresa que entraram na tua casa para roubar* (oprimidos pelos impactos do colapso socioeconômico, tanto os que sofrem o roubo quanto os que roubam), corresponde às situações vividas por um mesmo grupo social. Essa sequência é quebrada por uma oração relacional identificativa, na

⁴⁴ Fuzer e Cabral (2014, p. 65) explicam que as orações relacionais são usadas para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades e ajudam na criação e descrição de personagens e cenários em textos narrativos e contribuem na definição de coisas, estruturando os conceitos.

voz passiva, seguida de estrutura passiva material que produz o sentido de classe social: *as caminhonetes eram sequestradas, tiravam as roupas das pessoas, roubavam tudo*. O sentido de classe *pessoas* equivale a trabalhador comum, classe baixa que sofre os impactos da falta de segurança.

A última oração evidencia um desfecho conclusivo, pois expressa um impacto através da avaliativa de atitude e apreciação: *ou seja, era uma situação insustentável*.

A partir desses usos linguísticos, precisamente aqueles relacionados ao significado representacional, a estrutura interna dessa participante está afetada pelo que ocorre na ordem subjetiva (mundo interior) e social (mundo exterior). O mundo visto por ela é descrito como um cenário hostil, inapropriado para viver com a família, devido aos riscos pela falta de segurança e pelas demais situações adversas descritas anteriormente. São rupturas e assimetrias sociais advindas de ausência de direitos, revelando um cenário de desafios para a materialização da existência. É possível perceber um sujeito marcado pela vivência de situações extremas, em constante mudança.

Em sua resposta, Valência avalia a respeito da insegurança no país e descreve episódios de total vulnerabilidade. Essa descrição é feita por meio das orações materiais, que objetivam mudanças no mundo e avalia, novamente, chegando à conclusão de que a situação é, realmente, insustentável, exigindo, assim, de sua parte, já que o Estado não apresenta uma solução imediata. Neste sentido e, no que tange à interdiscursividade, Valência denuncia a vulnerabilidade social e os riscos de vida aos quais está submetida. Para nós, isso revela o discurso da opressão e da migração forçada, uma vez que sua tomada de decisões foi impulsionada pela denúncia.

No último excerto (Quadro 12), Valência conclui sua resposta sobre os motivos que a fizeram migrar para o Brasil, junto com sua família. Para isso, utiliza o recurso linguístico modalidade.

Quadro 12 - Excerto 7 (Entrevista com a participante Valência, concedida em 04.07.2021, iniciada às 14h29min.)

Então nos restou a opção de vir, de migrar	tivemos que migrar	e eu	agradeço	a Deus que nos permitiu chegar	aqui no Brasil	e bom, estamos fazendo a nossa vida aqui.
Modalidade de inclinação, deôntica.	Modalidade de obrigação, deôntica.	Experenciador	Processo mental emotivo	Fenômeno	Circunstância	Processo metafórico ontológico.

					de lugar	
		Processo mental emotivo				

Então nos restou a opção de vir, de migrar, tivemos que migrar e eu agradeço a Deus que nos permitiu chegar aqui no Brasil e bom, estamos fazendo a nossa vida aqui (Valência).

A modalidade “é o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que se diz” (Halliday, 2004, p. 75). Assim, observamos, na fala de Valência, o grau de probabilidade com a necessidade de sair do país.

A primeira oração se refere à modalidade de inclinação deôntica – *nos restou a opção de vir*, que se vincula ao comprometimento com a necessidade. Valência está comprometida, em outras palavras, impelida a atuar na única possibilidade que se apresenta a ela e a sua família: *nos restou*. Essa estrutura verbal remete ao discurso matemático, no qual uma operação de subtração de elementos chega ao resto ou à diferença, como resultado. Metaforicamente, o resultado para Valência é migrar, para ela é o resto, ou seja, a única opção e, provavelmente, por ser resto, não é almejada e nem desejada.

Seguindo a análise dessa mesma oração, podemos destacar o ator social, representado por personalização, pela derivação do pronome na primeira pessoa do plural (nós), que envolve a coletividade e revela a noção de grupo.

Na segunda modalidade, *tivemos que migrar*, se evidencia, desta vez, o comprometimento com a obrigatoriedade, por se tratar de uma deôntica de obrigação. O efeito de necessidade, na primeira modalidade, que passa a uma obrigatoriedade, na segunda, produz efeito de gradação no curso dos eventos sociais. Entendemos que essa necessidade de sair resultou em uma obrigatoriedade (sair do país). Isso posto, o discurso coercivo da condição de migrar está presente como também evidencia, num contexto amplo, as reconfigurações migratórias vividas pelo mundo.

Em relação ao processo mental emotivo, percebemos o uso da força divina para expressar o grau de sentimento de gratidão, *e eu agradeço a Deus que nos permitiu chegar aqui no Brasil*. Essa força sobre-humana é a responsável, segundo o experienciador (participante do processo mental), por permitir chegar a um determinado lugar, no caso, o Brasil. Os processos mentais são reveladores do mundo interior do falante. Esse mundo interior, conforme o texto, está marcado por crenças que produzem efeito atenuante das dores da realidade, entretanto encobrem os mecanismos sociais de exclusão e as vozes do poder, que se encontram por detrás do sofrimento e das crenças destes sujeitos.

O período termina com o processo metafórico ontológico – *e bom, estamos fazendo a nossa vida aqui* –, no qual o efeito metafórico de “compreender uma coisa em termos de outra” (Halliday, 2004, p. 86) é empregado.

A fala – *fazendo a vida* – pode indicar todas as implicações que o processo de adaptação a um novo país envolve, como: mudança no curso dos eventos, luta por uma estabilidade, busca por um emprego ou trabalho, adaptação a uma nova cultura, aprendizagem de um novo idioma, engajamento no uso deste novo idioma, luta e empenho para adquirir moradia, alimento, saúde, educação, lazer etc. Tudo isso revela os impactos do processo e do trânsito migratório.

A análise nos mostrou a existência de uma estrutura interna que se (re)constitui a partir de muita instabilidade, de perdas, de renúncias e de coação para aderir ao novo e ao desconhecido.

Finalizada a análise dos excertos da participante Valência, focalizaremos, nas linhas seguintes, os demais participantes que, também, responderam à pergunta: Por qual motivo você emigrou de seu país?

A fim de responder sobre o motivo que o fez migrar, San Cristóbal faz uma reflexão sobre seu estado mental e físico na Venezuela, conforme dados do Quadro 13.

Quadro 13 - Excerto 8 (Entrevista com o participante San Cristóbal, concedida em 04.06.2021, iniciada às 07h24min.)

Cheguei a um limite na minha vida	que fiquei tão magro	que pensei que estava doente	e eu	disse:	necessito saber se estou doente de verdade	ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação.	Por isso, sai.
			Dizente	Processo verbal	Citação	Citação	
Avaliação de atitude e apreciação		Processo mental	Processo verbal				Processo material

Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e eu disse: necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação. Por isso sai (San Cristóbal).

San Cristóbal utiliza diferentes processos que expressam juízo de valor sobre os aspectos da realidade. Os verbos *cheguei* (processo comportamental), *fiquei* (processo comportamental), *pensei* (processo mental), *disse* (processo verbal) expressam uma cadeia de

mudanças no fluxo de eventos que demonstram como o mundo exterior e o mundo interior do sujeito estão afetados, caminhando para um posicionamento avaliativo.

Conforme a Gramática Sistêmico Funcional, os processos representam experiências, atividades humanas realizadas no mundo. Portanto, há, nesses processos, aspectos do mundo social, físico e mental do falante.

A ação foi causada, primeiramente, por um fator externo, involuntário, não explícito em sua fala, que trouxe uma consequência percebida por San Cristóbal – *Ceguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro*. Trata-se da opinião do falante sobre um determinado evento, ou seja, sua avaliação é realçada ao descrever fatos. San Cristóbal utiliza, nessa oração, um recurso metafórico – *limite na minha vida* – para explicar sua vida. Assim, ele a compara a um percurso com demarcações de polos ou extremidades.

Os recursos linguísticos utilizados como a comparação e o uso do advérbio de intensidade demonstram a profundidade dos sentimentos desse sujeito diante de mudanças que chegam a afetar sua saúde física e mental. O sujeito avalia a sua condição diante do evento da perda de peso e explica que chegou a um extremo – *que fiquei tão magro*. Ficar tão magro equivale a ficar sem alimento. Nessa polarização, o participante não está dizendo que está passando fome, mas, presumidamente ou implicitamente, sim.

Resende e Ramalho (2019) comentam que a construção de significado depende não só do que está explícito em um texto, mas também do que está implícito. Sobre isso, Fairclough (2016) afirma que os significados implícitos ou tácitos sustentam relações de poder. Assim, uma vez que a fome assola o país, por causas que vão além da crise de abastecimento de alimentos, o sujeito chega a um ponto extremo que o afeta em seu estado físico, além disso, atinge seu estado mental, revelando um discurso de sofrimento opressivo. Para San Cristóbal, essa magreza se refere ao polo extremo e o leva, na sequência, a um processo mental – *que pensei que estava doente*. Os processos mentais traduzem o mundo da consciência do experienciador (participante do processo mental) e seus sentimentos de preocupação com sua vida.

No processo verbal – *e eu disse*, o dizente (participante do processo verbal) dialoga com sua própria consciência nas falas – *necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação*. Fuzer e Cabral (2014, p. 72) explicam que um dos objetivos dos processos verbais é de tornar possível a existência de passagem dialógica. Além dessas características, é importante destacar, aqui, a representação do discurso direto, que consiste também em uma oração relatada. Com base em Bakhtin (2002), há uma ambivalência de voz, pois a forma linguística utilizada a torna com dupla voz, ainda que, neste caso, trate-se

da mesma pessoa. Possivelmente, o efeito desse tipo de discurso seja a intencionalidade do sujeito de se ouvir para compreender um pouco mais do extremo vivido por ele, objetivando uma validação para a tomada de decisão, uma vez que renunciar às expectativas e sonhos de construção de vida, no próprio país, pode ser algo difícil de aceitar.

A tomada de decisão – *Por isso sai* (oração de processo material) – produz o fazer acontecer que estabelece uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. As marcas textuais de avaliação, a utilização de recurso metafórico, da passagem dialógica e do discurso direto, que culminam na decisão de sair, apontam para um sujeito que sofre mudanças drásticas e extremas. Seu mundo interior está afetado, sua estrutura mental se mostra confusa diante de situações de falta de alimento e esfacelamento de direitos básicos como alimentação, dignidade e respeito. Temos, assim, uma estrutura individual marcada por situações de fome, mudanças drásticas, pressão e opressão. A realidade o impele a sair. Por essa razão, o discurso do oprimido é revelado e, ao mesmo tempo, o discurso da migração forçada.

Em relação ao significado representacional, as marcas textuais pelas quais o sujeito representa a sua experiência apontam para mudanças no mundo físico que extrapolam os limites naturais, chegando ao ponto de atingirem o corpo, modificando-o. Aqui é possível destacar marcas ideológicas quanto ao papel deste ator social passivo, ou seja, aquele que sofre ações provenientes da realidade social, política e econômica, na qual se insere o sujeito.

Essas marcas nos apontam para uma cruel realidade. Por se tratar de uma situação intencionalmente ocasionada, revela como a restrição alimentar, que ameaça a própria condição de existência, impulsiona a fuga da Venezuela e se torna instrumento de um poder capaz de causar alteração no corpo e valer-se das pessoas, mesmo que as conduzindo ao aniquilamento, a fim de assegurar a defesa incondicional de seu domínio (Foucault, 1999). Em virtude disso, temos a fome como um efeito e uma estratégia de uma política exterior da crise.

No Quadro 14, notamos que Mérida participou de manifestações na Venezuela e este fato parece influenciar sua vida, pois isso desencadeou sua saída do país.

Quadro 14 - Excerto 9 (Entrevista com a participante Mérida, concedida em 08.06.2021, iniciada às 06h45min.)

Eu tinha participado em algumas revoltas	a polícia tinha levantado algumas coisas no meu nome,	então, para eu não ser perseguida,	como fizeram com algumas pessoas	era melhor eu sair do país	porque já tinham me pegado	então, era melhor	porque eu perdi colegas que estavam comigo.	Eles os levavam e matavam	e havia colegas que me falavam que era
--	---	------------------------------------	----------------------------------	----------------------------	----------------------------	-------------------	---	---------------------------	--

					duas vezes,		nas revoltas		melhor sair do país.
Oração de Processo material	Oração de processo material e metafórico	Circunstância de causa-finalidade	Circunstância de modo	Modalidade deôntica subjetiva	Circunstância de causa-razão	Modalidade deôntica subjetiva	Circunstância de causa-razão	Oração de processo material	Oração de processo verbal e seu relato

Eu tinha participado em algumas revoltas, a polícia tinha levantado algumas coisas no meu nome, então, para eu não ser perseguida, como fizeram com algumas pessoas, era melhor eu sair do país, porque já tinham me pegado duas vezes, então, era melhor, porque eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas. Eles levavam e matavam e tinha colegas que me falavam que era melhor sair do país (Mérida).

Mérida relata o evento ao fazer uso do substantivo “*revoltas*” para contextualizar sua resposta. Em termos de transitividade, inicia com um processo material, que é típico de ação que modifica o transcurso do evento, na qual demonstra sua participação. O participante deste processo material é um ator social representado por ativação e expressa objetivamente sua participação em um evento de resistência. Segundo Castells (1999), que estuda o conteúdo simbólico da identidade, atores em situação desprivilegiada na estrutura de dominação podem construir uma identidade de resistência e, por meio da luta por mudança social, redefinem sua posição na sociedade.

A fala segue com outra oração material. Para Fuzer e Cabral (2014, p. 46), “as orações materiais são processos de fazer e acontecer e estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo dos eventos.” O fazer e o acontecer é, por parte do ator social, representado por funcionalização – *polícia* –, o qual opera uma mudança no fluxo do evento, ou seja, a que persegue e mata. A ação da polícia em resposta à ação de Mérida, parece mostrar que os que ‘agissem’ contra o que está em curso no país, não ficariam impunes.

A oração segue com o processo metafórico – *tinha levantado algumas coisas no meu nome*. Sobre isso, Resende e Ramalho (2019) explicam que todos os tipos de metáforas necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que representam. Neste caso, foi empregada uma metáfora orientacional, na qual os conceitos recebem uma orientação espacial não arbitrária, segundo a classificação de Lakoff e Johnson (2002). Assim, nessa oração, a

orientação espacial “levantar” tem o sentido realçado de ação investigativa efetiva sobre a vida de Mérida, por parte da polícia.

O enunciado segue com a apresentação de circunstâncias, de finalidade, de modo e de causa. Essas circunstâncias são, suficientemente, fortes para justificar a modalidade – *era melhor eu sair do país*, pois envolvem perseguição, ameaça de morte e perda de colegas que se tornaram exemplo do que poderia ter ocorrido à Mérida.

A oração modal deôntica – *era melhor eu sair do país* – é repetida na fala. Essa ênfase provocada pela repetição pode estar ligada a aspectos do mundo interior do falante, que cheio de evidências plausíveis, precisa convencer o interlocutor e se convencer de uma realidade não desejada, isso pode ser inferido pela própria resistência e luta por mudança social. Ademais, lutas ocorrem, quando não se deseja renunciar a algo.

A modalidade deôntica refere-se ao comprometimento com a necessidade, pois existe uma necessidade a qual Mérida precisa atender por questão de sobrevivência. Isso fica evidente na circunstância de causa e na oração material, a saber: *porque eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas, eles os levavam e matavam*. Essas declarações revelam uma drástica mudança no fluxo dos eventos, algo tão impactante que justifica a necessidade de migrar para não perder a própria vida, revelando o discurso da migração forçada.

Na oração de processo verbal – *e havia colegas que me falavam que era melhor sair do país* – ocorre a terceira repetição da modalidade *era melhor sair do país*. Sabemos que a oração de processo verbal torna possível a existência de passagem dialógica (Fuzer; Cabral, 2014), neste caso, temos as vozes dos colegas que reafirmam a necessidade da migração para salvar a vida.

Portanto, em toda a fala, podemos destacar aspectos do mundo exterior e interior do sujeito que conduzem a identificação de um discurso de resistência, como também o discurso de oposição política, porque traz à tona o que ocorre aos que se propõem a protestar. Não se pode deixar de mencionar o discurso da migração forçada, pois o sujeito está impelido a fugir do país para não perder a própria vida. Esse contexto social, nos níveis macrossocial e global, revela a instabilidade política, a violência e a insegurança local, como instrumentos hegemônicos nas disputas pelo poder.

Percebe-se uma estrutura individual que vai se constituindo a partir de muita luta e busca por mudança da realidade. As repetições da modalidade e as vozes que falam a respeito da necessidade de saída do país podem revelar a dificuldade do sujeito de renunciar ao seu território como lugar de constituição de identidade social.

Há evidências de luta e resistência que visam à retomada do país como lugar de moradia apropriada para o povo, onde o sujeito, ao encarar o risco de morte, chega à conclusão de que entre perder a vida e sair, *era melhor sair do país*. Isso revela uma estrutura interna fragmentada que se constitui a partir da influência de perdas e renúncias.

Para descrever o motivo de sua migração, Caracas narra episódios traumáticos de sua vida e inicia sua resposta com uma oração relacional, conforme excerto 10 (Quadro 15).

Quadro 15 - Excerto 10 (Entrevista com o participante Caracas, concedida em 28.04.2021, iniciada às 12h02min.)

A morte de meu irmão, foi uma das coisas mais fortes que eu vivi,	tive que passar por muitas coisas.	Fiquei muito traumatizado com isso,	já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado	a política, era um aspecto muito difícil,	porque eu era funcionário da guarda nacional	e para os funcionários do governo a coisa estava mal	porque não era muito rentável estar lá,	então decidi vir para cá.
Oração relacional identificativa	Modalidade deontica (probabilidade)	Modalidade epistêmica (frequência)	Orações materiais e circunstância de causa e modo. (finalidade)	Avaliação	Oração relacional atributiva	Modalidade epistêmica (probabilidade)	Modalidade epistêmica (probabilidade)	Oração comportamental e circunstância de lugar

A morte de meu irmão, foi uma das coisas mais fortes que eu vivi, tive que passar por muitas coisas. Fiquei muito traumatizado com isso, já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado... a política, era um aspecto muito difícil, porque eu era funcionário da guarda nacional e para os funcionários do governo a coisa estava mal porque não era muito rentável estar lá, então decidi vir para cá (Caracas).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), as orações relacionais são usadas para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades e contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos. Ainda, segundo os autores, o modo de relação empregado é identificativo, pois um dos participantes tem uma identidade determinada. Isso significa que uma entidade (participante da oração relacional) está sendo usada para identificar a outra.

A construção sintática empregada sugere a intenção de tornar – *A morte de meu irmão* – o núcleo nominal principal na oração, ou seja, a entidade – *morte de meu irmão* – é identificada e conceituada como – *uma das coisas mais fortes que eu vivi*. Essa construção é uma ênfase intencional que também representa, em termos vocabular, o mundo interior e exterior do sujeito participante.

Portanto, a morte é a representação da ruptura em relação ao mundo interior e, ao mesmo tempo, uma ruptura com o mundo exterior para uma tomada de decisão em relação a

sua permanência no país. A morte do irmão o desperta para a sofrida situação da sociedade, que padece consequências severas e isto o instiga a romper os laços com o local.

Esse mundo exterior é detalhado nas três orações seguintes. São duas modalidades, uma deôntica de intermediação de probabilidade – *tive que passar por muitas coisas*. E a outra, sistêmica de intermediação de frequência – *Fiquei muito traumatizado com isso*.

Como já visto, a modalidade é o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que se diz. Para Fairclough (2016), a questão da modalidade pode ser vista como a questão de quanto as pessoas se comprometem, quando fazem afirmações. Assim, Caracas expressa nelas seu juízo de valor, que explicita seu estado interior, de ter de passar por muitas coisas que o levaram a ficar traumatizado. Ele se compromete com afirmações que caracterizam sua própria estrutura interna, marcada por traumas emocionais e fragmentada por rupturas significativas que afetaram e modificaram sua vida.

Na sequência de descrições – *já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado* – observamos que elas dizem respeito a uma oração material, cujo processo é “de fazer e acontecer e estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo dos eventos” (Fuzer; Cabral, 2014, p.46). A conjunção *já que* que introduz a oração transforma esse enunciado em uma subordinada causal, conforme classificação da gramática normativa. Assim, a oração tanto indica acontecimentos que geram mudança, como expressa a causa pela qual a morte do irmão é algo tão impactante na vida do sujeito, pois, além da perda, há severas consequências de mudanças em sua vida.

A mesma oração também expressa o motivo da morte, por meio da circunstância de finalidade e da circunstância de modo, *o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado*. Essas circunstâncias demonstram o mundo exterior do falante marcado por eventos sociais que apontam para uma sociedade fragilizada e oprimida pelo crime em decorrência de caos social.

Caracas segue sua resposta, incluindo uma avaliação, que expressa juízo de valor a respeito do assunto política: *a política era um aspecto muito difícil*. Desse modo, o falante se compromete com essa afirmação.

Na sequência, Caracas expressa o motivo pelo qual o aspecto política era comprometedor – *porque eu era funcionário da guarda nacional*. É importante destacar aqui o ator social representado por funcionalização, pois existe a intenção de uma autoidentificação como – *guarda nacional*, algo que pode ter um viés de satisfação, mas a modalidade epistêmica de probabilidade que segue expressa uma informação e julgamento do falante a respeito da política no país e a situação dos funcionários do governo, no referido contexto – e *para os funcionários do governo a coisa estava mal*.

Assim, sua identidade como funcionário do governo das forças armadas foi fragilizada pela política como se vê na oração seguinte – *um aspecto muito difícil*. Outro motivo pelo qual *a coisa estava mal era porque não era muito rentável estar lá*. Essa modalidade epistêmica de probabilidade expressa outro julgamento do falante, desta vez, o motivo é econômico, após isso, concluiu com a oração comportamental e com a circunstância de lugar – *então decidi vir para cá*. Mais uma vez, percebemos que a situação financeira desestabiliza e reconstitui a estrutura interna e indica um tipo de discurso aludido ao sistema econômico.

Portanto, a resposta de Caracas se refere à descrição de um contexto social para explicar o motivo da saída do país e culminar na decisão de migrar para o Brasil. Esse contexto, como vimos, abrange três conjunturas do mundo exterior do falante, quais sejam, conjuntura social, política e econômica e envolve os impactos da instabilidade política, unida à crise econômica, ou seja, a insegurança pública, os crimes, a violência generalizada, a recessão econômica e a hiperinflação, como reflexos de interesses geopolíticos, em nível global.

Engloba, ainda, os aspectos de seu mundo interior marcado por rupturas identitárias, como o trauma emocional pela perda trágica do irmão, pelas preocupações e pelos sentimentos encontrados, mostrados na modalidade – *tive que passar por muitas coisas*. Evidencia-se, assim, uma identidade fragmentada por várias perdas, perda do irmão, da carreira profissional, da sua rotina, do seu território lar. Embora haja essas perdas, percebemos que existe a busca por estabilidade.

Sobre a análise interdiscursiva, identifica-se o discurso de quem sofre opressão do sistema e do discurso da migração forçada em busca de sobrevivência. É importante observarmos os discursos que se operam, quando o participante exerce diferentes papéis, a saber: como povo e como parte do governo. Assim, quando ele se coloca como povo, que sofre as consequências da vulnerabilidade social, sua fala representa o discurso do povo e quando ele se autoidentifica como guarda nacional, ou seja, como “parte do governo” encarregado de realizar o serviço de coibição e de contenção das massas, o discurso é do policial.

No Quadro 16, La Asunción apresenta os motivos de sua migração por meio de argumentos como a insegurança e a corrupção, logo no início de sua resposta.

Quadro 16 - Excerto 11 (Entrevista com a participante La Asunción, concedida em 30.05.2021, iniciada às 13h40min.)

Decidimos sair,	pela delinquência.	Não podemos sair na rua com	os próprios militares da Venezuela	muita corrupção	e eu não quero que minha filha se desenvolva em um
-----------------	--------------------	-----------------------------	------------------------------------	-----------------	--

	que havia e a insegurança	um telefone na mão,	pegavam o nosso dinheiro,		ambiente tão hostil como o que se apresentava lá.
Processo material	Circunstância de causa (razão)	Processo material	Processo material	Avaliação de atitude	Processo mental desiderativo e oração projetada.

Decidimos sair, pela delinquência que havia e a insegurança. Não podemos sair na rua com um telefone na mão, os próprios militares da Venezuela pegavam o nosso dinheiro, muita corrupção e eu não quero que minha filha se desenvolva em um ambiente tão hostil como o que se apresentava lá (La Asunción).

Conforme Fuzer e Cabral (2014), as orações materiais são definidas como processos de fazer e acontecer, pois, estabelecem mudança no fluxo de eventos. O processo material – *Decidimos sair* – introduz a resposta de La Asunción. Nela, observamos que o verbo de maior carga semântica é *sair*, cujo efeito de sentido representa a mudança no fluxo de eventos, ou seja, a mudança já ocorreu, logo ela é frisada e é justificada pela série de orações que seguirão até o fim da resposta.

A oração seguinte é a circunstância de causa, que expressa o motivo pelo qual houve a decisão de sair – *pela delinquência que havia e a insegurança*. A partir dessa circunstância, La Asunción passa a narrar e a detalhar a delinquência e a insegurança: *Não podemos sair na rua com um telefone na mão* (representa o processo material). O advérbio de negação simboliza a impossibilidade de realizar o processo, de fazer e acontecer algo que deveria ser possível, se houvesse segurança e estabilidade social. Trata-se de uma referência à delinquência mencionada anteriormente.

Com relação à análise interdiscursiva, é possível percebermos o discurso da necessidade de sair, pois a ação de sair se deve a uma impossibilidade de permanecer. Nas orações posteriores, a delinquência e a insegurança como resultado de assimetrias de poder e como fatores que reportam o perigo de perder a vida podem ser visualizadas.

A resposta segue com uma circunstância de causa – *os próprios militares da Venezuela pegavam o nosso dinheiro*. No início dessa oração, há a elipse da conjunção *pois* ou *porque*, o que nos permite dizer que isso expressa a razão pela qual não se pode sair à rua. Notamos, nessa informação, em relação ao ator social representado por funcionalização, *os próprios militares*, que a delinquência e a insegurança mencionadas não somente são consequências da falta de segurança, porém, mais que isso, da corrupção, pois aqueles que deveriam proteger são os agentes de dolo e insegurança, o que denota vulnerabilidade social. Dessa maneira, é descrito o mundo exterior de La Asunción.

Assim, conforme o relato de um integrante da guarda nacional, que reproduzimos anteriormente, devido à crise que atinge a todos os seguimentos sociais, aqueles que detêm algum tipo de poder podem oprimir para obter vantagens, na busca por sobrevivência ou por algum senso de valor. Esta prática social promove o efeito do povo contra o povo, que produz o desvio da atenção de quem realmente produz a crise de forma intencional, no contexto global.

A construção seguinte – *muita corrupção* – separada apenas pela vírgula da anterior, apresenta uma avaliação de atitude que, segundo a teoria do sistema de avaliatividade, proposta por Martin e White (2005), traduz a opinião ou avaliação do falante sobre determinado evento ou descrição de algum fato. Esse ponto de vista diz respeito aos sentimentos e possui três subsistemas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto expressa as emoções do falante: tristeza, irritação, ansiedade, interesse ou chateação. O julgamento se refere às avaliações feitas com base nas condutas morais de comportamento. A apreciação se refere às qualidades das coisas que são avaliadas. No caso dessa fala, os dois primeiros subsistemas, afeto e julgamento, representam a carga de significados que pode haver em *muita corrupção*, demonstrando um juízo de valor a uma prática que pode estar generalizada.

Na afirmação inicial - *Decidimos sair*, notamos que o motivo da saída está vinculado à continuação do julgamento a respeito dos militares, como representantes do governo. A fala de conclusão segue com uma oração coordenada aditiva que presta as últimas considerações. Trata-se de um processo mental desiderativo e de orações projetadas – *e eu não quero que minha filha se desenvolva em um ambiente tão hostil como o que se apresentava lá*. As orações mentais, conforme Fuzer e Cabral (2014), são constituídas de processos referentes à experiência do mundo de nossa consciência e, no caso dessa oração, de tipo desiderativa, expressa o desejo do falante e descreve seu mundo interior.

Dessa forma, o mundo interior de La Asunción tem experiências que a faz desejar não permanecer tanto pelas dificuldades enfrentadas quanto pela criação de sua filha, quando expressa não querer que sua filha cresça em um ambiente *tão hostil*. Essa descrição é um resumo panorâmico do que foi apresentado como motivos para a decisão de sair.

Outro participante da pesquisa respondeu à pergunta enfatizando o prestígio da profissão.

Quadro 17 - Excerto 12 (Entrevista com a participante Barinas, concedida em 04.06.2021, iniciada às 12h38min.)

Sai,	porque, mesmo sendo médica cirurgiã,	chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes,	mesmo assim, com quatro salários diferentes,	não conseguia ter o mínimo para sobreviver e ter uma qualidade de vida desejável lá,	por isso é que eu não tive escolha,	tive que achar uma opção,	um país onde tivesse melhores condições para viver.
Processo material	circunstância de contingência/concessão	circunstância de causa/razão	Circunstância de contingência/concessão	Modalidade categórica – polo negativo.	Modalidade categórica – polo negativo	Modalidade e categórica Processo material e escopo	Escopo-entidade

Sai porque, mesmo sendo médica cirurgiã, chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes, mesmo assim, com quatro salários diferentes, não conseguia ter o mínimo para sobreviver e ter uma qualidade de vida desejável lá, por isso é que eu não tive escolha, tive que achar uma opção, um país onde tivesse melhores condições para viver (Barinas).

Barinas respondeu sobre o motivo de sua migração, deixando evidente que sua profissão, de forma geral, tem prestígio social, em termos salariais.

O processo material que inicia sua fala denota mudança no fluxo de eventos. A mudança se refere a uma tomada de decisão posta em prática – *Sai* – e segue com uma pausa para a explicação, por meio de uma oração circunstancial de contingência e concessão, sobre um dado relevante – *mesmo sendo médica cirurgiã*. Essa autodescrição, ao utilizar um ator social representado por funcionalização, é reveladora de posicionamento ideológico, pois, de acordo com Resende e Ramalho (2019, p. 106), “as maneiras como os atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e suas atividades.” Trata-se de uma profissão que, como foi dito, geralmente, contempla um bom retorno salarial. Contudo, a conjunção concessiva, que dá início à circunstância de contingência e concessão – *mesmo* – indica um fato que contraria à ação principal – *Sai*, pois é incapaz de impedi-la. Dessa forma, a profissão, por mais privilegiada que possa ser, não foi capaz de impedir a ação de sair.

Temos, portanto, uma representação de aspectos do mundo e da relação estabelecida com o contexto que vive Barinas. Embora seja médica cirurgiã, a crise econômica, em seu país, em larga escala, atingiu até os profissionais mais prestigiados, representando um ambiente social excludente. Isso se torna mais claro com a circunstância de causa/razão – *chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes*. Tudo isso aponta para a descrição do mundo exterior e inicia a explicação da causa da saída do país. Neste caso, não é por falta de trabalho, mas devido à crise econômica que atingiu trabalhadores de todos os setores.

Barinas passou a ter que trabalhar mais, em diferentes lugares, como reafirma na repetição da circunstância de contingência – *mesmo assim, com quatro salários diferentes, não conseguia ter o mínimo para sobreviver e ter uma qualidade de vida desejável, lá*. É possível observar, após a circunstância de contingência, uma fala regida por modalidade categórica. Halliday (1994, p. 75) pondera que a modalidade é entendida como o julgamento feito pelo falante a respeito das probabilidades ou obrigações relacionadas com o que está dizendo. Aqui, a probabilidade é de polo negativo – *não conseguia ter o mínimo para sobreviver*. Embora Barinas tenha modificado sua vida e intensificado sua jornada de trabalho, o esforço não era suficiente.

A oração que segue apresenta uma situação insustentável e sem possibilidade de escolha que é manifestada na seguinte modalidade categórica de polo negativo – *por isso é que eu não tive escolha*. Fairclough (2016) sugere que a modalidade categórica evidencia um alto grau de comprometimento do autor com a sua proposição e é reveladora de autoidentidade e, segundo Pennycook (1994), o uso dos pronomes “eu” e “nós” são sempre políticos e implicam relações de poder, além disso, são reflexos de relações sociais. Portanto, o ator social que se representa pelo pronome *eu*, se autoidentifica como alguém impossibilitado de alternativa para seu problema, ainda que quisesse permanecer em seu país, como foi sua intenção, ao trabalhar em vários empregos.

Por essa razão, dizemos que temos um sujeito impelido a sair para sobreviver, sua autoidentidade, portanto, é reconstruída a partir de circunstâncias insustentáveis que o impele a seguir em uma única direção, isto é, a partida de seu próprio país, numa circunstância sem escolha, tendo em vista o percurso trilhado até então: a carreira de medicina. Tal situação é revelada no discurso da migração forçada.

Assim, Barinas, sem poder escolher, declara – *tive que achar uma opção*. Nessa oração, vislumbramos uma modalidade categórica de polo positivo, com alto grau de comprometimento a respeito das circunstâncias que a obrigavam a uma tomada de decisão. Trata-se de um discurso de coação para a tomada de decisão para sair do país, ou seja, há a continuação do discurso da migração forçada.

Por isso, na descrição do mundo interior, a relação estabelecida com o contexto em que ela vivia lhe trouxe sentimentos de incapacidade, revelando também o discurso do oprimido – *(eu) não conseguia*, da frustração – *eu não tive escolha* e da coação – *tive que achar uma opção*.

No estudo da transitividade de Halliday (1994), a oração *tive que achar uma opção* pode ser de processo material de fazer acontecer, cuja ação é *achar* (encontrar) e o escopo

entidade (participante do processo material que não é afetado pela performance do processo) é *uma opção*. O escopo entidade é descrito e detalhado nesta fala: *um país onde tivesse melhores condições para viver*. Essa fala é a representação do alvo a que o sujeito pretende chegar.

Entretanto, ao pensar no Brasil, como um país periférico, com vários problemas de ordem socioeconômica, desemprego, criminalidade, fome, sendo mencionado como uma melhor opção, imagina-se a proporção de vulnerabilidade social a que essas pessoas estão submetidas. Ademais, a fala em questão nos remete a um contexto global, onde as periferias do sistema econômico internacional são utilizadas sob os interesses hegemônicos centralizadores.

No Quadro 18, Bolívar explica seus motivos para deixar o país, mencionando o governo.

Quadro 18 - Excerto 13 (Entrevista com o participante Bolívar, concedida em 24.04.2021, iniciada às 14h21min.)

Sai	porque meu país está muito ruim,	o governo lá não quer ajudar o povo	e o povo sofre muito por causa governo de lá.
Processo material	circunstância de causa/razão avaliação	Modalidade categórica	Modalidade categórica

Sai porque meu país está muito ruim, o governo lá não quer ajudar o povo e o povo sofre muito por causa governo de lá (Bolívar).

Com poucas palavras, o participante Bolívar responde sobre o motivo que o fez migrar, de forma direta, explicando as razões que o fizeram deixar o país.

Conforme já visto, o processo material é um processo de fazer acontecer, porque estabelece uma quantidade de mudança no fluxo de eventos (Fuzer; Cabral, 2014). A resposta de Bolívar é iniciada com uma ação que denota uma grande mudança no fluxo de eventos de sua vida, *Sai*. O motivo dessa saída é explicado – *porque meu país está muito ruim*. Essa circunstância de causa também consiste em uma avaliação do falante a respeito do país que é classificado como – *muito ruim*, o que qualifica seu mundo exterior. As modalidades categóricas seguintes lançam luzes para essa avaliação – *o governo lá não quer ajudar o povo*. Percebemos, com base em todas as falas já analisadas, que essa é a primeira afirmação que faz menção ao ator social “governo” como sujeito ativo.

Essa menção foi notada pela presença da estrutura linguística da oração de processo material, cuja formação é composta por um ator (o governo), que é o participante que provoca

o desenrolar do processo, conduzindo a um resultado, conforme o estudo da funcionalidade do processo material de Halliday e Matthiessen (2004).

A seguinte modalidade categórica indica as consequências de um governo, segundo Bolívar, que não quer ajudar o povo – *e o povo sofre muito pelo governo de lá*. No tocante à análise do ator social, Fairclough (2016) sugere alguns modos de observar a representação de atores sociais em relação a aspectos como inclusão ou exclusão, função e forma gramatical, se atua ou é afetado. O *governo*, segundo esse participante, é responsável pelos problemas enfrentados pelo povo, e *o povo* é o outro ator social, que aparece como afetado pelas ações do governo. Portanto, *o governo* é um ator social representado por ativação, pois, neste caso, “os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas em determinada atividade” (Barros, 2015, p. 77), e *o povo* é um ator social representado por passivação, uma vez que “os atores sociais são representados como submetendo-se a uma atividade” (Barros, 2015, p. 77).

Para Bolívar, *o governo* é o responsável pela situação na qual se encontra o país e o que provoca a migração forçada. Bessa e Sato (2018, p. 149) explicam que

a representação de atores sociais é relevante para o processo analítico por permitir identificar papéis, perceber em quais enquadres os(as) participantes estão posicionados nos textos; quais estão presentes e quais deveriam estar; discutir os possíveis efeitos das formas de representação, inclusive as que incluem atores nos textos e as que, de maneira explícita ou sub-reptícia, os “excluem” (destaque dos autores).

Dessa forma, o papel que desempenha esse ator social é o de ser *muito ruim* e, por isso, o efeito que se causa é o sofrimento do povo, segundo o participante. Em contrapartida, o povo, nessa fala, é o ator social passivo e afetado pelas ações do governo. Assim, temos a representação de dois polos da sociedade, cujo efeito de sentido indica papéis do atuante num polo e o do afetado, no outro.

Tais formas de emprego dos atores sociais nos polos governo e povo, considerando a análise da identificação de papéis e dos possíveis efeitos das formas de representação, dão margem a um tema central nessa fala, como os efeitos colaterais de um panorama complexo de crise econômica que ainda não pôde ser controlada pelo governo e que vai além de um domínio local. Esse panorama, também, é revelador de assimetrias de poder de ordem local e global. Os efeitos locais vão desde uma situação de restrições de direitos, principalmente, para a população de baixa renda até a contenção/repressão, por parte do governo, das massas oprimidas por este contexto (López Maya, 2006).

Com esses dados analíticos, finalizamos a etapa de interpretação linguística que conduziu à identificação dos discursos articulados. Segundo Resende e Ramalho (2019), a identificação de um discurso em um texto cumpre duas etapas: a identificação de que partes do mundo são representadas (os temas centrais) e a representação da perspectiva particular pela qual são representadas. Essa perspectiva particular de representação de aspectos do mundo pode ser especificada por meio dos traços linguísticos identificados que compuseram parte desta análise.

O Quadro 19, a seguir, resume e ilustra, de forma esquematizada, a análise linguística realizada nesta seção e sua relação com a prática social. Destarte, compreende os aspectos semióticos dos textos em interligação com as dimensões da estrutura interna do sujeito, dimensões macrossociais e globais do discurso.

Quadro 2 - Aspectos linguísticos e sua relação com a prática social

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA SOCIAL							
Recursos utilizados nos textos							
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS TEXTO				PRÁTICA SOCIAL CONTEXTO			
p a r t i c i p a n t e	Excerto	Categorias linguísticas			Temas centrais		Identificação do discurso
		Ator social	Sistema de transitividade		Macrossociais/ nível local	Globais	
			Aspectos do mundo				
			Físico/ Exterior	Estrutura interna Mental/ Interior	Situação social na origem do fluxo (território da Venezuela). Crise política na Venezuela	Nível internacional. Consequências da geopolítica global no século XXI.	
V	<i>1 Embora meu esposo e eu tivéssemos emprego, estabilidade dentro do que cabe, a situação econômica do país foi acabando com tudo isso.</i>	Ator social representado por impersonalização <i>a situação econômica do país</i> . O ator impersonalizado é representado pela referência a um processo.	Recordações de um passado de estabilidade e condições econômicas para viver no país. Este cenário sofre mudança drástica por causa da “situação econômica”	Frustração	Descenso econômica e social	Impacto econômico local interligado e influenciado pelas estruturas econômicas globais, no contexto da globalização e do neoliberalismo .	Contradiscurso capitalista.
	<i>2 Eu acho que isso estava me afetando psicologicamente, eu pensava qual vai ser o</i>	Ator social representado por passivação: uso e reiteração do pronome pessoal na primeira pessoa do singular	Circunstância de causa <i>porque não havia situação para isso</i> , que descreve	Mundo interior afetado por sentimentos de ansiedade, preocupação	Descenso econômica e social	Instabilidade política e econômica, insegurança representam um reflexo das interligações	Discurso do oprimido e da migração forçada.

<i>futuro dos meus filhos aqui, já não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes, porque não havia situação para isso.</i>	“eu”. O ator social sofre ações exteriores.	o contexto em que o processo se realiza.	s e crenças acerca do futuro. Apego a um passado difícil de renunciar. Medo e desamparo.		político-econômicas internacionais.	
<i>3 Chegou a um ponto que eu pensei, isso pode acontecer comigo, pode acontecer comigo, tenho que procurar uma medida de solução.</i>	Ator social representado por ativação <i>tenho que procurar uma medida de solução</i> , embora se trate de forças ativas, não configura ação por vontade própria, mas ação por coação.	Seu mundo está envolto a ameaças sofridas pelo contexto vivido, que a impulsiona a uma tomada de decisão.	Crenças e sentimentos que revelam a preocupação do que poderá vir a ocorrer. Medo, ansiedade e desamparo.	Vulnerabilidade e exclusão social.	As hegemonias globais produzem movimentos e reconfigurações migratórias como consequências de disputas geopolíticas.	Discurso do oprimido e da migração forçada.
<i>4 Tomamos a decisão de vir pela situação política do meu país, pela situação econômica.</i>	Ator social representado por ativação (<i>nós tomamos</i>). Entretanto, apesar de ser representado por forças ativas, o ator social foi movido por circunstâncias forçosas, - <i>pela situação política e pela situação econômica</i> -.	Circunstâncias de insustentabilidade política e econômica da Venezuela que representam o motivo da ação de migrar.	Pressão emocional que a leva a tomar decisões.	Vulnerabilidade e exclusão social.	Contexto local de vulnerabilidade e exclusão social, como consequências das ações externas, num contexto global.	Discurso da migração forçada.

<p>5 <i>Lá recebemos a cada quinze dias e o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo e pagar passagem, já não dava, não era possível morar lá.</i></p>	<p>Ator social, representado por personalização por meio do pronome na primeira pessoa do plural (nós), envolve a coletividade e revela identificação social, equivalendo ao <i>povo venezuelano</i>.</p>	<p>Panorama de esfacelamento de direitos básicos.</p>	<p>Inquietudes advindas do colapso econômico, diante de uma progressão da incapacidade de sobrevivência em seu próprio espaço construído, outrora estável.</p>	<p>Recessão econômica. Impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade, restrição da mobilidade urbana.</p>	<p>Impactos no espaço local. As forças circundantes desta realidade reúnem estratégias de dominação.</p>	<p>Discurso do oprimido e da migração forçada. Contradiscurso capitalista.</p>
<p>6 <i>Além disso, a segurança no meu país é um tema bastante complicado, você não pode nem sequer deixar a casa só, você saía para trabalhar e voltava com a surpresa que entraram na sua casa para roubar. As caminhonetes eram sequestradas, tiravam as roupas das pessoas, roubavam tudo, ou seja,</i></p>	<p>Ator social representado por personalização, por uso dos pronomes - <i>você, sua</i>, que transformam o interlocutor em sujeito da ação. A substituição do eu (locutor) pelo <i>você</i> (interlocutor), produz o efeito de vivência do fato narrado, objetivando a empatia.</p>	<p>Descrição de um contexto caótico em relação à segurança pública, expressando eventos deste descontrole sofrido pela classe trabalhadora.</p>	<p>Busca por empatia do interlocutor.</p>	<p>Tensões e desafios para a materialização da existência.</p>	<p>Ações internacionais que contribuem para a instabilidade econômica e social e, conseqüentemente, causam conflitos e tensões sociais internas.</p>	<p>Discurso do oprimido e da migração forçada.</p>

	<i>era uma situação insustentável.</i>						
	<i>7 Então nos restou a opção de vir, de migrar, tivemos que migrar e eu agradeço a Deus que nos permitiu chegar aqui no Brasil e bom, estamos fazendo a nossa vida aqui (Valência).</i>	Ator social, representado por personalização por derivação do pronome na primeira pessoa do plural (nós), envolve a coletividade e revela identificação social.	Processo e trânsito migratório.	Crenças que produzem efeito atenuante das dores da realidade e encobrem os mecanismos sociais de exclusão e as vozes do poder por detrás do sofrimento e das crenças destes sujeitos.	Impactos do processo e trânsito migratório.	Disputas internacionais por espaços de exploração de recursos.	Discurso da migração forçada.
S a n C r i s t ó b a l	<i>8 Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e eu disse: necessito saber se estou doente de verdade ou o que está acontecendo comigo é falta de alimentação. Por isso sai.</i>	Ator social representado por passivação, que sofre ações provenientes da realidade social, política e econômica, na qual se insere o sujeito.	Mudanças no mundo físico que extrapolam os limites naturais, chegando ao ponto de atingirem o corpo, modificando-o.	Mundo interior afetado pela ameaça da própria condição de existência. Estrutura mental confusa diante de situações de falta de alimento e ausência de direitos básicos como alimentação, dignidade e respeito.	Restrição alimentar que ameaça a própria condição de existência e que impulsiona a fuga da Venezuela.	A fome como um efeito e estratégia da política exterior da crise.	Discurso do oprimido e da migração forçada.

M r i d a	9 <i>Eu tinha participado em algumas revoltas, a polícia tinha levantado algumas coisas no meu nome, então, para eu não ser perseguida, como fizeram com algumas pessoas, era melhor eu sair do país, porque já tinham me pegado duas vezes, então, era melhor, porque eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas. Eles levavam e matavam e tinha colegas que falavam para mim que era melhor sair do país.</i>	Ator social representado por ativação (eu), expressa objetivamente sua participação em um evento de resistência. Ator social, representado por funcionalização (polícia), que persegue, mata e produz ação investigativa efetiva sobre a vida de opositores.	Protestos, tensões, desafios, perseguição, ameaça de morte e assassinato de colegas que se tornaram exemplo do que poderia ter acontecido a Mérida	Opressão pelas circunstâncias de instabilidade política e social e coação a sair do país por ameaça da condição de existência.	Impactos da instabilidade política, unida à crise econômica: opressão do povo, atos de protestos violentos, tensões, repressão política e militar. Luta e resistência que visam à retomada do país como lugar de existência digna.	Instabilidade política, violência e insegurança, como instrumentos hegemônicos nas disputas pelo poder.	Contradiscurso da repressão política
C a r a c a s	10 <i>A morte de meu irmão, foi uma das coisas mais fortes que eu vivi, tive que passar por</i>	Ator social representado por funcionalização, porque <i>eu era funcionário da guarda nacional</i> -. existe a intenção	Descrição de um contexto caótico de insegurança pública, assassinato e violência	Trauma emocional pela perda trágica do irmão, preocupaçãos,	Impactos da instabilidade política, unida à crise econômica: insegurança pública, crimes,	Os impactos da instabilidade política, unida à crise econômica, ou seja, a	Discurso do oprimido e da migração forçada.

	<p><i> muitas coisas. Fiquei muito traumatizado com isso, já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado... a política, era um aspecto muito difícil, porque eu era funcionário da guarda nacional e para os funcionários do governo a coisa estava mal porque não era muito rentável estar lá. então decidi vir para cá.</i></p>	<p>de uma autoidentificação como - guarda nacional -, expressa informação e julgamento do falante a respeito da política no país e a situação dos funcionários do governo.</p>	<p>generalizada . Este contexto de crise abarca três conjunturas do mundo exterior do falante: conjuntura social, política e econômica.</p>	<p>sentimentos de perdas, perda do irmão, da carreira profissional, da sua rotina, do seu território lar. Busca por estabilidade.</p>	<p>violência generalizada. Recessão econômica, hiperinflação.</p>	<p>insegurança pública, os crimes, a violência generalizada, a Recessão econômica e a hiperinflação, como reflexos de interesses geopolíticos, em nível global.</p>	
<p>L a A s u n c i ó n</p>	<p>11 Decidimos sair, pela delinquência que havia e a insegurança. Não podemos sair na rua com um telefone na mão, os próprios militares da Venezuela pegavam o</p>	<p>Ator social representado por funcionalização - os próprios militares-. Descritos como corruptos. Os que deveriam proteger são os agentes de delinquência e insegurança. Esta prática social produz o efeito do povo contra o</p>	<p>Vulnerabilidade da população que além de sofrer as consequências da exclusão social, sofre a exploração daqueles que deveriam promover a proteção e</p>	<p>Processo mental desiderativo e orações projetadas - e eu não quero que minha filha se desenvolva em um ambiente tão hostil como o que se apresentava</p>	<p>Impactos da instabilidade política, unida à crise econômica: vulnerabilidade, corrupção, insegurança pública, crimes, violência. A crise generalizada produz a corrupção do</p>	<p>Crise política e econômica em seu nível local, mas localizada em um nível global, onde o local é disputado como fonte de recursos de interesses externos. Povo contra povo produz o</p>	<p>Discurso do oprimido e da migração forçada</p>

	<i>nosso dinheiro, muita corrupção e eu não quero que minha filha se desenvolva em um ambiente tão hostil como o que se apresentava lá.</i>	povo, acarretando o desvio da atenção dos verdadeiros responsáveis pela crise.	segurança. Delinquência, insegurança e corrupção como resultado de assimetrias de poder, numa crise generalizada.	<i>lá</i> -. expressa o desejo do falante e descreve seu mundo interior. Sentimento de vulnerabilidade e insegurança e coação para sair do país.	poder em qualquer escala. Efeito do povo contra o povo, que produz o desvio da atenção dos responsáveis pela produção da política da crise, no contexto global.	desvio da atenção da produção da política da crise, no contexto global.	
B a r i n a s	<i>12 Saí porque, mesmo sendo médica cirurgiã, chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes, mesmo assim, com quatro salários diferentes, não conseguia ter o mínimo para sobreviver e ter uma qualidade de vida desejável lá, por isso é que eu não tive escolha, tive que achar uma opção, um país onde tivesse melhores condições para viver.</i>	Ator social representado por funcionalização, - <i>médica cirurgiã</i> -. Tal profissão, por mais privilegiada que possa ser, em termos salariais, não foi suficiente para mantê-la em seu país. Ator social representado por personalização (<i>eu</i>), se auto identifica como alguém impossibilitado de obter o mínimo para sobreviver.	Sem qualidade de vida, Barinas passou a ter que trabalhar mais, em diferentes lugares, sem poder conseguir o mínimo para sobreviver. Circunstâncias excludentes e um espaço inapropriado para se viver.	A relação estabelecida com o contexto em que vivia lhe trouxe sentimentos de incapacidade ([eu] não conseguia), frustração (eu não tive escolha) e coação (tive que achar uma opção).	Recessão econômica. Impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade.	Contexto global, onde as periferias do sistema econômico internacional são disputadas sob os interesses hegemônicos.	Discurso do oprimido e da migração forçada

B o l í v a r	13 <i>Sai porque meu país está muito ruim, o governo lá não quer ajudar o povo e o povo sofre muito por causa governo de lá.</i>	<i>O governo e o povo são atores sociais representados por impersonalização, por se tratar de entidades coletivas as quais são atribuídas características semânticas humanas, como a referência metonímica “o governo... não quer”, “o povo sofre muito”.</i>	O país classificado como - <i>muito ruim</i> - se refere aos impactos sociais da instabilidade política e da crise econômica.	Sentimento de revolta pelo sofrimento do povo.	As assimetrias ocorrentes revelam restrições de direitos, principalmente, para a população de baixa renda até a contenção/repressão por parte do governo, das massas oprimidas por este contexto.	Efeitos colaterais de um panorama complexo de crise econômica, não controlada pelo governo e que vai além de um domínio local, este panorama é revelador de assimetrias de poder de ordem global.	Discurso do oprimido e da migração forçada
---------------------------------	--	---	---	--	---	---	--

Na próxima seção, discutiremos o significado representacional relacionado aos discursos identificados na análise anterior, conforme dados presentes no Quadro 14. Sabemos que os discursos estão inter-relacionados com o contexto social nas dimensões mais restritas e nas mais amplas da realidade social. Essas relações discursivas foram mobilizadas pelas categorias linguísticas, pelo ator social e pelo sistema de transitividade (aspectos do mundo mental e físico), a fim de acionarmos o significado representacional dos enunciados.

Ao discutirmos sobre os discursos identificados, abordaremos as questões que envolvem o contexto local, ou seja, os impactos da crise no território da Venezuela que apontam para o nível global, que será discutido, mais amplamente, na seção 4.3.1.1.1, na análise interdiscursiva.

4.3.1.1 Análise dos discursos articulados: modos de representação de aspectos do mundo

Conforme vimos, o significado representacional está relacionado ao discurso como modo de representação de aspectos do mundo (Barros, 2015). Diferentes discursos representam o mundo concreto, como também projetam diferentes possibilidades da realidade, podendo sua escala de atuação variar de representações localizadas a representações globais (Resende; Ramalho, 2019).

Mostrar o significado representacional significa evidenciar o “uso da língua como representação, estando relacionada com o mundo externo – eventos, ações, estados, etc. – bem como o mundo interno, incluindo crenças, representações, sentimentos, etc.” (Barros, 2015, p. 75). Esse processo foi iniciado na seção anterior, quando realizamos a análise linguística na etapa de interpretação e continuará nesta e nas próximas seções.

Fairclough (2019) explica que a interpretação é necessária em dois níveis. O primeiro é tentar construir um sentido para os aspectos do texto e tratar esse texto como elemento da prática discursiva e como pista no processo de interpretação textual. O outro nível de interpretação, conforme o autor, é uma questão de tentar construir um sentido dos aspectos do texto e de nossa interpretação de como eles são produzidos e introduzidos em uma prática social mais ampla. Para o autor, “[...] nossa análise textual é formada e ganha cor pela interpretação de seu relacionamento com processos discursivos e com processos sociais mais amplos” (Fairclough, 2019, p. 255).

Desse modo, nesta seção, trataremos de analisar cada discurso, identificado na análise linguística, para percebermos a formação ideológica, que sustenta as posições de poder, caracterizando-o e conduzindo-o ao interior de práticas sociais das quais eles emergem, a fim de realizar uma discussão da prática social mais ampla na seção seguinte, onde, finalmente, iremos considerar as estratégias do neoliberalismo e da globalização, visando a identificar como os mecanismos de opressão local são impulsionados pelos mecanismos de opressão global, buscando “identificar o problema, analisar práticas situadas e localizá-las em um nível global” (Bessa; Sato, 2018, p. 127).

Outro aspecto importante é destacar o problema social correspondente aos efeitos vividos pelos indivíduos (Bessa; Sato, 2018). Por isso, a análise, nesta fase, não desvinculará dos aspectos subjacentes aos sujeitos e seu mundo interno.

Destacamos, conforme Fairclough (2009, 2016), que não há um discurso homogêneo, ainda que cada discurso guarde características comuns, nem todas as suas nuances são iguais, em um determinado contexto. Segundo o autor, qualquer texto possui diferentes discursos e cada discurso guarda relação implícita com o outro.

Dessa forma, os discursos apresentados possuem essas características e estão interligados e relacionados um com o outro. Um está contido no outro, especialmente, o discurso da migração forçada, cuja incidência corresponde a todos os excertos, uma vez que a temática textual se refere ao motivo da saída do país em circunstâncias adversas.

A totalidade dos enunciados analisados apresenta a interconexão de cada discurso, ou seja, as características de cada um deles, considerando que todos estão inseridos no mesmo contexto social e, por isso, apresentam apenas as nuances do campo discursivo específico. Contudo, para efeito de análise, escolhemos os enunciados que melhor exemplificam a cada um dos discursos identificados, sendo divididos e/ou agrupados pela afinidade do tema a que estão vinculados.

Ainda, segundo Fairclough (2009, 2016), para identificar e analisar discursos como representação de aspectos da vida social, é necessário considerar o grau de repetição de determinado discurso e sua correlação com determinados grupos de pessoas, sendo necessário atentar ao contexto, às relações semânticas, aos itens lexicais e às relações entre os itens lexicais para chegar a uma conclusão.

Portanto, dividimos nossas considerações nos discursos identificados na análise, quais sejam: discurso do oprimido, discurso da migração forçada, contradiscurso capitalista e discurso da oposição política. Inicialmente, destacaremos e ilustraremos, por meio dos

quadros⁴⁵, os aspectos de recorrência e marcas textuais, relacionados ao mundo interno do sujeito e ao contexto macrossocial.

Na sequência, estabeleceremos diálogo com a teoria interdisciplinar sobre as assimetrias de poder e os aspectos ideológicos, sinalizando o contexto global ou os aspectos discursivos relacionados aos aspectos sociais mais amplos, que serão tratados na seção seguinte. Igualmente, trataremos de descrever como o significado representacional é acionado pelos modos de representação de aspectos do mundo e como os discursos se delineiam neles e por meio deles.

Iniciamos a análise pelo discurso do oprimido, representado no Quadro 20.

Quadro 20 – O discurso do oprimido

Discurso do oprimido			
Contexto global: Reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais como consequências das disputas geopolíticas internacionais por espaços de exploração de recursos.			
Recorrência Excertos 2, 6, 8, 11 e 12	Marcas textuais	Estrutura interna/ mundo interior	Nível macrossocial/ mundo exterior
<i>2 Eu acho que isso estava me afetando psicologicamente, eu pensava qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui, já não podia ter o mesmo nível de vida que tinha antes, porque não havia situação para isso.</i>	- Ator social representado por passivação. Estruturas textuais: - ...afetando psicologicamente... - ...qual vai ser o futuro dos meus filhos aqui... - ...já não podia... - ...não havia situação para isso.	Ansiedade, preocupações e crenças acerca do futuro. Apego a um passado difícil de renunciar. Medo e desamparo.	Descenso econômico-social; Vulnerabilidade social.
<i>6 ...você não pode nem sequer deixar a casa só, você saía para trabalhar e voltava com a surpresa que entraram na sua casa para roubar. As caminhonetes eram sequestradas, tiravam as roupas das pessoas, roubavam tudo, ou seja, era uma situação insustentável.</i>	Ator social representado por personalização que transforma o interlocutor em sujeito da ação. Estruturas textuais: - ...entraram na sua casa para roubar. - ...tiravam as roupas das pessoas... - ...roubavam tudo, ou seja, era uma situação insustentável.	Busca por empatia do interlocutor. Ansiedade, medo e desamparo	Vulnerabilidade social, insegurança pública, crimes, violência. Tensões e desafios para a materialização da existência
<i>8 Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e eu disse: necessito saber se estou doente de verdade ou o que está</i>	- Ator social representado por passivação. Estruturas textuais: - Cheguei a um limite na minha vida... - ...fiquei tão magro... - ...pensei que estava doente	Estrutura mental confusa diante da falta de alimento e exclusão social, opressão por causa do esfacelamento dos direitos básicos como	Restrição alimentar que ameaça a própria condição de existência e que impulsiona a fuga da Venezuela.

⁴⁵ Os Quadros 20, 21, 22 e 23 demonstram os aspectos de recorrência e marcas textuais, relacionados à estrutura interna do sujeito e aos aspectos macrossociais, dentro do contexto global.

<i>acontecendo comigo é falta de alimentação...</i>	<i>- ...o que está acontecendo comigo é falta de alimentação...</i>	alimentação, dignidade e respeito.	
<i>11 ...Não podemos sair na rua com um telefone na mão, os próprios militares da Venezuela pegavam o nosso dinheiro, muita corrupção e eu não quero que minha filha se desenvolva em um ambiente tão hostil...</i>	- Ator social representado por funcionalização - <i>os próprios militares-</i> , como agentes de delinquência e insegurança. Estruturas textuais: <i>...Não podemos sair na rua com um telefone na mão...</i> - <i>...os próprios militares da Venezuela pegavam o nosso dinheiro...</i> <i>-... muita corrupção... um ambiente tão hostil...</i>	Sentimento de vulnerabilidade e insegurança e coação para sair do país.	Delinquência, insegurança e corrupção, crimes, violência. Efeito do povo contra o povo, que produz o desvio da atenção dos responsáveis pela crise.
<i>12...mesmo sendo médica cirurgiã, chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes, mesmo assim, com quatro salários diferentes, não conseguia ter o mínimo para sobreviver e ter uma qualidade de vida desejável lá, por isso é que eu não tive escolha...</i>	Ator social representado por funcionalização, - <i>médica cirurgiã</i> , se auto identifica como alguém impossibilitado de obter o mínimo para sobreviver. Estruturas textuais: - <i>...mesmo sendo médica cirurgiã, chegava a trabalhar em quatro lugares diferentes...</i> - <i>com quatro salários diferentes, não conseguia ter o mínimo para sobreviver...</i>	Incapacidade, frustração e coação.	Circunstâncias excludentes, até para profissões mais prestigiadas. Recessão econômica. Impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 20, para efeito de demonstração sobre a recorrência do discurso do oprimido, selecionamos cinco (5) excertos de um conjunto de treze (13). Salientamos que esse discurso está vinculado a todos os enunciados, pois está imbricado no contexto vivido pelos sujeitos, marcados pela submissão às circunstâncias de um sistema e complementando outros discursos.

As marcas textuais apontam para a caracterização de discurso formado por atores sociais, representados por passivação (aqueles que sofrem a ação ou se submetem à ação) e são descritos como afetados por infortúnios de diversas ordens e por um contexto de vulnerabilidade e insegurança. Outro tipo de ator social é representado por funcionalização para identificação e autoidentificação de funções que exercem. Entretanto o exercício dessas funções se encontra desvirtuado pelo contexto social, da mesma forma, seu usufruto, impedido. Esse tipo de marca linguística caracteriza a condição do oprimido.

Nesse grupo de atores sociais do tipo representado por passivação, também foram identificados atores sociais personificados na oração por meio dos pronomes *você, sua*, que transforma o ouvinte em sujeito, pois substitui o eu (falante) pelo você (ouvinte), como se o interagente tivesse vivido o fato narrado. O efeito, segundo Fairclough (2016), é gerar empatia com o interagente, fazendo com que este se posicione no lugar do ator social, a fim de desenvolver os mesmos sentimentos do falante.

Em face do exposto, conforme a teoria bakhtiniana de linguagem, afirmamos que, em uma interação, o discurso envolve duas vozes: a voz do *eu* e a voz do *outro* (Bakhtin, 1997). No que se refere à presença do outro no discurso, vale salientar o que Moita Lopes diz:

É, portanto, a presença do outro com o qual estamos engajados no discurso (tanto no modo oral quanto no modo escrito) que, em última análise, molda o que dizemos, e, portanto, como nos percebemos à luz do que o outro significa para nós (Moita Lopes, 2002, p. 32).

É neste sentido, do que o *outro* significa para nós, que o sujeito migrante chama a atenção do interlocutor para produzir efeitos de empatia. Neste caso, a interação procura produzir efeitos de sentidos que impelem para uma prática discursiva no meio social.

Numa perspectiva mais panorâmica, o efeito leva à compreensão de que este emprego linguístico produz identificação. Ainda, seu uso permite que o *outro* produza um discurso que pode ser levado a outras instâncias. Logo, a voz silenciada do migrante passivo, aquele que sofre as ações de ordem exteriores, passa a ser ouvida em outros âmbitos pelo *outro* que possui o poder de ser ouvido.

No que se refere às estruturas textuais, elas apontam para as experiências dos sujeitos e estão relacionadas à descrição do seu mundo interior e exterior, afetados por sentimentos de ansiedade e crenças acerca do futuro naquele lugar. Além disso, estão marcados pela vivência de situações extremas, em constante mudança, que chegam a afetar tanto a sua saúde física quanto a saúde mental, indicando que aquilo que expressam revela um discurso de opressão.

Em uma das estruturas textuais, o sujeito avalia a sua condição diante da perda de peso e reconhece que chegou a um extremo. Em outro caso, devido à crise, que atinge todos os seguimentos sociais, aqueles que detêm algum tipo de poder oprimem para obter vantagens, na busca por sobrevivência, como podemos identificar nas construções a seguir: - *Cheguei a um limite na minha vida que fiquei tão magro que pensei que estava doente e - os próprios militares da Venezuela pegavam o nosso dinheiro, muita corrupção.*

A partir desses dados, é necessário que compreendamos quem são os oprimidos no contexto de hoje. Para isso, assumimos a base teórica construída por Paulo Freire em sua obra de impacto mundial “Pedagogia do Oprimido”.

De acordo com o estudo feito por Costa, Santos e Vale (2020) em relação a essa obra, “o oprimido” de hoje, na perspectiva freiriana, representa um grupo social ou conjunto de pessoas que se encontram impedidas de se realizarem como pessoas ou de concretizarem sua vocação de “ser mais”. Na visão ontológica, “ser mais” é uma qualidade inerente ao ser

humano, ou seja, é uma construção marcada pelo movimento permanente de busca. Em relação a esse movimento, Freire (1987) faz este esclarecimento, quando mostra o processo de desumanização a partir do “ser mais” e “ser menos”:

[...] Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas, afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do “ser mais”. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores a esta, o ‘ser menos’ (Freire, 1987, p. 30).

Assim, Paulo Freire explica que os oprimidos são aqueles que, de alguma forma, vivenciam a violenta vocação de “ser menos”, como distorção do “ser mais” (Freire, 1987). Também, deixa claro que a recuperação da humanidade roubada é possível por meio da luta dos oprimidos. Essa visão harmoniza-se com a proposta da ADC pela possibilidade da desarticulação de relações de dominação.

Costa, Santos e Vale (2020) explicam que a categoria oprimido/opressor é muito mais ampla que o próprio conceito de classe social, porque inclui possibilidades de reconhecimento de especificidades culturais e sócio-históricas dos “esfarrapados do mundo”, “deserdados da terra”, “demitidos da vida”, “desumanizados”, “invisibilizados”. Assim, segundo as mesmas autoras, pertencer a coletivos sociais que destoam do “padrão de normalidade”, produzido pela sociedade hierárquica e desigual, os levam a um complexo processo de inferioridade simbólica que justifica, ideologicamente, a dominação destes pelos, simbolicamente, “superiores”.

As autoras apontam e incluem, baseadas em Freire, um oprimido do ponto de vista econômico:

[...] operário explorado, sem-terra ou sem condições de nela produzir, as massas urbanas em condições de subemprego, os desempregados, os excluídos dos bens de consumo; o oprimido ideológico, uma nação colonizada, uma região, uma comunidade: quilombola, indígena ou periférica (Costa; Santos; Vale, 2020, p. 4).

Soma-se a esse quadro, a opressão como produção da inferioridade simbólica e da invisibilidade dos povos e de suas culturas (Costa; Santos; Vale, 2020).

Entretanto, podemos ir além dessas características, pois o venezuelano sofre uma inferiorização simbólica, no contexto local, com um histórico cumulativo de desvantagens

econômicas, sociais e culturais. A história desse povo está marcada por ciclos de abundância e escassez, por ditaduras e pela luta para o estabelecimento da democracia, tendo a exploração do petróleo como foco principal (Vasconcelos; Santos, 2021).

Além disso, esse povo sente a opressão no plano global contemporâneo e na estrutura de múltiplas dependências globais do sistema capitalista, onde as consequências sociais são severas para aqueles que estão do lado “inferior” das convenções transnacionais estabelecidas (Silva; Baeninger, 2021). Nesse caso, a opressão sai do plano individual e se localiza numa dimensão coletiva, do sujeito oprimido para a nação oprimida.

Por aproximação ao pensamento freiriano, os países supostamente “superiores” delineiam e impõem modelos do “ser mais”, num padrão desigual e hierárquico de nações inferiores e superiores, baseados no poder econômico e na estrutura econômica de dominação. Esses argumentos justificam, ideologicamente, a dominação destes pelos simbolicamente superiores, numa opressão econômica, política e ideológica.

Adaptamos o que Costa, Santos e Vale (2020) explicam a respeito da produção da inferioridade simbólica e da invisibilidade dos povos e das suas culturas para compreendermos o que ocorre na dimensão global, relacionado à justificação de assimetrias de poder de umas nações sobre outras:

Isso pode ser caracterizado como uma herança colonial alimentada por uma ciência social reducionista, como, por exemplo, a sociologia organicista ou a antropologia de viés evolucionista do século XIX, mas com desdobramentos nos séculos XX e XXI (Costa; Santos; Vale, 2020, p. 4).

O sujeito do nosso estudo, que produz o discurso do oprimido, é aquele que, no plano da estrutura interna do sujeito, sofre com a fome como efeito e estratégia da política exterior da crise; sofre com a delinquência e insegurança, como resultado de assimetrias de poder e como fatores que reportam o perigo de perder a vida; é oprimido pela recessão econômica, pelos impactos da hiperinflação, pelo desabastecimento de produtos de primeira necessidade.

Portanto, essa condição revela a dura realidade de que o capital se sobrepõe ao sujeito, indicando um contexto de opressão que remete ao contexto global, no qual a instabilidade política, econômica e social representa um reflexo das interligações político-econômicas internacionais. Assim, no contexto global, de acordo com Silva e Baeninger (2021), a opressão como resultado das circunstâncias locais ocorrem no contexto das reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais como consequências das disputas geopolíticas internacionais por espaços de exploração de recursos.

Com base na premissa de que os discursos estão relacionados a diferentes posições de pessoas no mundo e a diferentes relações entre pessoas (Fairclough, 2016; Resende; Ramalho, 2019; Barros, 2015; Bessa; Sato, 2018), o discurso do oprimido é produzido por sujeitos heterogêneos envolvidos em diferentes especificidades históricas, políticas, econômicas e sociais. O oprimido fala e produz um discurso. Seu discurso é produzido dentro da esfera da estrutura de dominação, a que está preso e descreve as mazelas sociais nas quais está submetido. No entanto, também as denuncia, quando sua voz se torna audível, nos raros e oportunos espaços de visibilidade, como no caso desta pesquisa, dada sua condição opressiva de silenciado.

A seguir, no Quadro 21, apresentamos o contradiscurso capitalista.

Quadro 21 - Contradiscurso capitalista

Contradiscurso capitalista			
Contexto global: Sanções imperialistas que contribuem para a instabilidade econômica e social.			
Recorrência Excetos 1 e 5	Marcas textuais	Estrutura interna mundo interior	Nível macrossocial mundo exterior
<i>1 Embora meu esposo e eu tivéssemos emprego, estabilidade dentro do que cabe, a situação econômica do país foi acabando com tudo isso.</i>	- Ator social representado por impessoalização a situação econômica do país. Estruturas textuais: - ... a situação econômica do país foi acabando com tudo isso.	Frustração	Descenso econômico social das classes populares.
<i>5 Lá recebemos a cada quinze dias e o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo e pagar passagem, já não dava, não era possível morar lá</i>	Ator social, representado por personalização (nós), envolve a coletividade e revela identificação social, equivalendo a povo venezuelano. Estruturas textuais: - ...o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo e pagar passagem, já não dava	Inquietude e insatisfação pelo colapso econômico.	Panorama de esfacelamento de direitos básicos. Recessão econômica. Impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade, restrição da mobilidade urbana.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 21, para efeito de exemplificação, apresentamos dois (2) excertos que possuem a recorrência do contradiscurso⁴⁶ capitalista. Esse discurso também está

⁴⁶ O contradiscurso encontra base na teoria do dialogismo e polifonia de Bakhtin para quem o dialogismo é apresentado como a condição constitutiva dos sentidos dos enunciados linguísticos. A partir da noção de dialogismo, Bakhtin elaborou sua teoria da polifonia (Bakhtin, 2003). O autor defende que, no enunciado, o locutor inicia um “diálogo” com o discurso do receptor, que se trata de um agente ativo capaz de proferir um “contradiscurso”, ainda que esse discurso não tenha sido dito ou esteja oculto (Bakhtin, 1981). Assim, “O discurso

vinculado aos outros discursos, contudo confere um viés diferente para o mesmo contexto vivido pelos sujeitos e, portanto, complementa outros discursos, na intenção de explicar o motivo da migração.

As marcas textuais apontam para a caracterização de discurso formado por ator social representado por impersonalização, *a situação econômica do país* (quando os atores sociais são representados por meio de uma referência), e objetiva fornecer uma espécie de autoridade impessoal aos enunciados.

O outro ator social é representado por personificação, *nós*, envolve a coletividade e revela identificação social do grupo. Essas marcas linguísticas de atores sociais dão pistas para a caracterização desse grupo como denunciadores do sistema, como aqueles que experimentam em suas vidas a confrontação da realidade.

As estruturas textuais – [...] *a situação econômica do país foi acabando com tudo isso*. e [...] *o salário quinzenal não dava para comprar um quilo de queijo e pagar passagem, já não dava*. – apontam para sujeitos que se posicionam como frustrados, insatisfeitos e inquietos diante do panorama de colapso econômico local. Essas marcas, contudo, ganham realce na sua vinculação com o contexto social que revela recessão econômica, descenso econômico-social das classes, o esfacelamento de direitos básicos, os impactos da hiperinflação e do desabastecimento de produtos de primeira necessidade, bem como a restrição da mobilidade urbana.

Assim, as estruturas textuais carregam em si pressupostos que refletem assimetrias e perdas relativas ao sistema econômico vigente e compõem um conjunto de valores que demonstra a forma de perceber os fenômenos sociais. Esses sujeitos percebem que estão imersos em um contexto que gera constrições sociais e, por isso, produzem denúncias, na oportunidade de dar visibilidade às suas vozes.

Contudo, essas denúncias se baseiam nas suas vidas marcadas pelas dificuldades e pelas restrições da falta de poder aquisitivo e pelo fato de não mencionarem a ingerência do governo ou não o responsabilizarem diretamente. Além disso, não sabemos quais os conhecimentos que possuem para compreenderem o contexto social mais abrangente.

Milton Santos (2001) explana sobre o mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização permite que o mundo se torne confuso e confusamente percebido. Consagra-se a um discurso único, pelos fundamentos da informação e seu império produz um imaginário a serviço

se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes entrecruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias”. (Brandão, 1994, p. 53).

do império do dinheiro. Nessa direção, podemos dizer que “um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas” (Santos, 2001, p. 19). O autor expande seu pensamento, descrevendo a globalização como uma fábrica de perversidade, onde a maior parte da humanidade se encontra submetida aos seus efeitos, como o crescimento do desemprego, do descenso social das classes, da fome, do desabrigo, das doenças etc. A mortalidade infantil, a educação de qualidade cada vez mais inacessível, males espirituais e morais como o egoísmo, os cinismos, a corrupção são exemplos dessa perversidade. Santos (2001), ainda, acrescenta:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são diretas ou indiretamente imputáveis aos processos de globalização (Santos, 2001, p. 20).

Assim, para Santos (2001), a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. E este sistema econômico, ao qual estamos submetidos, se torna uma fábrica de mazelas pelo mundo.

Dessa forma, o contradiscurso capitalista, nas falas dos atores desta pesquisa, configura as descrições das mazelas dessa fábrica, isto é, o que ocorre no contexto local é revelado. Assim, denunciam a perversidade de um sistema excludente que procura perpetuar sua hegemonia a qualquer preço, ainda que cause impactos extremos. Essas forças circundantes, do contexto local venezuelano, reúnem estratégias de dominação. De acordo com Vasconcelos e Santos (2021), essas estratégias fazem parte das controvérsias geopolíticas globais que impõem sanções sobre esse país para causar instabilidade econômica e social.

Portanto, o contradiscurso capitalista é produzido pelos sujeitos, dentro de um contexto de impactos econômicos locais, interligados e influenciados pelas estruturas econômicas globais, no contexto da globalização e do neoliberalismo e tem a ver com questões de poder e ideologia.

Nos excertos a seguir, apresentamos o discurso da oposição política.

Quadro 22 - Discurso da oposição política

Contradiscurso da oposição política			
Contexto global: Ações imperialistas que contribuem para a instabilidade econômica e social.			
Recorrência Excetos 9 e 13	Marcas textuais	Estrutura interna mundo interior	Nível macrossocial mundo exterior
<i>9 Eu tinha participado em algumas revoltas, a polícia tinha levantado algumas</i>	Ator social, representado por ativação (eu), expressa	Opressão pelas circunstâncias de instabilidade política e	Instabilidade política, violência e insegurança, como instrumentos

<p><i>coisas no meu nome, então, para eu não ser perseguida, como fizeram com algumas pessoas, era melhor eu sair do país, porque já tinham me pegado duas vezes, então, era melhor, porque eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas. Eles levavam e matavam e tinha colegas que falavam para mim que era melhor sair do país.</i></p>	<p>objetivamente sua participação em um evento de resistência. Ator social, representado por funcionalização (polícia), que persegue, mata e produz ação investigativa efetiva sobre a vida de opositores.</p> <p>Estruturas textuais: - ... <i>Eu tinha participado em algumas revoltas...</i> - ... <i>a polícia tinha levantado algumas coisas no meu nome, então, para eu não ser perseguida, como fizeram com algumas pessoas, era melhor eu sair do país, porque já tinham me pegado duas vezes...</i> - <i>eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas.</i> - <i>Eles levavam e matavam e havia colegas que falavam para mim que era melhor sair do país.</i></p>	<p>social e coação a sair do país por ameaça da condição de existência.</p>	<p>hegemônicos nas disputas pelo poder.</p>
<p>13 <i>Sai porque meu país está muito ruim, o governo lá não quer ajudar o povo e o povo sofre muito por causa governo de lá.</i></p>	<p>O governo é um ator social representado por ativação, pois representa forças ativas e dinâmicas; o povo é um ator social representado por passivação, sendo representado como submisso a uma atividade.</p> <p>Estruturas textuais: - <i>Sai porque meu país está muito ruim, o governo lá não quer ajudar o povo e o povo sofre muito por causa governo de lá.</i></p>	<p>Avaliação negativa do governo, denúncia do sofrimento do povo.</p>	<p>Efeitos colaterais de um panorama complexo de crise econômica que ainda não pôde ser controlada pelo Estado (o governo). As assimetrias ocorrentes revelam a crise política como resultado de uma política da crise, conforme Silva e Baeninger (2021). Restrições de direitos, principalmente, para a população de baixa renda até a contenção/repressão, das massas oprimidas por este contexto (o povo).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O discurso da oposição política está presente nos excertos 9 e 11 e foram produzidos por dois (2) participantes entre os sete (7) analisados. Diferentemente de outros discursos, esse tipo de discurso ocorre de forma pontual, pois, somente nesses enunciados, foi possível observarmos que há crítica ao governo local. Esse discurso complementa o contradiscurso capitalista que denuncia as restrições e as repressões do sistema a que estão submetidos.

A ocultação do agente produtor da crise, no relato dos demais participantes, nos leva a inferir duas possibilidades: que os sujeitos são conscientes que a crise é produzida por agentes externos ou que eles não desejam se comprometer ao responsabilizarem o governo local.

Entretanto, conforme já expomos, as críticas ao governo bolivariano são válidas e precisam ser consideradas. Bello (2019) expõe, que existe intensa crítica ao governo de Maduro, inclusive por parte de chavistas na Venezuela, evidenciando as opiniões polarizadas e ramificadas em relação às decisões políticas no país. Há também muita crítica quanto às práticas

de repressão e contenção das massas e esses aspectos ficam evidentes nas narrativas dos dois participantes aqui mencionados.

A oposição aqui descrita se refere à situação social e política na origem do fluxo, embora compreendamos que as causas do colossal movimento de saída sejam complexas e plurais (Hoffmann, 2010). É fato que os venezuelanos se sentem compelidos a deixar seu país devido à falta generalizada de acesso a serviços básicos como alimentação, saúde e ao futuro sombrio que veem para si próprios e suas famílias (Caruso *et al.*, 2019), pois “a perda de poder de compra e o colapso dos serviços públicos são comumente identificados como a principal fonte desse sentimento de frustração e impotência” (Góis; Silva, 2021, p. 8).

No que se refere às marcas textuais, referentes ao discurso, os atores sociais indicam papéis ideologicamente polarizados. O ator social representado por ativação (eu), que expressa objetivamente sua participação em um evento de resistência, localiza-se em oposição ao ator social representado por funcionalização (polícia), que persegue, mata e produz ação investigativa efetiva sobre a vida dos opositores. No excerto onze, também, ocorre essa orientação discursiva, pois a polarização ideológica está entre o governo e o povo. O *governo* é um ator social representado por ativação, isto é, como forças ativas e dinâmicas em determinada atividade, e *o povo* é um ator social representado por passivação, pois é descrito como submetendo-se a determinadas atividades.

As estruturas textuais do excerto 9, – *Eu tinha participado em algumas revoltas [...]; [...] a polícia tinha levantado algumas coisas no meu nome, então, para eu não ser perseguida, como fizeram com algumas pessoas, era melhor eu sair do país, porque já tinham me pegado duas vezes[...]; eu perdi colegas que estavam comigo nas revoltas; Eles levavam e matavam e havia colegas que falavam para mim que era melhor sair do país;* e do excerto 13, – *Sai porque meu país está muito ruim, o governo lá não quer ajudar o povo e o povo sofre muito por causa governo de lá,* mostram as marcas ideológicas que são produzidas a partir dos papéis dos atores sociais. De um lado, o agente revolucionário, como aquele que expressa suas palavras de protesto ou insatisfação e, do outro, o governo e a polícia como agentes de repressão.

Portanto, nesses excertos, há demonstração da polarização entre a polícia e o povo bem como entre o governo e o povo. Além disso, seus atores dão margem à percepção de um processo discursivo vinculado a um contexto social mais amplo, como os efeitos colaterais de um panorama complexo de crise econômica e assimetrias de poder de ordem local e global.

O contexto social dessa polarização pode ser visualizado por meio do que descreve Fernández (2019) entre os anos de 2013 e 2017, quando os opositores ao governo lideraram diversos protestos violentos conhecidos como “guarimbas”, sendo os de 2017, de maior

impacto, porque se mantiveram os focos de violência, com o uso de armas de fogo e explosivos, por 100 dias, na cidade de Caracas e em outros Estados do interior do país.

Estes atos acarretaram um grande saldo de feridos e falecidos entre militares, militantes bolivarianos e militantes da oposição. Esse dado histórico nos mostra as tensões e os conflitos gerados pela tentativa de contenção das massas insatisfeitas (Fernández, 2019).

Um dos argumentos desse discurso se refere à crítica às ações abusivas dos militares. Uzcátegui (2020) menciona que todo o bolivarianismo foi marcado pela intensa presença militar e pelo governo. Conforme esse autor, a gestão de Maduro aprofundou este quadro compondo seu governo por membros das forças armadas, ou seja, ministérios, governos estaduais e municipais.

Bessa e Sato (2018) explicam que, para analisar discursos como representação de aspectos da vida social, é necessário examinar o contexto para chegar a uma conclusão, pois uma palavra ou frase pode remeter a um determinado discurso. Considerando essa premissa, o modo pelo qual o discurso da oposição política é articulado reflete os aspectos da vida social dos sujeitos, em seu contexto de origem, descrito por eles como um panorama de repressão político-militar, violência, insegurança, restrições de direitos, como instrumentos hegemônicos nas disputas pelo poder.

Esse discurso encontra eco nas palavras de Paez (2010, p. 5), sociólogo venezuelano, coordenador do *Proyecto Global de la Diáspora Venezolana*, quando afirma

los motivos de la migración venezolana, forzada y forzosa, son una mezcla producida por el deslave económico y la terrible inseguridad, permanente amenaza al más importante derecho de propiedad: la vida misma.

Contudo, o contexto local precisa ser visto sob a ótica mais ampla, ou melhor, no mapa das disputas geopolíticas internacionais. Vasconcelos e Santos (2021) colocam os venezuelanos e a Venezuela no mapa das controvérsias geopolíticas globais e analisam as sanções imperialistas sobre esse país, pois elas contribuem para a instabilidade econômica e social e, desse modo, para a insatisfação desta população.

No Quadro 23, a seguir, abordamos o discurso da migração forçada.

Quadro 23 - Discurso da migração forçada

Discurso da migração forçada			
Contexto global: Reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais como consequências das disputas geopolíticas internacionais por espaços de exploração de recursos.			
Recorrência	Marcas textuais	Estrutura interna	Nível macrossocial

Excertos 3, 4, 7 e 10		mundo interior	mundo exterior
3 <i>Chegou a um ponto que eu pensei, isso pode acontecer comigo, pode acontecer comigo, tenho que procurar uma medida de solução.</i>	- Ator social representado por ativação <i>tenho que procurar uma medida de solução</i> , por coação. Estruturas textuais: - ... <i>tenho que procurar uma medida de solução.</i>	Crenças e sentimentos que revelam a preocupação do que poderá vir a ocorrer. Medo, ansiedade e desamparo.	Ameaças sofridas pelo contexto, que a impulsiona a uma tomada de decisão.
4 <i>Tomamos a decisão de vir pela situação política do meu país, pela situação econômica.</i>	Ator social representado por ativação (<i>nós</i>) <i>tomamos</i> , movido por circunstâncias forçosas. Estruturas textuais: - <i>Tomamos a decisão de vir pela situação política do meu país, pela situação econômica.</i>	Pressão emocional que a leva a tomar decisões.	Insustentabilidade política e econômica na Venezuela que representam o motivo da ação de migrar. Mudança drástica na vida da família.
7 <i>Então nos restou a opção de vir, de migrar, tivemos que migrar e eu agradeço a Deus que nos permitiu chegar aqui no Brasil e bom, estamos fazendo a nossa vida aqui (Valência).</i>	- Ator social, representado por personalização (<i>nós</i>), envolve a coletividade e revela identificação social. Estruturas textuais: - <i>Então nos restou a opção de vir, de migrar, tivemos que migrar...</i>	Crenças que produzem efeito atenuante das dores da realidade e encobrem os mecanismos sociais de exclusão.	Impactos do processo e trânsito migratórios.
10 <i>A morte de meu irmão, foi uma das coisas mais fortes que eu vivi, tive que passar por muitas coisas. Fiquei muito traumatizado com isso, já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado... então decidi vir para cá.</i>	- Ator social representado por ativação (<i>eu</i>) <i>então decidi vir para cá.</i> Estruturas textuais: - <i>Fiquei muito traumatizado com isso, já que o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado... então decidi vir para cá.</i>	Trauma emocional pela perda trágica do irmão, preocupações, sentimentos de perdas, perda do irmão, da carreira profissional, da sua rotina, do seu território lar. Busca por estabilidade.	Impactos da instabilidade política, unida à crise econômica: insegurança pública, crimes, violência generalizada. Recessão econômica, hiperinflação.

Fonte: Elaborado pela autora.

O discurso da migração forçada reúne os excertos 3, 4, 7 e 10 para efeito de exemplificação. Esse discurso aparece como tema central nos enunciados, uma vez que os migrantes têm a intenção de explicar o motivo da migração. Por isso, afirmamos que todos os enunciados estão permeados pelo discurso da migração forçada, pois ele está operando no contexto vivido pelos sujeitos e, portanto, complementando outros discursos e, ao mesmo tempo, sendo composto por eles. Consideramos, nesta análise, que os outros discursos são as facetas deste e, por isso, vamos considerá-los como nuances de um mesmo discurso. Desse modo, juntos formam o discurso da migração forçada.

A condição forçosa, na identificação discursiva, confere um aspecto particular deste discurso, conforme os dados desta pesquisa. O aspecto coercivo das circunstâncias as quais o sujeito venezuelano está condicionado dá ao discurso essa singularidade, porém isso não significa que consideramos que não exista escolha ou decisão individual no ato de migrar. Concordamos com Leite e Castro (2021, p. 84), quando explicam que o processo migratório de alguma maneira preserva uma escolha individual, mas é um processo social e político concreto que está circunscrito no sistema capitalista, fazendo com que dinâmicas no interior destas questões sociais – guerras, desemprego, pobreza, destruição da natureza, entre outros – impilam as pessoas a se deslocarem em busca de sobrevivência.

Sobre os atores sociais, há marcas linguísticas da caracterização do migrante forçado. Os atores sociais, representados por ativação, segundo Van Leeuwen (1997), são caracterizados como forças ativas. Entretanto, há um aspecto revelador nisso, pois a agência por ativação, embora represente forças ativas, não é voluntária, mas forçosa.

As estruturas textuais em – *tenho que procurar uma medida de solução e tomar decisão de vir-; Tomamos a decisão de vir pela situação política do meu país, pela situação econômica-; Então nos restou a opção de vir, de migrar, tivemos que migrar-; [...] o mataram para roubar o carro, o mataram asfixiado[...] então decidi vir para cá* – produzem efeitos de sentido de falta de opção e indicam obrigação ou necessidade de reagir, isto é, buscar solução, nesses casos, é ir em busca da sobrevivência fora do país.

Esses eventos encontram correlação com o estudo de Penna (1998), que analisou as histórias de vidas de migrantes e mostrou que a experiência no lugar de origem é também marcada pela exclusão em relação ao sistema social, político e econômico vigente. Conforme a pesquisadora, “Por motivos diversos, os laços (redes de relações) com o lugar de origem já estão enfraquecidos quando a esperança – mesmo que ilusória – de uma vida melhor se sobrepõe à vivência do momento impelindo à migração” (Penna, 1998, p. 94).

Observa-se que as redes de relações dos migrantes em relação ao seu país já estavam fragilizadas por muitas rupturas, advindas de um contexto de muita insegurança social.

Dessa forma, a maneira pela qual o discurso da necessidade de sair do país é construído, representa mais que desamarrear laços e deixar algo para trás, simboliza a fuga da pobreza, da fome, da violência em busca da sobrevivência, sobrepondo-se ao apego pelas próprias raízes.

Notamos, portanto, que a agência por ativação, embora represente forças ativas, conforme se apresenta no Quadro 23, não é voluntária, mas impelida por circunstâncias críticas de vulnerabilidade.

Vasconcelos e Santos (2021) realizaram uma pesquisa com migrantes venezuelanos e concluíram que o tema alimentação foi o eixo condutor da análise, tendo em vista a sua centralidade nas narrativas e, por isso, um forte motivo da ação de migrar que colocou em movimento um volume expressivo de pessoas para reinventar suas vidas fora da Venezuela. Assim, entre um complexo de reivindicações, a busca por comida foi um tema recorrente. Em nossa análise, a falta de segurança foi outro aspecto que chamou a atenção, conforme discutimos adiante.

Mintz (2001) alerta que, por vezes, esquecemos que a fome é impositiva. Sendo assim, a condição de fome que ameaça sobremaneira não somente a qualidade de vida dos migrantes, mas a própria condição de existência (Vasconcelos; Santos, 2021) se torna uma imposição para a busca por sobrevivência. Podemos perceber, aqui, uma prática social na qual um discurso é produzido.

Por essa razão, os motivos explicados pelos participantes, como condição de saída do país em tom de denúncias do sofrimento, da opressão, da vulnerabilidade e da exclusão, na maior parte deles, podem indicar o discurso da necessidade e de sair do país por questão de sobrevivência, em outras palavras, existe uma força opressora que impele o sujeito a buscar solução e a única disponível é sair do país.

O discurso da migração forçada não é produzido exclusivamente pelos participantes desta pesquisa, mas é confirmado na voz de vários pesquisadores desta temática, como Góis e Silva (2021, p.7), quando explicam:

Esta não é, que fique claro, uma migração política. A Venezuela que foi durante todo o século XX um país de imigração, que acolheu milhões de migrantes com origem global, é hoje um país de ‘porta aberta’ de onde se sai *voluntariamente* numa *migração forçada*, numa das mais plausíveis análises.

Clochard (2007) também concorda com a descrição da migração venezuelana como um fluxo de circunstâncias opressoras que forçam sujeitos a uma migração. Ele explica que este processo é fortemente influenciado pela realidade social, política e econômica na origem. Isso se torna a condição principal para o deslocamento da população, que leva esse fluxo a ser considerado como migração forçada, de sobrevivência ou migração de crise. Paez (2010) afirma que os motivos da migração venezuelana, descrita por ele como forçada e forçosa, são uma mistura produzida pelo declínio econômico e a terrível insegurança, que constituem uma ameaça à vida. Leite e Castro (2021) entendem que a migração, também, é uma fuga. As autoras

sintetizam fatos históricos da Venezuela para evidenciar alguns dos fenômenos que culminaram na generalização das migrações ou da fuga como opção de sobrevivência única.

Muitos pesquisadores têm proposto que a complexidade do movimento migratório de saída da Venezuela e entrada nos países receptores gera uma série de questionamentos sociais e sociológicos. As causas deste movimento colossal de saída são complexas e plurais e não podem ser descritas em poucas linhas (Hoffmann, 2010). Esse movimento migratório tem múltiplos ângulos de análise potencial e sua complexidade não deve se esgotar no atravessamento de fronteiras (Baeninger *et al.*, 2021). Ainda, as causas desse movimento não podem ser respondidas apenas em artigos, mas podem e devem ser discutidas, estudadas, debatidas para serem capazes de gerar conhecimento científico sobre uma migração de larga escala no século XXI (Góis; Silva, 2021).

Assim, ao retornamos aos dados presentes no Quadro 23, as estruturas textuais apontam para as experiências dos sujeitos que estão relacionadas à descrição do seu mundo interior, afetado por preocupação do que poderá vir a ocorrer. Este estado interior inclui medo, ansiedade, desamparo, trauma emocional pela perda de familiares, perda da carreira profissional, perda da rotina, perda do território e do lar. Há, também, crenças que produzem efeito atenuante das dores da realidade e encobrem os mecanismos sociais de exclusão. No entanto, há uma busca por estabilidade fora do domínio do país. Esse estado interior é um aspecto que dá forma ao discurso da migração forçada.

Em relação a esse discurso, existe outro aspecto igualmente propulsor desse discurso, o mundo exterior do sujeito. Esse mundo está marcado pela insustentabilidade social e econômica; pelas ameaças sofridas pelo contexto, como insegurança pública, crimes, violência generalizada, recessão econômica, hiperinflação. Esses eventos que o impulsionam a uma tomada de decisão e que representam o motivo da ação de migrar.

Por essa razão, os aspectos do mundo interior e exterior do sujeito desta análise precisam ser vistos, para que possamos compreender como eles são produzidos e introduzidos numa prática social mais ampla (Fairclough, 2019).

Portanto, o discurso da migração forçada está inserido em um panorama de insegurança, vulnerabilidade e exclusão social, localizado dentro do sistema globalizante de uma economia neoliberal, marcada pela dinâmica de disputas internacionais por espaços de exploração de recursos, que geram movimentos e reconfigurações migratórias como consequência desse processo de nível global (Silva; Baeninger, 2021).

4.3.1.1.1 Aspectos teóricos dos discursos da migração forçada

Ao consolidar a identificação dos discursos existentes nos enunciados dos participantes desta pesquisa, consideramos o discurso da migração forçada um discurso que está presente nas falas de todos os participantes e que apresenta variações ou nuances em forma dos discursos do oprimido, da oposição política e do contradiscurso capitalista, pois, como vimos, estabelecem relação de complementariedade entre si, representando cada um, um aspecto a mais para o motivo da ação de migrar de forma coerciva.

Consideramos isso com base na teoria do discurso de Fairclough (2016), comentada por Resende e Ramalho (2019), o qual prevê a variação do discurso em estabilidade e escala, podendo gerar representações e articular-se e rearticular-se em textos por meio de relações dialógicas harmônicas ou polêmicas.

Nesta seção, nossa proposta é situar teoricamente os discursos que foram identificados na análise apresentada até aqui para definir os aspectos que embasam a compreensão do discurso para a sua configuração conceitual. Magalhães, Martins e Resende (2017) se apoiam na ênfase do discurso cunhada por Michel Foucault (1987) com quem se abriu uma nova abordagem nas investigações sobre conhecimento, poder e sociedade e a quem se atribui uma relevante contribuição para a perspectiva interdisciplinar no desenvolvimento da ADC. Tais contribuições são reconhecidas e referendadas por Fairclough (2016).

Portanto, situaremos o discurso da migração forçada do sujeito venezuelano nessa perspectiva teórica. Para isso, focalizaremos os aspectos elencados por Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 39-41):

a) O discurso relaciona-se com o conhecimento à medida que o constitui, pois, segundo Foucault (1987), os objetos de conhecimento não são produtos dados, algo existente *per si*, mas sujeitos a um processo de constituição e transformação em discurso. Verificando o discurso da migração forçada, nesta base conceitual, esse discurso é constituído a partir do conjunto de noções e experiências inerentes à realidade de determinado grupo. Os sujeitos venezuelanos participantes desta pesquisa, em um contexto histórico-social definido (a migração venezuelana atual) que, ao expressarem suas condições de existência, experiências e saberes, produzem suas percepções da realidade. Magalhães, Martins e Resende (2017) explicam que esse processo implica regularidades discursivas, regras que impõem limites, restrições na definição desse objeto e reporta-se a determinada formação discursiva. Tais aspectos também são observáveis no discurso da migração forçada venezuelana, pois apresenta as regularidades, os limites e as

restrições que giram em torno de determinada experiência (a migração), localizada em espaço e tempo específicos (a migração mais expressiva denominada “migração do desespero começa a partir de 2015 e se prolonga até os dias atuais (Paez; Penalver, 2017)). Ademais, isso está presente nos enunciados dos participantes e evidenciado nos temas “impelidos, coagidos, forçados a sair” devido a “circunstâncias adversas, opressoras, implacáveis, insustentáveis”, que influenciam as regularidades semântico-discursivas e léxico-gramatical desses enunciados. Reporta-se à formação discursiva, compreendendo que o discurso da migração forçada possui uma formação ideológica específica, pois se forma e resulta de determinadas relações de poder, passível de serem rearticuladas, bem como possui limites do que pode e deve ser dito. Por exemplo, nunca será dito, de forma consciente, que o governo revolucionário bolivariano incentivou a migração, pois isso seria contra a ideologia de luta e resistência bolivarianas.

b) Diferentemente da linguagem, o discurso deve ser visto, de acordo com a proposta de Fairclough, como a intervenção daquela na prática social. Discurso é, portanto, o uso social da linguagem. Tal perspectiva guarda distância daquela que considera a linguagem como resultado de uma apropriação individual, ou como reflexo de variáveis situacionais. Desse modo, o discurso da migração forçada do sujeito venezuelano é usado socialmente para intervir na prática social, tanto no contexto restrito como no amplo. Isso se verificará na análise interdiscursiva, na próxima seção, na qual o discurso venezuelano estabelece relações antagônicas com o discurso da globalização.

c) O discurso é linguagem na prática social, por isso: i) o discurso é um modo de ação – as pessoas agem sobre a realidade social e também a representam; ii) apresenta-se em uma relação dialética entre o discurso e os demais elementos da prática social; iii) a estrutura social é tanto uma condição quanto um efeito da prática social e do discurso, que sofre restrições da estrutura social. Para nós, o discurso da migração forçada está marcado por todos esses aspectos, pois os sujeitos utilizam a linguagem para representar seus modos de ação, que tanto influenciam o que expressam quanto seus dizeres influenciam a realidade vivida e levam a ações específicas, na medida em que a estrutura social é constituída pela prática social. Por exemplo, expressam sentimento de frustração e juízo de valor como consequência do que experimentam e aquilo que experimentam os leva a formular conceitos, crenças, decisões (de migrar, por exemplo) e expectativas sobre a realidade, que constroem o discurso.

d) Quando acentuamos os efeitos constitutivos do discurso, deve-se observar sua contribuição para a construção das identidades e relações sociais entre as pessoas e dos sistemas de conhecimento e crença. Tais aspectos são observáveis no discurso da migração forçada, pois as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças são constituídos a partir do discurso

que emerge de práticas sociais estabelecidas num contexto de mudanças, pressão, coação, renúncias, perdas, que vão dando forma a uma identidade fragmentada e fluida (Bauman, 2005) que se constitui a partir da influência do deslocamento forçado.

e) Três conceitos envolvem o discurso: 1. **Ordem do discurso** é o conjunto abrangente de práticas discursivas no âmbito de uma instituição ou de uma sociedade e o relacionamento entre elas. 2. **Formação discursiva**, na perspectiva de Foucault e Pêcheux, significa os limites do que pode e deve ser dito, suscitado em uma dada formação ideológica. 3. **O Processo discursivo** permite-nos ver como o discurso emerge em um processo histórico em que os diversos textos se sucedem, contribuindo com seu modo para esses movimentos de fixação, deslocamento e dominância de sentidos. O discurso da migração forçada emerge das práticas sociais relacionadas às reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais, como consequências das disputas geopolíticas internacionais (imperiais), por espaços de exploração de recursos, no sistema capitalista da globalização. Ao verificar os problemas inseridos nessa prática e as argumentações (**ordem do discurso**), que a sustentam, destacamos o discurso da globalização como uma dessas argumentações. Tais argumentações são confrontadas pelo discurso da migração forçada e suas variantes. Assim, para uso de um ou outro discurso e, conseqüentemente, para um posicionamento ideológico, existe o limite do que pode e deve ser dito (**formação discursiva**). A articulação e a rearticulação dos discursos, manifestados em diversos textos, no interior das práticas sociais, neste caso, as que envolvem a migração venezuelana, inserida nas estratégias imperialistas de reprodução hegemônica, fazem parte de um **processo discursivo**.

Outro aspecto relevante para uma sustentação teórica dos discursos identificados, é a consideração do discurso como prática política e ideológica, apontada por Fairclough (2016, p. 98-99):

O discurso como prática política não é apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder. Mantém ou transforma: Relações de poder e Entidades coletivas. Neste caso os discursos do migrante venezuelano e os discursos contra o migrante que se manifestam por meio dos diversos atores sociais, serão locais e/ou marco delimitador de embates entre população migrante x elite local, países do Sul-Global x países do Norte Global, socialismo x imperialismo;

O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma: Os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Este conceito é facilmente verificado, no que é relativo à migração venezuelana nos vínculos

dos discursos com a vida em sociedade e de embates entre sociedades periféricas e sociedades centralizadoras de poder.

Na próxima seção, abordaremos o contexto mais abrangente para percebermos os embates que envolvem questões como poder e hegemonia do imperialismo. Trataremos de focalizar os discursos analisados nesta seção e o discurso da globalização, tratado na seção 4.2.1, no interior de fenômenos sociais globais dos quais os mesmos discursos emergem, seguindo a análise interdiscursiva, sob as noções de hegemonia.

Nosso objetivo será discorrer sobre como os discursos se relacionam explícita ou implicitamente um com o outro, considerando que algumas dessas relações são de complementariedade e outras guardam relações antagônicas.

4.3.1.2 Análise interdiscursiva: os discursos e as práticas sociais das quais eles emergem

Após identificar e analisar cada um dos discursos que estão presentes nos enunciados dos participantes desta pesquisa, fica mais clara a estrita ligação entre o discurso e a realidade social. Assim, é pertinente destacar que os discursos consistem em modos de representar a realidade a partir de determinada perspectiva (Gonçalves-Segundo, 2018).

Nesta seção, apresentaremos a análise interdiscursiva à luz do contexto social global e globalizante do qual os discursos emergem, buscando colocar em evidência as disjunturas e as assimetrias de poder que fazem parte desse contexto.

Em relação à interdiscursividade, Fairclough (2001, 2003) estabelece que ela deve ser tratada à luz da combinação de diferentes discursos, considerando a complexidade das sociedades atuais e a multiplicidade de discursos que se diferenciam, se mesclam, modificando-se ou propiciando a criação de novos discursos. Em função dessa combinação entre os discursos, o teórico afirma que não existe discurso homogêneo. Bessa e Sato (2018, p. 154) complementam esses conceitos, explicando que

qualquer texto é constituído de diferentes discursos. Mesmo aqueles que aparentemente apresentam um único discurso guardam relação implícita com um outro, inclusive com discursos antagônicos. Eles existem nas relações das práticas sociais e dessa maneira coexistem, em uma perspectiva analítica, no campo discursivo – interdiscurso.

Desse modo, os quatro discursos identificados nos enunciados dos participantes desta pesquisa, a saber: o discurso da migração forçada, o discurso do oprimido, o contradiscurso capitalista e o discurso da oposição política estão interligados, complementando-se e mesclando-se e, ainda, guardam relações antagônicas com o discurso da globalização.

Na perspectiva analítica desta seção, agruparemos os discursos que se complementam de forma mais explícita a fim de estabelecer reflexões sobre essas interligações em seus aspectos sociais, relacionando-os com o discurso que estabelecem oposição com eles, localizando-os no contexto social abrangente que está regido por articulações de poder (hegemonias) e operações ideológicas.

No contexto social amplo, intencionamos focalizar os fenômenos sociais ligados à migração venezuelana, considerados aqui como mudanças decorrentes do processo de mundialização ou novo capitalismo, conhecido como globalização. Para tanto, convém conceituar alguns pontos.

Fairclough (2006) preconiza que a globalização é compreendida pela ADC na medida em que promove a mudança social e esse processo se relaciona ao conceito de hegemonia. O autor defende o conceito de hegemonia apoiado em Gramsci (1971) como

[...] liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. [...] Hegemonia é a construção de alianças e relações e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento (Fairclough, 2016, p. 127).

Dessa forma, a dominação em forma de alianças e relações de um grupo sobre outro não está baseada somente no uso da força, mas também no consenso. Segundo Fairclough (2016), essa dominação apresenta uma base instável e, nessa instabilidade, que a hegemonia é caracterizada. Assim, constrói-se a ideia de mudança que, por sua vez, origina a noção de luta hegemônica pelos pontos de instabilidade nas relações hegemônicas.

Para Gramsci (1971), o estabelecimento do poder passa por um processo de “universalização” de um interesse particular que só pode ser alcançado pelo domínio econômico, político e cultural por meio do poder ideológico⁴⁷, isto é, “a ideologia estabelece

⁴⁷Fairclough (2016, p. 122) define as ideologias como “significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”.

sentidos e representações que trazem vantagens para grupos específicos, contribuindo para que surjam ou se sustentem as relações de poder (Bessa; Sato, 2018, p. 125).

Nessas relações, o discurso tem o seu o lugar de destaque, pois a hegemonia e a luta hegemônica assumem a forma de prática discursiva em interações verbais a partir da dialética entre discurso e sociedade – hegemônias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso (Fairclough, 2016). Assim, “repetida e exaustivamente vivenciada em práticas distintas, sob diferentes formas de manifestação, a ideologia se naturaliza” (Bessa; Sato, 2018, p. 125).

Apoiadas nessas premissas, direcionamos nosso olhar para os discursos. O discurso da migração forçada, o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista relacionam-se diretamente, pois o discurso da migração forçada é formado a partir da opressão que se exerce sobre os sujeitos que produzem representações dessa condição ao falarem de seus infortúnios, ao denunciarem o sistema econômico vigente e ao descreverem os motivos pelos quais deixaram o país, em outras palavras, a opressão social, gerada pelas forças econômicas e políticas, impele à migração e produzem assimetrias e exclusão social.

Essa realidade encontra um quadro social que a sustenta. Os discursos do oprimido, da migração forçada, da oposição política e o contradiscurso capitalista são operacionalizados em práticas situadas no tempo e no espaço e remetem a práticas específicas (Bessa; Sato, 2018). Portanto, analisaremos as práticas situadas e as localizaremos em um nível global, desvelando as operações ideológicas e assimetrias de poder, considerando a migração venezuelana dentro dos processos recentes de mobilidade dos povos à luz das reconfigurações políticas e ideológicas travadas pela busca da supremacia, na geopolítica global.

Nesse sentido, Silva e Baeninger (2021) analisam as migrações internacionais contemporâneas da Venezuela para o Brasil desde a perspectiva das migrações Sul-Sul⁴⁸,

⁴⁸ Sul Global e Norte Global são expressões que aparecem com frequência nos textos acadêmicos, na mídia e junto aos movimentos sociais. Pino (2014) as define como “Expressão cunhada no final da Guerra Fria para fazer referência aos países e às sociedades em desenvolvimento do hemisfério Sul, bem como a outros localizados no hemisfério Norte, que possuem indicadores de desenvolvimento médios e baixos. Estes países são na maioria jovens nações africanas e asiáticas, mas também Estados latino-americanos independentes há mais de dois séculos.” (Pino, 2014, p. 57). O referido autor se baseia em Grovogui (2010) e Cairo e Bringel (2010) para explicar uma ampliação pertinente destes termos, a qual está relacionada à designação simbólica “O termo ‘Sul global’”. Esta é uma designação simbólica para denominar uma ampla gama de nações em desenvolvimento, diversificadas em suas histórias, origens e tradições, com múltiplos enfoques no que se refere ao poder, à cultura ou à identidade. O rótulo tem substituído e atualizado progressivamente a qualificação de ‘terceiro mundo’, no qual foram catalogados muitos países em desenvolvimento ao conquistar sua independência e inaugurar uma ordem internacional pós-colonial. O ‘Sul global’ foi também interpretado como ‘espaço de resistência híbrido’, menos dependente do ‘Norte global’. Este inclui agentes públicos e privados que ocupam ‘uma posição estrutural de periferia ou semiperiferia no sistema mundo moderno’. Esse espaço se encontraria em processo de articulação, e

tomando-as como um êxodo populacional permeado por reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais. Conforme vimos, o fluxo migratório originado na Venezuela com destinos a diversos países, principalmente na América do Sul, é a mobilidade humana mais expressiva das Américas na contemporaneidade. A Plataforma de *Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela* (R4V, 2023)⁴⁹, até maio de 2023, registra que cerca de 7,32 milhões de venezuelanos e venezuelanas são refugiados e/ou migrantes no mundo. Os autores trazem o debate na compreensão da gestão e seletividade das migrações venezuelanas, destacando a importância da apreensão da mobilidade da população do Sul Global para o entendimento sobre as relações entre o Estado-nação, os conflitos, as tensões econômico-sociais e ideológicas, bem como a hierarquia da geopolítica global.

Basso (2003) explica que as migrações no Sul Global se localizam na perspectiva dos movimentos migratórios internacionais que são reforçados pelas práticas anti-imigração no Norte Global. Essas práticas geram redes de deslocamentos e promovem a constituição de medidas migratórias em circulação entre as periferias do sistema econômico internacional.

Especificamente, sobre a migração venezuelana, Silva e Baeninger (2021) esclarecem que embora existam elementos específicos relacionados a esse fluxo, é preciso compreender a existência de características gerais que o vinculam a outras realizadas dentro do Sul Global. Os autores exemplificam com o caso de constituição de medidas migratórias, por países pertencentes ao próprio Sul, visando ao impedimento dessa circulação, inclusive, replicando as mesmas medidas do Norte na contenção e no uso de tecnologias para controle desses imigrantes e refugiados, embora se constitua um movimento entre as periferias do sistema econômico internacional.

A construção de barreiras – traço característico de perspectivas nacionalistas de tipo excludente por todo o mundo – não é a única característica, sendo acompanhada de outras dinâmicas capazes de definir um tipo de migração de natureza Sul-Sul (Silva; Baeninger, 2021, p.127).

seu denominador comum estaria representado pela vontade de construir uma ‘globalização contra-hegemônica’” (Pino, 2014, p. 57). Boaventura de Sousa Santos (2018) se refere ao termo como sinônimo de terceiro mundo, periferia ou mundo subdesenvolvido como também o compreende como um conjunto mais ou menos heterogêneo do ponto de vista cultural e político de países que compartilham uma posição estrutural de periferia ou semiperiferia no sistema mundo moderno. Em oposição, haveria o Norte Global, confirmando a tradicional diferenciação Norte-Sul, sendo incontestável que as duas regiões se constituem em meio a importantes processos de globalização. O autor utiliza os termos também para referir-se, de forma metafórica, ao sofrimento humano sistêmico causado pelo capitalismo global.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.r4v.info/es/document/r4v-america-latina-y-el-caribe-refugiados-y-migrantes-venezolanos-en-la-region-may-2023> Acesso em 12 de junho de 2023.

Essa prática excludente entre os países periféricos se torna um exemplo de como uma prática social de natureza nacionalista pode ser replicada ou reproduzida por meio de uma ideologia naturalizada ou automatizada, nos moldes do Norte Global. Pode, além disso, ser considerada uma faceta do projeto político de reestruturação da hegemonia centrada nos interesses da burguesia.

A construção de barreiras assume a forma de outras dinâmicas para manter os fluxos migratórios dentro dos limites periféricos do mundo. Neste sentido,

[...] boa parte dessas respostas a essa mobilidade provida pelos países da região possuem influência, recursos e interesses no Norte Global, os quais querem impedir a chegada dessas pessoas aos seus países. Quando se analisa a questão dos recursos de financiamento de tais ações, isto se torna evidente, principalmente por parte das organizações internacionais, com a presença de ações em toda região para o atendimento de imigrantes da Venezuela. [...] A maior parte desses recursos investidos são para ações determinadas, num processo que, com algumas ressalvas, pode ser visto como uma externalização de fronteiras do Norte no Sul Global (Silva; Baeninger, 2021, p.130).

Com base nessas afirmações, pontuamos que as dinâmicas do Norte Global, para manter um tipo de movimento migratório de natureza Sul-Sul, vão além das práticas anti-imigração, pois elas podem vir mascaradas de ajuda humanitária para controle das populações de migrantes e para que esses fluxos se mantenham à distância do Norte Global.

Nessa direção, Michel Agier (2006), antropólogo francês, analisa a associação entre a guerra e o humanitário como fatores indispensáveis à edificação social e moral do Império. O autor apresenta a intervenção americana no Afeganistão, em resposta aos atentados de 11 de setembro de 2001, como exemplo das ações de domínio e controle ao se referir às cenas dos aviões bombardeando o país em uma ofensiva e outros lançando víveres e medicamentos nas zonas bombardeadas, demonstrando “uma mão que fere e outra que socorre” (Agier, 2006, p.197).

O autor apresenta três elementos que constituem o humanitário como mão esquerda do império. O primeiro desses elementos é a aplicação de guerras aparentemente despolitizadas, sem enraizamento social, que tomam a população civil como refém, como alvo voluntário ou a atingem como efeito colateral. O segundo componente é o conteúdo da própria intervenção, na medida em que acompanha de perto as guerras, a violência, os conflitos, ele se apresenta como seu tratamento legítimo. Ao encarregar-se das vítimas, instaura, ao mesmo tempo, o controle e o cuidado. Sob esse aspecto os campos representam uma das múltiplas ramificações da sociedade de controle.

O terceiro componente é o isolamento. Os sítios humanitários, os campos de refugiados são um conjunto de espaços para manter refugiados “clandestinos” e indesejáveis à espera, em sobrevivência e sem direitos (Agier, 2006). Conforme Agier (2006, p. 201), “estes elementos parecem um eco perfeito da experiência dos campos de deslocados internos nos países do sul, dirigidos ou criados por ONGs internacionais. A estratégia que visa a privilegiar países ‘tampões’ para isolar e filtrar os ‘estrangeiros’”.

Quando se analisam as ações brasileiras de fronteira para receber os fluxos migratórios, especialmente, o caso expressivo do fluxo venezuelano, nota-se que o país se tornou um dos países-tampões no Sul Global para isolar e filtrar os estrangeiros dentro dos domínios do país para que não cheguem a “incomodar” o Norte Global, demonstrando a subserviência brasileira frente às ações hegemônicas burguesas internacionais.

Trata-se, também, de ação como parte da atenção aos interesses desses financiadores pela permanência dos venezuelanos longe de seus países do Norte Global, assim, as instituições são sempre “premiadas” pelas boas obras no Sul-tampão (Silva; Baeninger, 2021).

De tal modo, percebe-se o estabelecimento da hegemonia por alianças persuasivas e tendenciosas. Fairclough (2016) explica que os grupos dominantes exercem poder mediante a constituição de alianças, integrando e não simplesmente dominando os grupos subalternos e fazem isso em parte por meio do discurso e mediante a constituição de ordens discursivas locais.

Sob esses ângulos, a migração venezuelana se tornou uma espécie de maquete, na qual é possível visualizar a dinâmica das crises globais do sistema capitalista e suas contradições. Assim, para entendimento do movimento migratório Sul-Sul, ou seja, as migrações entre os países periféricos do mundo, é importante compreender a localização geopolítica no contexto da ação hegemônica dos Estados Unidos.

Leite e Castro (2021) dizem que sem o capitalismo global contemporâneo, com suas crises e contradições, não é possível compreender a Venezuela atual, com sua demografia política, entretanto, sem a Venezuela e seus migrantes, não é possível compreender o capitalismo global.

Para compreender melhor esse contexto, é importante situar os interesses hegemônicos norte-americanos. Durante a primeira década do século XXI, uma série de acontecimentos colocariam em questão a hegemonia imperial alcançada pelos Estados Unidos depois da implosão da União Soviética. De fato, a ascensão da China, a recuperação russa, as derrotas militares no Oriente Médio, a implantação da mobilização social e popular, assim como as vitórias eleitorais de projetos políticos progressistas e democrático-populares, em alguns casos com conteúdo anti-imperialistas em Nossa América como também a queda no crescimento da

economia mundial e o declive econômico interno, entre outros, expressaram os limites do pretendido domínio universal do imperialismo estadunidense, sua hegemonia apresentou tendências ao rebaixamento (Martín; Álvarez, 2020).

Fairclough (2016) explica que a hegemonia se estabelece sobre uma base instável, que o equilíbrio obtido por ela é precário e pode ser enfraquecido por outros grupos e fazem isso por meio de ordens do discurso, considerando que a prática discursiva se constitui numa constante rearticulação de elementos em termos de relações de poder, isto é, essas relações reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes.

Na crise econômica e financeira de 2008, evidenciou-se a natureza contraditória e instável do modo de produção capitalista e a incapacidade para encontrar respostas às necessidades emergentes da acumulação e da dominação política, próprios de um sistema violento, baseado no despejo, no desperdício e na exploração. Diante desses desafios, os Estados Unidos têm preparado uma contraofensiva nas últimas décadas, a fim de refazer a hegemonia fraturada e de recuperar as posições perdidas. Trata-se de uma política que conjuga a revitalização e atualização de seu conceito de dominação com a articulação e a coordenação transnacional das forças da direita por meio de certas estratégias (Martín; Álvarez, 2020).

Martín e Álvarez (2020, p. 10) relacionam tais táticas da seguinte forma:

[...] i. Uma estratégica recomposição da geopolítica continental, tendo em vista a continuidade e o fortalecimento dos projetos da direita que têm atuado nos governos e a revisão dos avanços progressistas ou democrático populares, apelando aos mais variados recursos (golpes, sabotagens, bloqueio econômico, manipulação midiática, coordenação diplomática, entre outros), o qual inclui o fim dos projetos políticos da Venezuela e Cuba; ii. A contenção dos projetos de mobilização e rebelião social e popular; iii. A limitação da crescente participação da China e da Rússia na economia e na política regional; e iv. A busca e reforço das garantias de acesso a recursos naturais (mineral e energético e de biodiversidade) e sociais estratégicos para a reprodução do modo de produção capitalista.

A essa lista se acrescenta o crescimento da militarização territorial (marítima, terrestre e do espaço aéreo) estadunidense, nos últimos anos, que tem ocorrido na região do mar do Caribe e no Pacífico Oriental, amparados na retórica da “guerra contra as drogas” no marco da denominada operação antinarcoóticos. Também se deu início à Assistência das Forças de Segurança (SFAB, sigla em inglês) com a presença das forças especiais do exército dos Estados Unidos no território colombiano. Esses dispositivos militares constituem uma clara ameaça à paz regional e à estabilidade dos processos da Venezuela, de Cuba e da Nicarágua (Martín; Álvarez, 2020).

De acordo com os autores, fica evidenciado que as migrações que ocorrem na América Latina estão inseridas no contexto desse projeto de recomposição da hegemonia imperial, ou seja, na fase superior do capitalismo, cujo processo de internacionalização é a globalização.

Contudo, uma vez que Cuba e Venezuela se constituíram em focos de maior atenção da política exterior dos Estados Unidos, especialmente, a Venezuela tornou-se alvo peculiar na América do Sul, pois, além da posição, simbólica ou direta, de crítica ao imperialismo, possui, de acordo com Garcia (2014), as maiores reservas de petróleo do planeta.

Neste sentido, em nosso estudo, é de suma importância localizar o petróleo como elemento central para o entendimento da situação da migração da Venezuela no tocante à configuração geopolítica e no contexto da ação hegemônica norte-americana. Por isso, vamos retomar este tema que já foi exposto na análise da conjuntura, contudo dando-lhe o foco apontado aqui.

Muitos autores, dentre eles, (Quintero, 1968; Santos, 2019; Gambina, 2020; Silva; Baeninger, 2021; Fenández, 2019; Vasconcelos; Santos, 2021; Leite; Castro, 2021; Alvarez *et al.*, 2021) afirmam que o processo migratório venezuelano está fortemente vinculado à crise petrolífera. Por isso, é imprescindível compreender qual o papel do petróleo como causa migratória.

De acordo com Vasconcelos e Santos (2021), a dependência da indústria extrativista acabou por condicionar toda uma demografia regional e, para Álvarez *et al.* (2021), os ciclos do petróleo são os indutores ou dissuadores de imigração e, atualmente, consideram a crise petrolífera como detonador principal da crise econômica e social e geradora do massivo fluxo emigratório. A partir dessa visão, conhecer os poderes internos e externos interessados nesse recurso e saber como atuam é uma estratégia para chegar ao entendimento dessa questão.

Vasconcelos e Santos (2021) demonstram, através de um estudo sociopolítico, que as políticas de desenvolvimento econômico na Venezuela sempre foram extremamente dependentes da exportação do petróleo, onde os ciclos históricos e alternantes de abundância e escassez que ocorreram, desde a década de 1970 até a atualidade, estão vinculados aos movimentos migratórios. Além disso, a centralização da produção petrolífera como a principal atividade econômica tornou a economia da Venezuela completamente dependente desta atividade. Assim, “O país exportava produtos primários e dependia da importação de bens de consumo de grandes potências econômicas, especialmente dos Estados Unidos (Vasconcelos; Santos, 2021, p. 31).

Fernández (2019), comunicólogo venezuelano, por meio de um estudo sócio-histórico sobre o petróleo e o neocolonialismo, explica que o século XX foi, definitivamente, o século

do petróleo, uma vez que, nesse período, a base do desenvolvimento industrial e tecnológico se sustentou sobre essa atividade econômica em torno da exploração petrolífera, a qual adquire uma importância estratégica na esfera da geopolítica.

Na instauração da primeira grande guerra europeia, segundo o mesmo autor, o petróleo se converteu no material estratégico para acionar o transporte como caminhões, tanques de guerra e aeroplanos. Desse modo, Venezuela abriu as portas às empresas petrolíferas tanto para as britânicas quanto para as estadunidenses, convertendo-se em uma fonte extrativista de vital importância para esses países industrializados e para as grandes refinarias internacionais que extraíam e processavam o petróleo cru dentro e fora do território.

A presença dessas empresas, sobretudo, norte-americanas, a centralidade econômica da exploração do hidrocarboneto, o papel do estado e o contexto jurídico criaram condições favoráveis para o desenvolvimento de uma dinâmica em torno da cultura rentista⁵⁰ com profundas implicações sociais, econômicas e políticas constitutivas, influenciando outros setores da economia que pautam as relações com o Estado e configuram subjetividades que naturalizam a dominação do modelo estadunidense (Fernández, 2019).

Desse modo, a cultura do petróleo é um sistema de vida global assinalado pelo atraso e pela dependência. As dinâmicas diversas que marcaram as lógicas de consumo e a produção da sociedade venezuelana foram influenciadas desde a instalação das empresas norte-americanas nos campos de petróleo desse país (Quintero, 1968).

A influência do petróleo sobre a agricultura, segundo Fernández (2019), foi devastadora, pois afetou as atividades agrícolas tradicionais, que abasteciam o mercado interno, e interferiu no crescimento da economia, que ocorreu em ritmo inferior, quando comparado com outros ramos da economia nacional. Além disso, houve estancamento do mundo rural no tocante à migração massiva do campo para as cidades. Por outro lado, a consolidação da atividade petrolífera favoreceu o estabelecimento de diversas empresas dos Estados Unidos que se apresentavam na condição de grupos monopólicos que acabavam controlando a vida econômica do país. A esse processo, o autor chama de colonização contemporânea e, apoiado em Brito (1967), diz que o país passou a se constituir no mais importante arsenal colonial do

⁵⁰ A Venezuela é um país de cultura rentista, isto quer dizer que no decorrer da história, desde as primeiras décadas do século XX, seu principal recurso, o petróleo, consideravelmente responsável por sua dinâmica social, gera uma renda que não tem contrapartida produtiva; ou seja, não é resultado do esforço de fatores de produção como trabalho e capital, mas da condição de proprietário da terra que o Estado exerce em nome da nação. Assim, a renda do petróleo, que não é produzida, mas capturada, pode ser identificada como uma transferência unilateral de recursos do mercado internacional de hidrocarbonetos para a economia nacional (Arenas, 2010).

imperialismo militarizado, sendo a sua primeira e mais estratégia razão, os compromissos adquiridos como provedor seguro de petróleo.

Essa realidade que andava de mãos dadas com o imperialismo vai mudar no final do século XX. A desigualdade era gritante, apesar da aparente estabilidade, com índices baixíssimos de acesso à educação e elevado índice de pobreza, de pobreza extrema, de subnutrição e de mortalidade infantil (Paiva, 2017). Dessa forma, o sistema é abalado por meio do histórico protesto denominado *Caracazo*, quando o povo saiu às ruas para se opor ao pacote econômico exigido pelo FMI aos moldes do Consenso de Washington, que incluía ajustes fiscais, privatizações de empresas estatais e enxugamento da máquina administrativa, ao que o governo rebateu com forte repressão militar, provocando um número elevado de mortes (Villa, 2005).

Após uma tentativa fracassada de golpe em 1993, encabeçada por Hugo Chávez, o presidente Carlos Andrés Pérez foi afastado do governo por corrupção e grande parte da população recebeu bem as iniciativas chavistas, fato que colaborou para a sua eleição como presidente em 1999 (Villa, 2005). No governo de Chávez, houve inúmeras reformas político-institucionais e, com o apoio popular e militar, nacionalizou-se o petróleo e realizou-se a demissão de aproximadamente 17 mil dos 42 mil funcionários da indústria petroleira e, em seu governo, foram criados programas sociais abrangentes com participação popular e presença militar, financiados com recurso do petróleo (Santos, 2019).

No plano internacional, a política bolivariana deu início a um processo de alianças econômicas, comerciais e políticas de caráter estratégico com países como a China e Rússia para fortalecer o mercado petrolífero e elevar os preços e animar processos de integração na região da América Latina e Caribe. Em 2004, o presidente Chávez se declarou anti-imperialista e afirmou o caráter socialista da Revolução Bolivariana (Fernández, 2019).

Assim, tais mudanças e reordenamentos sócio-políticos na região e, particularmente, na Venezuela, provocaram uma reação de confrontação por parte do governo dos Estados Unidos e, em 2015, Barack Obama decretou que a Venezuela representaria uma ameaça extraordinária para a segurança do país e, assim, impôs sanções econômicas e financeiras que foram reforçadas no governo de Donald Trump (Fernández, 2019). Sendo assim,

Cabe destacar, que un aspecto central de la política exterior estadounidense es la defensa y preservación del sistema de organización social capitalista, el cual está sustentado en la competencia en la consecución del otro es un sistema en el que la guerra es un rasgo inmanente y la contrainsugencia, aunque sea subliminal, es una marca permanente de su accionar pretendidamente disciplinador (Fernández, 2019, p. 193).

Essas sanções marcaram o início das grandes pressões políticas e econômicas ao governo venezuelano que segue no governo de Nicolás Maduro, que foi eleito em 2013 (Fernández, 2019).

Diante da considerável restrição de divisas, o governo recorreu ao corte de importações, que abala profundamente o consumo interno (Paiva, 2017). Generaliza-se a falta de alimentos, remédios e insumos médicos, as sanções não permitem nenhuma renegociação e o país chega à hiperinflação de média mensal de 62%, 80% dos domicílios tornam-se pobres e 10 milhões de pessoas vão à pobreza extrema (Leite; Castro, 2021).

No plano social, expressões de descontentamento por parte da população, conduzida pelos movimentos opositores, vão às ruas em forma de protestos violentos e, no âmbito econômico, com a queda dos preços do petróleo, a partir de 2014, o país sofre um grande impacto, devido à principal fonte de ingressos financeiros ser a renda petrolífera. No mercado interno, a população sente os efeitos da hiperinflação nos preços dos alimentos, nos serviços, na manipulação monetária, no contrabando de cédulas, e o efeito de um mercado paralelo acaba impondo uma dolarização à economia moderna (Fernández, 2019).

Essa síntese sobre o contexto da crise econômica estrutural na perspectiva da estrita dependência do petróleo foi necessária para compreendermos a vinculação desse fato com a migração.

Em relação a essa vinculação, Leite e Castro (2021), em seus estudos sobre a migração venezuelana, explicam que a extrema dependência da economia do recurso natural exportável, o dinamismo quase nulo do setor privado não petrolífero, a alta dependência de importações, o caráter deficitário da gestão fiscal e os elevados gastos com a administração pública sustentam as discussões sobre os pressupostos desenvolvimentistas e industriais. As autoras, concordando com Beluzzo (2012) e Paulani (2017), discutem que, na maior parte das vezes, os argumentos do mercado financeiro revelavam que o rentismo não foi somente dos governos bolivarianos, mas, sim, do capital financeiro, que intermediava a indústria de petróleo por meio do endividamento, apesar da produção ter sido nacionalizada.

Leite e Castro (2021) comentam ainda que o declínio da produção industrial se relaciona com o processo contemporâneo de mundialização e financeirização da economia, que atualiza uma história de dependência, sendo de fato o responsável pela regressão produtiva e reprimarização. Essa leitura das autoras considera que o capital financeiro mina o desenvolvimento do capital produtivo ou o explora, impondo uma dinâmica de apropriação pelas finanças do centro da produção de riqueza das periferias.

Kurz (2014) chama esse fenômeno de processo mundial de ficcionalização do capital, caracterizado pela crise fundamental que abrange a produção capitalista, isto é, níveis cada vez mais elevados de produtividade promoveram expulsão relativa e absoluta do trabalho vivo do processo produtivo tornando a reprodução do capital dependente de forma estrutural de montantes cada vez maiores de crédito, em um processo de autonominação entre o dinheiro e a riqueza socialmente produzida, que ficcionaliza a reprodução do capital.

Gambina (2020), professor argentino e pesquisador na área de economia política, explana que desde 2015 os Estados Unidos recuperaram seu caráter de primeiro produtor mundial de petróleo, sobre a base de produção de hidrocarbonetos não convencionais. Trata-se de um petróleo com elevado custo de produção, apenas possível de ser subsidiado pela indústria americana que emite a moeda mundial e tem a capacidade de se endividar na sua própria moeda, o dólar.

Diante do abastecimento de hidrocarbonetos alcançado e suas reservas estratégicas reestabelecidas, o objetivo estadunidense continua sendo o acesso ao petróleo barato em sua proximidade geográfica. Assim, Venezuela e seu petróleo constituem um objetivo de primeira ordem para esse país. Há uma pressão em dose dupla: por um lado, o petróleo e, por outro, o caráter anticapitalista, formulado como aspiração sociopolítica das autoridades venezuelanas, ambos aspectos jogam na ofensiva estadunidense contra o governo venezuelano (Gambina, 2020).

Devido à recessão mundial, os Estados Unidos têm lidado com uma elevada armazenagem de hidrocarbonetos. Isso contribui para o rebaixamento do preço internacional, além disso, uma sobreprodução global de combustíveis dos concorrentes dificulta a possibilidade de equilibrar o processo de produção e circulação de hidrocarbonetos. Essa combinação de fenômenos na conjuntura levou o petróleo a cotizar no negativo nos mercados, algo impensado na história do capitalismo (Gambina, 2020).

O referido autor explica que a queda da demanda mundial de hidrocarbonetos é o resultado em parte da recessão provocada pela pandemia do coronavírus, mas também do processo de desaceleração da economia mundial que se arrasta desde a grande recessão de 2009, o que causa um pobre crescimento da economia mundial. O autor relembra ainda que, desde o final dos anos 60 e começo dos anos 70, o petróleo está no centro da crise mundial capitalista e, por isso, não é de admirar que para a sua superação foi necessária a militarização e a ofensiva do capital contra o trabalho, os bens comuns e a sociedade. A exemplo, cita a ofensiva militar nos territórios de petróleo no Oriente Médio e as políticas neoliberais que se impuseram sobre

a base do terrorismo de Estado na América do Sul, com ditaduras genocidas e violência contra as organizações populares (Gambina, 2020).

O neoliberalismo na América do Sul foi o nome da identidade da ofensiva capitalista tomado como um grande ensaio, depois consolidado nos países desenvolvidos nos fins dos anos 70 e começos dos anos 80 do século XX, para se estender em todo o planeta até a recente crise de 2007-2009 (Gambina, 2020).

Gambina (2020) opina que, atualmente, a realidade mundial é de desordem, com disputas pela hegemonia e com ameaça à paz. A guerra desatada pelos Estados Unidos contra China e as sanções unilaterais contra esse país, ou contra a Rússia, Irã, inclusive, Cuba e Venezuela entre outros, constitui a antessala de anúncios perigosos sobre a paz mundial. Podemos dizer que se trata de petróleo, por um lado, mas, por outro lado, de um projeto civilizatório de sustentamento do capitalismo.

A partir dessa visão, compreendemos que a migração venezuelana se localiza dentro de um contexto econômico global, onde o petróleo se configura como agente de mudança pela carga hegemônica que lhe é atribuído na fase superior do capitalismo. Por isso, a migração venezuelana se insere num conjunto de crises globais do sistema capitalista. Nesse sentido, a crise na Venezuela não pode ser atribuída unicamente às decisões locais deste país, mas é um reflexo da crise do capital e a demanda imperialista por espaços de exploração. Nesse contexto, o discurso da migração forçada, que carrega dentro de si os demais discursos, o do oprimido, da oposição política e o contradiscurso capitalista, constitui realidades e é constituído pela realidade, pois

o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente o moldam e o restringem [...] é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (Fairclough, 2016, p.95).

Dessa maneira, os discursos aqui destacados compõem modos de representação da realidade e revelam nuances do processo social do fluxo migratório venezuelano nas suas condições locais e globais, assim como o movimento migratório possui conexão com os interesses de recuperação da hegemonia imperial dos Estados Unidos. Igualmente, os discursos da migração forçada e suas variações vinculam-se por oposição ao discurso da globalização, no mesmo contexto, mas, de diferentes formas de relações políticas, ideológicas e hegemônicas. Desse modo,

diferentes discursos estão relacionados a diferentes posições de pessoas no mundo e a diferentes formas de relações entre pessoas. Dessa forma, as disputas por poder, dominação, competição, cooperação, desejo de mudança são recursos discursivos socialmente diferenciados (Bessa; Sato, 2018, p.153).

Nessa esteira, os discursos do sujeito venezuelano, que aqui estamos considerando, estão conexos a essas interligações políticas, ideológicas e hegemônicas e são resultantes dessas práticas.

Logo, para realizar a análise desses recursos discursivos, temos de considerar que os discursos são constituídos de diferentes discursos, ainda que aparentem apresentar um único discurso, possuem relação implícita com um outro, inclusive, com discursos antagônicos e existem nas relações das práticas sociais e coexistem, em uma perspectiva analítica, no campo discursivo – interdiscurso (Bessa; Sato, 2018).

Nesse bojo teórico, procederemos a análise interdiscursiva, apresentando as relações e vínculos entre os discursos destacados dos enunciados dos participantes e o discurso político da globalização. Consideraremos também o que preconiza Barros (2015, p. 92) “Ao analisar um texto (oral ou escrito), é preciso considerar as relações de poder existentes, isto é, se elas estão sendo reproduzidas, reestruturadas no discurso ou se elas estão sendo desafiadas”.

Para tanto, nossa análise estará ancorada, principalmente, nas teorias de Santos (2001), Bauman (2005) e Fairclough (2006) para retomarmos as características do discurso político da globalização nos seus principais aspectos e para fundamentar o diálogo em torno do interdiscurso e das práticas sociais específicas.

Como vimos, a globalização, conforme Fairclough (2006), é um construto do discurso e não apenas uma faceta desta e, por sua vez, numa perspectiva dialética, o discurso é o construto social da globalização. Nessa esteira, Santos (2001), entre vários aspectos, caracteriza esse fenômeno, localizando-o no tempo e espaço, como uma ação humana mundializada a partir dos últimos anos do século XX. Para Santos (2001), a globalização é uma ação humana, para Fairclough (2016), o discurso é um modo de ação, o que corrobora para a visão dialética do discurso da globalização.

Santos (2001) apresenta as bases do sistema ideológico da globalização que justifica as ações hegemônicas e leva a percepções fragmentadas: a dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, que intimamente relacionados, buscam conformar as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. Além disso, a globalização, conforme o autor:

a) unifica o mundo, em um discurso único, em virtude das novas condições técnicas, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa;

b) apresenta a competitividade sugerida pela produção e pelo consumo como fonte de novos totalitarismos, de uma violência estrutural e de uma perversidade sistêmica;

c) acarreta um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e com agravos à sua soberania;

d) amplia o papel político das empresas na regulação da vida social.

Fairclough (2006) apresenta as características do discurso do globalismo ou discurso político da globalização que encontram relação paralela aos aspectos da globalização apontado por Santos (2001). Para Fairclough (2006):

1. A globalização é um processo sem agentes, é um sistema tão perverso quanto abstrato;
2. O discurso do globalismo constitui a globalização;
3. O discurso do globalismo oculta o processo neoliberal;
4. O discurso da globalização apresenta os países como incapazes e desprovidos de tratar a pobreza, sendo a globalização a única solução;
5. O discurso do globalismo legitima as políticas não populares e usa estratégias de implementações às propostas neoliberais.

Com base nas práticas sociais elencadas e no contexto político e econômico que vimos nesta pesquisa, os discursos do sujeito venezuelano, destacados, se relacionam com o discurso da globalização de forma antagonica, travando confronto ideológico e evidenciando relações de poder, pois:

- o discurso do oprimido revela as mazelas do sistema capitalista e as ações imperialistas e, também, denuncia a forma como geram, intencionalmente, a pobreza, a violência social e violência estrutural e expõe a sociedade à barbárie desmedida;
- o discurso da migração forçada denuncia e revela a centralização das empresas na regulação da vida social, quando essas abandonam o país, como estratégia ou como resultado de imposição de bloqueios da ação imperialista, ocasionando a expulsão de pessoas que são obrigadas a buscar, em outras localidades, quem possa comprar sua força de trabalho; revela, também, num contexto mais amplo, o processo de migrações pelo mundo como parte dos efeitos colaterais de um mercado financeiro que existe em função do acúmulo de capitais e que produz um processo de contínua exclusão para a reprodução de sua hegemonia;

- o contradiscurso capitalista denuncia e revela que a economia capitalista no seu estágio mais avançado produz a pobreza estrutural e pessoas rejeitadas por serem desnecessárias ao funcionamento do ciclo econômico. Desvela, também, a perversidade sistêmica nas formas de desigualdade econômica, que leva os membros de uma mesma sociedade à barbárie em forma de violência, roubo, assassinatos, delinquência, corrupção, seguindo o instinto da sobrevivência.
- Discurso da oposição política revela a contradição e a farsa da unificação do mundo. Nesse sentido, Venezuela se torna um exemplo do que ocorre com uma nação que se opõe ao imperialismo capitalista, porque fica demonstrada a face de um sistema perverso, que impõe sanções orquestradas para o colapso local e sofrimento social, restando ao Estado local o papel de contenção das massas oprimidas e revoltadas pelo agravo das condições a que são submetidas.

Podemos perceber que o confronto ideológico é travado no campo discursivo, os discursos apontados existem nas relações das práticas sociais situadas no tempo e no espaço, ou seja, integram o quadro social que os sustenta. No que se refere ao embate discursivo, nesta pesquisa, temos as seguintes relações interdiscursivas:

1. **A globalização é um processo sem agentes, é um sistema tão perverso quanto abstrato.** Bauman (2005, p. 58) descreve esta “sociedade” como “não-localizável” por sua atitude evasiva, versátil e volátil, possui movimentos imprevisíveis e desorientadores, apresenta agilidade de ilusionista e habilidades que desafia expectativas e volta atrás nas suas promessas. Assim, a globalização é apresentada por Bauman como um organismo vivo, contudo, é notório que o autor esteja se referindo aos atores globalistas.

Esse discurso apregoa que, para os efeitos do projeto globalista/imperialista, não há responsáveis, os fatos ocorrem como fenômenos aleatórios e sem agentes. Ademais, por aproximação, a migração ocorre como um movimento natural que depende das decisões dos próprios envolvidos. Sobre este mesmo pensamento farsante, Leite *et al.* (2020) considera que a visão dominante na sociedade e, possivelmente, entre os próprios migrantes, sobre o ato de migrar, é de positividade, com base em uma promessa de progresso pessoal, já que a escolha partiria de um balanço entre os prós e contras do deslocamento em busca das melhores condições de trabalho, de renda ou de vida. A migração daria para o indivíduo a oportunidade de exercer sua liberdade em busca de melhoria ou benefícios, em outras palavras, migrar seria um investimento para o alcance de bons resultados.

Esse discurso contrapõe-se ao **discurso da migração forçada** identificado nas falas dos participantes desta pesquisa. De acordo com Gaudemar (1977), desconsidera-se a coação

como base central da mobilidade, porque as pessoas desenraizadas são, em grande medida, submetidas a arranjos de exploração e exclusão ou culpabilizadas, se não alcançarem seus objetivos. O autor também explica que o migrante é uma pessoa expropriada dos meios de produção ou de sobrevivência. Dessa forma, a reprodução desses despossuídos passa a depender fundamentalmente da venda de sua força de trabalho, produzindo-se a mobilidade do trabalho. Para essas ações, existem agentes, existem atores globais empenhados em seus projetos neoliberais e imperialistas e os mesmos efeitos, como os apresentados, de suas ações, evidenciam essa realidade.

2. O discurso do globalismo constitui a globalização, que por sua vez o constrói.

Santos (2001) explica que a globalização se assenta sobre um sistema ideológico com um discurso único de justificação das ações hegemônicas, operacionalizado pelo do império das fabulações e percepções fragmentadas. Apoiando-se nesse pensamento, o discurso globalizante possui a mesma base ideológica, em outras palavras, esse discurso procura defender e mascarar as ações imperialistas e justificar o sistema neoliberal por meio de argumentos pífios que leva a uma percepção turva da realidade.

Santos (2001) explica que as bases materiais e históricas dessa mitificação estão na realidade da técnica⁵¹ atual, na qual poderíamos incluir a tecnologia. Segundo o autor, a técnica se apresenta ao homem comum como um mistério e uma banalidade, que é mais aceita do que compreendida. Tudo parece depender dela e se apresenta como uma necessidade universal, dotada de uma força quase divina, alicerçada nas suas relações com a ciência. Por considerá-la indiscutível, os homens acabam se rendendo, sem buscar entender a técnica, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério.

A união do sistema empresarial com os sistemas técnicos com seu imaginário para produzir a atual globalização aponta-nos para formas de relações econômicas implacáveis. É uma forma de totalitarismo muito forte e insidiosa, porque se baseia em noções que parecem centrais à própria ideia de democracia – liberdade de opinião, de imprensa, tolerância – utilizadas exatamente para suprimir a possibilidade de conhecimento do que é o mundo (Santos, 2001).

A esse discurso contrapõe-se **o discurso da migração forçada** em todas as suas nuances, ou seja, na forma dos demais discursos dos migrantes, aqui elencados, porque expressa

51 Para o autor, a técnica compreende “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio” (Santos, 2002, p.28-29).

a migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições para a demonstração ao mundo do que de fato produz tal projeto e o que resulta deste sistema para os periféricos. Revela, também, tanto no contexto restrito como no mais amplo, o processo de exclusão e de fluxos pelo mundo como parte dos efeitos colaterais de um mercado financeiro que existe em função do acúmulo de capitais e que produz um processo de contínua eliminação e despejo para a reprodução de sua hegemonia.

3. O discurso do globalismo oculta o processo neoliberal e o discurso do oprimido a revela e, dessa forma, estabelece relação de oposição. Para Fairclough (2006), a construção discursiva da globalização favorece a ocultação do processo neoliberal, baseado na formação de mercados globais, que interligam e disseminam as visões particulares de um grupo sobre outros, disfarçado de uma democracia ocidental, com base em estratégias comerciais de oferta e procura.

Assim, a proposta neoliberal defende uma suposta liberdade, a livre iniciativa e livre concorrência com a diminuição do papel do Estado. Na base dessa liberdade capitalista, Santos (2001) fala de uma competitividade como um dos baluartes do capitalismo que comanda formas de inação e gera individualismos na vida econômica, na ordem política, na ordem do território, na ordem social e individual, que acabam por constituir o outro como coisa, o abandono da noção e do fato da solidariedade e daí sobrevivem todas as novas formas perversas de sociabilidade.

Outro elemento da liberdade mercadológica, segundo Santos (2001), é o consumo produtor de narcisismos. Por meio dos seus estímulos estéticos, morais e sociais, alcança e envolve a todos. Assim, “consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão de mundo” (Santos, 2001, p. 49). O autor comenta ainda que esse sistema mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si, como se voltássemos a ser animais de selva, pois a noção de moralidade pública é reduzida, ou seja, seu valor não tem significado. Nesse mesmo pensamento, Bauman (2005) descreve a produção da subclasse, que emerge desse contexto. Para ele, são pessoas que tiveram o seu “*bios*” (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a “*zoe*” (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas). Além disso, outras categorias que encontram o mesmo destino, diz o teórico, são os refugiados, os desterritorializados, num mundo de soberania territorialmente assentada.

A ideologia da livre concorrência neoliberalista envolve o mercado global. Neste sistema, segundo Santos (2001), a política é feita no mercado, cujo atores são as empresas

globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas, pois no mundo da competitividade, conforme essa visão ideológica, ou se é cada vez mais individualista, ou se desaparece, mas se o Estado não pode ser solidário e a empresa não pode ser altruísta, a sociedade como um todo não tem quem a valha. Logo, decreta-se a morte da “política”, em outras palavras, o Estado mínimo.

Desse modo, o **discurso do oprimido** se opõe ao discurso do globalismo, que procura disfarçar ou transvestir a proposta neoliberal como algo necessário ao desenvolvimento econômico das sociedades. No discurso do oprimido, não há disfarce, não há dissimulação, a vida sofrida é a própria demonstração das contradições e farsa desta proposta. O oprimido traduz à sociedade as consequências desse nefasto projeto neoliberal e expõe as mazelas do sistema capitalista e as ações imperialistas que geram, intencionalmente, a pobreza, a violência social e violência estrutural e expõe a sociedade à barbárie desmedida.

4. **O discurso da globalização apresenta os países como incapazes e desprovidos de tratar a pobreza, sendo a globalização a única solução.** Santos (2001) diz que todos os dias escutamos este discurso, para nos fazer crer que deve haver menos Estado, a base essencial desse discurso é o fato de que os líderes da globalização necessitam de um Estado flexível a seus interesses, com as privatizações, pois o capital se tornou devorador, guloso, exigindo sempre mais e não renunciando a nada. O autor explica que a instalação desses capitais globalizados supõe que o território se adapte às suas necessidades de fluidez, investindo pesadamente para alterar a geografia das regiões escolhidas, de tal modo, o Estado acaba por ter menos recursos para as ações sociais, sobretudo, porque o Estado financia as empresas estrangeiras candidatas à compra do capital social nacional. Assim, o Estado se omite ou se ausenta quanto ao interesse das populações e se torna mais rápido, mais forte, mais presente ao serviço da economia dominante (SANTOS, 2001). Mas, o que pode ocorrer quando o Estado se propõe a inverter essa lógica, estando inserido nesse sistema? Podemos exemplificar com o que ocorre na Venezuela. Ao estudarmos, numa visão crítica, sua história e analisando os episódios nos quais o Estado venezuelano esteve à mercê dos interesses imperialistas e os casos quando esteve em oposição a estes interesses, pudemos ver como funciona esse Estado. Assim, o **discurso da oposição política** que se constitui, nesse contexto, pode manter relações antagônicas, porque fica demonstrado a face de um sistema perverso, que impõe sanções orquestradas para o colapso local e sofrimento social. Por essa razão, o Estado se torna mínimo, em outras palavras, limitado, numa situação ou noutra. Ou está limitado, quando se submete a esse sistema em posição de subserviência aos interesses dominantes ou é limitado à força por meio dos bloqueios econômicos impostos pelos detentores do poder do capital. Neste último

caso, ao Estado resta o papel de contenção das massas oprimidas e revoltadas pelo agravo das condições a que são submetidas. De qualquer modo, os países são representados como insuficientes, incapazes e necessitados de recursos ante o aumento da pobreza, a não ser por propostas ineficazes de inclusão social (Fairclough, 2016).

5. O discurso do globalismo legitima as políticas não populares e usa estratégias de implementações às propostas neoliberais. Fairclough (2006) explica que neste patamar a globalização dá fluidez ao abuso de poder e à corrupção das políticas locais para legitimar políticas não populares como, por exemplo, a retirada de direitos trabalhistas ou previdenciários, para isso, utiliza o discurso fatalista da primazia da economia sobre o indivíduo, bem como narrativas e estratégias retóricas para a formação da ideologia da globalização.

Na mesma esteira, Santos (2001) explica que devido à ausência deliberada do Estado de sua missão social de regulação e, ao mesmo tempo, a atuação intensa da produção das dívidas sociais (perda de direitos, diminuição dos salários, expansão do desemprego, redução do valor do trabalho) por parte dos atores globais, ocorre uma produção maciça da pobreza em todo o mundo, uma pobreza estrutural globalizada, resultante de um sistema de ação deliberada, que surge, impõe-se.

À estratégia do discurso globalizante cabe o papel de explicá-la como algo natural e inevitável, porém é uma pobreza produzida, politicamente, pelas empresas e instituições globais. Essas, ocasionalmente, pagam para criar soluções parcializadas, como é o caso do Banco Mundial, que, em algumas partes do mundo, financia programas de atenção aos pobres, querendo mostrar atenção aos desvalidos, quando, na verdade, é o produtor da pobreza (Santos, 2001), como disse Agier (2006, p. 197), as mãos do império são “uma mão que fere, a outra que socorre”.

Bauman (2005) explica que a globalização nesse nível a que chegou de expansão da economia capitalista, finalmente, emparelhou-se com a amplitude global da dominação política e militar e, assim, passou a produzir “lixo humano”, “pessoas rejeitadas” – pessoas não mais necessárias ao funcionamento do ciclo econômico e, portanto, de acomodação impossível e incompatível com a economia capitalista. Para o teórico, esse estágio do capitalismo está mudando de exploração para exclusão e essa exclusão é mais do que a exploração apontada por Marx. Hoje se evidencia a polarização social, o aprofundamento da desigualdade e o aumento do volume de pobreza, de miséria e de humilhação.

Ao discurso do globalismo que se utiliza de estratégias para legitimar a política econômica neoliberal se opõe o **contradiscurso capitalista**, pois este pode revelar, por meio

da experiência própria de seus produtores e, naquilo que apregoa, que a economia capitalista no seu estágio mais avançado produz a pobreza estrutural e pessoas rejeitadas por serem desnecessárias ao funcionamento do ciclo econômico. Assim, como pode desvelar a perversidade sistêmica nas formas de desigualdade econômica, que leva os membros de uma mesma sociedade à barbárie em forma de violência, roubo, assassinatos, delinquência, corrupção.

Finalmente, a análise interdiscursiva que aqui apresentamos demonstrou que há um problema social a ser combatido o desconhecimento das práticas sociais nas quais a migração venezuelana está inserida e, igualmente, há uma prática discursiva a ser confrontada e rearticulada a manipulação ideológica dominante que se manifesta por meio do discurso globalizante elitista que produz a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano. Tal discurso é produzido no interior de uma ordem de discurso que compreende o contexto, a força, quase irresistível e farsante, da globalização.

A esta prática discursiva contrapõe-se o discurso da migração forçada em todas as suas nuances, ou seja, o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista, porque expressam a condição do migrante e da migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições. O discurso da migração forçada revela a Venezuela como um exemplo, de onde se extraem e visualizam-se os efeitos sórdidos da ação imperialista, que age no afã de sustentar a sua hegemonia. Logo, os discursos produzidos pelo migrante venezuelano manifestam as condições de produção dos fluxos migratórios pelo mundo, desvelam a opressão desenfreada, produzida para fins específicos e surgem de uma

crise fundamental da produção capitalista e suas múltiplas expressões, que produz permanentemente massas de seres humanos considerados supérfluos e que se veem impelidos a migrar não só na Venezuela, mas em uma infinidade de outras localidades (Leite; Castro, 2021, 88).

Nessa direção, Kurz (2014) comenta que a escolha individual está conectada a uma dimensão estruturalmente violenta e, por isso, perde o sentido diante da crise da reprodução social, quando vender a sua força de trabalho vai progressivamente se tornando mais difícil, considerando a produção de uma população tornada supérflua diante das necessidades do capital ficcionalizado. Logo, tais efeitos desvelam as fabulações e percepções fragmentadas sobre as reais intenções e ações globalistas.

De modo geral, por trás de todos esses discursos, a crise migratória da Venezuela produz fragilidades expostas pelo discurso dos venezuelanos, na sua condição física e mental.

No próximo capítulo, procuraremos partir dos discursos articulados, para compreendê-los como relações dialéticas e como modo de prática política e prática ideológica com o objetivo de refletir sobre as mudanças nas relações desiguais de poder e as mudanças na forma de luta social.

CAPÍTULO V

POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DAS SITUAÇÕES-LIMITE E CAMINHOS PARA O INÉDITO-VIÁVEL

Este capítulo corresponde ao terceiro e ao quarto passo do enquadre metodológico da ADC (Chouliaraki; Fairclough, 1999). O terceiro passo será desenvolvido na seção 5.1, que está direcionado para a “*função do problema na prática*”⁵², cujo foco da análise é “verificar se há uma função particular para o aspecto problemático do discurso, ou seja, para além da descrição dos conflitos de poder em que a instância discursiva se envolve, deve-se avaliar sua função nas práticas discursiva e social” (Resende; Ramalho, 2019, p. 36).

Ainda, falaremos sobre a prática ideológica da inferiorização do migrante, nos modos como ela promove os processos de naturalização e reprodução das ideologias dominantes, por meio de práticas sociais e discursivas.

Por conseguinte, a seção 5.2 se refere ao quarto passo, do enquadre metodológico da ADC, que apresentará “os possíveis modos de ultrapassar os obstáculos, cujo objetivo é explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, por meio das contradições das conjunturas” (Resende; Ramalho, 2019, p. 37).

Para tanto, estabeleceremos diálogo com Freire (1987) para falarmos sobre as possibilidades do discurso como lugar de luta e como caminho para o inédito-viável, pois representam formas de caminhar para a superação da imposição da condição de inferioridade simbólica e submissão do migrante ao sistema vigente.

Em continuidade, na seção 5.2.1, apresentaremos o Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”, que pertence ao Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia, como exemplo de possibilidades concretas, uma vez que as ações realizadas pelo programa podem contribuir com o processo de mudança, por meio de articulações educativas e políticas.

5.1 As situações-limite: práticas ideológicas que sustentam a prática ideológica da

⁵² Conforme visto na introdução deste trabalho e na Análise da prática particular (4.2.1), o problema de pesquisa do qual partimos para realizar o aprofundamento teórico é a prática ideológica de inferiorização simbólica do imigrante venezuelano no Brasil. Essa problemática foi levantada a partir da base teórica de Freire (1987), Bourdieu (1992), Germano (2013) e Costa, Santos e Vale (2020).

inferioridade simbólica do migrante venezuelano

Nosso objetivo nesta seção é discutir sobre a função particular para o problema que levantamos no início desta tese, o da inferiorização simbólica do migrante venezuelano pelos brasileiros, e o que evidenciamos no decorrer desta pesquisa. Para nós, há motivos de existência para essa prática ideológica, uma vez que os dados apresentados nas seções anteriores mostraram como as relações ideológicas interferem nessa prática.

A nosso ver, essa prática ideológica contribui para justificar e naturalizar os discursos contra o migrante venezuelano que influenciam e supostamente justificam as ações de deterioração das condições de vida na fronteira e no território brasileiro, como visto nos conceitos de necropolíticas de fronteira, na pesquisa de Leite e Castro (2021), na seção 4.2.1. Essa realidade pode ser compreendida a partir das reflexões feitas por Fairclough (2016, p. 99), quando diz que “a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções e os modos em que se articulam são um foco de luta”.

Outra função dessa prática ideológica, relacionada ao migrante, é colaborar para a persuasão do jogo político ideológico dominante, no qual se intenciona demonstrar que outra classe social e/ou racial, que não a elite branca, ou outro sistema político, representado pela Venezuela, que não o neoliberalismo dominante, não serve como modelo de sociedade.

No tocante a essas relações, Fairclough (2016) comenta que o discurso como prática política não é apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder que mantém ou transforma relações de poder. A exemplo disso, retomamos a armação proto-pedófila do caso das meninas venezuelanas de São Sebastião, consolidada pelo, então, presidente Bolsonaro, em campanha presidencial para a reeleição, na qual ele, em sua semântica fascista, atribuiu a criminalidade e a degenerescência moral à esquerda, como exemplo do que *não* ser. A associação entre meninas e mulheres migrantes, majoritariamente não brancas, vindas de países governados pela esquerda, aciona todas as categorias de vinculação entre pautas populares, movimentos sociais, partidos e movimentos de esquerda e a criminalidade (Branco-Pereira, 2022).

Nesse enquadramento, Gonçalves-Segundo (2018) comenta que é extremamente relevante para os grupos dominantes controlarem as representações das práticas, direcionando a perspectiva teórica e o modo como ela deve ser interpretada, para garantir que a reprodução da estrutura social vigente seja efetivada. Dessa forma, o autor defende que ideologias são as

construções reflexivas orientadas para a sustentação das relações de dominação e são parte fundamental do estabelecimento da hegemonia por consenso, que sustentam relações de poder que legitimam um mundo naturalizado. Esses conceitos são facilmente verificáveis no exemplo supracitado.

Assim, a prática ideológica da inferiorização simbólica do migrante venezuelano tenta provar que as formas de existência fora do sistema neoliberal capitalista imperialista não servem para produzir formas de vida “adequada” dentro do modelo elitista da sociedade. Embora o que temos visto, segundo Bauman (2005), seja um sistema que produz, pela expansão da economia capitalista, uma máquina que despeja lixo humano em todos os lugares onde essa economia foi praticada. Tal contradição falaciosa é revelada pelo próprio discurso do migrante e pelo desvelamento das assimetrias de poder que o conhecimento pode trazer.

Outra função, dessa prática ideológica, refere-se à invisibilidade social do migrante. Para refletir sobre esse aspecto, utilizaremos o conceito de invisibilidade social de Souza (2006). Segundo o autor, consiste na consequência do desaparecimento do sujeito entre outros sujeitos, advindo de um processo de humilhação social que conduz a um tratamento degradante destinado aos pobres, invisíveis socialmente. Para Souza (2006), a desigualdade é outro elemento desse processo, pois banaliza e naturaliza essa condição, contribuindo para a inferiorização de sujeitos invisíveis socialmente.

Souza (2006) também explica que os invisíveis sociais são resultantes da construção de uma hierarquia social que diferencia o valor dos seres humanos. São pertencentes a uma classe social que não tem possibilidade de atuação na esfera social mais ampla do mercado, do Estado e da vida Pública, ao ponto de serem considerados “subgentes”, produzindo-se, assim, a não-existência, a inferioridade insuperável.

No decorrer do capítulo 4, vimos o processo de invisibilidade do migrante venezuelano em curso, nos modos de existência dessa população em território brasileiro, submetidos a condições de sobrevida, a partir da fronteira. Outro exemplo da concretização desse processo é observável, como vimos na seção 4.2.1, nos discursos político-institucionais que estimulam práticas violentas, xenofóbicas e de exclusão dos migrantes ao serem subjugados a diversas situações de vulnerabilidade e exclusão social, quando delimitados, institucionalmente, aos espaços de exploração e confinamento.

Nesse processo de invisibilidade, por um lado, o migrante se torna invisível, quando submetido a condições de sobrevida, por outro, é visível em sua condição de provocar estranheza e ao despertar incômodo na população brasileira. A exemplo disso, ainda, na seção 4.2.1, vimos, na pesquisa de Augusto e Morais (2018), a partir de matérias jornalísticas, que os

comentários dos internautas brasileiros sobre o processo de interiorização dos imigrantes venezuelanos no Brasil apresentam a produção simbólica de conteúdos, em sua maioria, negativos, xenofóbicos, racistas e classistas com tons de ódio, xenofobia e violência, os quais representam o discurso neoliberal e o discurso de representação da ideologia dominante, incomodados pelas ações “de benefício” institucionais de interiorização dos migrantes.

Nesse direcionamento, Van Dijk (2003) explica que a ideologia posiciona os atores sociais em grupos identitariamente coesos ao criar uma oposição entre *nós* e eles. Dessa oposição, pode emergir o conflito social.

Na condição de silenciados e invisíveis, como postula Souza (2006), por analogia, está o oprimido de quem Freire (1987) abordou, como aqueles que foram conduzidos a um processo de marginalização social por causas sociais e econômicas e estigmatizados por sua condição social, econômica, política e cultural. Esses, conforme o teórico, necessitam da desnaturalização da sua condição inferior e de alternativas reais de problematização da sua existência.

Portanto, enquanto a sociedade estiver ocupada estigmatizando, segregando o migrante e usando práticas xenofóbicas, as causas reais da migração e da geração de desigualdades e pobreza, que afetam as periferias mundiais, não são compreendidas, muito menos combatidas.

Costa, Santos e Vale (2020), baseadas em Freire (1987), explicam que o desrespeito social são reais sintomas de invisibilidade, na medida em que se concretiza a submissão a quadros de subordinação que os anula, não tratando-se apenas de confundir o ser visível com o ser que aparece e se mostra, superficialmente ou que pode ser diretamente observável, mas, sobretudo, “o ser visível deve ser capaz de empreender uma reviravolta de superação das condições de inferioridade a que estão sujeitos, reagindo a situações de não reconhecimento, em busca da *superação* das condições de invisibilidade social” (Costa; Santos; Vale, 2020, p.14, grifo nosso).

Freire (1996) explica que a condição de opressão, exclusão social, na sociedade vigente, é entendida como fatalisticamente imutável. Assim, o sujeito se acomoda numa condição descrita por Freire (1987) como situações-limite. Segundo o autor, essa condição leva o sujeito a ver o que está acontecendo como fatalismo e, assim, não percebe que há possibilidade de romper com a condição de submissão, ou seja, não percebe as contradições nas quais está imerso.

Nesse caminho, Fairclough (2016, p. 100) diz “é possível que os limites entre os ambientes e as práticas sejam tão naturalizados que essas posições de sujeito sejam vividas como complementares”. Contudo Freire (1987) explica que as situações-limite não precisam

ser o ponto onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades. Por sua vez, Fairclough (2016, p.100) complementa “em diferentes circunstâncias sociais, os mesmos limites poderiam tornar-se focos de contestação e luta, e as posições de sujeitos e práticas discursivas associadas a eles poderiam ser consideradas contraditórias.”

Ao pensar na superação das situações-limite, somos levados a indagar onde e como ocorre essa superação. No pensamento de Freire (1987), a superação dessas situações não acontece fora das relações do ser humano com o mundo e com os outros. O autor defende que os obstáculos não devem ser assimilados como problemas insuperáveis, senão como barreiras à sua emancipação. Nesse sentido, os dois teóricos concordam que a contestação das contradições ocorre no lugar onde elas acontecem. Fairclough (2016) complementa esse pensamento ao explicar que as contradições percebidas entre domínios podem tornar-se plataforma de lutas para redefinir seus limites e suas relações.

A forma como a superação ocorre é explicada por Freire (1987) como um processo que ocorre na medida em que há uma busca por superar os obstáculos e, assim, em vez de aceitá-los passivamente, os sujeitos podem realizar atos-limite, criando inéditos-viáveis, que se localizam nas situações-limites, contudo, só percebidos por eles por meio da crítica. Em outras palavras, esses embates ocorrem em redes de práticas. No tocante a essas redes, Resende e Ramalho (2019) comentam que a abordagem de redes é importante em ADC para a compreensão das práticas que são determinadas umas pelas outras, onde cada uma pode articular outras, gerando diversos efeitos sociais, dado o caráter inerentemente aberto das práticas sociais. Toda hegemonia é um equilíbrio instável e a ADC, no seu papel de teoria crítica, trabalha nas brechas ou nas aberturas existentes em toda relação de dominação.

Na próxima seção, faremos uma discussão sobre o discurso como lugar de luta e de contestação e como caminho para o inédito-viável como forma de superação das situações-limite. Assim, procuramos formas de explorar as possibilidades de mudança e superação dos problemas identificados, por meio das contradições das conjunturas.

5.2 Discurso como lugar de luta e como caminho para o inédito-viável

Conforme destacado por Costa, Santos e Vale (2020), a perspectiva freiriana do inédito-viável leva o sujeito a refletir sobre a visão da história como possibilidade e não como algo insuperável, fatalista e determinado.

Nesses termos, a realidade se concebe como algo que está em curso, que está sendo e poderá ser transformada, nutrindo-se da inconclusão humana e do entendimento que o reino do definitivo não existe. Assim, o inédito-viável consiste em um movimento epistemológico, ético, político e pedagógico, que não ocorre por acaso, tampouco, se constrói individualmente, mas é coletivo e surge a partir do exercício crítico do desvelamento dos problemas sociais condicionantes. No bojo dessa construção, afirmamos que o alcance da compreensão mais crítica da situação de opressão não produz emancipação dos oprimidos. Conforme Freire (1987), ao desvelá-la, foi dado o primeiro passo para superá-la, desde que haja, a partir disso, engajamento na luta política pela transformação das condições de opressão.

Dessa forma, a construção do inédito-viável, defendido por Freire (1987), vai implicar compromisso e engajamento político, ao iniciar pelo constante questionamento crítico, assentado na dialogicidade e na linguagem das possibilidades, visando à transformação das condições de existência dos oprimidos.

Nessa esteira, Magalhães, Martins e Resende (2017) corrobora a perspectiva de mudança social, defendendo que esta pressupõe uma crítica à realidade social apresentada. Para os autores, a mudança pode ocorrer desde pequenas alterações nas estruturas da sociedade até as mudanças mais radicais de ordem econômica, política e social.

Do ponto de vista de quem está à margem do poder, em situação de exclusão do acesso a bens produzidos pela sociedade e do usufruto dos bens simbólicos, bem como da perspectiva daqueles ou daquelas que se solidarizam com pessoas ou grupos excluídos, a busca por mudança social é, de um lado, uma necessidade imperiosa e resultante de uma tomada de consciência e, de outro, um imperativo ético ou uma responsabilidade imposta pela participação política (Magalhães; Martins; Resende, 2017 p. 146-147).

Dessa forma, podemos notar que a pedagogia do inédito-viável postulada por Freire (1987) harmoniza-se com a teoria da mudança social da ADC, no sentido de que a mudança na sociedade passa pela tomada de consciência que leva à ação, com base na criticidade.

Para a conquista da liberdade, exige-se uma permanente busca pela compreensão da situação concreta da opressão e da reflexão do seu lugar na sociedade. A busca por liberdade também é uma busca por “ser mais” e envolve diversos aspectos da vida individual e coletiva, bem como a identificação das causas da opressão (Costa; Santos; Vale, 2020).

Freire (1987) postula que a liberdade não é algo que vem do exterior, mas, a partir do processo de conhecimento da realidade e dos mecanismos de opressão. Para ele, haverá a necessidade da conquista da liberdade que exige a expulsão do opressor que está dentro, ou seja, que marca a consciência do oprimido, onde reside o medo da liberdade.

A libertação, assim, é considerada por Freire, como um parto doloroso, que traz à luz um homem novo que só é viável pela superação da contradição opressores-oprimido. Contudo não pode dar-se em termos puramente idealistas, sendo indispensável “que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de mundo fechado [...] que ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, nesse reconhecimento, o motor de sua ação libertadora” (Freire, 1987, p. 35).

Assim, Freire (1987) propôs conceitos importantes para o caminho da superação da situação opressora desumanizada e desumanizante, a reflexão e a ação transformadora, que, segundo o teórico (1987, p. 38), trata-se da práxis, ou seja, a “reflexão e a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”, que conduz à libertação da realidade opressora e à superação da contradição opressor/oprimido.

Não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como ‘não eu’ do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um ‘projeto’, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la (Freire, 1987, p. 40).

Desse modo, a proposta de Freire (1987, p. 35) de conhecimento para a ação e conscientização para a ação atravessa um processo que se movimenta por meio da educação, onde a ciência, o ensino, o discurso podem e devem fazer parte, como ele mesmo diz “a palavra abre a consciência”.

No mesmo campo propositivo sobre transformação da realidade social, a ADC traz a relação entre reflexividade, ação e mudança social. Para a ADC, “a ação representa um artifício potencial para a superação de relações assimétricas, desde que esse elemento ativo seja subsidiado por uma reflexividade crítica” (Chouliaraki; Fairclough, 1999 *apud* Resende; Ramalho, 2019, p. 44).

Resende e Ramalho (2019, p. 45) explicam que as atividades reflexivas do indivíduo podem sinalizar possibilidade de mudança social, pois “são os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais”. As autoras também ressaltam que os agentes sociais são socialmente constrangidos, mas suas ações não são totalmente determinadas, pois eles também têm seus poderes causais e “são dotados de relativa liberdade para estabelecer relações inovadoras na (inter)ação, exercendo sua criatividade e modificando práticas estabelecidas. Desse modo, a importância do discurso na vida social transita entre regulação e transformação” (Resende; Ramalho, 2019, p. 46).

À vista disso, a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1987, p. 38) preconiza:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca.

Compreende-se, assim, a educação libertadora como forma de favorecer as mudanças na realidade e como modo de servir à liberdade de todos aqueles e aquelas que se encontram em situação de opressão. Contudo essa educação não pode ser neutra e nem pode ser praticada pelos opressores, ela precisa ser construída junto com os oprimidos em seus processos de organização e na “inserção crítica na realidade social, para transformá-la” (Costa; Santos; Vale, 2020).

Nessa mesma direção, a ADC não é neutra, na sua forma de descrever e conceber a realidade social, ela sempre se posiciona criticamente e caminha em duplo sentido: normativo (aplicando juízos de valor) em seu ponto de partida e explanatório, ao desvelar os mecanismos sociais de perpetuação das relações de poder (Batista Jr; Sato; Melo, 2018).

Concernente à educação libertadora, ela se centra no indivíduo e se constrói em processos de imersão na realidade social, a partir de um projeto político que visa à transformação da sociedade e das pessoas, assumida como resposta aos objetivos definidos entre educadores e educandos, lideranças e massas, juntos na ação de, não somente desvelar a realidade, mas criticamente conhecê-la para recriar este conhecimento (Freire, 1987).

Esse projeto político apresenta dois momentos, conforme Freire (1987, p. 41-42): 1. Os oprimidos, progressivamente, desvelam o mundo da opressão, comprometendo-se com a sua transformação, na *práxis*. Ou seja, envolve a percepção do mundo opressor; 2. Com a realidade transformada, a pedagogia deixa de ser a do oprimido e passa a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. Em qualquer dos momentos, o enfrentamento é cultural, havendo a necessidade da expulsão dos mitos criados e desenvolvidos e preservados na estrutura opressora.

A proposta de Paulo Freire (1987), em relação à transformação da realidade opressora, harmoniza-se com a de Gramsci (1995), quando este defende que um movimento de emancipação só pode partir da autoatividade das massas, da sua autonomia, que se auto-organiza em oposição à ordem social vigente, mas que demanda uma reforma moral e

intelectual, uma transformação cultural, organizada sobre a elaboração teórico-prática de um projeto de nova vida (Del Roio, 2018).

Entretanto, na proposta gramsciana, esse movimento só se torna possível na medida em que as classes subalternas geram um grupo de intelectuais orgânicos. Orgânicos porque emergem da própria classe e porque atuam, historicamente, em razão dos interesses da classe da qual se originaram. Assim, caberia transformar suas culturas, por meio de um progresso intelectual de massas. Para tudo isso, a formação de uma camada de intelectuais orgânicos seria imprescindível (Del Roio, 2018).

Nesse contexto, a ADC destaca o importante papel da linguagem e do discurso como lugar de luta social. Fairclough (2016, p. 24) endossa o papel central conferido à linguagem e a relevância do discurso nos fenômenos sociais, pois, segundo o teórico, “[...] as mudanças no uso linguístico são uma parte importante de mudanças sociais e culturais mais amplas.” Fairclough (2016, p. 25), em relação à centralização da linguagem nas principais mudanças sociais ocorridas na última década, acrescenta:

Muitas dessas mudanças sociais não envolvem apenas a linguagem, mas são constituídas de modo significativo por mudanças nas práticas de linguagem; talvez isso seja uma indicação da importância crescente da linguagem na mudança social e cultural e de que tentativas de definir a direção da mudança cada vez mais incluam tentativas de mudar as práticas de linguagem.

O autor sustenta esse pensamento, pois compreende que “tais mudanças na organização e na cultura são, de modo significativo, mudanças nas práticas discursivas” e considera que “A nova ordem do discurso global é caracterizada, desse modo, por tensões generalizadas entre práticas internacionais importadas e tradições locais” (Fairclough, 2016, p. 26).

Para Fairclough (2016), a mudança sempre envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, novas combinações. Essas contradições e esses entendimentos subjetivos dos problemas têm suas condições sociais assentadas em contradições e lutas estruturais nos níveis institucional e societário, entretanto, o que decisivamente determina a forma como essas contradições se reflitam em eventos específicos é a relação desses eventos com as lutas que se desenvolvem ao redor das contradições.

Conforme o autor, à medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção emergente, o que é percebido, num primeiro momento, como texto contraditório, passa a ser considerado inteiro, tornando-se um processo de naturalização para estabelecer novas hegemonias. Assim,

[...] desarticulando ordens do discurso existentes e rearticulando novas ordens do discurso, novas hegemonias discursivas. Tais mudanças estruturais podem afetar apenas a ordem do discurso 'local' de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem do discurso societária (Fairclough, 2016, p. 134).

De tal modo, Fairclough (2016) aclara que a maior parte do discurso se sustenta na luta hegemônica em instituições particulares, ou seja, família, escolas, tribunais, onde os protagonistas são pessoas comuns.

Logo, a ADC compreende o discurso como lugar de reflexividade, de luta hegemônica e de transformação. Fairclough (2016) retoma o conceito de Gramsci (1995), para quem o poder de uma das classes em aliança com outras forças sociais sobre a sociedade como um todo nunca é atingido senão parcialmente e temporariamente na luta hegemônica. A concepção gramsciana de hegemonia, conforme Fairclough (2016, p. 127),

[...] harmoniza-se com a concepção de discurso que defendo e fornece um modo de teorização sobre a mudança em relação à evolução das relações de poder, que permite um foco particular sobre mudança discursiva, mas, ao mesmo tempo, um modo de considerá-la em termos de sua contribuição aos processos mais amplos de mudança e de seu amoldamento por tais processos.

De acordo com Resende e Ramalho (2019), a hegemonia e a luta hegemônica assumem a forma de prática discursiva em interações verbais a partir da dialética entre discurso e sociedade, ou seja, as hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso.

Por outro lado, o discurso se apresenta como uma esfera da hegemonia, considerando que a hegemonia, em parte, é dependente da sua capacidade de gerar práticas discursivas e ordens de discurso que as sustentam. Por isso, segundo as autoras, a hegemonia vista como permanência relativa de articulações entre elementos sociais abre a possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos, relacionada à agência humana, que representa um artifício potencial para a superação de relações assimétricas, desde que seja uma ação proveniente de reflexividade crítica.

Portanto, ao traçar este diálogo a respeito da mudança social, nossa intenção foi encontrar os pontos em comum das teorias da mudança social da ADC, da pedagogia do oprimido de Paulo Freire e da emancipação do subalterno de Gramsci, visando à busca para encontrar caminhos para a emancipação do imigrante da sua condição de inferiorização simbólica.

Dessas teorias, temos observado, que convergem entre si, a compreensão de que a mudança ou a transformação da ordem opressora é possível, compreendendo os pontos instáveis ou as contradições da estrutura de dominação, por meio da criticidade e da ação. Outros pontos em comum são a tomada de consciência, o desvelamento da condição de dominados, inferiorizados, submetidos, oprimidos, subalternos, invisibilizados, injustiçados e da condição de um sistema global econômico, social e político opressor que gera mecanismos ideológicos necessários para a reprodução da ordem vigente. Também postulam que é necessária uma articulação política e coletiva, sem deixar de ver o sujeito individual como capaz de agir criativamente. Esses pontos elencados passam pela apropriação intelectual crítica, os quais provêm do processo educativo. Por fim, todos eles realizam-se por meio da linguagem.

Ao refletirmos sobre as formas de ultrapassar a condição da inferiorização simbólica do migrante e, na intenção de explorar as possibilidades de mudança e superação dessa condição, apresentamos os estágios listados por Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 147-148) que, segundo os autores, buscam conferir poder aos grupos em desvantagem na luta por mudança que os favoreça e os contemple com mais espaço e poder na esfera pública. Esses estágios compreendem quatro fases, conforme descrição a seguir:

1. Consciência de si, do grupo e do mundo – neste estágio, as mudanças significativas só podem surgir se as pessoas do grupo, por elas mesmas, tomarem iniciativa da luta por compreensão de sua realidade e de sua transformação;

2. Organização, planejamento estratégico e ações políticas – a luta política de grupos excluídos pode ter êxito com um mínimo de organização, planejamento estratégico e execução de atividades;

3. Articulação política – diante da limitação de poder político, econômico e midiático, os grupos desfavorecidos precisam valer-se da articulação em busca de apoio e parcerias junto a outros grupos e segmentos estratégicos na sociedade que podem hipotecar apoio ou mesmo patrocínio;

4. Representação na esfera pública – do ponto de vista de quem está a margem, torna-se necessário ocupação de espaços nas instituições que, volta e meia, podem surgir. Essa busca pode abranger desde a ocupação de funções públicas até a procura por influência ou voz e vez no discurso da imprensa. Nesse estágio, a linguagem desempenha o papel de destaque, pois é usada para representar esses grupos.

Nessa perspectiva, Magalhães, Martins e Resende (2017) propõem que a mudança social surge como um imperativo ético e político em favor de pessoas e grupos em

desvantagens, o qual se impõe desde o momento que se toma consciência da situação e da condição de opressão.

Contudo, questionamos que a apropriação da linguagem como instrumento de poder é um obstáculo a mais para o sujeito venezuelano na condição de migrante no Brasil, pois dentre todas as limitações que se lhe apresentam, ainda há o obstáculo da aprendizagem da língua portuguesa, que, de alguma forma, lhe impõe limites e restrições, uma vez que a linguagem é um aspecto crucial para a obtenção da emancipação de um estado de inferiorização, pois como bem destacam Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 149),

[...] mediar tudo isso está o discurso como domínio imprescindível da realidade social. Seu manejo consciente e instrumentalizado é o *front* por excelência da mudança numa sociedade marcada cada vez mais pela dominância e onipresença do simbólico.

No que se refere a isso, apresentaremos, na seção seguinte, um exemplo de ação que conjuga o aspecto pedagógico e engajamento político, da Universidade Federal de Rondônia, ou seja, o Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”.

5.2.1 Programa de Extensão: Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia

Um cenário propício para as possibilidades de reflexão a respeito da sociedade vigente e suas formas de reprodução, bem como para diálogo, planejamento estratégico, organização, ações políticas públicas e educacionais se encontra na universidade pública, em virtude das possibilidades de abertura de caminhos que conduzem à mudança social. Isso se deve ao fato de a universidade pública produzir, acumular e disseminar conhecimentos e saberes, pois está assentada nos três pilares que se inter-relacionam, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Essa instituição, no cumprimento das suas funções sociais, não somente articula o conhecimento científico, mas também o produz, o desenvolve, o aplica e o valida por meio da pesquisa, do ensino e do seu aparato técnico, estrutural e legal. Assim, esse conjunto estrutural pode ser articulado junto à comunidade externa para ser compartilhado, o que pode resultar em interação, integração e transformação da realidade social.

Além disso, esse ambiente congrega diversos atores individuais, coletivos e institucionais que podem ser engajados em projetos abertos para envergaduras que podem

causar desde pequenas alterações até ações mais ousadas de mudanças nas estruturas sociais, bem como envolver parcerias para a participação na luta que é imperativa para os migrantes, que se encontram marginalizados dos esquemas de poder.

Essas vinculações com a comunidade externa ocorrem por meio do pilar extensão, que se torna um meio de gerar políticas públicas que podem promover a inserção social que aproxima a academia dessas comunidades e grupos em desvantagens e, ainda, articula parcerias com instituições que podem se engajar, seja por princípios de solidariedade ou até mesmo por visão política.

Assim, nossa proposta objetiva explorar possibilidades e nossa intenção, nesta seção, é exemplificar algumas delas, por meio do Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”, coordenado pela professora Dra. Nádia Nelziza Lovera de Florentino. Trata-se de um programa institucional em atividade do Departamento de Línguas Estrangeiras (DALE) e do Grupo de estudos linguísticos, literários e socioculturais (GELLSO) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que desde 2019 tem congregado alguns projetos voltados à pesquisa, ao ensino e à extensão, os quais vêm sendo realizados pelo DALE.

Esse Programa de Extensão partiu de algumas ações do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia como: as questões teórico-práticas sobre ensino e aprendizagem de línguas adicionais, inclusive de língua portuguesa, trabalhadas nos currículos dos cursos de Letras-Ingês e Letras Espanhol; a ministração de cursos de português como língua adicional à comunidade, desde a aprovação do Projeto de Extensão “Português Como Língua Adicional” em 2013, liderado pela professora Dra. Odete Burgeile, pioneira do ensino de português a imigrantes nessa universidade; a participação, por um determinado período, de professores no programa Português como Língua Estrangeira do Idiomas Sem fronteiras-ISF/MEC; a aplicação de exames de proficiência em língua portuguesa como língua estrangeira.

Os projetos e ações do programa envolvem os contatos linguístico comuns em nossa região amazônica, tanto por ser o município de Porto Velho, a capital do Estado de Rondônia, que se situa em uma das rotas de passagem do fluxo migratório venezuelano às regiões do sudeste e sul do país, quanto por ser a capital de um estado que faz fronteira com a Bolívia. Portanto, trata-se de um lugar de contatos linguístico-culturais que justificam a importância contextual do ensino e aprendizagem de línguas.

Desse modo, nosso Programa de Extensão tem como objetivo promover ações que propiciem o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de línguas e tradução, no

que se refere às línguas adicionais, especialmente, o espanhol, o inglês, o português, o francês, o italiano para beneficiar a comunidade externa, através de cursos de línguas, de oficinas, de ações culturais, de auxílio na elaboração de currículos, de serviços de tradução e outras ações que visam à integração sociocultural, econômica e educacional dos alunos. Além disso, tais ações propiciam aos acadêmicos dos cursos de Letras-Espanhol e de Letras-Inglês a oportunidade para o aprofundamento teórico e o desenvolvimento de práticas de ensino, ampliando a formação para além da universidade.

O Programa tem como base o princípio de que aprender uma nova língua requer não somente o uso de uma forma diferente de falar, mas também uma visão de mundo distinta e, muitas vezes, uma forma de atuar diferente. No caso dos migrantes, o processo pode ser ainda mais complexo, pois envolve fatores sociais, econômicos e sociais.

Dessa forma, o Programa considera que a produção acadêmica sobre língua portuguesa como língua estrangeira/adicional tem se tornado, nas últimas décadas, um assunto cada vez mais imperativo no Brasil. Assim, aprender uma segunda língua com o propósito de participação social, em uma comunidade específica, como é o caso de migrantes, residindo no Brasil, torna-os cidadãos em processo de emancipação.

Desde 2019, o Programa de Extensão realizou diversas ações que envolveram os contatos linguísticos, contudo apresentaremos, neste trabalho, apenas aquelas relacionadas ao contato linguístico e cultural com os imigrantes venezuelanos. Cabe esclarecer que as ações elencadas e descritas a seguir representam atividades do Relatório de Ação de Extensão Universitária (UNIR, 2021) referente ao período de novembro 2019 a agosto de 2021.

O programa estruturou-se a partir de cinco ações fundamentais que se desdobraram em projetos de extensão específicos:

Ação 1 – Ministração de cursos de português como língua adicional. O público-alvo foram os migrantes, os quais puderam desenvolver a habilidade e a competência linguística em língua portuguesa, numa prática não apenas escolar/cursista, mas educativa, pois a apropriação do idioma conduz à apropriação de poder de expressão e, assim, poder para posicionar-se enquanto sujeito ativo, como diz Freire (2005, p. 75), “a prática educativa assume uma forma de intervenção no mundo, contribuindo para a construção de um ambiente favorável de atuação na realidade social”. O autor também diz que todo aprendizado está associado a uma permanente postura crítica da realidade social que suscita uma superação de si mesmo. Além das práticas de ensino e aprendizagem, as ações relacionadas ao português como Língua Estrangeira proporcionaram a realização de pesquisas que resultou em publicação de artigos diversos, o desenvolvimento da Dissertação de Mestrado de Maria de Fátima Conceição no

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia e da Tese de Doutorado de Djenane Alves dos Santos no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Os cursos de português como língua adicional, eram ofertados no formato presencial, ocorriam no horário noturno e, ao final, os alunos recebiam o certificado em uma cerimônia, como se vê na imagem que segue:

Figura 2: Alunos recebendo os certificados na cerimônia de entrega



Fonte: UNIR (2021)

Contudo, o mundo se viu assolado pela pandemia da Covid- 19 e pela imposição do isolamento e do distanciamento social, levando à mudança no formato das aulas, mas, trazendo novas experiências com um público mais abrangente. Assim, as inúmeras *lives* e cursos de línguas adicionais ofertados de forma remota proporcionaram momentos ímpares de reflexão, integração e compartilhamento de conhecimentos e experiências. Em boa parte das atividades, tivemos público de Rondônia, de outros estados do Brasil e de outros países do mundo, destacando-se a participação de pesquisadores e estudantes da América do Sul. Essas oportunidades de interação nos mostraram as possibilidades de ampliar a visibilidade do projeto e da Universidade Federal de Rondônia pelo mundo e o impacto de nossas pesquisas e ações de integração no contexto sul-americano.

Ação 2 – Preparação para a Proficiência. Nesta ação, foram ministrados cursos e oficinas, com o objetivo de preparar os cursistas para exames de proficiência para fins de naturalização de migrantes e ingresso na pós-graduação. A ministração dos cursos e das oficinas foi realizada por docentes integrantes desse Programa, por discentes, supervisionados pelos docentes e por participantes externos à instituição, sempre acompanhados por um professor.

Ação 3 – Ações culturais e acadêmicas. Nesta ação, foram promovidos eventos, palestras, seminários, encontros e atividades que estabeleceram práticas de interculturalidade. Nessas atividades, os migrantes puderam mostrar aspectos fundamentais de sua cultura, tais como danças, culinária, artesanatos, literatura, palestras com os temas relacionados aos Direitos Humanos e ao acesso à cultura. Os eventos foram organizados em parceria com instituições e

associações de migrantes e foram desenvolvidos de acordo com os recursos humanos e físicos disponíveis no decorrer da execução do Programa. Os membros do Programa de Extensão apoiaram a I Feira de Culinária Venezuelana em Porto Velho, realizada pelos alunos migrantes venezuelanos, pelos professores do curso de Português como Língua Adicional e amigos da Igreja Santa Luzia. Ocorreu em Porto Velho nos dias 15, 16 e 17 de dezembro de 2019. Como se vê na seguinte figura:

Figura 3: Migrantes organizadores da Feira e repórter



Fonte: UNIR (2021)

A I Feira de Culinária Venezuelana foi divulgada por meio de uma entrevista à coordenadora do Programa de Extensão, em rede televisiva⁵³, como se vê na figura 4:

Figura 4: Entrevista concedida a um telejornal de Rondônia sobre a feira



Fonte: UNIR (2021)

Outro exemplo foi a apresentação do panorama da literatura venezuelana e seus diálogos com a literatura latino-americana e com a literatura brasileira. Ao fim da apresentação, houve uma confraternização com comidas típicas venezuelanas, no curso de Letras-Espanhol na UNIR realizada no dia 11/12/2019. Outro evento foi a *live Charlas Sin Fronteras* – ocorrida no mês de dezembro, em 11/12/2020, com o tema “Paulo Freire e o léxico como janela para

⁵³ Entrevista concedida a um telejornal de Rondônia sobre a feira. Disponível em: <http://rovivotv.rondoniaovivo.com/videos/conexao-rondoniaovivo/1821>

leitura do mundo”. O evento resultou na publicação⁵⁴ de um artigo de nossa coautoria em parceria com Burgeile e Ianesko, intitulado "Português para imigrantes: Reflexões no contexto da Covid-19”. Nele, tratamos do relato de algumas atividades realizadas no Programa de Extensão.

Ação 4 – Elaboração de currículos. Nesta ação, os acadêmicos dos cursos de Letras- Inglês e Letras-Espanhol auxiliaram os migrantes na elaboração de currículos. A exemplo, a Oficina de Elaboração de Currículos teve o objetivo de propiciar um ambiente, onde os acadêmicos dos cursos de Letras-Inglês e Letras-Espanhol auxiliassem os migrantes na elaboração de currículos a fim ajudá-los para conseguirem um emprego. Essa atividade foi desenvolvida no dia 13/11/2019. Com o apoio da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH), da OAB Nacional e da Comissão de Proteção de Defesa da Cidadania e Mobilização Comunitária da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Rondônia (OAB/RO), os migrantes foram levados ao *campus* José Ribeiro Filho pela van da Caixa de Assistência dos Advogados de Rondônia (CAARO). Docentes do DALE e a advogada da OAB ministraram as oficinas e com o apoio dos acadêmicos de Letras-Espanhol, os currículos foram elaborados e impressos.

Ação 5 – Serviços de tradução. Nesta ação, foram promovidas oficinas de tradução, em que foram discutidos aspectos teóricos que envolviam o processo de tradução e realizadas atividades práticas de tradução de diversos tipos de documentos. Esse tipo de atividade foi uma possibilidade que os acadêmicos tiveram para aprofundarem seus conhecimentos e colocarem em prática reflexões acerca da tradutologia e da tarefa do tradutor. Todas as ações foram realizadas de forma articulada e integrada por toda a equipe. No dia 04/11/2019, foi realizada uma oficina de tradução de documentos. Nesta ação, traduziram-se os documentos de cursistas imigrantes na escola Araújo Lima. Os alunos foram convidados a participar das atividades nas aulas presenciais e, de forma remota, pelas redes sociais. Os docentes do Departamento de Línguas Estrangeiras e discentes do curso de Letras-Espanhol realizaram as traduções de documentos pessoais e acadêmicos dos migrantes. Foram sanadas dúvidas de ordem jurídica e de direitos do migrante pela advogada Eduarda Meyka. A figura 5 ilustra uma dessas ações:

⁵⁴ Esse artigo está no livro *Charlas sin fronteras: reflexões sobre língua, literatura e tradução*, organizado pelas professoras Nádia Nelziza, Patrícia Carneiro e Rosinete Vasconcelos Costa, publicado pela editora EDUFRO em 2021, v. 1, p. 196-214. ISBN: 978-65-87539-50-8. Disponível em: https://issuu.com/edufro/docs/charlas_sin_fronteras

Figura 5: Alunos e docentes participantes da oficina



Fonte: UNIR (2021)

Outras ações – Articulações políticas. Foram feitas algumas articulações em prol do migrante, dentre elas, citamos estas: a) **Criação do Comitê DA OAB** em 7/11/2019. A coordenadora do Programa e os docentes integrantes do DALE, na qualidade de representantes do Programa de Extensão Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia e da Universidade Federal de Rondônia participaram de reuniões que tinham como objetivo a criação de um comitê na OAB com vistas a melhorar a condição social dos refugiados em Rondônia. Também participou das reuniões a advogada Eduarda Meyka Ramires, membro da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH), da OAB Nacional e integrante do Programa de Extensão. Neste comitê, além de outras ações, apoiamos a captação de recursos financeiros para **oficializar a ASSOVENBRA** e, assim, ela foi criada no auditório da OAB no dia 23/11/2019⁵⁵. Salientamos que muitos membros do programa participaram dessa criação também, como se vê na figura 5:

Figura 6: Criação da ASSOVENBRA no auditório da OAB



Fonte: UNIR (2021)

⁵⁵ Notícia disponível no site da OAB: www.oab-ro.org.br/comissao-nacional-de-direitos-humanos-e-oab-ro-acebem-venezuelanos-paradiscutir-situacao-dos-refugiados-em-rondonia/

b) **Participação da reunião da “Câmara Conjunta n. 05/19-Cee/RO”**. A professora Reny Gomes Maldonado como representante do Programa de Extensão e do Departamento de Línguas Estrangeiras da UNIR participou da reunião da Câmara Conjunta do Conselho Estadual de Educação no dia 14 de novembro de 2019. O objetivo da reunião foi colaborar e unir esforços no intuito de resolver a situação dos imigrantes/refugiados em nosso Estado, buscando alternativas para a adaptação dos estudos desses alunos; c) **Participação no Conselho Estadual de Educação** nos dias 11/12/2019 e 19/12/2019. As professoras Reny Gomes Maldonado e Alemmar Fonseca, na qualidade de representantes do Programa de Extensão, do Departamento de Línguas Estrangeiras e da Associação de Professores de Espanhol do Estado de Rondônia participaram de reuniões no Conselho Estadual de Educação para discutirem questões referentes a ensino voltado aos migrantes nas escolas públicas de Porto Velho; d) **Apoio na chamada escolar para venezuelanos**⁵⁶ nos dias 11 e 12 de novembro de 2019. Os docentes e os discentes integrantes do Programa participaram como voluntárias na Chamada Escolar para Venezuelano, realizada na escola Antônio Ferreira da Silva.

Essa lista de ações mostra que muitas foram executadas e atenderam à proposta do Programa e auxiliaram no cumprimento dos objetivos. Por meio dos cursos de língua portuguesa como língua adicional, oficinas e atividades culturais, bem como articulações junto às instituições jurídicas, foi promovida a integração entre a comunidade acadêmica da UNIR, (professores e discentes) migrantes e a sociedade em geral.

Embora tenhamos feito um bom trabalho, percebemos que precisamos ampliar as ações do projeto de extensão relacionado aos migrantes, sobretudo, no que se refere ao campo discursivo, à produção e ao consumo de textos de uma forma muito mais expressiva e ampla. Assim, do mesmo modo como o discurso dominante se constrói numa narrativa que se utiliza dos espaços midiáticos e das instituições da sociedade civil, ou seja, das redes de práticas discursivas, para ser disseminado e naturalizado, também se faz necessária uma luta nos mesmos espaços, durante os embates discursivos. Contudo, esse processo passa pela apropriação do domínio do idioma português, para que o próprio migrante construa a sua narrativa, o seu discurso e sua luta nestes espaços. Por isso, concordamos com Freire (1987, p. 53), quando diz:

⁵⁶ Notícia publicada no site da G1: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/12/10/chamada-escolar-para-venezuelanos-encerrana-quinta-feira-12-em-porto-velho.ghtml>

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isso mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto de situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência.

Por isso, há a necessidade de um projeto em torno da rede de relações sociais, contudo, prevendo a possibilidade de mudança a ser executada pelos próprios sujeitos que sofrem a inferiorização simbólica, para que eles transponham este estado e possam se tornar agentes sociais, é preciso que sejam realizadas ações para desenvolver a consciência crítica desses sujeitos. No tocante a esse desenvolvimento, Giddens (2009) faz esta reflexão sobre agência:

[...] a agência é a habilidade que confere ao indivíduo o poder de transformar a vida, a capacidade de suportar e superar a coerção, mesmo aquela mais extrema, ainda que haja limites ou restrições de ordem física, econômica ou política. Pela reflexão o indivíduo sente que detém em si conhecimento e capacidade. A agência promove a ação a partir dessa consciência, buscando aprender a intervir e modificar o fluxo social, seu contorno, observando, avaliando e modificando constantemente a si mesmo em face das circunstâncias externas. (*apud* Batista Jr; Sato; Melo, 2018, p. 15).

Entretanto, somente a reflexividade não dá ao sujeito ferramentas para agir, mas a consciência de que é possível atuar em virtude da mudança. Outro ponto importante é que para que a agência surja é necessário mudança nas relações para que abram espaços para a mudança efetiva aflorar, como a organização de eventos, a junção de pessoas, a oportunidade de parcerias para engajamento político, a reunião de elementos favoráveis, habilidades e influências, institucionais ou de pessoas dispostas a apoiar. Tudo isso forma um conjunto favorável, pois configura-se como um projeto estratégico no qual há uma rede de relações sociais, marcadas pelas formas emancipatórias de interação social (Batista Jr; Sato; Melo, 2018).

Portanto, como docente integrante do Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”, afirmamos que esses exemplos são caminhos possíveis e que podem contribuir com a inclusão do migrante em nossa sociedade, por meio de articulações educativas e políticas, colaborando com o processo de mudança. Além disso, nossa proposta, na busca por possibilidade de mudança das situações de desvantagens sociais do migrante, com base num imperativo ético e, numa responsabilidade pelo papel social que desempenhamos, prevê a possibilidade de acrescentar ao Programa de Extensão uma perspectiva de agência social, pela compreensão que a disputa pelo poder ocorre no campo das

ordens do discurso, nos processos de prática social – hegemonia, ideologia e poder – e nas redes de prática discursivas – produção, distribuição e consumo de textos.

Por esse caminho, sabemos que podemos desencadear um processo contra-hegemônico, ou seja, pela via do discurso, podemos modificar as estruturas sociais mais amplas ao nos dispormos lutar em prol do migrante, apoiadas na perspectiva de mudança social, a qual pressupõe um constante posicionamento crítico frente à realidade social de desnivelamento de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu de um questionamento sobre uma injustiça social observada, uma assimetria de poder, qual seja, a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano em território brasileiro. Nosso questionamento foi: Para que esta prática ideológica ocorre? Quais são os seus efeitos na sociedade?

A partir destas questões formulamos outras: Quais são os discursos formados a partir das narrativas dos migrantes venezuelanos e quais operações ideológicas estão subjacentes nesses discursos? Como podemos pensar o potencial desses discursos para a promoção de estratégias de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil?

A pesquisa demonstrou que para responder a estes questionamentos foram necessários o aparato teórico e metodológico da ADC e uma investigação multidisciplinar para dar conta das respostas, considerando a complexidade dos processos migratórios. O desenvolvimento de deste trabalho investigativo demonstrou a tentativa de trazer respostas às questões propostas. Portanto, a partir das próximas linhas procuraremos sintetizá-las.

Vimos que a condição geopolítica da Venezuela é a de um país que está na área de influência dos Estados Unidos, figura hegemônica que se vale da ideologia dominante para expropriar riquezas naturais pertencentes à nação. Além disso, um recurso natural muito cobiçado colocou o território venezuelano no mapa das disputas geopolíticas internacionais, o petróleo.

Entendemos também que os aspectos históricos e geopolíticos demonstram um agravamento das condições político-econômicas na Venezuela, principalmente a partir do momento em que o país assume uma postura contra hegemônica e anti-imperialista. Vimos também que esse agravamento recebe influências externas do Norte-global para endossar uma crise local que resulta em um processo de migração. A migração toma proporções gigantescas e produz impactos nos países receptores, como o Brasil que se mobiliza para criar políticas de controle desse processo. Assim, a gestão da migração no Brasil, passou a ser articulada a depender dos interesses das estruturas de dominação.

Vimos também que a associação da crise com a migração, muitas vezes, é operacionalizada e mediada por diferentes interesses e pontos de vista. De um lado, há o humanitarismo que se apropria da noção de crise para justificar, no cenário internacional, a atuação e a captação de recursos, visando à ajuda humanitária. De outro lado, a cooperação

internacional visa a construir, por meio da ajuda humanitária, alianças que ampliem a possibilidade de ingerência na Venezuela. Assim, existe uma “política da crise” que atua sobre a “crise política” (Vasconcelos; Santos, 2021). O elo mais fraco dessa cadeia são as pessoas expostas ao desabastecimento de alimentos, que se tornam migrantes (Vasconcelos; Santos, 2021).

Chegamos ao entendimento que concluir que a crise migratória é provocada unicamente pelo regime político do país ou pela ação de um presidente é muito simplista, os fluxos migratórios, não somente os venezuelanos, são consequências de decisões geopolíticas globais (Vasconcelos; Santos, 2021).

Ao analisar as práticas particulares vimos que o modo de vida da população venezuelana em território brasileiro é de submissão a condições de sobrevivência, considerando a necessidade de sobrevivência, por isso aceitam formas de trabalho que os expõem as condições de exploração, como às ocupações perigosas e ilegais.

Portanto, às práticas particulares que operam no contexto da imigração venezuelana no Brasil são constituídas por práticas xenofóbicas, opressivas e discriminatórias contra o imigrante venezuelano, que se manifestam nas redes de práticas e é constituído a partir das práticas sociais e discursivas da globalização, mantendo, assim, uma relação dialética.

Sobre a abordagem das práticas compreendidas em redes, destaca-se a prática ideológica da inferioridade simbólica do migrante venezuelano, que tanto influencia práticas discursivas, relacionadas à xenofobia, à discriminação, ao discurso dominante quanto é produzida por elas, estabelecendo uma relação dialética.

Ao realizarmos a análise linguística, vimos que há um discurso formado pelos imigrantes venezuelanos, dado o tema e o contexto do qual ele emerge, que é o discurso da migração forçada, presente nas falas de todos os participantes. Apresenta variações ou nuances em forma dos discursos do oprimido, da oposição política e do contradiscurso capitalista.

Sobre esse discurso, que emerge das narrativas dos migrantes, em relação às operações ideológicas podemos dizer:

- está inserido em um panorama de insegurança, vulnerabilidade e exclusão social, localizado dentro do sistema globalizante de uma economia neoliberal, marcada pela dinâmica de disputas internacionais por espaços de exploração de recursos, que geram movimentos e reconfigurações migratórias como consequência desse processo de nível global;
- na base conceitual, é constituído a partir do conjunto de noções e experiências inerentes à realidade do grupo. Os sujeitos venezuelanos em um contexto histórico-social definido

expressaram suas condições de existência, experiências e saberes e produziram suas percepções da realidade, dentro das regularidades, dos limites e das restrições que giram em torno da migração;

- está presente nos temas de suas narrativas “impelidos, coagidos, forçados a sair” devido a “circunstâncias adversas, opressoras, implacáveis, insustentáveis”, que influenciam as regularidades semântico-discursivas e léxico-gramaticais nos enunciados;
- reporta-se à formação discursiva e possui uma formação ideológica específica, pois se forma e resulta de determinadas relações de poder, passíveis de serem rearticuladas;
- é usado socialmente para intervir na prática social, tanto no contexto restrito como no amplo, estabelecendo relações antagônicas com o discurso da globalização;
- está marcado por aspectos dialéticos, pois os sujeitos utilizam a linguagem para representar modos de ação, que tanto influenciam o que expressam quanto seus dizeres influenciam os modos de ação e levam às ações específicas, na medida em que a estrutura social é constituída pela prática social;
- emerge das práticas sociais relacionadas às reconfigurações nas dinâmicas migratórias socioespaciais, como consequências das disputas geopolíticas internacionais, por espaços de exploração de recursos, no sistema capitalista da globalização;
- pode ser percebido como prática política e ideológica. Como prática política não é apenas local de luta de poder, mas também marco delimitador na luta de poder, pois pode transformar relações de poder e entidades coletivas. Como prática ideológica, em contraposição aos discursos globalizantes elitistas, que se manifestam por meio dos diversos atores sociais, serão locais e/ou marco delimitador de embates entre população migrante x elite local, países do Sul-Global x países do Norte Global, socialismo x imperialismo;

Portanto, os discursos articulados dos participantes, que são o discurso do oprimido, o discurso da oposição política e o contradiscurso capitalista expressam a condição do migrante e da migração venezuelana, inserida no contexto das crises globais do sistema capitalista com suas contradições.

O discurso da migração forçada revela a Venezuela como um exemplo, de onde se extraem e visualizam-se os efeitos sórdidos da ação imperialista, que atua para sustentar sua hegemonia. Logo, os discursos produzidos pelo migrante venezuelano manifestam as condições de produção dos fluxos migratórios pelo mundo, desvelam a opressão desenfreada, produzida para fins específicos e surgem de uma crise da (re)produção capitalista em sua fase imperialista.

No que se refere à função particular para a questão que levantamos no início desta tese, a da inferiorização simbólica do migrante venezuelano pelos brasileiros, esse problema existe para:

- justificar e naturalizar os discursos contra o migrante venezuelano que influenciam e supostamente justificam as ações de deterioração das condições de vida na fronteira e no território brasileiro. A prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções e os modos em que se articulam são um foco de luta;
- colaborar para a persuasão do jogo político ideológico dominante, no qual se intenciona demonstrar que outra classe social ou racial, que não a elite branca ou outro sistema político (representado pela Venezuela), que não o neoliberalismo dominante, não servem como modelo de sociedade;
- mostrar que as formas de existência fora do sistema neoliberal capitalista imperialista não servem para produzir formas de vida “adequada” dentro do modelo elitista da sociedade.

Portanto, enquanto a sociedade estiver ocupada estigmatizando, segregando o migrante e usando práticas xenofóbicas, as causas reais da migração e da geração de desigualdades e pobreza, que afeta as periferias mundiais, não são compreendidas, muito menos combatidas.

Em relação ao potencial dos discursos para a promoção de estratégias de autoemancipação, de luta por direitos e de representação positiva do migrante venezuelano no Brasil, podemos dizer que o alcance da compreensão mais crítica da situação de opressão não produz emancipação dos oprimidos, conforme Freire (1987), mas, desvelá-la é o primeiro passo para superá-la, desde que haja a partir daí engajamento na luta política pela transformação das condições de opressão.

A universidade pública, como um lugar para a reflexão a respeito da sociedade vigente e suas formas de reprodução, bem como instrumento de promoção de diálogo, de planejamento estratégico, de organização, de ações políticas públicas e educacionais, em virtude das possibilidades de abertura de caminhos que conduzem à mudança social que se articulam através dela, apresenta-se como um espaço de instâncias e práticas discursivas.

Isso se deve ao fato de a universidade pública produzir, acumular e disseminar conhecimentos e saberes, pois está assentada nos três pilares que se inter-relacionam, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Portanto, o Programa de Extensão “Trânsitos, Fronteiras, Migrações e Línguas Adicionais na Amazônia”, pode ser um exemplo de caminhos possíveis e pode se constituir como perspectiva de agência social, pela compreensão de que a disputa pelo poder ocorre no campo das ordens do discurso, nos processos de prática social – hegemonia, ideologia e poder – e nas redes de prática discursivas – produção, distribuição e consumo de textos.

Por tudo isso, destacamos que esta pesquisa traz contribuições para aprofundamentos teórico-metodológicos para futuros estudos sobre a migração venezuelana, bem como pode contribuir para processos de mudança social, principalmente, relacionados ao processo de emancipação de migrantes venezuelanos no Brasil, pois nos posicionamos na possibilidade de contribuir para desencadear um processo contra hegemônico, por meio do discurso, sendo possível a modificação das estruturas sociais mais amplas ao nos posicionarmos na luta contra injustiças sociais, apoiando-nos na perspectiva de mudança social, a qual pressupõe um constante posicionamento crítico frente à realidade social de desnivelamento de poder.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad.: BURIGO, H. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGUIRRE, D. A. F. **Análise histórica da democracia na Venezuela: de Punto Fijo ao bolivarianismo**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2020.

ALEXANDER, R. J. **A Revolução Democrática Venezuelana - Perfil do Regime de Rómulo Betancourt**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.

AMENTA, N. R. **A Guerra de Chávez contra o colonialismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ANNUNZIATA, F. Disputa interimperialista está por trás da crise na Ucrânia. **A Verdade**, [s.l.], 07 fev. 2022. Disponível em: <https://averdade.org.br/2022/02/disputa-interimperialista-esta-por-tras-da-crise-na-ucrania/>. Acessado em: 10 jun. 2023.

ARENAS, N. La Venezuela de Hugo Chávez: rentismo, populismo y democracia. **Revista Nueva Sociedad**, [s. l.], n. 229, set.-out. 2010. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/la-venezuela-de-hugo-chavez-rentismo-populismo-y-democracia/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

ARRIZABALO, X. **Capitalismo y economía mundial**. 1. ed. Madrid: Instituto Marxista de Economía (IME), Universidad de Arte y Ciencias Sociales (ARCIS) y Universidad de Concepción (UdeC), 2014.

AUGUSTO, I. R.; MORAIS, V. M. I. Brasil profundo: a identidade nacional a partir da recepção midiática da interiorização dos imigrantes venezuelanos. **Revista del CESLA**, Varsóvia, n. 22, p. 265-296, nov. 2018. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/519/451>. Acesso em: 15 set. 2022.

BAENINGER, R. *et al.* Cenário das migrações internacionais no Brasil: antes e depois do início da pandemia de covid-19. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 4, p. 1-35, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v4.89>. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/89/75>. Acesso em: 09 set. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes 2003[1979].

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9.ed. São Paulo: HucitecAnnablume, 2002.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BARROS, S.M. **Realismo crítico e emancipação humana** – contribuições ontológicas e epistemológicas para o estudo crítico do discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

BARROS, S. M. Bases filosóficas da análise de discurso crítica. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.) **Análise de discurso crítica para lingüistas e não lingüistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p. 36-47.

BASSO, P. Sviluppo diseguale, migrazioni, politiche migratorie. *In*: BASSO, P.; PEROCO, F. (orgs.). **Gli immigrati in Europa**: desuguaglianze, razzismo, lotte. Milão: Franco Angeli, 2003.

BATISTA JR.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. Introdução. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.) **Análise de discurso crítica para lingüistas e não lingüistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p. 07-17.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ZygmuntBauman. Trad.: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BELLO, E. Constituição e política na Venezuela: um balanço na conjuntura contemporânea. **Pensar: Revista de Ciências Jurídicas**, Fortaleza, v. 24, n. 1, p. 1-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5020/2317-2150.2018.7661>. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rpen/article/view/7661>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BELUZZO, L. G. **O capital e suas metamorfoses**. Campinas: Ed. UNESP, 2012.

BERCITO, D. Número de refugiados cresce mais rapidamente que oito bilhões. **Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 102, n. 34.214, 7 nov. 2022. Disponível em: Mundo paralelo de refugiados cresce em ritmo mais acelerado que os 8 bilhões (<https://www1.folha.uol.com.br/?url=https%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Fmundo%2F2022%2F11%2Fmundo-paralelo-de-refugiados-cresce-em-ritmo-mais-acelerado-que-os-8-bilhoes.shtml>). Acesso em: 20 set. 2022.

BESSA, D; SATO, D. T. B. Categorias de Análise. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.) **Análise de discurso crítica para lingüistas e não lingüistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.124-157.

BHASKAR, R. **CriticalRealism**. EssentialReadings. *In*: ARCHER, M.; BHASKAR, R.; COLLIE, A.; LAWSON, T.;NORRIE, A. (orgs.). **Centre For Critycal Realism**. London: Routledge, 1998.

BHASKAR, R. **Fron Science to Emancipation**. Alienation and the Actuality of Elinghtenment. New Delhi. London: Sage Publications, 2002.

BHASKAR, R. **The possibility of Naturalism**: a philosophical critique of the conteporary Human Sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.

BRANCO-PEREIRA, A. A instrumentalização ideológica da migração, de 1964 a 2022. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 21 out. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-instrumentalizacao-ideologica-da-migracao-de-1964-a-2022/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

BRANDÃO, H. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 1994.

BRASIL anuncia retorno ao Pacto Global para Migração. **Conectas Direitos Humanos**, 05 jan. 2023. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/brasil-anuncia-retorno-ao-pacto-global-para-migracao/>. Acesso em: 15 maio 2023.

BRICEÑO-LEÓN, R. A violência na Venezuela: renda petroleira e crise política. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1223-1233, dez., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/VGv4VyB5WFcXYXKn3FX8wtw/?lang=pt#>. Acesso em: 11 set. 2022.

BRITO, F. La población y la estructura social de Venezuela en las primeras décadas del siglo XIX. *In: Bulletin Hispanique*: paraissant tous les trois mois. Bordeaux: Feret e fils, 1967. p. 347-364.

BOLSONARO, J. Bolsonaro em nova live (18/12/18): política nacional. Youtube, 18 dez. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=waYrL3heIc&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em: 12 mar. 2023

BORÓN, A. A. **Bitácora de un navegante**: Teoría política y dialéctica de la historia latinoamericana: antología esencial. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CAIRO, H.; BRINGEL, B. Articulaciones del sur global: afinidad cultural, internacionalismo solidario e Iberoamérica en la globalización contra-hegemónica. **Geopolítica(s)**: Revista de estudios sobre espacio y poder, Madrid, v. 1, n. 1, p. 41-63, 2010.

CARUSO, G.; CANON, C. G.; MUELLER, V. Spillover effects of the Venezuelan crisis: migration impacts in Colombia. **Oxford Economic Papers**, Oxford, v. 73, n. 2, p. 771-795, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/oep/gpz072>. Disponível em: <https://academic.oup.com/oep/article/73/2/771/5647315?login=true>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CASTELLS, M. **O poder das identidades**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, M.; LUJÁN, R. Venezuela pode crescer mais que outros países da América do Sul em 2022, diz Cepal. **Bloomberg Línea**, 09 maio 2022. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/2022/05/09/venezuela-pode-crescer-mais-que-outros-paises-da-america-do-sul-em-2022-diz-cepal/>. Acesso em: 30 maio 2023.

CHAVES, A. L. C. **Uma análise crítica da construção discursiva das identidades dos refugiados e dos imigrantes pela imprensa**: UFPE, 2018. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco) – Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH), Fundação Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illegalité. *EchoGéo*, [s.l.], v. 2, p. 1-10, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/echogeo/1696>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CNE presentó Segundo Boletín correspondiente a Elecciones Parlamentarias 2020, **Consejo Nacional Electoral**, Caracas, 08 dez. 2020. Disponível em: http://www.cne.gob.ve/web/sala_prensa/noticia_detallada.php?id=3895. Acesso em: 28 maio 2023.

COCA GAMITO, C. A.; BALTOS, G. Las dinámicas fronterizas en el siglo XX-XXI: un espejo de la evolución del orden mundial. **Relaciones Internacionales**, Madrid, España, n. 44, p. 63–86, 2020. DOI: 10.15366/relacionesinternacionales2020.44.004. Disponível em: https://revistas.uam.es/relacionesinternacionales/article/view/relacionesinternacionales2020_44_004. Acesso em: 5 fev. 2023.

COELHO, E. P.; DE MARI, C. L. Aproximações entre as categorias oprimido e subalterno de Paulo Freire e Antonio Gramsci. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 7, n. 1, 2016. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v7i1.725. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6861>. Acesso em: 2 jul. 2023.

COLÔMBIA e a 'onda rosa': como a América Latina está cada vez mais distante dos EUA e da OTAN. **Sputnik**, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20220630/colombia-e-a-onda-rosa-como-a-america-latina-esta-cada-vez-mais-distante-dos-eua-e-da-otan-23360267.html>. Acesso em: 30 maio 2023.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**: Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Pontes/Educ., 1991.

CORTEZ, R. 100 dias de governo Lula: o retorno da diplomacia presidencial. **Terra**, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/lula/100-dias-de-governo-lula-o-retorno-da-diplomacia-presidencial-leia-analise,1aa18bd7439f9492cc96fd8a66188cf2gzkkt3m.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

COSTA, A. M. M.; SANTOS, S. C. M.; VALE, E. C. 50 Anos da pedagogia do oprimido: quem são os oprimidos hoje? **Olhar de Professor**, Universidade Estadual de Ponta Grossa. v. 23, p. 01-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.23.2020.16699.209209229146.0820>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/684/68464195063/html/#:~:text=Em%20diversos%20espa%C3%A7os%20de%20discuss%C3%A3o,humana%20de%20E2%80%9Cser%20mais%20E2%80%9D>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DEL ROIO, M. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Campinas: Papyrus, 1991.

DEZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DEZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: artmed; Bookman, 2006, p. 15-41.

DUTRA, A. E. Por la autodeterminación de los pueblos y contra la intervención extranjera. *In*: ÁLVAREZ, J. E.; MARTÍN, C. J. (org.). **Geopolítica imperial: intervenciones estadounidenses en Nuestra América en el siglo XXI**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

ENCONTRO entre Lula e Maduro foi um golpe na estratégia de isolamento dos EUA', diz mídia americana. **Sputnik**, 30 maio 2023. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20230530/encontro-entre-lula-e-maduro-foi-um-golpe-na-estrategia-de-isolamento-dos-eua-diz-midia-americana-29034769.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ESPECIALISTA: apesar das sanções e das previsões negativas, Venezuela recuperou em 2022. **Sputnik**, 31 dez. 2022. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20221231/especialista-apesar-das-sancoes-e-das-previsoes-negativas-venezuela-recuperou-em-2022-26731583.html>. Acesso em: 30 mai. 2023.

ESTANISLAU, L. "Utilizar venezuelanas na campanha é asqueroso": feministas da Venezuela rebatem Bolsonaro. **Brasil de Fato 20 anos**, 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/21/utilizar-venezuelanas-na-campanha-e-asqueroso-feministas-da-venezuela-rebatem-bolsonaro>. Acesso em: 30 mai. 2023.

FAIRCLOGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOGH, N. **Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica**. Trad.: I. F. de Melo. v. 25, n. 2, São Paulo: Linha D'Água, 2012, p. 307-329.

FAIRCLOGH, N. **Language and Globalization**. Londres: Routledge, 2006.

FAIRCLOGH, N. **Analysing Discourse. Textual Analysis for Social Research**. Londres-Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOGH, N. **The Dialectics of Discourse**. *Textus*. XIV. 2, 2001, p. 231-242.

FAIRCLOGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge (UK): Polity, 1992

FAIRCLOGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FERNÁNDEZ, A. P. Venezuela entre la hegemonía y la contrahegemonía (una lectura contextual para comprender una complejidad sociohistórica). **Textos & Debates**, Boa Vista, n.32, p. 175-198, jan.-jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v1i32.5697>. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/5697>. Acesso em: 15 out. 2022.

FLORENTINO, N. N. L.; IANESKO, R. A. **Trânsitos, Fronteiras, Migração e Línguas Adicionais na Amazônia**. 2019. 36 f. Programa de Extensão – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003[1971]

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Trad.: NEVES, L.F.B. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITEZ, A. La emigración desde Venezuela durante la última década. **Temas de Coyuntura**, Caracas, v. 63, p.11-38, jul. 2011. Disponível em: <https://revistasenlinea.saber.ucab.edu.ve/index.php/temasdecoyuntura/article/view/1048>. Acesso em: 20 set. 2022.

FUZER, C.; CABRAL, S.R.S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GALLARDO, B. C. **Comunicação transnacional no facebook**: uma análise discursiva das identidades digitais de professores de língua estrangeira em formação. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013. Tese (Doutorado).

GARCIA, S. Q. Petróleo: Visão Geral e Aspectos Fundamentais nas Relações Internacionais. **Revista Política Hoje**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 129-148, fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/3757/3061>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GERMANO, J. W. O clássico e o emergente: descolonização do conhecimento e epistemologias do sul. *In*: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 17., 2013, Natal. **Anais [...]** Natal: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013.

GODOY, A. S. **La Muerte de Hugo Chávez**: La vida por su pueblo. Caracas: Editorial Insurgente, 2017.

GÓIS, P.; SILVA, J. C. J. República Bolivariana da Venezuela: uma sociedade em debandada, um regime político em negação, um continente inteiro sob pressão migratória. As migrações como consequência da geopolítica global no século XXI. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [s. l.], v. 13, n. 26, p. 6–23, 2021. DOI: 10.14295/rbhcs.v13i26.13666. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/13666>. Acesso em: 14 out. 2022.

GONÇALVES, C. Bolsonaro confirma revogação da adesão do Pacto Global para Migração. **Agência Brasil**, Brasília, 09 jan. 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/bolsonaro-confirma-revogacao-da-adesao-ao-pacto-global-para-migracao>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. **Discurso e prática social**. In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). *Análise de discurso crítica para lingüistas e não lingüistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.78-103.

GOVERNO Bolsonaro aumentou fuga de cérebros do brasil. **Observatório do Conhecimento**, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://observatoriodoconhecimento.org.br/governo-bolsonaro-aumentou-fuga-de-cerebros-do-brasil/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GOVERNO lança carteira digital e plano voltado a migrantes. **Agência Brasil**, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-06/governo-lanca-carteira-digital-e-plano-voltado-migrantes>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Trad.: COUTINHO, C. N. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GROVOGUI, S. The global south: a metaphor, not an etymology, **Global studies review**, Virginia, v. 6, n. 3 Virginia, 2010.

GUARESCHI, P. **Sociologia crítica. Alternativas de mudança**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional Grammar**. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, S. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 103-133.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOFFMANN, B. Bringing Hirschman back in: “exit”, “voice”, and “loyalty” in the politics of transnational migration. **The Latin Americanist**, [s. l.], v. 54, n. 2, p. 57-73, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1557-203X.2010.01067.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1557-203X.2010.01067.x>. Acesso em: 15 out. 2022.

HWR. **Venezuela: execuções extrajudiciais em áreas pobres**. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2019/09/18/venezuela-extrajudicial-killings-poor-areas>. Acesso em: 10 out. 2022.

JORGE, E. Posse de diplomatas sela reaproximação entre Venezuela e Colômbia. **Rfi**, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/linha-direta/20220830-posse-de-diplomatas-sela-reaproxima%C3%A7%C3%A3o-entre-venezuela-e-col%C3%B4mbia>. Acesso em: 30 maio 2023.

KATZ, C. Transformaciones de la era neoliberal. **Realidad Económica**, Cidade Autónoma de Buenos Aires, n 284, p. 38-64, maio.-jun. 2014. Disponível em: <https://www.iade.org.ar/articulos/transformaciones-de-la-era-neoliberal>. Acesso em: 26 jan. 2023.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002

LEITE, A. C. G. Migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista e necropolíticas de fronteira. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS**, [s.l.], v. 13, n. 26, p. 25-46, 2021. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/123456789/10750>. Acesso em: 24 maio 2020.

LEITE, A. C. G.; GIAVAROTTI, D. M. Padrão territorial e crise do trabalho: o confinamento como forma de territorialização das relações sociais capitalistas contemporâneas. *Cuadernos de Geografía*, [s.l.], v. 20, p. 32-50, 2020.

LÊNIN, V. I. O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo. In: **Obras Escolhidas**, São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p. 575 a 671.

LEONOV, N. La Inteligencia Soviética en América Latina durante la Segunda Guerra Mundial. **Estudios Públicos**, [s. l.], v. 73, p. 31-63, 1999. Disponível em: [www.hacer.org > pdf > Leonov01](http://www.hacer.org/pdf/Leonov01). Acesso em: 14 abr. 2023.

LIRA, L. C. E.; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.104-122.

LOPES, D. L. **Fronteiras da migração**: geopolítica e narrativas de mulheres venezuelanas na Paraíba. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

LÓPEZ MAYA, M.; LANDER, L. E. Novedades y continuidades de la protesta popular en Venezuela. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, Caracas, v. 12, n. 1, p. 11-30, abr. 2006. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-64112006000100002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 04 maio 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUONGO, L. J. S. **De Cipriano Castro a Carlos Andrés Pérez**. Caracas: Monte Avila Editores Latinamericana, 2000.

MAGALHÃES, C. M. Introdução. **A análise de discurso crítica**. MAGALHÃES; RAJAGOPALAN, K. (org.). D.E.L.T.A., São Paulo, v. 21, Especial, p. 1-9, 2005.

MAGALHÃES, C. M.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARINGONI, G. **A Revolução Venezuelana**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MARTÍN, C. J.; ÁLVAREZ, J. E. Presentación. *In: Geopolítica imperial: intervenciones estadounidenses en Nuestra América en el siglo XXI*. ÁLVAREZ, J. E.; MARTÍN, C. J. (org.). Buenos Aires: CLACSO, 2020.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. London: Palgrave-Macmillan, 2005.

MARTINS, A.R.N. Análise de discurso da mídia. *In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.158-183.

MARX, K. **O capital**. O processo de produção do capital (Livro I). São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MASON, J. **Qualitative researching**. Londres: Sage, 2002.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte**. São Paulo: N 1 edições, 2018.

MELMAN, Charles. A função paterna. *In: COSTA, Ana Maria Medeiros da. et al. Imigração e Fundações*. Porto Alegre: Artes Ofícios, 2000. p. 119-132.

MELO, I. F. Por uma análise crítica do discurso. *In: MELO, I. F. (org.). Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012, p. 53-98.

MELO, I. F. Histórico da análise de discurso crítica. *In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p. 20-35.

MENDONÇA, H. O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil. **El País**, 27 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3rCWpIS>. Acesso em: 21 mai. 2020.

MÉSZÁROS, I. **Século XXI: Socialismo ou Barbárie**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MEZZARROBA, O.; CASTRO, F. M. **O Imperialismo**. Fase Superior do Capitalismo – Revisão teórica. São Paulo: Centauro, 2003.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, 2017.

MIGUEL, R. Justiça britânica anula decisão favorável a Guaidó sobre acesso ao ouro da Venezuela. **El País**, 05 out. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-05/justica-britanica-anula-decisao-favoravel-a-guaido-sobre-acesso-ao-ouro-da-venezuela.html>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MOITA LOPES, L. P. Introdução: Uma Língua Aplicada Mestiça e Ideológica: Interrogando o campo como linguísta aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?. In: SIGNORINI, I. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

MORAIS, P. Xenofobia no Brasil: o que gera essa intolerância?. **Politize**, 17 out. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/xenofobia-no-brasil-existe/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MORILLAS, José M. Martins. **La enseñanza de la lengua**: Un instrumento de unión entre culturas. Facultat de Filologia, Universitat de Barcelona, 2000. Disponível em: <http://www.ub.es/filhis/culturele/morillas.html&ei=jKTK>. Acesso em: 25 out. 2019.

MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. Ed. UNESP, 2000.

NIETO, J. Z. Colombia: laboratorio del intervencionismo de los Estados Unidos em América Latina. In: ÁLVAREZ, E. J.; MARTÍN, C. J. (ed.). **Geopolítica Imperial**: intervenciones estadounidenses em Nuestra América em el siglo XXI. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

ÓDIO a imigrantes venezuelanos se espalha pela América Latina. **Correio Braziliense**, [s.l.], 15 maio 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/mundo/2021/05/4924747-odio-a-imigrantes-venezuelanos-se-espalha-pela-america-latina.html>. Acesso em: 21 maio 2021.

OLIVEIRA, J. V. Atravessar fronteiras e transpor barreiras: desafios e deslocamentos de crianças e adolescentes venezuelanos em Roraima – Brasil. **Desidades**, Boa Vista, n. 30, p. 124-141, mai. – ago., 2021. Disponível em: <https://desidades.ufrj.br/?s=atravessar+fronteiras+e+transpor+barreiras>. Acesso em: 15 set. 2021.

ONU. Missão sobre Venezuela apura alegações de crimes contra a humanidade e pede punição. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1726422>. Acesso em: 05 out. 2020.

ONU reconhece governo Maduro como legítimo representante da Venezuela. **Sputnik**, 06 dez. 2021. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20211206/onu-reconhece-governo-maduro-como-legitimo-representante-da-venezuela-20546973.html>. Acesso em: 28 maio 2023.

OPERACIÓN Venezuela Freedom-2. **Red Voltaire**, [s.l.], 25 fev. 2016. Disponível em: <https://www.voltairenet.org/article191879.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PÁEZ, T. El rol de la diáspora em la reconstrucción de Venezuela. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 458-459, p. 35-50, jul. 2019.

PAEZ, T.; PENALVER, L. V. “The Venezuelan Diaspora, Another Impending Crisis? ”. **FreedomHouse**, Washington, DC, p. 2-32, maio 2017. DOI: 10.13140/RG.2.2.17819.87843.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. *In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado***. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.89-112.

PENNYCOOK, A. The politics of pronouns. **ELT Journal**, Oxford, v. 48, n. 2, p. 173-179, abr. 1994. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/article-abstract/48/2/173/3113949?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 20 out. 2022.

PEREIRA, A. B.; QUINTANILHA, K. Deportação e trabalho escravo: governo e Exército tornam política migratória um desastre humanitário. **The Intercept Brasil**, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/23/deportacao-trabalho-escravo-governo-exercito-migrantes-desastre-humanitario/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PEÑALVER, J. D.N. La historia de las intervenciones de Estados Unidos en América Latina y el Caribe. **Granma**, [s.l.], 30 abr. 2019. Disponível em: <http://www.granma.cu/mundo/2019-04-30/la-historia-de-las-intervenciones-de-estados-unidos-en-america-latina-y-el-caribe-30-04-2019-16-04-08>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PERKINS, J. **Confesiones de un gángster económico**: la cara oculta del imperialismo americano. Barcelona: Tendencias, 2005.

PICHEL, M. Por que o Banco da Inglaterra não quer devolver 31 toneladas de ouro da Venezuela. **BBC**, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53113655#:~:text=Guaid%C3%B3%2C%20que%20foi%20reconhecido%20por,usados%20para%20fins%20de%20corrup%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 08 mai. 2023.

PINO, B. A. Evolução histórica da Cooperação Sul-Sul (CSS). *In: SOUZA, A. **Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento***. Brasília: IPEA, 2014.

POLJAK, E. V. Monroe en drogas. *In: ÁLVAREZ, J. E.; MARTÍN, C. J. (org.). **Geopolítica imperial**: intervenciones estadounidenses em Nuestra América em el siglo XXI*. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

QUINTAS, D. A imigração nos primeiros 100 dias de governo Lula. **Migra Mundo**, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://migramundo.com/a-imigracao-nos-primeiros-100-dias-de-governo-lula/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

QUINTERO, R. Estudio del campo petrolero. *In: CAROSIO, A.; CALDERA, A. D. L.; BRACAMONTE, L. (comp.). **Antología del pensamiento crítico venezolano contemporáneo***. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 43-60.

RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. *In: SILVA, F. L. da; RAJAGOPALAN, K. (org.). **A linguística que nos faz falhar. Investigação crítica***. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 11-38.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o Papel da Linguística Aplicada. *In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar***. São Paulo: Parábola, 2006.

RAMÍREZ, J.; LINARES, Y.; USECHE, E. (Geo)Políticas Migratorias, Inserción Laboral y Xenofobia: Migrantes Venezolanos en Ecuador. *In*: BLOUIN, C. (coord.). **Después de la Llegada**: realidades de la migración venezolana. Lima: Themis-PUCP, 2019. Disponível em: <http://www.catedrajorgedurand.udg.mx/es/contenido/geopoliticas-migratorias-insercion-laboral-y-xenofobia-migrantes-venezolanos-en-ecuador>. Acesso em: 22 out. 2022.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica como interdisciplina para a crítica social: uma introdução. *In*: MELO, I. F. (org.). **Introdução aos estudos críticos de discurso**: teoria e método. Campinas: Pontes, 2012.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

REZENDE, C. Bolsonaro quer campo de refugiados em Roraima. **Estadão**, São Paulo, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-quer-campo-de-refugiados-em-roraima/>. Acesso em: 18 jul. 2022. (ALTERAR NO TEXTO, COLOCAR O NOME DO AUTOR CONFORME A REFERÊNCIA ACIMA)

RIBEIRO, V. M. P. Condição jurídica do imigrante no Brasil: uma reflexão sobre as causas motivadoras da migração e regulação do visto humanitário como medida de proteção complementar. *In*: REDIN, G.; MINCHOLA, L. A. B. (coord.). **Imigrantes no Brasil**: proteção dos direitos humanos e perspectivas político-jurídicas. Curitiba: Juruá, 2015. p. 55-66.

RODRIGUES, M. Itamaraty revoga status diplomático de representantes do governo Maduro no Brasil. **G1**, Brasília, 04 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/04/itamaraty-revoga-status-diplomatico-de-representantes-do-governo-maduro-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2023.

ROFFINELLI, G. Nuestra América ante los claroscuros de la crisis capitalista mundial. *In*: ÁLVAREZ, J. E.; MARTÍN, C. J. (org.). **Geopolítica imperial**: intervenciones estadounidenses em Nuestra América em el siglo XXI. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

ROSENMANN, M.R. **Tiempos de oscuridad**: historia de los golpes de Estado en América Latina. Barcelona: AKAL, 2013.

SANTOS, B.S. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B. S. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. (comp.). MENESES, M. P. *et al.*, 1. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, F. L. B. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)**. 2. imp. São Paulo: Elefante, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SATO, D. T. B.; BATISTA Jr., J. R. L. Análise de discurso das práticas: etnografia. *In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). Análise de discurso crítica para lingüistas e não lingüistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.185-197.

SCHEIDT, E. A Revolução Bolivariana e questão democrática na Venezuela. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão v. 10, n. 02, p. 42-57, jul.-dez. 2019.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. *In: DEZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

SERRANO, P. Llevamos 200 años inoculando cánceres en el laboratorio. **Rebelión**, 19 mar. 2013. Disponível em: <https://rebellion.org/llevamos-200-anos-inoculando-canceres-en-el-laboratorio/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SIGNORINI, I. A Questão da Língua Legítima na Sociedade Democrática: Um Desafio para a Linguística Aplicada Contemporânea. *In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, J. C. J. Migração forçada de venezuelanos pela fronteira norte do Brasil. *In: Encontro anual de ANPOCS, 41., 2017, Caxambu. Anais [...] São Paulo: ANPOCS, 2017. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt16-26/10744-migracao-forcada-de-venezuelanos-pela-fronteira-norte-do-brasil/file>. Acesso em: 20 abr. 2022.*

SILVA, J. C. J.; BAENINGER, R. O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, n. 63, p. 123–139, set. 2021.

SILVA, T. T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. *In: SILVA, T. T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 73-102.

SILVA, V. V. O discurso político da globalização no contexto brasileiro. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 81–103, 2015. DOI: 10.26512/les.v16i1.7533. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7533>. Acesso em: 16 maio. 2023.

SINGER, F. Capriles afronta Guaidó e defende participação da oposição nas eleições parlamentares da Venezuela. **El País**, Caracas, 03 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-03/capriles-afronta-guaido-e-defende-participacao-da-oposicao-nas-eleicoes-parlamentares-da-venezuela.html>. Acesso em: 28 maio 2023.

SOUZA, J. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

TAVARES, E. O ataque à Venezuela. **IELA**, 11 maio 2020. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/o-ataque-a-venezuela/>. Acesso em: 10 out. 2020.

UZCÁTEGUI, R. **Venezuela, imperialismo e militarização**. Open Democracy, Democracia abierta, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3IRNe6d>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VANDENBERG, F. **Teoria social realista. Um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VAN DIJK, T. Prólogo. *In*: BERARDI, L. (org.). **Análisis Crítico del Discurso: perspectivas latinoamericanas**. Santiago del Chile: Frasis, 2003, pp. 9-15.

VAN LEEUWEN, T. A. A representação dos atores sociais. *In*: PEDRO, E.R. (org.). **Análise crítica do discurso: Uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VASCONCELOS, I. S.; SANTOS, S. M. A. La dieta de Maduro: migração venezuelana, geopolítica e alimentação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS**, [s.l.], v. 13, n. 26, p. 25-46, 2021. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/123456789/10750>. Acesso em: 24 maio 2023.

VELLASQUEZ, F. S. C. **Refugiados no Brasil: (im) possibilidades de inserção no mercado de trabalho pela construção do viés social**: FGV, 2021. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial da Escola de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas) – Centro de formação acadêmica e pesquisa, Escola de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro (EBAPE), Rio de Janeiro, 2018.

VENEZUELA. Ministerio del Poder Popular para Relaciones Exteriores. **Plan vuelta a la patria**: cifras actualizadas al 10/02/2020. [Caracas]: Ministério del Poder Popular para Relaciones Exteriores. 10 fev. 2020. Disponível em: http://mppre.gob.ve/wpcontent/uploads/2020/02/2020-02-10_Bolet%C3%ADn_Vuelta_a_la_Patria.pdf. Acesso em: 08 out. 2022.

VENEZUELA los partidos políticos de la unidade deciden no participar en el fraude y convocan a um pacto nacional. **Noticias Electorales**, 03 ago. 2020. Disponível em: <https://www.noticiaselectorales.com/venezuela-los-partidos-politicos-de-la-unidad-deciden-no-participar-en-el-fraude-y-convocan-a-un-pacto-nacional/>. Acesso em: 11 out. 2022.

VENEZUELA recebe ajuda humanitária do Irã contra a COVID-19. **Sputnik**, 09 jun. 2020. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/americas/2020060915679176-venezuela-recebeajuda-humanitaria-do-ira-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 10 out. 2022.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, p.48-77.

VILLA, R. D. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. **Estudos Avançados**, São Paulo v. 19, n. 55, p. 153–172, set. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Mw5r8NkmHmf5gMwGQfgwg3S/?lang=pt#>. Acesso em: 23 jul. 2022.

WELLE. D. Por que a migração de brasileiros para os EUA explodiu. **Poder360**, 11 dez. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/por-que-a-migracao-de-brasileiros-para-os-eua-explodiu-dw/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

WODAK, R; MEYER, M. Critical Discourse Analysis: history, agenda, theory and methodology. *In*: WODAK, R; MEYER, M. (org.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 2. ed. Londres: Sage, 2009. p. 1-33.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-72.

100 DIAS do governo Lula: as principais medidas na agenda de direitos humanos. **Conectas Direitos Humanos**, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/100-dias-do-governo-lula-as-principais-medidas-na-agenda-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1: Roteiro da entrevista

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista semiestruturada

1. Qual é a sua profissão?
2. Qual é o seu grau de escolaridade?
3. Quantos anos você tem.
4. Qual o nome da cidade que você morava?
5. Com o que você trabalhava na Venezuela?
6. Você está trabalhando atualmente? Onde? Qual é a sua ocupação?
7. Você está registrado no seu trabalho?
8. Em que cidade do Brasil você está morando? Você pretende morar em outra cidade do Brasil?
9. Quanto tempo você está no Brasil.
10. Você se considera um imigrante ou refugiado.
11. Porque você escolheu o Brasil como país de refúgio, imigração?
12. (Quanto tempo você pretende ficar no Brasil) / (Você pretende se estabelecer no Brasil? Por quê?)
13. Conte-nos, por que você saiu da Venezuela?
14. Como era a sua vida na Venezuela?
15. Como você vê o seu país?
16. Se não fosse a crise na Venezuela você teria saído de seu país. Justifique.
17. Quais são os meios que você utiliza para tentar superar a falta do seu país.
18. Você pretende voltar para seu país?
19. Você teve dificuldades para chegar até aqui. Quais
20. Conte sobre a sua trajetória para chegar ao Brasil e à cidade que você está. Por onde passou e que transporte utilizou.
21. Como você vê o Brasil?
22. Como você vê o brasileiro?
23. Como é a sua relação com os brasileiros?
24. Como os brasileiros veem o seu país?
25. Você encontra ou encontrou dificuldades aqui? (Quais são os pontos positivos que você encontra/encontrou no Brasil?) / (Quais são os pontos negativos que você encontra/encontrou no Brasil?)
26. Você sofreu algum tipo de discriminação aqui.
27. Você encontra ou encontrou oportunidades aqui? (Quais?)
28. Como você vê a sua relação com a língua portuguesa?
29. Por que você fez ou está fazendo um curso de língua portuguesa?
30. Qual são as suas perspectivas para o futuro?